UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA
E CULTURAS ITALIANAS

FÁBIA MENDES DA SILVA

**Análise de dicionários monolíngues italianos: um estudo metalexicográfico de unidades
lexicais relativas ao campo semântico “animais de estimação”**

Versão corrigida

São Paulo
2016

FÁBIA MENDES DA SILVA

Análise de dicionários monolíngues italianos: um estudo metalexicográfico de unidades lexicais relativas ao campo semântico “animais de estimação”

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura italianas do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: O italiano falado e escrito sob a perspectiva brasileira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Angela M. Tenório Zucchi

De acordo: _____

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Sa Silva, Fábía Mendes da Silva
Análise de dicionários monolíngues italianos: Um estudo metalexiconográfico de unidades lexicais relativas ao campo semântico "animais de estimação" / Fábía Mendes da Silva Silva ; orientador Angela Maria Tenório Zucchi Zucchi. - São Paulo, 2015.
173 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua, Literatura e Cultura Italiana.

1. . I. Zucchi, Angela Maria Tenório Zucchi, orient. II. Título.

À minha família e ao meu namorado e
companheiro de todas as horas, Guilherme,
por todo apoio, paciência e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Prof.^a Dr.^a Angela Maria Tenório Zucchi, que me concedeu a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos na área de Letras e Língua Italiana, sempre me encorajando nos momentos de mais dificuldade.

Às professoras Prof.^a Dr.^a Paola Baccin e Prof.^a Dr.^a Mariângela de Araújo, por me orientarem no exame de qualificação, apontando considerações valiosas para o andamento da dissertação.

À prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Barbosa, por me fazer acreditar em minha pesquisa e me entusiasmar quanto à realização de meus estudos.

À amiga e revisora Tulana, pelo carinho e cuidado com que corrigiu meu trabalho e por estar presente nas etapas do desenvolvimento desta dissertação.

À amiga e bibliotecária da Universidade Estadual Paulista (UNESP) de São José do Rio Preto, Gislaíne Gameiro, por estar sempre solícita em me ajudar desde meu tempo de graduanda.

À minha amiga Sara Agugiaro, que se propôs a me ajudar com as traduções em Língua Italiana com muita atenção e doçura.

Ao meu namorado Guilherme, minha fortaleza, por me transmitir calma e me dar forças nas horas de mais inquietude, sempre me motivando e me ajudando a superar os obstáculos que surgiram durante a minha jornada.

À minha família, em especial, meu pai José, minha irmã Fernanda e minhas tias Leonice e Guiomar, que fizeram parte de minha formação e sempre me apoiaram e me incentivaram a continuar meus estudos.

Às minhas irmãs de coração Thaila e Natália Pavezi, que sempre acreditaram no meu trabalho e torceram pelas minhas conquistas.

À minha amiga Ana Paula Francisco, que me apoiou quando mais precisei e sempre tinha uma palavra motivadora para que eu prosseguisse com meu trabalho.

À minha companheira nesta trajetória acadêmica Michele Datore, que esteve comigo desde o início.

Ao meu amigo de quatro patas Chuvisco, que esteve ao meu lado em todas as horas de estudos, mesmo estando com um sono incessante.

Aos meus amigos Adalberto, Dayana, Denise, Janaína, Maria Eugenia, Quezea, Silvana e Tatiani, que escolhi para compartilharem comigo os momentos alegres e participarem das minhas vitórias.

RESUMO

SILVA, F. M. **Análise de dicionários monolíngues: um estudo metalexigráfico de unidades lexicais relativas ao campo semântico “animais de estimação”**. 2016. 173f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

O objetivo desta dissertação foi desenvolver um estudo sobre o léxico relativo aos animais de estimação (especificamente cães e gatos) a partir de setenta unidades lexicais (ULs) contemporâneas utilizadas em Língua Italiana. As ULs foram retiradas de material impresso especializado em animais de estimação, cães e gatos, e selecionadas por temas referentes a: 1. modos afetivos e/ou específicos de nos referirmos a um animal de estimação; 2. partes do corpo; 3. procedimentos veterinários e comportamento animal; 4. profissionais e especialistas; 5. abrigos e instituições; 6. objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais. Com esse elenco, verificamos como os dicionários monolíngues de Língua Italiana lematizam e trabalham essas ULs que, muitas vezes, permeiam dentre as linguagens de especialidades. Para o desenvolvimento do trabalho, contamos com fundamentação teórica baseada em Lexicografia, Lexicologia, Terminografia, Terminologia e Metalexigrafia, apontando considerações de estudiosos da área como Lara (1996, 2004, 2006), Barbosa (1990, 1995, 1996, 1997), Aubert (1996), Guerra (2003) e Welker (2004), entre outros. Apesar de, em um primeiro momento, a pesquisa se voltar para os correspondentes entre Língua Portuguesa e Língua Italiana, referindo-se ao tema, não foi nosso propósito trabalhar com o conceito de equivalentes de tradução, mas, sim, constatar como essas unidades lexicais são tratadas em obras lexicográficas. Contamos com os dicionários monolíngues em formato eletrônico *Lo Zingarelli* (2012), *Garzanti* (2011), ambos em CD-ROM, e *De Mauro* (versão *on-line*) para a análise. As especificidades de cada uma das setenta unidades lexicais são analisadas quanto a definições, marcas de uso, exemplos de uso, polissemia, homonímia e notas remissivas. Os resultados obtidos nos mostraram que a maioria das unidades lexicais selecionadas já são lematizadas pelas obras. Das 70 ULs escolhidas para a pesquisa, 60 são lematizadas pelo dicionário *De Mauro*, 59 pelo *Garzanti* e 58 pelo *Lo Zingarelli*. Nesta última obra, somente 5 ULs foram caracterizadas como termos com indicação de marcas de uso de área de especialidade, enquanto *Garzanti* apresenta 3 ULs e *De Mauro*, 8. Vale ressaltar que as ULs lematizadas em cada um dos três dicionários nem sempre são as mesmas, por exemplo, somente *Garzanti* inclui *tiragraffi* (arranhador), apenas *Lo Zingarelli* inclui *pet therapy* (pet-terapia) e *De Mauro* é o único a lematizar *in calore* (no cio). Averiguamos, também, que há divergência entre os dicionários na inclusão ou não dessas unidades lexicais como entrada, uma vez que as ULs relacionadas aos animais de estimação às vezes aparecem no corpo do verbete como exemplo de uso. Ao analisar as Introduções das obras, percebemos que faltam informações quanto à ordem das acepções e ao uso de sistema de remissivas. A análise realizada nesta pesquisa é uma contribuição para lexicógrafos, tradutores, professores e estudiosos de Língua Italiana.

Palavras-chave: animais de estimação, Lexicografia, Metalexigrafia, dicionários monolíngues, língua italiana.

ABSTRACT

SILVA, F. M. **An Analysis of Italian Monolingual Dictionaries: A Metalexicographic Study of Lexical Units Related to the Semantic Field of Pets.** 2016. 173f. Dissertation (Master's degree). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

The goal of this dissertation was studying the lexicon related to pets (especially dogs and cats) by examining seventy lexical units (LUs) used in contemporary Italian language. The LUs were selected from printed material focused on pets, dogs and cats, and arranged according to subjects as: 1. affective and / or specific modes of referring to a pet; 2. body parts; 3. veterinary procedures and animal behavior; 4. professionals and experts; 5. shelters and institutions; 6. objects and accessories related to animal care and welfare. These groups gave us the possibility to analyze how monolingual Italian dictionaries lemmatize and deal with such LUs, which are often used in specific purpose languages. Our theoretical framework is based on lexicography, lexicology, Terminography, Terminology and Metalexicography, guided by writers such as Lara (1996, 2004, 2006), Barbosa (1990, 1995, 1996, 1997), Aubert (1996), Guerra (2003) and Welker (2004), among others. Although this research indicated some correspondents in Portuguese and Italian, working with the concept of translation equivalents was not our intention, but rather verifying how these lexical units are shown in lexicographical works. For the analysis, we chose the monolingual dictionaries in electronic format Lo Zingarelli (2011), Garzanti (2010), both on CD-ROM, and De Mauro (on-line version). The specificities of each of the seventy lexical units were explored according to their definitions, tags, example sentences, polysemy, homonymy and cross-references. Results have shown that the mentioned works already lemmatize most of the selected lexical units. Among the 70 LUs chosen for the study, 60 are lemmatized by De Mauro dictionary, 59 by Garzanti and 58 by Lo Zingarelli. In this last one, only 5 LUs were characterized as terms indicating tags related to specific languages, while Garzanti features 3 LUs and De Mauro, 8. It is noteworthy that the LUs lemmatized in each of the three dictionaries are not always the same, for example, only Garzanti includes *tiragraffi* (scratcher), only Lo Zingarelli includes pet therapy and De Mauro is the only one that lemmatizes in *calore* (rutting). We also noticed that there is disagreement between the dictionaries about including these lexical units as entries or not, since the LUs related to pets are sometimes seen in the definitions as example sentences. By analyzing the Introductions of these dictionaries, we realized that there is missing information about meanings and the cross-references system. The analysis in this research is a contribution to lexicographers, translators, teachers and Italian language scholars.

Keywords: pets, lexicography, metalexicography, monolingual dictionaries, Italian.

RIASSUNTO

SILVA, F. M. **Analisi di dizionari monolingui italiani: uno studio metalessicografico delle unità lessicali relative al campo semantico “animali domestici”**. 2016. 173f. Tesi (Master). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Lo scopo di questa tesi è stato sviluppare uno studio sul lessico relativo agli animali domestici (in particolare cani e gatti) delle 70 unità lessicali (ULs) contemporanee usate nella Lingua Italiana. Le ULs sono state ricavate da materiale stampato specialistico in animali domestici, cani e gatti, e selezionate per tematiche riferite a 1. modi affettuosi e/o specifici per riferirci a un animale domestico; 2. Parti del corpo; 3. Procedimenti veterinari e comportamento animale; 4. professionisti e specialisti; 5. sostegni e istituzioni; 6. Oggetti e attrezzi legati alla cura e al benessere degli animali. Con questo elenco, abbiamo verificato come i dizionari monolingui della lingua italiana lemmatizzano e trattano queste ULs che, spesso, ritroviamo nelle lingue di specialità. Per lo sviluppo del lavoro, ci basiamo su fondamenti teorici in Lessicografia, Lessicologia, Terminografia e Metalessicografia, indicando le considerazioni di alcuni scrittori esperti in materia come Lara (1996, 2004, 2006) Barbosa (1990,1995,1996,1997), Aubert (1996), Guerra (2003) e Welker (2004). Anche se, in un primo momento, la ricerca si è rivolta ai corrispondenti tra il portoghese e italiano, non è stato un nostro proposito lavorare con questo concetto di equivalenti di traduzioni, ma, invece, vedere come queste unità lessicali sono trattate nelle opere lessicografiche. Ci siamo affidati ai dizionari monolingui in formato elettronico *Lo Zingarelli* (2012), *Garzanti* (2011), ambedue in *CD-ROM*, e *De Mauro* (versione on-line) per l'analisi. Le specificità di ciascuna delle 70 ULs vengono analizzate per le definizioni, indicazioni ed esempi d'uso, polisemia, omonimia e note. I risultati ottenuti ci hanno mostrato che la maggioranza delle ULs selezionate sono già lemmatizzate dalle opere, delle 70 ULs selezionate per la ricerca 60 sono state lemmatizzate dal dizionario De Mauro, 59 dal dizionario Garzanti e 58 dal dizionario Lo Zingarelli. In quest'ultima opera soltanto 5 ULs sono state caratterizzate come termini con indicazioni d'uso dell'area di specialità, mentre Garzanti presenta 3 ULs e De Mauro 8. È da notare che le ULs lemmatizzate in ciascuno dei tre dizionari non sono sempre le stesse: ad esempio, soltanto Garzanti include tiragraffi, mentre *Lo Zingarelli* include *pet therapy* e *De Mauro* è l'unico a lemmatizzare "in calore". Abbiamo notato, oltretutto, che c'è una divergenza tra i dizionari nell'inclusione o meno di queste ULs in entrata, una volta che le ULs correlate agli animali domestici appaiono nel corpo della voce come esempio d'uso. Analizzando le Introduzioni delle opere, ci siamo accorti che mancano informazioni relative all'ordine dei significati e all'uso di sistema delle remissive. L'analisi realizzata in questa ricerca è un contributo per lessicografi, traduttori, professori e studiosi della Lingua Italiana.

Parole-chiave: animali domestici, Lessicografia, Metalessicografia, dizionari monolingui, Lingua Italiana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Tela da lista de concordância da expressão <i>animali domestici</i> nos textos jornalísticos de Língua Italiana. <i>Software AntConc</i>	16
Figura 2. Modo de exibição de equivalentes no site 2lingual	64
Figura 3. Modelo de ficha lexicográfica UL <i>ciotola</i>	107
Figura 4. Modelo de ficha lexicográfica UL <i>lettiera</i>	108
Figura 5. Atividade 1 da oficina “Uso dos dicionários no ensino de aprendizagem de Língua Italiana: reflexões e proposta didática”	171
Figura 6. Atividade desenvolvida no minicurso “ <i>Lessicografia pedagógica: proposte pratiche di uso col dizionario</i> ”.	172

LISTA DE ABREVIACÕES

UL – Unidade lexical

LC – Linguística de *Corpus*

LP – Lexicografia Pedagógica

DP – Dicionário Pedagógico

1001 – 1001 *Cose da sapere e da fare con il tuo gatto*

EC – *Enciclopedia del cane: Conoscerli meglio per amarli di più*

RA – Revista *Argos*

DBC – *Dizionario bilíngue: italiano/cane, cane/italiano*

DBG – *Dizionario bilíngue: italiano/gatto, gatto/italiano*

RQZ – Revista *Quattro Zampe*

RQZ2015 – Revista *Quattro Zampe*, ano de 2015

G – *Gatti: razze, cura, convivenza*

C – *Cani: razze, cura, convivenza*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I. Justificativa	13
II. Objetivos.....	14
III. Metodologia	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	19
1.1 As ciências do léxico: conceitos básicos de Lexicologia, Terminologia, Lexicografia e Terminografia.....	19
1.2 Terminologia e linguagem de especialidades.....	24
1.3 A Lexicografia Pedagógica	26
1.4 Lexicografia teórica ou Metalexigrafia	29
1.5 O papel social e ideológico do dicionário	33
1.5.1 A visão social dentro de alguns aspectos lexicográficos.....	36
1.6 Campos semânticos	38
1.7 Polissemia e homonímia.....	40
1.8 Denominações de “palavra”: unidade lexical, item lexical, lexia simples, lexia composta, unidade terminológica, unidade lexical especializada, lexia, vocábulo, lexema e lema.....	42
2 ASPECTOS ESTRUTURAIS DOS DICIONÁRIOS	45
2.1 Tipologia das obras lexicográficas	45
2.1.1 Dicionários especializados	45
2.1.2 Dicionários temáticos.....	48
2.1.3 Dicionários escolares.....	49
2.1.4 Dicionários de língua padrão e <i>Thesaurus</i>	50
2.2 Principais semelhanças e diferenças entre as obras bilíngues e monolíngues.....	52
2.3 O dicionário monolíngue.....	53
2.4 Organização dos verbetes.....	55
2.5 Obras onomasiológicas e semasiológicas.....	57
2.6 Descrição da estrutura dos dicionários: a macroestrutura e a microestrutura	58
2.6.1 A macroestrutura	58
2.6.2 A microestrutura.....	59
2.7 A definição lexicográfica	60
3 MATERIAIS E MÉTODOS	64
3.1 A primeira etapa da pesquisa: seleção das Unidades Lexicais via web	64
3.2 Leitura de obras especializadas: descrição do material	65

3.3 Unidades Lexicais selecionadas	69
3.3.1 Modos afetivos e/ou específicos de nos referirmos a um animal de estimação	71
3.3.2 Partes do corpo	74
3.3.3 Procedimentos veterinários e comportamento animal	77
3.3.4 Profissionais e especialistas	81
3.3.5 Abrigos e instituições	83
3.3.6 Objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais	84
3.4 Descrição e análise dos dicionários utilizados na pesquisa.....	90
3.4.1 Dicionário <i>on-line</i> de Língua Italiana <i>De Mauro</i>	90
3.4.2 Dicionário de Língua Italiana <i>Lo Zingarelli</i>	98
3.4.3 Dicionário de Língua Italiana <i>Garzanti</i>	101
3.5 Principais diferenças e semelhanças dos dicionários utilizados na pesquisa	104
3.6 Modelo de ficha lexicográfica utilizada para análise das ULs	106
4 ANÁLISE DOS DADOS	109
4.1 Análise lexicográfica das Unidades Lexicais <i>cani</i> e <i>gatti</i> nos três dicionários	109
4.2 Análise e descrição dos verbetes das Unidades Lexicais	114
4.2.1 A lematização das entradas	114
4.2.2 Inserção de marcas de uso	119
4.2.3 Definição	128
4.2.4 Sistema de remissivas.....	142
4.2.5 Tratamento de polissemias e homônimas.....	144
4.2.6 Exemplos de uso.....	149
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	160
APÊNDICE - Realização das oficinas pedagógicas	169

INTRODUÇÃO

A conexão do ser humano com os animais sofreu muitas mudanças ao longo da história e a domesticação, desenvolvida a princípio pela necessidade de ter instrumentos de força motora, de caça e de segurança, dá lugar nos dias de hoje a uma predileção mais afetuosa, principalmente aos animais de pequeno porte, mudando a posição dos humanos em relação ao tratamento dado a essas criaturas, sendo comum vê-las como membros de uma família.

Levando em consideração o panorama sociocultural contemporâneo, notamos uma nova tendência no modo em que os animais de estimação, comumente chamados com o nome em inglês *pets*, são vistos e tratados. A denominação *pet* é utilizada em português do Brasil e em italiano, a língua do nosso estudo.

Dentro desta realidade, tanto na Itália como no Brasil, percebemos o crescimento do número de produtos, acessórios e tratamentos específicos desenvolvidos para esse público, além de novos comportamentos sociais, o que gera a necessidade de criação de novas denominações que acabam por ampliar o léxico concernente a esse campo semântico. Como por exemplo, *gattara*, substantivo introduzido na Língua Italiana em 1988, segundo o dicionário *De Mauro*, para designar “quem dá de comer aos gatos abandonados”.

Ao tratarmos do léxico relativo a *cani* e *gatti*, cães e gatos, os animais de estimação escolhidos para este trabalho, nos deparamos com unidades lexicais [doravante ULs] que transitam entre a língua comum e seu emprego dentro da linguagem de especialidade referente aos animais, como *ciotola* e *brandina*, tigela e caminha, respectivamente, objetos para o alimento e o descanso, e ULs que se originam da língua comum, mas que se tornaram especializadas ao denominar o conceito específico de um produto, como *tapettino igienico* ou *tapettino assorbente*, tapete de material absorvente usado como local para as necessidades fisiológicas dos *pets*.

Diante desse universo de discurso, no qual se inserem proprietários de animais de estimação, cuidadores, veterinários, mercado de produtos e tratamentos específicos, nos deparamos com uma terminologia geralmente conhecida apenas pelas pessoas que convivem com esses animais, apesar de cães e gatos fazerem parte da vida comum dos cidadãos.

Considerando esse universo como uma área de conhecimento (ou de convivência com os animais de estimação), nos propusemos a pesquisar o léxico em italiano dessa área pelos motivos que seguem na justificativa.

I. Justificativa

O ponto de partida para a escolha do tema proposto e o desenvolvimento do estudo foi, em primeiro lugar, a ligação entre minha formação em Letras e minha experiência pessoal com animais de estimação por meio de trabalho voluntário em organizações não governamentais (ONGs), que se ocupavam em recolher cães e gatos sem lar, e trabalho remunerado em Clínicas Veterinárias.

Terminado o curso de Letras (português, italiano) na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – *campus* São José do Rio Preto, iniciei minha atividade como docente de Língua Italiana em algumas escolas particulares das cidades de Jales e Fernandópolis, estado de São Paulo. No decorrer das aulas, ao utilizar o material didático de uma conhecida escola de idiomas da região, verifiquei que, em uma das lições propostas, a expressão *animale di stima* era usada quando se referiam aos animais de estimação.

Pelo conhecimento que tinha da língua, estranhei esse emprego, mas não sabia como se dizia exatamente em italiano. Após a busca de ocorrências da expressão *animale di stima* em sites italianos relacionados ao bem estar de animais, foi possível perceber que, de fato, tratava-se de uma tradução literal não condizente com a forma real dos falantes de Língua Italiana. Foi constatado que a expressão não existia no idioma e a forma mais apropriada de tradução, segundo pesquisa via *web*, é *animale d'affezione*, *animale domestico* ou *animale da compagnia*.

Tal constatação despertou-me a curiosidade de buscar outras palavras desse mesmo campo semântico e, em contato com manuais didáticos inclusive escritos na Itália, percebi que neles havia um vocabulário muito reduzido em relação aos animais. Especificamente, o material próprio da escola de franquia onde lecionava era fabricado no Brasil e parecia não ter sido elaborado com o devido cuidado. Em relação à expressão, foi feita uma tradução do português “animais de estimação” de maneira literal não considerando que para algumas expressões cristalizadas como esta, o modo de traduzir não deve ser isolado, mas sim contextualizado para que abarque o seu uso real. Alves e Tagnin (2010) chamam de tradutores ingênuos os profissionais que não consideram as convenções da língua e acabam comprometendo o significado da palavra/expressão, como aqui mencionado, fazendo a tradução palavra por palavra.

O tradutor ingênuo – ou tradutor novato – seria aquele que, além de desconhecer as convenções das línguas com que trabalha, acredita na equivalência unívoca entre elas, ou seja, na possibilidade de uma tradução literal ou na necessidade de tradução de cada item lexical contido nos textos de partida. (ALVES; TAGNIN, 2010, p. 195)

Como professora, mas também aprendiz de italiano como língua estrangeira, percebi que era necessário realizar um estudo mais aprofundado para conhecer as palavras que nomeiam o mundo dos animais de estimação.

As primeiras investigações sobre o assunto, da Língua Portuguesa para a italiana, renderam uma grande gama de ULs que incentivaram o desenvolvimento da pesquisa. O Brasil está em segundo lugar do *ranking* mundial em população de animais domésticos e são realizadas várias feiras anuais em São Paulo que movimentam o mercado brasileiro e onde se apresentam as mais variadas novidades de produtos. O quadro europeu não se diferencia muito do nosso. Atualmente, muitas famílias preferem ter animais a filhos e, na Itália, eles são inseridos na sociedade quase como cidadãos, pois podem entrar em restaurantes, correios, padarias e transportes públicos junto a seus proprietários.

Pensando no grande número de palavras e expressões que denominam os referentes no universo dos “animais de estimação”, palavras ainda pouco exploradas em material para ensino de italiano, pensando no equívoco da correspondência “animais de estimação” por *animali di stima*, e contando com minha experiência pessoal em clínica veterinária, iniciei o projeto sobre esse léxico que ora aparece como léxico da língua comum, ora como de língua especializada.

II. Objetivos

Considerando a dificuldade em delimitar esse tema entre língua comum e língua de especialidade e a constatação de que não havia um repertório amplo e atual de ULs relativas ao campo semântico “animais de estimação”, percebemos que não seria possível buscar correspondências e fazer uma análise contrastiva entre português e italiano, por exemplo, em dicionários bilíngues.

Diante desse quadro, estabelecemos o seguinte objetivo:

- fazer um levantamento das unidades lexicais referentes ao campo semântico “animais de estimação” a partir de contextos autênticos de uso em italiano e verificar sua presença em

dicionários monolíngues italianos de grande dimensão, especificamente, os dicionários *De Mauro*, *Lo Zingarelli* e *Garzanti*.

Ao buscar as ULs nos dicionários, pretendemos responder às seguintes questões:

- as ULs selecionadas aparecem lematizadas?
- constam exemplos relativos a esse campo semântico?
- o dicionário inclui marca de uso?
- como as obras lexicográficas tratam os casos de homonímia e polissemia relativos às ULs selecionadas?
- são percebidas marcas culturais?
- como as obras trazem o sistema de remissivas?
- quais são as principais características dos verbetes das ULs selecionadas entre os três dicionários?

III. Metodologia

De início, o projeto seria realizado a partir da abordagem metodológica da Linguística de Corpus: por meio de textos coletados via *web* formaríamos nossos *corpora* de estudo nas duas línguas envolvidas. Porém, por dificuldades encontradas em trabalhar com as ferramentas e em formar um corpus devidamente balanceado, essa metodologia foi descartada. Contudo, foram válidos os primeiros estudos com a ferramenta *Antconc* que revelaram o uso da expressão *animali domestici* como a mais frequente em italiano e a consulta à ferramenta *Sketch Engine* que permitiu o acesso a sites em que apareciam algumas ULs que buscávamos, assim a familiarização com a linguagem e o léxico relativo aos animais de estimação em italiano foram se ampliando. Apresentamos um exemplo da tela do *Antconc* a seguir:

AntConc 3.2.4w (Windows) 2011
File Global Settings Tool Preferences About

Corpus Files
jornalistic01.txt
jornalistic02.txt
jornalistic03.txt
jornalistic04.txt
jornalistic05.txt
jornalistic06.txt
jornalistic07.txt
jornalistic08.txt
jornalistic09.txt

Concordance
Hit
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11

Kwic
ed economico) per gli animali domestici. In seguito vedremo qu
sa come sistemare gli animali domestici. Non tutti possono pag
mercato del cibo per animali domestici è seconda solo a quell
lli sportivi ed altri animali domestici di piccole dimensioni.
tro amico peloso, gli animali domestici possono arricchire la
comuni portate dagli animali domestici. Cani e gatti I cani e
essere trasmesse dagli animali domestici che trasportano batter
esseri umani e degli animali domestici. I bambini possono pre
fonte, in realtà con animali domestici puliti e regolarmente
no a contatto con gli animali domestici. I bambini piccoli pre
ilità le infezioni da animali domestici, perché stanno sul pav

File
jornalistic01.txt
jornalistic01.txt
jornalistic01.txt
jornalistic01.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt
jornalistic06.txt

Clusters
Collocates
Word List
Keyword List

Search Term ☒ Words ☐ Case ☐ Regex
animali domestici Advanced
Start Stop Sort
Kwic Sort
☒ Level 1 1R ☒ Level 2 2R ☒ Level 3 3R
Total No. 10
Files Processed
Reset
Concordance Hits 11
Search Window Size 50
Save Window
Exit

Figura 1. Tela da lista de concordância da expressão *animali domestici* nos textos jornalísticos de Língua Italiana. Software AntConc.

Ainda na fase de preparação, sem estabelecer a metodologia que segue abaixo, e já havendo frequentado disciplinas de Lexicografia, surgiu a oportunidade de ministrar alguns conceitos de Lexicografia Pedagógica em curso de atualização para professores de italiano da rede pública estadual, em forma de Orientações Técnicas (OTs) em parceria com a Profa. Michele Datore. Entre as atividades que propusemos, criamos exercícios baseados no léxico relativo a “animais de estimação” que eu havia levantado até aquele momento através dos *sites*. Essa atividade será descrita no Apêndice desta dissertação.

Uma viagem à Itália em 2014 permitiu a aquisição de um considerável número de material impresso específico sobre cães e gatos. Esse material, que inclui livros, enciclopédias e revistas, será descrito no item 3.2.

A partir de então e após o Exame de Qualificação, decidimos que o levantamento seria feito manualmente através da leitura de todo o material, tomando como critério de seleção as ULs relacionadas a:

- I. modos afetivos e/ou específicos de nos referirmos a um animal de estimação;
- II. partes do corpo;
- III. procedimentos veterinários e comportamento animal;
- IV. profissionais e especialistas;
- V. abrigos e instituições;
- VI. Objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais.

Estabelecidos os parâmetros de seleção, foram levantadas 70 ULs do material impresso que aborda o convívio entre homem e animais de estimação, em particular, cães e gatos. Desse material, separamos, então, para cada UL exemplos de ocorrência com os quais formamos nosso *corpus* de estudo. Com as ULs em mãos e a teoria fundamentada nos conceitos da Lexicografia, Terminologia e da Metalexicografia, o segundo passo foi consultar a presença delas nos dicionários *De Mauro*, *Lo Zingarelli* e *Garzanti* em versão eletrônica (*on-line* e CD-ROM). Para realizar a análise e comparação dos verbetes presentes nas três obras, elaboramos um modelo de ficha lexicográfica de análise, baseado principalmente em Zucchi (2010) e Finatto e Nunes (2007); que nos permitiu formular respostas para as questões colocadas em nossos objetivos, sobre a composição de cada um dos verbetes relativos às 70 ULs selecionadas. Desta forma, foi possível verificar a existência da UL lematizada ou presente no corpo do verbete e se os dicionários apresentam definições que coincidam com seu uso autêntico, certificado nos exemplos retirados do *corpus* impresso.

Após essa Introdução, apresentamos este trabalho dividido em três capítulos. O primeiro traz a Fundamentação Teórica em que serão explicitados os itens: As ciências do léxico: Conceitos básicos de Lexicologia, Terminologia, Lexicografia e Terminografia; Terminologia e linguagem de especialidades; A Lexicografia pedagógica; Lexicografia teórica ou Metalexicografia; O papel social e ideológico do dicionário; A visão social dentro de alguns aspectos lexicográficos; Campos semânticos; Polissemia e homonímia e Denominações de “palavra”: unidade lexical, item lexical, lexia simples, lexia composta, unidade terminológica, unidade lexical especializada, lexia, vocábulo, lexema e lema. O segundo aborda os aspectos estruturais dos dicionários, tais como: Tipologia das obras lexicográficas; Dicionários especializados; Dicionários temáticos; Dicionários escolares; Dicionários de Língua padrão e *thesaurus*; Principais diferenças e semelhanças entre os dicionários bilíngues e monolíngues; O dicionário monolíngue; Organização dos verbetes; Obras onomasiológicas e semasiológicas; Descrição da estrutura dos dicionários: a macroestrutura e a microestrutura e a Definição lexicográfica. O terceiro capítulo apresenta os materiais, métodos e procedimentos metodológicos empregados para atingir os objetivos e responder às questões propostas, a análise e os resultados obtidos. E na sequência, apresentamos as considerações finais e referências bibliográficas. Incluímos em Apêndice a descrição e o material usado na oficina pedagógica acima citada.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 As ciências do léxico: conceitos básicos de Lexicologia, Terminologia, Lexicografia e Terminografia

Por meio do léxico, expressamos nossa realidade e a percepção do mundo que nos cerca, fazendo com que conheçamos as práticas de uma determinada sociedade. “É a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (BIDERMAN, 1998, p. 88).

A necessidade de comunicação, inerente ao homem, motiva fenômenos de linguagem, como o surgimento de novas unidades lexicais (ULs) que acompanham a época de cada civilização. Para cada objeto materializado, é preciso um significante que o defina como signo linguístico, fazendo com que as palavras surjam, desapareçam e/ou se alterem dentro de um sistema vivo que compreende o ato comunicativo. Nas palavras de Borba (2006, p.83), “O léxico faz a conexão entre a língua, como entidade abstrata, e a realidade, o mundo dos objetos”.

Biderman (1998, p. 11) ainda resume o conceito de léxico de uma língua natural como uma forma de registrar o conhecimento do universo; assim, ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. A designação de léxico natural, ou léxico comum, se refere às palavras que fazem parte do cotidiano de uma grande maioria de falantes de língua materna. Para o estudioso italiano Merzagora (1983, p. 33),

a noção de léxico é teórica: não existe italiano que possa dizer que conhece todas as palavras faladas no território da Itália, nem mesmo dicionários que registrem todas elas. Cada indivíduo domina um âmbito limitado do léxico, e ele é passível de análise já que se trata de um conjunto concreto.¹

Dentro dos estudos do léxico, Krieger e Finatto (2004, p. 45) mencionam a Lexicologia como subsidiária de estudos que analisam as formas lexicais com vistas ao tratamento dos

¹ No original: “la nozione di lessico è teorica: non esiste italiano che possa dire di conoscere tutte le parole parlate sul territorio italiano né dizionario che le registre tutte. Ogni individuo padroneggia un ambito limitato del lessico, ed esso è analizzabile poiché si tratta di un insieme concreto”. (Trad. nossa)

repertórios lexicais dos sistemas linguísticos. Sendo uma ciência vista dentro de um ramo da linguística, cabe à Lexicologia a árdua tarefa de definir e identificar a UL. “A Lexicologia, ciência antiga, tem como objetos básicos de estudos e análise a palavra, a categorização lexical e estruturação do léxico” (BIDERMAN, 1998, P.14). Para Barbosa (1990, p. 188), o léxico também engloba as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí recorrentes: polissemia, homonímia, homossemia total (sinonímia), homossemia parcial (parassinonímia), hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia e, com a ajuda de certos métodos, como a análise distribucional e a análise sêmica, examina a questão dos campos semânticos e dos domínios de experiência, a fim de trazer novas respostas a essa problemática.

Enquanto a Lexicologia tem por objetivo de estudo o léxico da língua comum, a Terminologia se ocupa do léxico especializado, cujo objetivo de estudos são os termos. Assim, o léxico especializado é objeto de estudo da Terminologia, sendo esta a principal distinção entre as ciências da Terminologia e da Lexicologia.

Desta forma, podemos dizer que a Terminologia, introduzida como disciplina na Universidade de Viena em 1972 pelo austríaco Wüster, atua como prática e ciência e se faz presente quando os estudos abordam os termos especializados. Partindo de outra concepção epistemológica, Cabré (1999) discorre sobre a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) que valoriza os aspectos comunicativos das linguagens especializadas, dessa maneira, prioriza a função do termo inserido em contextos e situações determinadas.

A Terminologia é uma disciplina que possui seu objeto primordial definido: o termo técnico-científico. É esse objeto que marca a identidade da área, embora a fraseologia especializada e a definição terminológica também tenham passado a integrar seus horizontes de pesquisa.

Marca também a identidade desse campo de estudos a coexistência de dois enfoques distintos sobre esses objetos: de um lado, o desenvolvimento teórico e as análises descritivas; e, de outro, as chamadas aplicações terminológicas. Estas compreendem uma variedade de produtos e ferramentas, tais como: glossários, dicionários técnico-científicos, bancos de dados terminológicos e sistemas de reconhecimento automático de terminologias. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 20)

Portanto, dentro dos estudos do léxico, temos a ciência voltada à pesquisa de termos relacionados a uma determinada área de conhecimento, intitulada Terminologia. Quando usamos a denominação “termo”, referimo-nos a lexias pertencentes à determinada área própria de um campo linguístico. Em um sentido mais restrito, temos acepções distintas para atividades e técnicas distintas que se restringem dentro de seus discursos, a fim de facilitarem a comunicação entre as pessoas a eles envolvidas. Assim, temos a linguagem específica que faz

menção à informática, à música, ao teatro, ao direito, dentre tantas outras. Cabré (1992, p. 245) diz que “a atividade terminológica integra operações de coleta, sistematização e apresentação dos termos de uma determinada área do saber ou da atividade humana”. Krieger e Finatto (2004, p. 43) discorrem sobre a diferença entre Lexicologia e Terminologia:

Lexicologia e Terminologia, embora aproximem-se, porquanto ambas constituem ciências do léxico, distinguem-se pela especificidade de seus objetos. A diferença entre estes, cabe ressaltar, não é outra senão a propriedade que possuem as unidades lexicais chamadas de termos de estruturas linguísticas que, em sua dualidade sígnica, denominam e circunscrevem cognitivamente objetos, processos e conceituações pertinentes ao universo das ciências, das técnicas e das tecnologias; enquanto as palavras, realizando o mesmo processo denominativo e conceitual, cobrem toda a abrangência da realidade cognitiva e referencial apreendida e construída pelo homem.

A Lexicografia e a Terminografia pertencem à mesma etimologia. Do latim *graphia*, do grego *γραφία* (escrito), *γράφειν* (“graphein”, escrever), ambas fazem referência à elaboração e a produção de obras. Todavia, alguns autores distinguem entre a ciência e a técnica lexicográfica.

Para Hwang (2010, p. 33), enquanto disciplina científica, a Lexicografia pode ser definida como a ciência que tem como objeto de estudo os problemas teóricos e práticos relativos à elaboração e à produção de dicionários – como técnica de produção destes, a Lexicografia é mais antiga e de longa tradição. A Lexicografia moderna é vista como duas atividades distintas: como técnica, ela atua na elaboração de dicionários e, como parte da linguística, se ocupa dos componentes teóricos para que se haja uma obra lexicográfica de qualidade.

Segundo Hernandez (2002, p. 61), há dois fatores importantes que devem ser considerados quando distinguimos Lexicografia de Terminografia. O primeiro deles é a relativa juventude do termo Terminografia se comparado com a bem estabelecida tradição lexicográfica datada do século XV, com os primeiros dicionários espanhóis (BIDERMAN, 1984a p. 3). O segundo fator seria a limitação de alguns autores em explicar a lexicografia somente como técnica, na compilação de dicionários, menosprezando-a como ciência que abarca uma importante gama de estudos teóricos. Segundo o autor:

Ao distinguir entre Terminologia e Lexicografia, a maioria dos autores costumam estabelecer uma correspondência paralela entre, por um lado, lexicologia como disciplina, que se ocupa do estudo e da descrição do léxico de uma língua, e a lexicografia concebida com o ramo aplicado da Lexicologia, focada na elaboração de dicionários, e por outro lado, Terminologia, área de estudo teórico e metodológico, e Terminografia, vertente aplicada da terminologia encarregada em elaborar dicionários

especializados. Desta forma, a lexicologia é para a terminologia o mesmo que a Lexicografia para a Terminografia. (HERNANDEZ, 2002, p. 61, tradução nossa)²

É inegável que o produto final de cada uma das ciências aqui tratadas colabora para que tenhamos uma comunicação eficiente e fluida. No caso da Terminografia, temos a necessidade de dicionários técnicos para a abordagem de palavras que fazem parte de certos domínios do conhecimento. Já no caso da Lexicografia, é importante que tenhamos uma obra de língua geral que teça uma relação entre o léxico natural de uma sociedade e seus indivíduos. Citando Barbosa (1990, p. 189), podemos dizer que:

A obra lexicográfica recupera, compila e armazena as unidades lexicais com o intuito de resgatar os seus significados e explicá-los com uma metalinguagem definitiva. A obra terminológica/terminográfica visa à recuperação, compilação e armazenamento dos recortes científicos e tecnológicos.

Devemos deixar claro que, apesar da Terminologia trabalhar com léxicos especializados, seu interesse não se restringe somente a especialistas. Na verdade, atualmente, o livre e rápido acesso à informação, principalmente ocasionado pelo avanço da internet, mostra que cidadãos comuns, estudantes e tradutores, também se interessam em ter contato com os léxicos especializados, percebendo sua importância no processo comunicativo.

Vimos, até então, uma sucinta explicação das principais diferenças entre a Lexicografia Teórica e a Lexicografia Prática. Além destas duas divisões da Lexicografia, temos outros estudos lexicográficos que são divididos por áreas de interesse e que serão apresentados a seguir.

A Lexicografia Discursiva observa o dicionário como discurso de um sujeito, a partir de uma formação discursiva específica, situado no tempo e no espaço. Orlandi (2000, p. 97), afirma podermos ler os dicionários como textos produzidos em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma rede de memórias ante a língua. Deste modo, a Lexicografia Discursiva leva em consideração o modo sociocultural como o dicionário trata a língua e o vê como instrumento linguístico, pensando na obra como lugar de construção de memória social e se interessando menos em seu autor e na sua filiação teórica particular. No

² Original: “A la hora de distinguir entre terminología y lexicografía, la mayoría de los autores suelen establecer una correspondencia paralela entre, por un lado, lexicología, disciplina que se ocupa del estudio y descripción del léxico de una lengua y la lexicografía, concebida como la rama aplicada de la lexicología centrada en la elaboración de diccionarios, y por otro, terminología, área de estudio teórico y metodológico y terminografía, vertiente aplicada de la terminología, encargada de la elaboración de diccionarios especializados. De esta forma la lexicología es a la terminología lo que la lexicografía a la terminografía.”

texto, o autor responde à seguinte pergunta: como se elaborar um dicionário, pensando-se discursivamente?

Nesse caso, deve-se pensar um dicionário que, em vez de iludir-se (e a nós) com sua completude, ao contrário, assumisse a incompletude necessária assim como a indiferença, a alteridade constitutiva e tivesse uma forma material (linguístico-histórica) que levasse os seus usuários a trabalharem com ela em seu funcionamento, mobilizando suas memórias. O ponto fundamental para o dicionário, como para a gramática, a meu ver, é trabalhar tendo em vista não a função do dicionário, mas seu funcionamento na relação do sujeito com a língua, incluindo-se aí não só a relação com as condições de produção imediatas, mas com a memória. Ou seja, vê-lo como um discurso. (ORLANDI, 2000, p. 112)

Outro ramo dos estudos lexicográficos é a Lexicografia especializada. Podemos defini-la como aquela que se ocupa das unidades terminológicas, considerando-as a partir de um ponto de vista também linguístico. Seria uma aproximação com a Terminologia. No entanto, as informações linguísticas, muitas vezes consideradas desnecessárias para a Terminografia, são importantes para a Lexicografia especializada. A Terminografia se ocuparia em primeira instância com o conteúdo, o conceito designado pela expressão léxica; enquanto a Lexicografia especializada se ocuparia também das informações linguísticas, como por exemplo, etimologia, sinonímia, polissemia, variantes etc., ou seja, informações acerca do signo, além de se servir da Linguística de *corpus* para embasar suas descrições.

Há a Lexicografia voltada à elaboração de dicionários históricos da língua, chamada Lexicografia Histórica. Este tipo de estudo lexicográfico, que tem em vista um parecer diacrônico sobre a língua, é uma área relativamente nova entre as ciências do léxico e, por vezes, carece de metodologia e fundamentação teórica. Machado Filho (2012, p. 2) afirma ser o trabalho lexicográfico histórico um campo de pesquisa deveras idiossincrático, já que, diferentemente da lexicografia contemporânea, a conservação da diversidade de usos da escrita, isto é, o pleno registro da variação gráfica, é muito mais requerido naquela do que nesta, passando essa ideia a se configurar como uma das linhas metodológicas norteadoras do trabalho de pesquisa diacrônico do léxico, nomeadamente no que se refere à construção de dicionários históricos da língua.

A Lexicografia Pedagógica se ocupa das questões acerca dos dicionários voltados ao ensino, de caráter escolar e pedagógico, não só a confecção em si dessas obras, como também as reflexões que elas suscitam. Esta vertente da Lexicografia será mais aprofundada no decorrer deste capítulo, assim como a Lexicografia Teórica aqui citada. Descreveremos a Lexicografia Pedagógica, por nos embasarmos em sua teoria na elaboração de oficinas pedagógicas para professores de Língua Italiana (ver apêndice).

1.2 Terminologia e linguagem de especialidades

Dentro dos estudos do léxico, temos a ciência voltada à pesquisa de termos relacionados a uma determinada área de conhecimento, como já mencionado no item 1.2, intitulado Terminologia. Quando usamos a nomenclatura “termo”, referimo-nos a ULs pertencentes a uma área própria de um ramo de conhecimento. Em um sentido mais restrito, temos significados distintos para atividades e técnicas distintas que se restringem dentro de seus discursos a fim de facilitarem a comunicação entre as pessoas neles envolvidas. O conjunto dos termos representa sistemas de conceitos relacionados a uma linguagem de especialidade ou a uma área de atividade particular.

Quando se fala sobre determinada área do conhecimento, emprega-se uma linguagem especializada que, dentro dessa área, assume um significado particular. A língua é peça para a comunicação social e é responsável pela divulgação e transmissão de ideias. Para isso, é preciso que cada palavra tenha, tanto para o transmissor quanto para o receptor, os mesmos significados possíveis.

Um dos requisitos para a existência de uma linguagem especializada é a necessidade de novos léxicos para novas realidades que têm um foco distinto dependendo do tempo e dos indivíduos de uma sociedade. Aubert (1996, p. 27) entende que linguagem de especialidade é todo o conjunto de marcas lexicais, sintáticas, estilísticas e discursivas que tipificam o uso de um código linguístico qualquer, estando em um ambiente de interação social centrado em uma determinada atividade humana. Deste modo, a Terminologia tem por objeto de estudo o léxico das linguagens de especialidades. Segundo Schierholz (2012, p.376) a Terminologia trata da fundamentação teórica da normalização das linguagens de especialidades, das características gerais e essenciais do léxico de especialidade, da sistematização interespecialidades e do desenvolvimento de sistemas terminológicos multilíngues.

Para o êxito da interação social, é necessário que as pessoas envolvidas no discurso compreendam o uso da linguagem aplicada, no nosso caso demarcada pelo seu conteúdo lexical. Hoffman (2004, p. 81) afirma ser a linguagem de especialidade o conjunto de todos os recursos linguísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nela trabalham.

Entretanto, não parece fácil delimitar uma fronteira entre linguagem comum e linguagem de especialidade, nem parece existir um consenso sobre quais os fenômenos linguísticos que a diferenciam. Para esclarecermos essa questão usamos a teoria de Barbosa

(1999, p. 120) afirmando que uma UL não pode ser denominada nem como vocábulo, nem como termo, pois ela se encontra em função termo ou em função vocábulo, deste modo, seria o universo do discurso da qual a UL faz parte que determina o seu *estatuto*, dependendo do caso. Por isso, dentro de nosso campo de pesquisa, não podemos dizer que toda UL voltada ao tratamento dos animais de estimação seja considerada um termo. A palavra “casinha” é um exemplo disso, pois faz parte do léxico geral da língua. Por outro lado, também não podemos ignorar o fato de que, para falantes de áreas afins, como veterinários, proprietários e comerciantes de lojas para animais de estimação, tal UL assume outro valor, com um foco distinto daquele usado por pessoas que não participam desse ramo.

Outro exemplo é a palavra italiana *taglia*, que significa uma medida, como se equivalesse a “qual número usa” em Língua Portuguesa. No domínio do ambiente do comércio de cães e do ambiente veterinário, *taglia* indica o tamanho do gato ou do cachorro, mantendo, assim, uma ligação semântica com o conceito de origem. A UL italiana *ciotola* também faz parte do conceito de domínio emprestado, sendo um utensílio usado na cozinha, uma espécie de tigela, tem seu domínio no campo culinário. No domínio dos animais de estimação, tal UL representa o “comedouro” dos animais, recipiente usado para fornecer alimento a eles; a intersecção semântica é mantida, pois ambos comportam alimentos, porém neste segundo domínio há um traço semântico que o conceito de origem não tinha, ou seja, o fato de servir para alimentar animais de estimação.

Tendo em vista a polissemia das ULs voltadas a áreas de conhecimento tanto geral quanto específico, é importante reconhecê-las dentro de seus contextos de uso e do campo linguístico do qual fazem parte. A Terminologia mantém uma estreita relação com as aplicações práticas de princípios políticos, teóricos e sociais. É inegável que a Terminologia, como ciência, engloba as línguas de especialidades e, conforme Maciel (2010, p. 17), há uma integração existente entre a linguagem especializada e sua terminologia que não permite que as pesquisas sejam conduzidas separadamente. A autora defende a ideia de que aquilo que chamamos de linguagem especializada nada mais é do que um registro funcional utilizado em uma comunicação especializada.

Em nosso estudo, encontramos registros tanto funcionais especializados quanto de língua comum. Para Lerat (1997, p.17), uma linguagem de especialidade pode ser definida como o uso de uma língua geral (língua natural) para expor tecnicamente os conhecimentos especializados. É importante ressaltar que mesmo as ULs conhecidas por falantes não pertencentes a uma determinada área dentro do campo semântico escolhido, isto é, dentro do domínio “animais de estimação”, admitem um valor singularmente específico, que contribui

para que a comunicação seja mantida. Estabelecendo uma relação com Barbosa (1999) Aubert (1996, p. 14) afirma que:

Uma adequada compreensão das linguagens de especialidades somente se pode dar a partir do entendimento de que os termos não existem em isolamento, nem derivam sua existência apenas de um arcabouço lógico-conceptual, mas se manifestam, circulam e exercem sua função em situação, em uso efetivo. (AUBERT, 1996, p. 14)

Dessa maneira, partindo do pressuposto de que um termo “está” na condição de termo, podemos dizer que as palavras da língua geral (língua comum) e termos das linguagens especializadas são unidades lexicais integrantes do conjunto léxico de uma língua e se comportam conforme as necessidades da comunicação dos participantes do discurso.

1.3 A Lexicografia Pedagógica

Quando usamos o termo “pedagógica”, imaginamos algo voltado ao ensino e à educação, por isso logo pensamos em um dicionário voltado à aprendizagem de línguas. Dentro da perspectiva pedagógica, porém, temos também as reflexões sobre obras voltadas ao ensino e não somente sua elaboração. Segundo Welker (2008, p. 15), o termo Lexicografia Pedagógica (LP) não é de uso frequente e não aparece nos lemas de artigos e tampouco nas diversas introduções à Lexicografia.

Quando o termo é empregado, na maioria das vezes é igualado ao termo *learners' dictionaries* ou “dicionários para aprendizes (de línguas estrangeiras).” Apesar de faltar menção aos dicionários de língua materna dentro de obras que definem a LP, Welker afirma que tal conceito abrange os dicionários destinados a aprendizes³ de línguas tanto estrangeiras quanto materna e que não se deve confundir LP com a pesquisa sobre o uso de dicionários, tendo em vista que estes já são estudados por uma área específica da lexicografia.

Ainda com base no autor supracitado, podemos dizer que a LP se ocupa da pesquisa sobre o uso de dicionários pedagógicos, obras de referência que pretendem levar em consideração necessidades linguísticas, habilidades e dificuldades dos aprendizes de língua, e não de dicionários de língua geral, como o *Aurélio*, por exemplo. “O que o dicionário

³ Welker (2008, p. 18) esclarece que todos nós somos eternos aprendizes por não dominarmos por completo o léxico, nem mesmo de nossa língua materna, porém o termo “aprendizes” é mais direcionado a alunos universitários e escolares que fazem algum curso de línguas.

pedagógico faz – ou pretende – é ajudar na aprendizagem da língua estrangeira ou materna”. (WELKER, 2008, p. 19).

O autor Molina Garcia (2006, p. 10) define LP como um ramo da Lexicografia desenvolvido a partir de avanços obtidos na área da educação, que revolucionaram o ensino de línguas no início do século XX com mudanças no tratamento dado à gramática e ao léxico e na forma de apresentação dos dizeres dentro de obras de referência.

Da união dessas ideias, nasce a LP, uma disciplina que, como destaca Zgusta (1988, p. 184), deve ser contemplada com a interação da Lexicografia e da metodologia de ensino de línguas. A LP, portanto, se preocupa em oferecer ao consulente a maior e melhor informação possível quanto ao que ele procura e seu objetivo primordial é considerar o dicionário uma ferramenta com a finalidade de servir seu consulente, do ponto de vista didático.

Assim como há uma divisão entre Lexicografia Prática e Teórica, temos também essa distinção no ramo da LP, onde há a Lexicografia Pedagógica Teórica (ou Metalexicografia Pedagógica), que estuda os temas relativos a dicionários pedagógicos, e a Lexicografia Prática, que produz tais dicionários.

Os recentes trabalhos da Metalexicografia Pedagógica apontam para a necessidade de múltiplos dicionários, adequados ao nível de conhecimento de língua estrangeira dos aprendizes e à função para a qual eles buscam apoio, além de outros possíveis critérios de segmentação. (DURAN; XATARA, 2008, p. 42)

Na citação acima, podemos perceber que a Metalexicografia Pedagógica, por meio de pesquisas, aponta o caminho a seguir dentro da elaboração de dicionários pedagógicos, a fim de melhorar a busca e facilitar seu uso por parte dos aprendizes que, para as autoras, são estudantes de língua estrangeira.

Tanto para a elaboração de obras quanto para os estudos que as analisam, a LP tem um objeto de estudo específico, assim como Zucchi (2010, p. 60) explica:

Lexicografia Pedagógica é o nome empregado para denominar a ampla área de estudos na qual o objeto é um tipo de dicionário destinado a ser um instrumento na aprendizagem da língua, seja ela estrangeira ou materna; um dicionário com características específicas que leva em conta o usuário e suas necessidades.

Sendo assim, pode-se dizer que os dicionários pedagógicos (DPs) procuram auxiliar e facilitar a procura feita pelo consulente, neste caso aprendizes de língua estrangeira ou de língua materna, e, para isso, é necessário que tais instrumentos privilegiem a forma pedagógica de se apresentar as definições. Para tal afirmação, Molina Garcia (2006, p. 12) toma como

exemplo duas definições distintas para uma mesma entrada. A palavra *paranoia* é vista na sexta edição de *Concise Oxford Dictionary* (1976) e no dicionário pedagógico *Chambers Universal Learner's Dictionary* (1980) e as diferenças são muito evidentes. Na primeira obra, a palavra é definida da seguinte forma: “confusão mental com grandes delírios, perseguição, etc.; tendência anormal de suspeitar e desconfiar dos outros”⁴. Já na segunda obra, a definição parece ser mais esclarecedora e precisa: “tipo de doença mental em que uma pessoa tem a ideia fixa de que outras pessoas estão lhe sendo injustas ou hostis”⁵.

A LP surge no momento em que um grupo de professores consagrados percebe que, devido às suas finalidades, um dicionário de aprendiz não poderia ser o mesmo que o de um nativo da língua. Como vimos no exemplo de definições de duas obras diferentes para a palavra “paranoia”, o *Chambers Universal Learner's Dictionary* (1980) já inicia a definição explicando ao consulente que se trata de um tipo de doença. Por se tratar de um DP, a obra leva em consideração as dificuldades que um aprendiz teria para entender os conceitos de outro idioma.

Os professores de inglês M. West, H. E. Palmier e A. S. Hornby foram os precursores de uma revolução no campo lexicográfico na década de 30. O trio foi responsável pela união das disciplinas lexicografia e pedagogia e, assim, surgiram os primeiros dicionários monolíngues para aprendizes de línguas. Talvez em consequência disso, a maior parte dos trabalhos de investigação, que surgem com a LP, faz referência a dicionários monolíngues e – apesar de alguns dicionários bilíngues traduzirem termos de uma língua para outra quase simultaneamente, como se fossem sinônimos perfeitos – a consideração do pedagógico como algo exclusivo do monolíngue não está correta.

O importante na LP é abranger as necessidades do usuário de forma a facilitar o processo de aquisição da língua estrangeira ou da própria língua materna. Por isso a importância de ser um campo de atuação em obras bilíngues e monolíngues.

São as necessidades do usuário desse tipo de dicionário que regem o seu feitio. Como usuário, um aluno de LE, conforme sua conveniência, vai buscar o tipo de dicionário que melhor se adéque às suas necessidades que, geralmente, estão relacionadas com a comunicação na LE: compreender e produzir textos, escritos ou orais. Essas necessidades estão relacionadas com o nível de conhecimento na LE e a situação de aprendizagem. (ZUCCHI, 2010, p. 66)

⁴ No original: “Paranoia: mental derangement which delusions of grandeur, persecution, etc.; abnormal tendency to suspect and mistrust others.” (Trad. nossa)

⁵ No original: “Paranoia (tech): a type of mental illness in which a person has fixed an unreasonable idea that he is very important, or that other people are being unfair or unfriendly to him.” (Trad. nossa)

Para finalizar o tópico e elucidar o que foi dito anteriormente, são apresentados os três principais fundamentos da LP, segundo Molina Garcia (2006, p. 18):

Ajustar as informações presentes na obra com as necessidades do usuário (ato de comunicação, onde o emissor é o lexicógrafo; o receptor, o usuário; e o código, as informações sobre significado, gramática etc.); realizar renovações lexicográficas para que esta necessidade seja atingida; produzir um trabalho conjunto entre lexicógrafo e professores para o desenvolvimento das habilidades específicas de cada consulente, fazendo com que ele use esta ferramenta da melhor maneira possível.⁶

Ressaltamos que tal fundamentação teórica nos será pertinente quando trataremos das oficinas aplicadas a professores de língua estrangeira.

1.4 Lexicografia teórica ou Metalexicografia

Neste tópico, veremos com mais ênfase um dos ramos da Lexicografia: a Lexicografia Teórica ou Metalexicografia, citada anteriormente. Welker (2008, p. 30) distingue sucintamente as duas vertentes dos estudos lexicográficos. Para o autor, a atividade da Lexicografia Prática é a elaboração de dicionários e os produtos são os dicionários, por isso, essa prática é também chamada de “arte”, “ciência”, “prática” e “técnica” por certos autores. A Lexicografia Teórica, também chamada de Metalexicografia, é a análise das questões que dizem respeito aos estudos de dicionários, como elaboração, crítica, uso e pesquisas da história da Lexicografia (Welker, 2004, p. 11). Por isso, é considerada de fato uma ciência e seus produtos finais são os conhecimentos adquiridos e divulgados.

A separação do termo Lexicografia em duas subáreas, uma com viés técnico e outra com viés científico, é também utilizada por Borba (2003, p. 15):

A lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto: (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc., (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes.

⁶ No original: “En primer lugar, es preciso ajustar la información presentada en las obras de referencia a las necesidades del usuario; para ello, es imprescindible realizar algunas innovaciones lexicográficas, pues sin ellas resulta imposible satisfacer dichas necesidades; y, en tercer lugar, es una labor conjunta del lexicógrafo y el profesor desarrollar las habilidades de referencia del usuario para que éste sea capaz de sacar el máximo provecho a una herramienta con múltiples posibilidades pedagógicas.” (Trad. nossa)

Para nosso trabalho, é essencial que entendamos os aspectos da Metalexigrafia⁷, já que nos propusemos a apontar como os dicionários de Língua Italiana trazem as ULs selecionadas para a pesquisa, apresentadas no capítulo 3.

A Metalexigrafia brasileira foi impulsionada, nos anos 90, pela criação do Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). A criação desse grupo de trabalho impulsionou diversos outros grupos de pesquisa na área de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, conforme Welker (2006, p. 4), que traça um panorama geral da metalexigrafia brasileira. O autor afirma o desenvolvimento desse campo, sobretudo na segunda metade dos anos 90 e mais ainda desde 2000, mostrando o crescimento de dissertações e teses voltadas à Lexicologia. Até o ano de 2006, tinham sido feitos 60 trabalhos, sendo 40 dissertações e 20 teses, sem considerar os trabalhos com alguma língua de especialidade.

Há certa confluência de ideias entre os autores Wiegand (1984), Quemada (1987), e Porto Dapeña (2002) sobre a delimitação do componente teórico da lexicografia, isto é, a metalexigrafia, segundo Fernández (2003, p. 42).

Para esse autor, o componente teórico se ocuparia dos princípios metodológicos que regem a prática ou a confecção de dicionários e do estudo científico dos dicionários do ponto de vista descritivo como: crítica dos dicionários atuais; uso do dicionário; estatuto sociocultural do dicionário; histórico – estudo evolutivo dos diferentes tipos de dicionários e dos métodos empregados para sua confecção.

Fernández (2003, p. 41) menciona Wiegand (1984) como responsável pela Teoria Geral da Lexicografia, núcleo fundamental da Metalexigrafia, dividida em quatro itens que, apesar de autônomos, se relacionam entre si.

O primeiro deles seria uma seção geral, que se atenta para as relações da teoria lexicográfica com o entorno social (atendendo às necessidades comunicativas e cognitivas da sociedade, diferenciando os tipos de obras lexicográficas de acordo com suas funções) e outras teorias (disciplinas linguísticas encarregadas do léxico).

O segundo é denominado como teoria da organização do dicionário, envolve as atividades de planejamento do dicionário; de determinação da base de dados e seu registro em arquivos; e de escrita dos textos lexicográficos.

⁷ Usaremos Metalexigrafia como sinônimo de Lexicografia Teórica.

A teoria da investigação lexicográfica sobre a linguagem é o terceiro item, cujo objetivo é classificar todos os métodos científicos que podem ser aplicados no domínio da Lexicografia. E, por último, a teoria da descrição lexicográfica, que apresenta uma espécie de tipologia geral das obras lexicográficas.

O lexicógrafo Quemada (1987; 1990) é citado por Fernández por seu estudo que distingue dois níveis no campo da Lexicografia: o nível lexicográfico e o dicionarístico. O primeiro preocupa-se com o recolhimento e a classificação do léxico em grandes bancos de dados. Esses dados seriam a base para se determinar a forma, a significação e as particularidades do emprego das peças léxicas. Segundo Quemada (1987, p. 235), esse nível pré-dicionarístico, somente de recolha e análise, é que deve ser nomeado de Lexicografia. O segundo nível, chamado dicionarístico, se ocupa de tudo que diz respeito ao dicionário, sendo este o objeto de estudo e sua concretização.

Essa denominação é justificada por Quemada (1987, p. 229) considerando a evolução dos estudos metodológicos sobre os dicionários e a inserção de computadores no processamento das linguagens. Para o autor, a palavra Lexicografia não seria adequada para indicar a realidade presente e, mais particularmente, a nova Lexicografia sem dicionários, uma Lexicografia informatizada. Assim, sugere o termo dicionarística, que abarca as abordagens teóricas, práticas, tecnológicas e comerciais dos dicionários.

Expõe ainda esse autor (1987, p. 235), que, ao lado de uma dicionarística prática, deve-se considerar também uma metodologia dicionarística e uma dicionarística teórica. As duas últimas, que compreenderiam a Metalexigrafia para outros autores, constituem o componente teórico da práxis lexicográfica ou confecção de dicionários. Nessa concepção, considerando que a denominação lexicográfica já não envolve mais o mesmo âmbito nocional, porque tudo o que se relaciona com o dicionário, inclusive sua confecção, passa para outro nível, Quemada (1987) afirma que o emprego do termo “dicionarística” justifica-se por completo, apresentando-se como mais uma disciplina do léxico.

Porto Dapeña (2002), também trazido por Fernández, diferencia a Lexicografia da Lexicologia, considerando serem ambas disciplinas autônomas, pois possuem finalidades distintas. No que se refere à Lexicografia, o autor a divide em Lexicografia Técnica e Científica. A primeira corresponde à elaboração de dicionários, e a segunda, a um estudo especial do léxico ou o estudo dos dicionários e de suas distintas facetas. A Metalexigrafia, como matéria autônoma, abarcaria tanto os aspectos teórico-metodológicos que regem ou subjazem a prática ou a confecção de dicionários, como o estudo descritivo ou histórico das

obras lexicográficas já realizadas, isto é, o dicionário concebido como objeto de estudo (FERNÁNDEZ, 2003, p. 43).

A consolidação da Lexicografia como disciplina científica não teria sido possível sem o desenvolvimento do componente teórico da Metalexicografia, marco teórico que possibilita a conversão do ofício do lexicógrafo em disciplina linguística (aplicada). Todos os autores coincidem nesse ponto, separando o lugar da Metalexicografia, que se ocuparia dos princípios metodológicos que regem a prática ou confecção de dicionários, de seu estudo científico do ponto de vista descritivo e histórico.

A partir dos princípios metalexicográficos, Andrade (2008, p. 49) aborda ocorrências de um mesmo vocábulo em mais de um dicionário, de maneira a poder estabelecer o cotejo entre eles quanto ao tratamento que lhes foi dado nas diferentes obras. Para a pesquisa, o autor seleciona oito dicionários: *Vocabulario Portuguez e Latino*, de Raphael Bluteau; *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Antonio de Moraes Silva; *Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa*, de Domingos Vieira; *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete; *Novo dicionário da Língua Portuguesa* (1949), de Cândido de Figueiredo; *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa* (1954), Laudelino Freire; *Dicionário Aurélio Século XXI* (1999), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), de Antônio Houaiss. O autor tem por objetivo apresentar, sucintamente, uma descrição das estruturas, uma síntese das introduções e a investigação de alguns aspectos lexicográficos de poucas ULs, acompanhados por um breve comentário sobre as obras que evidencia semelhanças e diferenças de abordagem dos dicionários.

Desta forma, baseando-nos em comentários do livro, podemos notar que o modo como são colocadas as definições das ULs selecionadas, em cada dicionário, ilustra exatamente a prioridade de cada obra quanto à predileção de itens referentes à microestrutura⁸, como: inserção da etimologia e da classe de palavras; descrição do termo dentro de linguagens de especialidades; indicação de brasileirismos e gírias; dentre outros. É importante percebermos que, por meio da análise de dicionários ou da dicionarística teórica, como cita Quemada (1987), é possível materializar os princípios e a técnica lexicográfica que norteiam a construção do dicionário. O estudo cronológico das obras acima elencadas mostrou que, sistematicamente, os dicionários vão se construindo à medida que as preocupações com o estabelecimento da

⁸ No próximo capítulo, detalharemos esta nomenclatura.

Lexicografia, enquanto ciência, vão conquistando mais espaço dos estudiosos da linguística e áreas afins.

Conforme Henriques (2011, p. 22), com o desenvolvimento da Metalexigrafia, podemos ampliar a possibilidade de análise crítica dos dicionários e aprofundar a compreensão em torno de sua diversidade e de suas características, inclusive ideológicas. A organização dos verbetes dos dicionários apresenta informações importantes sobre cada significante; sendo uma obra ao alcance de todos, é importante contemplar as necessidades do consulente, pois é o dicionário que nos fornece uma imagem do léxico.

Assim, qualquer que seja o resultado da obra elaborada pelo lexicólogo/lexicógrafo ou terminólogo/terminógrafo (nomes dados aos especialistas da área dos estudos do léxico), um dicionário tem o objetivo de levar ao seu leitor informações desconhecidas ou esquecidas. Por isso, elaborar e publicar dicionários é realizar um trabalho de utilidade pública, que serve ao homem comum e ao intelectual, ao estudante e ao pesquisador, disseminando o conhecimento e a cultura. (HENRIQUES, 2011, p. 29)

1.5 O papel social e ideológico do dicionário

Para que consigamos conviver em grupo, a sociedade vigente estabelece suas regras e seus padrões e, para cada época, temos uma ética e uma moral distinta. Para Esteves (2012, p. 2) a ética é empregada no sentido de escolha de um modo de agir e a moral é o conjunto de costumes, regras e tabus que regem determinado grupo social. Neste capítulo, veremos como a escolha da definição apresentada em obras lexicográficas pode transparecer a visão ética e moral do lexicógrafo⁹ diante dos verbetes.

Sabemos que o dicionário, como nos é apresentado hoje, é uma obra que circula não só em estantes escolares como também em meios jurídicos, acadêmicos e políticos. Sendo assim, traz um compromisso em trabalhar com entradas e acepções consideradas “politicamente corretas” diante da sociedade. De acordo com Biderman (1997, p. 163), a língua escrita é mais privilegiada culturalmente em comparação à língua falada, geralmente divergente da norma sociocultural, e é considerada depositária da herança cultural. Em consequência, a primazia dada à língua escrita explica-se facilmente, sendo o dicionário um acervo lexical da cultura.

⁹ Segundo Welker (2004, p.11), o lexicógrafo é quem produz um dicionário.

A presença ou ausência de determinadas entradas¹⁰, a maneira como elas serão definidas, a seleção de exemplos dentro de contextos de uso, o emprego de ilustrações, todos esses são critérios que, dependendo do modo como são elucidados, deixam transparecer a posição do dicionarista quanto à obra que, de caráter normativo e descritivo, não é neutra e há julgamentos até mesmo inconscientes, por parte de seu elaborador. Como afirma Borba (2003, p.307):

Não existe texto neutro quanto à ideologia, entende-se esta como um conjunto de ideias, opiniões, valores, crenças, etc. [...] Quem fala ou escreve pretende sempre colocar [sugerir, propor, impor, inculcar], mesmo que implicitamente, seu modo de ver e sentir o universo, seus pontos de vista e suas convicções, seu sistema de crenças etc. [...] E é pelo léxico que se pode avaliar a ideologia vigente num determinado grupo social em determinada época. (BORBA, 2003, p. 307)

Tendo em vista que o léxico é concretizado dentro de uma determinada época e determinada cultura, trazemos um exemplo recente da polêmica, ocorrida em 2012, em torno do verbete “cigano”, dentro da obra *Houaiss* versão eletrônica. Segundo Kasama (2015, p. 14), o procurador federal do estado de Minas Gerais, Cléber Eustáquio Neves, entrou com ação, em fevereiro de 2012, contra a editora Objetiva (responsável pela edição da obra), com alegação de que o dicionário feria a etnia dos ciganos, devido à descrição nas seguintes acepções: “5 (1899) *pej.* que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador 6 *pej.* Que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina” (HOUAISS, 2001 apud KASAMA, 2015). A fim de se evitar mais discussões, o verbete “cigano” deixou de ser lematizado¹¹, em Março de 2012, dentro da versão *on-line*. Na busca, o consulente se deparava com a seguinte mensagem: “A palavra cigano não foi encontrada”.

Diante de tal discussão, percebemos que as acepções 5 e 6 carregam em si uma ideologia marcada com um parecer pejorativo, rompendo a moral de um povo, que poderá influenciar a ideia de seu consulente.

Fica claro no exemplo que o lexicógrafo, enquanto sujeito social, inevitavelmente trará para o seu texto (o dicionário) ideias e concepções reinantes da sociedade de que faz parte. Assim, concordamos com Camacho ao dizer que:

¹⁰ Para entrada, considerar a noção de lematização, isto é, cada verbete disposto dentro da obra. Lara (1997, p. 121) considera as entradas como unidades de recuperação de informação lexicográfica.

¹¹ Segundo Welker (2004, p. 33), lematizar significa arrolar no dicionário como lema, como entrada, dar ao lexema a forma que ele costuma ter como entrada, no caso dos verbos, por exemplo, a forma no infinitivo.

No nosso entender, a voz de um lexicógrafo revela muito mais que um temperamento individual, mas sim toda uma gama de interpretações sociológicas e culturais de uma época, uma identidade e um imaginário social, enquanto o homem se reflete nelas. (CAMACHO BARREIRO, 2003–2004, p. 36, tradução de Deni Yuso Kasama)¹²

É evidente que em diferentes momentos da história, nota-se a predominância de certas formas de dicionários e de determinadas relações com os saberes linguísticos da época (NUNES, 2008, p. 359). O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, mencionado acima, retirou de seu verbete uma de suas 8 acepções, datada de 1899, usada como explicação da etnia cigana, por demonstrar preconceito quanto à cultura de um povo.

Vemos que, devido ao episódio da ação judicial, tanto lexicógrafos quanto editoras estão mais atentos a possíveis situações de confronto entre definições pejorativas. O termo “tribos indígenas”, que apresenta um caráter depreciativo por demonstrar uma visão colonialista, usado no dicionário Aurélio de 1986, foi substituído por “povos indígenas” na versão de 1999, como explica Borba (2003, p. 309).

Partindo para o campo da análise do discurso, Nunes (2008) procura mostrar as condições socioculturais das produções lexicográficas, tratando o lexicógrafo como sujeito em sua posição discursiva e não como um referente neutro.

Além disso, ao selecionar as palavras e os modos de dizer de uma sociedade, o dicionário é um dos materiais mais pertinentes para se conhecer as significações que circularam em uma determinada época. A análise discursiva mostra que isso não é feito sem posicionamentos ideológicos e posições sustentadas na história das ideias linguísticas. (NUNES, 2008, p. 360)

Trazendo essa discussão para nosso trabalho, as unidades lexicais “gato”, analisada na versão eletrônica do dicionário *Houaiss* (2009), e “gatto”, analisada em *De Mauro* (2000), evidenciam a ideologia dos valores culturais mais evidentes na obra de *Língua Portuguesa* e na de *Língua Italiana*. *De Mauro* traz ainda na sua primeira definição, como exemplo de uso, os exemplos: “malandro como um gato ou, também, preguiçoso, desconfiado como um gato”¹³. O *Houaiss* traz a designação de um indivíduo ligeiro e esperto na sua segunda acepção e um sentido depreciativo, como regionalismo, na acepção 13: “*Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Sul do Brasil. ladrão, gatuno*”.

É sabido que este animal foi tido por muitos anos como símbolo de traição e inimizade e que esses traços culturais, mesmo apresentados de forma mais eufêmica, ainda perpetuam se

¹² No original: “A nuestro juicio, la voz de un lexicógrafo revela mucho más que un temperamento individual y sí toda una gama de interpretaciones sociológicas y culturales de una época, una identidad y un imaginario social, en tanto el hombre se refleja en ellas.”

¹³ No original: “Furbo come un gatto o, anche, pigro, diffidente come un gatto.” (Trad. nossa)

considerarmos a forma pejorativa descrita na acepção das línguas tanto italiana como portuguesa. Por outro lado, os adjetivos que descrevem o animal em Língua Portuguesa parecem ser menos depreciativos, visto que estão dentro de um regionalismo. A ideia de malevolência deste animal se perpetuou na Antiga Idade Média, época não vivida pelos brasileiros, devido a sua história mais recente do que a Europeia. Talvez por isso, a imagem de um ser preguiçoso e espertalhão ainda perpetue na obra italiana, demonstrando, assim, o papel ideológico inerente nas obras lexicográficas.

1.5.1 A visão social dentro de alguns aspectos lexicográficos

Alguns signos linguísticos denotam um significado universal quando traduzidos para outros idiomas, outros carregam consigo fortes marcas culturais e convencionais que extrapolam seu caráter lexical para adentrarem em um nível pragmático pertencente a cada realidade onde são inseridos.

Para que fique nítida a diferença semântica entre as unidades lexicais de cada língua, Lara (2006) propõe a teoria da percepção, na qual divide os signos em quatro estratos: estereótipos, protótipos, culturais e científicos. Um esquema claro de objeto comum aos seres humanos, constituído a partir de suas relações em comum, pode ser caracterizado como protótipo: “a primeira camada da formação do significado é constituída por configurações de caráter perceptual, construídas a partir de vários esquemas de conhecimento.” (LARA, 2006, p. 92).¹⁴

A exemplificação dada pelo autor é a relação que fazemos quando pensamos em uma cadeira, mesmo que haja formas e cores diversificadas deste artefato, a mais típica e usual será a forma quadrada com o apoio retangular, que é o primeiro reconhecimento perceptual feito pelo cérebro humano, mesmo sabendo que todas as outras formas apresentem um sema¹⁵ em comum: objeto que serve de apoio para alguém, geralmente feito por material sólido e firme.

A esfera cultural pode ser exemplificada com entidades que têm sua base no discurso construído pelo imaginário humano. Atualmente, todos têm em mente a figura de um dragão e de um vampiro, por exemplo, mas só foi possível chegarmos a esse reconhecimento por meio

¹⁴ No original: “el primer estrato de la formación del significado está constituido por configuraciones de carácter perceptual, construídas a partir de diversos esquemas de conocimiento.” (Trad. nossa)

¹⁵ Chamada por Galisson & Coste (1976, p. 485) como análise sêmica ou análise componencial, evidencia os traços semânticos de um lexema. Tal teoria será aprofundada no próximo item.

das representações herdadas de seu significado dentro de uma cultura verbal, mesmo que dentro de cada recorte do tempo eles adotem formas e perfis diferentes, delimitados pelas necessidades de sua representação da época em que estão inseridos.

Quanto ao significado científico, temos uma decisão tomada a partir de certa experiência científica que adota um sentido preciso: “a estipulação ou a definição precisa do significado de uma palavra, orientadas a uma designação unívoca de um objeto, constituem a quarta camada da formação do significado: a camada do termo técnico”. (LARA, 2006, p. 105).¹⁶

Ressaltaremos a segunda camada, chamada estereótipo, para explicar duas expressões voltadas ao tema “animais de estimação”. Para isso, é preciso termos em mente que tal camada é representada pelo sentido do signo dentro de cada comunidade e que, por isso, varia de acordo com sua visão estereotipada de sociedade. A própria expressão de Língua Portuguesa “animais de estimação” pode ser inserida dentro desta camada do signo. Analisando seus respectivos equivalentes em Língua Italiana e em língua espanhola temos: “animali domestici” e “animales domésticos” ou “mascota”. Pode-se notar que, em português a expressão conta com um traço mais afetivo e carinhoso. Tratar um animal como um ser estimado enaltece sua condição, diferenciando-o dos demais animais domésticos, entre os quais podemos englobar tanto cães e gatos como qualquer outro animal que possa viver neste ambiente.

Em anúncios de organizações não governamentais que tratam especificamente de assuntos voltados a maus tratos e abandono de animais, vemos facilmente *slogans* como: “gatinhos perdidos já estão prontos para adoção”. Entretanto, a visão de um falante de Língua Italiana é oposta a nossa ao encontrarmos uma ninhada desses filhotes nas ruas, por exemplo. Em italiano, diz-se “*gattini trovatelli*” que, em português, significa “gatinhos encontrados”. Esse exemplo deixa claro que, na visão de um italiano, os gatinhos já não se encontram mais perdidos, diferente de um brasileiro, que ainda os considera abandonados. “O estereótipo tem, portanto, três características: a) Se constrói socialmente e é o que determina a pertinência social do significado; b) É temporariamente verdadeiro; e c) Determina a correção de muitas expressões.” (LARA, 2006, p. 99).¹⁷

¹⁶ No original: “La estipulación o la definición precisa de um significado de uma palabra, orientadas a una designación unívoca de um objeto, constituyen el cuarto estrato de la formación del significado: el estrato del término técnico”. (Trad. nossa)

¹⁷ No original: “El estereotipo tiene, en consecuencia, três características: a/ se construye socialmente y es el que determina la pertinencia social del significado; b/ es temporalmente verdadero, y c/ determina la corrección de muchas expresiones”. (Trad. nossa)

1.6 Campos semânticos

No título de nosso trabalho, usamos a denominação “campo semântico dos animais de estimação”. Para que fique clara a atuação de nossos estudos, é importante esclarecer o porquê dessa nomenclatura. Para Marengo (1996, p. 117) “um campo semântico (também chamado de campo lexical) é um conjunto de unidades lexicais conectadas por relações sintagmáticas e paradigmáticas. Entre os campos mais estudados nas várias línguas há os nomes de parentes e os nomes relativos às cores.”¹⁸

Como pudemos ver na citação de Marengo (1996) Geralmente, campo semântico também pode ser denominado como campo lexical, já que não há uma grande diferença entre essas duas definições. Welker (2004, p. 33) aborda o campo semântico como a união de palavras que tem o mesmo princípio semântico, isto é, os elementos que fazem parte de um mesmo bloco de significados e as palavras que o compõem são chamadas de campo léxico, assim temos:

Por exemplo, chuva, neve, neblina, tempestade etc. Constituem o campo léxico do campo semântico ‘fenômenos atmosféricos’, armário, mesa, cadeira, etc. Constituem o campo léxico do campo semântico ‘móveis’. Ao denominador comum, ou componente semântico identificador de campo, muitas vezes, corresponde um hiperônimo (arquilexema)¹⁹, por exemplo, móveis. (WELKER, 2004, p. 33)

Na nossa área de estudos, segundo o que afirma Welker (op. cit.), podemos dizer que cachorro, gato, comedouro, ração, banho e tosa, coleira, casinha etc., fazem parte do campo semântico “animais de estimação”.

São os aspectos nocionais do significado das palavras que caracterizam de modo geral os campos lexicais. Para Ilari (2002, p. 39). O autor define campo lexical como um grupo de palavras que nomeiam um conjunto de experiências análogas. Para a organização de um campo lexical são necessários ao menos dois recursos: a chamada análise componencial e a análise por protótipos.

A análise componencial, ainda citando Ilari (2002), parte do princípio de que a significação das palavras pode ser decomposta em unidades menores (geralmente chamadas de “componentes” ou “traços semânticos”) e que as unidades encontradas na análise de uma

¹⁸ No original: “Un campo semantico (detto anche campo lessicale) è un insieme di unità lessicali connesse da relazioni sintagmatiche e paradigmatiche. Fra i campi più studiati nelle varie lingue ci sono quello dei termini di parentela e quello dei termini di colore”.

¹⁹ Para Welker (2004, p. 27), o conjunto de semas que aparecem em diversos sememas formam um arquissemema e este se manifesta (geralmente, mas nem sempre) como arquilexema.

determinada palavra podem reaparecer em outras palavras. Seria possível, dessa maneira, verificar o que duas ou mais palavras têm em comum, realizando operações que lembram a fatoração da aritmética. No exemplo dado pelo autor, a palavra “quadrado” é esmiuçada em partes que designam as características do objeto, que é uma figura geométrica, plana, com ângulos e lados iguais etc. Consequentemente, o objeto que apresentar algumas dessas características (traços semânticos) pertencentes ao quadrado fará parte do mesmo campo lexical da palavra “quadrado”.

Na análise por protótipo, como o próprio nome já diz, procuramos identificar tipos que representem da melhor forma toda uma categoria, como se fosse um modelo, e entender os demais elementos da categoria a partir da experiência de formas prototípicas. Para a categoria dos pássaros, por exemplo, se tomarmos como modelo o pardal e identificarmos quais são os outros animais dessa categoria que mais se assemelham a ele, perceberemos que o sabiá e o canário são, sem dúvidas, pássaros, porém o peru e o pavão não poderiam se enquadrar nessa categoria por apresentarem elementos muito distintos daquele que tiramos como protótipo.

A autora Barros (2004, p. 112) não menciona campo lexical, como os autores acima. Distingue duas formas de sistemas, o conceptual (campo nocional, campo conceitual) e o campo semântico, que devem ser analisados com base em considerações diferentes. “O campo conceitual pode, então, ser visto como um subconjunto de um sistema de conceitos maior, sendo ele mesmo um sistema de conceitos” (BARROS, 2004, p. 12). Dentro dessa teoria, a palavra “mesa”, por exemplo, pode ser estudada do ponto de vista das relações que existem entre este e outros designativos de móveis de uma casa, de um escritório, de uma cozinha, por exemplo. Assim como a palavra “mãe”, que estabelece uma relação de parentesco relacionando-se com pai, filho, sogra etc.

No campo semântico, a base se dá em uma concepção polissêmica; se usarmos o mesmo exemplo da palavra “mesa”, dentro desse ponto de vista, é necessário que todas as significações possíveis para o móvel sejam consideradas. No caso da palavra “mãe”, ocorre a mesma situação; diferentemente do ponto de vista conceptual, que estabelece um parentesco com os demais componentes da família, no campo semântico todas as denominações de “mãe” devem ser privilegiadas, apesar de nem todas elas estabelecerem um grau de parentesco, como “mãe-pátria”, por exemplo.

1.7 Polissemia e homonímia

Dentro das definições analisadas na presente dissertação, consideraremos os conceitos de homonímia e polissemia a fim de averiguar como as três obras de referência lidam com esse aspecto. Sabemos que, quando as ULs dos dicionários são tratadas como homônimas, se encontram dispostas em entradas diferentes, geralmente enumeradas. Em contrapartida, quando são polissêmicas, admitem o uso de uma mesma entrada para definir a UL. Como afirma Escribano (2003, p.108):

Geralmente considerou-se que duas palavras homônimas (ou melhor, homógrafas²⁰) devem ser lematizadas em entradas distintas, enquanto que os diferentes sentidos de uma palavra devem ser inseridos com acepções diferentes em um mesmo verbete lexicográfico.²¹

A afirmação acima reitera que, para palavras consideradas polissêmicas, espera-se uma lematização dentro da mesma entrada, mas como acepções diferentes. Partindo da aplicação de palavras polissêmicas e homônimas, dentro dos dicionários, vejamos o parecer de alguns autores quanto a esse conceito. Para Haensch (1982, p. 299), a homonímia consiste na igualdade dos significantes de duas ou mais palavras que possuem significados diferentes; já a polissemia é um fenômeno que consiste na reunião de vários significados em uma só palavra.

Welker (2004, p. 28) explica a distinção da polissemia com a homonímia dentro do conceito de semas²². Quando a UL apresenta semas em comum, ela é considerada polissêmica e, quando não há relação de significados entre elas, consideramos as relações homonímicas: “polissêmico não significa ‘que tem muitos semas’, e sim ‘que tem vários significados’. A grande maioria dos lexemas é polissêmica; em geral, só termos técnicos são monossêmicos, ou seja, têm um único significado” (WELKER, 2004, p. 28). Quanto à homonímia, “é o fato de um lexema possuir dois ou mais significados sem que haja nenhuma relação entre eles, ou seja, nenhum sema em comum (por exemplo, manga <de camisa>, manga <fruta>)”.

²⁰ Palavras com a mesma grafia e mesma pronúncia, mas com significados diferentes. Ex.: bota (calçado) e bota (verbo botar); calça (verbo calçar) e calça (roupa).

²¹ No original: “Generalmente se ha considerado que dos palabras homónimas (o mejor, homógrafas) deben lematizarse en entradas distintas, mientras que los diferentes sentidos de una palabra deben tener cabida como acepciones diferentes en un mismo artículo lexicográfico.” (Trad. nossa)

²² Para o autor, o sema faz parte das relações semânticas feitas dentro de palavras que possuem um sentido parecido ou igual, um conjunto de semas é chamado de semema. Essa concepção de Welker (2004) está dentro da teoria do signo linguístico de Pottier (1978), na qual o conjunto de traços distintos de significação é chamado semema e cada traço é um sema.

Barbosa (1997, p. 8), anteriormente a Welker (2004), já mencionava o conceito de semas para diferenciar a polissemia da homonímia e afirma ser a maioria dos signos de caráter polissêmico:

Com efeito, se considerarmos o termo sema como um traço ou atributo semântico, o semema como um conjunto de semas, dificilmente poderá um signo ser caracterizado como monossêmico, ou seja, detentor de um significado que contenha apenas um sema, mesmo que se encontre numa situação ou numa norma discursiva bem definidas. Ainda assim, será polissêmico, embora monossemêmico – caracterizado por um único semema. (BARBOSA, 1997, p. 8)

Tratando-se ainda da questão polissêmica, a autora também afirma ser mais recorrente a possibilidade de obtermos ULs que comportem um único semema dentro dos léxicos especializados:

A polissemia corresponde à presença de mais de um semema no interior de um lexema. Os lexemas polissêmicos opõem-se, assim, aos lexemas monossemáticos, que comportam um único semema (e que caracterizam, sobretudo, os léxicos especializados: técnicos, científicos etc.). A polissemia, entretanto – afora o caso de pluri-isotopia²³ –, existe somente em estado virtual (“em dicionários”), pois a manifestação de um lexema dessa espécie, inscrevendo-o no enunciado, elimina a ambiguidade, realizando um de seus sememas. (BARBOSA, 1997, p. 8)

Barbosa (1998) exemplifica melhor essa questão da monossemia em termos técnicos. A UL “peça” dentro do universo teatral, conseqüentemente vocábulo/termo, mostra um significado bem específico, sendo assim monossemática. Diferentemente, a mesma palavra empregada em nível de sistema admite duas acepções, “peça” em mecânica e “peça” dos autos, considerando o direito processual, por exemplo, portanto considerada polissêmica.

Encontrar traços semânticos em comum dentre as palavras a serem lematizadas como polissêmicas causa várias dificuldades para o autor do dicionário. Segundo Biderman (1984b, p. 36), é preciso atenção e bom senso do lexicógrafo para compreender atentamente “o leque de significados da palavra polissêmica, procurando captar os traços semânticos que distinguem os vários sentidos de um vocábulo”. Caso a palavra tenha dois ou mais sentidos prevaletentes, é preciso que sejam enumerados de maneira distinta e clara. A autora aconselha o uso de algarismos romanos e depois algarismos arábicos, letras ou outros símbolos na hierarquização dos significados.

²³ As isotopias consistem na propriedade que têm os enunciados de serem substituídos por equivalentes no plano do conteúdo, embora sejam diferentes no plano da expressão. Por exemplo, em: *A festa estava magnífica, pessoas elegantes, comida excelente, ambiente requintado*, assinala-se quatro vezes a apreciação da festa. Também há isotopia num plano metalinguístico: *Estou com cefalalgia. Cefalalgia quer dizer dor de cabeça*. Aqui, cefalalgia e dor de cabeça são isotópicos. (Fonte: Dicionário Michaelis online)

1.8 Denominações de “palavra”: unidade lexical, item lexical, lexia simples, lexia composta, unidade terminológica, unidade lexical especializada, lexia, vocábulo, lexema e lema

A escolha deste item em nosso trabalho se dá pela complexidade existente quanto à denominação de “palavra”. Biderman (1999, p. 81) diz ser o conceito de palavra um problema complexo em Linguística, não sendo possível definir a palavra de modo universal. O que sabemos é que uma palavra é mais do que uma unidade da linguagem falada ou escrita, “é a partir dela que as entidades da realidade podem ser nomeadas e especificadas. A denominação dessas realidades cria um universo significativo revelado pela linguagem” (Biderman, 1998, p. 88). A autora ainda restringe a atividade de nomear, utilização da palavra para designar os referentes extralinguísticos, à espécie humana.

Para nossa pesquisa, escolhemos a designação unidade lexical (UL), empregada também por Krieger (2011, p. 444) e Zucchi (2010, p.24). Além de UL, Krieger e Bevilacqua (2005, p. 4) citam a unidade lexical especializada, que se volta à questão do termo. Sanromán (2001, p. 256) também utiliza a designação UL; porém, o que Krieger e Bevilacqua (2005) descrevem como unidade lexical especializada, o autor nomeia como unidade terminológica, afirmando que, por terem um objetivo em comum, não há grandes diferenças entre uma UL e uma unidade terminológica.

A capacidade de apreender a realidade e estruturá-la, reduzindo-a a conceitos, é uma característica das línguas tanto para fins específicos como para fins gerais. Em relação à capacidade de categorização, não existem grandes diferenças entre a UL e a unidade terminológica (IRIARTE SANROMÁN, 2001, p. 257).

Assim como Sanromán (2001), Barros (2004, p. 124) também nomeia os termos como unidades terminológicas. Zavaglia (2012, p. 234) trata como sinônimos os termos item lexical, item léxico, unidade lexical e unidade léxica. Alguns autores como Borba (2003, p. 22) adotam o termo lexia para referir-se a diferentes tipos de palavras e conjunto de palavras.

De acordo com Borba (2003, p. 22), do ponto de vista da estrutura mórfica, há lexias simples e complexas. São simples as lexias formadas por uma única forma livre (cara, porto, vento) e complexas as que combinam mais de uma forma livre (porta-luvas, mal-me-quer, João-de-barro) ou uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa (desconsolo, incontrolável).

Apesar de Borba (2003) usar lexia como sinônimo de lexema, Welker (2004, p. 20) diz que o termo lexia é pouco divulgado internacionalmente, sendo preferido lexema.

Diversos autores entendem que o lexema é uma palavra ou parte de uma palavra que tem significado próprio (casa, dormir); são as chamadas palavras “autosemânticas”; não são consideradas lexemas as palavras “sinsemânticas”, que não têm significado próprio: aquelas que estabelecem relações (conjunções, preposições) ou apenas se referem a outras palavras (artigos e pronomes). Estas, consideradas morfemas gramaticais ou gramemas, pertencem a inventários fechados; os lexemas, ao contrário, pertencem a inventários abertos. (WELKER, 2004, p. 21)

Barbosa (1996, p. 40) diz ser o lexema uma unidade-padrão do dicionário de língua, tem um significado abrangente e constitui uma unidade de sistema. Borba (2003, p. 46), apesar de não empregar o termo lexema em sua obra, distingue as palavras entre aquelas lexicais e gramaticais.

Por aí se vê como o léxico total se compartimenta em dois subconjuntos – o das palavras lexicais e o das palavras gramaticais. As primeiras são aquelas que relacionam o sistema de noções da língua com o mundo exterior, uma vez que cada item desse sistema é uma representação da realidade extralinguística. As segundas constituem-se de um sistema de noções que se realizam no interior do sistema. (BORBA, 2003, p. 46)

Para Barbosa (1995, p. 26), o lexema é polissêmico na maioria das vezes, o vocábulo apresenta um significado restrito e caracterizador de um universo de discurso. A autora (1996, p. 40) ainda define vocábulo e/ou termo como uma unidade padrão de um vocabulário técnico científico ou especializado, sendo esses integrantes do universo de discurso.

Para Mel’cuk (1995, p. 155 apud WELKER, 2004, p. 23), vocábulo é o conjunto de lexias e uma lexia normalmente se entende por acepção de uma palavra. No dicionário, há um verbete para cada acepção/lexia; esses verbetes estão reunidos num chamado “superverbete”. Exemplo disso é a palavra (como significante) “coelho”, que é um vocábulo dividido em três acepções/lexias (o animal; a carne desse animal; a pele desse animal), e a cada uma dessas lexias é dedicado um verbete. Uma lexia consiste em um lexema (palavra) ou em um frasema (fraseologismo). Deste modo, podemos concluir que a lexia se mostra e se atualiza dentro do discurso, diferentemente do lexema que é uma forma não realizada e, por isso, costuma-se dizer que é a forma presente dentro dos dicionários.

Para finalizar este item, definimos o termo lema como sinônimo de entrada de verbete, palavra entrada ou simplesmente entrada (WELKER, 2004, p. 33). Assim, entrada e lema são as formas canônicas, o modo como as palavras são elencadas dentro do dicionário. Nas palavras do autor, “lematizar significa arrolar no dicionário como lema, como entrada”, o que

implica, ao mesmo tempo, dar ao lexema a forma que ele costuma ter como palavra-entrada, isto é, no caso dos verbos, por exemplo, a forma do infinitivo.

2 ASPECTOS ESTRUTURAIS DOS DICIONÁRIOS

2.1 Tipologia das obras lexicográficas

Apesar de nosso trabalho partir da análise de dicionários monolíngues de Língua Italiana, julgamos pertinente descrever brevemente outros tipos de obras lexicográficas a fim de apresentar a diversidade de dicionários e de suas especificidades.

A divisão entre os modelos lexicográficos não é bem definida e há uma grande diversidade de conceitos entre os autores. Conforme afirma Parreira (2007, p. 283), a classificação das obras lexicográficas é muito complexa devido, especialmente, ao posicionamento teórico com a prática do lexicógrafo e, por essa razão, não há um consenso entre os teóricos que apresentam classificações diferentes. Haensch (1982, p. 95) afirma que muitos autores tentam estabelecer uma classificação mais ou menos rigorosa dos tipos de obras lexicográficas, porém esta é uma tarefa muito difícil de realizar por estarem em evidência fatores não só linguísticos, mas também históricos e culturais.

Biderman (2001, p. 131) divide os dicionários monolíngues em: ideológicos, especializados, etimológicos, históricos e terminológicos. Welker (2004, p. 35) aponta que o enfoque dado às obras é o fator que as diferencia quanto a sua tipologia. Nessa perspectiva, sugere a distinção entre os dicionários monolíngues e bilíngues e entre dicionários gerais e especiais, propondo fazer parte deste último obras históricas, diacrônicas, onomasiológicas, dentre outras. Para o autor, os dicionários tidos por gerais seriam os caracterizados por serem alfabéticos e da língua contemporânea, incluindo, sobretudo, os lexemas da língua comum.

Ainda que haja inúmeros fatores que ocasionem a divisão e a classificação das obras lexicográficas e uma vasta teoria sugerida para tal tipificação, elucidaremos aquelas que condizem com nosso trabalho, como nos itens a seguir.

2.1.1 Dicionários especializados

Assim como Krieger e Finatto (2004, p. 127), entenderemos dicionário especializado como sinônimo de dicionário terminológico. A partir da própria designação, podemos dizer em

linhas gerais que a peculiaridade de tal obra é a especificidade dos verbetes nele usados, isto é, o uso de elementos integrantes de uma linguagem técnico-científica. Como sugere Barros, os dicionários terminológicos incluem conceitos de uma área específica:

Por obras lexicográficas, entendemos os dicionários de língua, os dicionários especiais e outros que registrem unidades lexicais em todas as suas acepções que possam ter um sistema linguístico. Por obras terminológicas, entenderemos os dicionários terminológicos (ou vocabulários) que contêm o conjunto de termos de um domínio especializado (de uma técnica, uma ciência, uma profissão etc.). Todo tipo de obra lexicográfica ou terminológica pode ser chamada, de modo genérico, de *repertório* ou *dicionário*. (BARROS, 2004, p. 133)

A nomenclatura do dicionário terminológico é um dos principais pontos de diferença entre esta obra e uma que trabalha com a língua comum. Para Krieger e Finatto (2004, p. 131), os verbetes podem ser apresentados em ordem tanto temática e subtemática, quanto alfabética, sendo esta última a mais usual. Os termos constituídos por sintagmas são mais numerosos em relação àqueles que são formados por uma só palavra. A categoria gramatical predominante nas entradas é o substantivo e há omissão de termos em desuso ou obsoletos, diferentemente dos dicionários de língua geral, que incluem desde formas do linguajar popular até palavras cultas de uso acadêmico, ou seja, tende a abarcar a totalidade de palavras que compõem o vocabulário de uma língua, usado na época de sua elaboração.

Mesmo sabendo que os dicionários de língua geral se ocupam em organizar e classificar as ULs da língua comum, Krieger e Finatto (2004, p. 133) chamam a atenção para a tenuidade existente entre a língua de especialidade e a língua comum, fato já discutido no item 1.2 do presente trabalho. As referidas autoras afirmam que muitos termos de áreas de especialidade fazem parte do conjunto de entradas de dicionários de língua geral e, embora não seja possível uma estimativa precisa sobre o número exato de léxicos especializados dentro de obras não terminológicas, conforme Boulanger e L'Homme (1991, p. 25) esse número pode chegar a 50%.

Mediante tal constatação sobre a inclusão de termos dentro de dicionários de língua geral, Sanromán (2001, p. 353) afirma ser este uso de especificidades da linguagem, dentro de dicionários de língua geral, um dos empecilhos para a distinção das obras lexicográficas:

Como poderemos observar, e como já foi advertido, algumas etiquetas poderão aparecer em mais do que um ponto: c) Registro: usos específicos da linguagem. Trata-se da informação relativa às áreas de conhecimento, matéria ou especialidade, usos tecnolectais etc., que tradicionalmente aparecem etiquetadas nos dicionários como BIOLOGIA, BÍBLIA, CULINÁRIA, NÁUTICA, etc. Será a presença deste tipo de informação nos dicionários de língua que, na prática, vai dificultar a distinção entre os chamados dicionários especializados ou terminológicos e os dicionários de língua. Da

mesma maneira que, como vimos, resulta impossível estabelecer uma fronteira entre enciclopédia e dicionário de língua, pensamos que não é possível diferenciar entre dicionários terminológicos ou especializados e dicionários de língua, uma vez que, seguindo Lerat (1995: 20), entendemos que a língua de especialidade é uma língua natural considerada como vetor de conhecimentos especializados.

Salientamos que as etiquetas mencionadas em Sanromán (2001) são nomeadas por nós como marcas de uso. Aubert (1996, p. 43) cita este tipo de obra de referência como dicionários de especialidade. Para o autor, eles se caracterizam como produtos de especialistas, contendo o termo, sua definição e, eventualmente, observações quanto à área de aplicação, restrições de uso e demais comentários, bem como citações bibliográficas que correspondem, em grande medida, a um levantamento terminológico.

Se nos parece óbvio que um dicionário especializado é utilizado, sobretudo, por especialistas do domínio, por outro lado, é também evidente que um especialista domina, em princípio, razoavelmente bem a terminologia da sua especialidade; o uso do dicionário será para ele pontual e apenas para esclarecer dúvidas relativas a conceitos muito específicos. Certamente, num mundo globalizado como hoje, a transmissão de conhecimentos nas diversas línguas e nos diversos níveis de especialização torna-se imprescindível. Esta situação nos leva a dois tipos de utilizadores de dicionários especializados: tradutores e interpretes, que dependem de equivalentes precisos para seus trabalhos; e outros profissionais como jornalistas, editores e repórteres, cujo trabalho busca a transmissão e a divulgação de conhecimentos que satisfaçam um público que, apesar de não especialistas, se interessa pelas temáticas em foco. Como sugere Krieger:

No caso da Terminologia, as contribuições da área podem se multiplicar, sem deixar de assumir contornos específicos. Vale dizer, a sociedade atual, tecnológica, globalizada e de economia de mercado necessita, cada vez mais, de organização e divulgação das terminologias que a afetam. E isso abarca o universo social, científico, administrativo, empresarial entre outras dimensões da contemporaneidade que necessita e pode se beneficiar da produção de léxicos, glossários e bancos de dados terminológicos. (KRIEGER, 2010, p. 173)

Em nossa análise, perceberemos até que ponto as ULs escolhidas para a pesquisa fazem parte de uma linguagem especializada, ponto central de um dicionário temático ou especializado. Devemos ponderar se as unidades que se registram como termos são realmente representativas do conhecimento de uma área do saber e se demonstram algo para o usuário da obra ou para o usuário da base de dados que se organiza (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 129).

2.1.2 Dicionários temáticos

Diante da teoria apresentada até então, sabemos que, de um modo geral, a Lexicologia se ocupa do chamado léxico geral, enquanto a Terminologia engloba o léxico especializado ou temático, composto pelos termos técnico-científicos como principal objeto de estudos e de aplicações. Já o dicionário temático toma o léxico de determinado campo conceitual como instrumento de estudo ou, nas palavras de Zavaglia (2002, p. 3), “o dicionário temático é aquele que é elaborado a partir de um campo semântico, ou melhor, a partir de um dos vários micro sistemas que o léxico de uma língua possui”.

Krieger e Finatto (2004, p. 35), com base nos fundamentos da Teoria Comunicativa da Terminologia, proposta por Cabré (1999), afirmam que tal proposta teórica valoriza os aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores, bem como a compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da língua natural e da gramática das línguas. Deste modo, uma UL pode assumir o caráter de termo em função de seu uso dentro de um contexto ou situação determinada. O produto dos dicionários temáticos é o valor dessa UL dentro de um tema determinado e de um cenário comunicativo específico.

Veremos no item 2.5 que a classificação temática também é chamada de classificação onomasiológica. Zucchi (2010, p. 58) afirma que tal ordenação coexistiu com a alfabética durante o Renascimento e, posteriormente, esta última tornou-se predominante na prática lexicográfica. A autora constata o caráter didático dos primeiros dicionários bilíngues temáticos, datados do século XVI, assim como sua importância no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras em um tempo em que as formas de transmissão de conhecimento eram mais rústicas e precárias:

Ordenar as unidades lexicais em grupos relacionados no modo onomasiológico, malgrado talvez este termo ainda não fosse usado naquela época, era um meio de agrupar em temas o conhecimento da representação linguística (as palavras) do mundo ao seu redor: dos biofatos (fatos naturais), manufatos (fatos construídos pelo homem), sociofatos e psicofatos que faziam parte da vida do homem daquela época. Apresentar os equivalentes nas duas línguas era um meio “de oferecer a correspondência de um termo bem conhecido em uma fala diversa”, de forma que facilmente produzissem sentido e compreensão, objetivos esses ainda hoje almejados no ensino de línguas. (ZUCCHI, 2010, p. 59)

2.1.3 Dicionários escolares

A Lexicografia Pedagógica se ocupa em elaborar e pesquisar o uso de obras específicas para o processo de ensino e aprendizagem a fim de atender às necessidades de estudantes e aprendizes de uma língua. No Brasil, esta vertente dos estudos lexicográficos se encontra direcionada essencialmente aos dicionários escolares (BRANGEL, 2013, p. 217).

A partir de 2001, conforme Damin e Peruzzo (2006, p. 95), o Ministério da Educação (MEC), por meio do Programa Nacional do Livro Didático, assumiu a tarefa de selecionar os dicionários a serem adotados em escolas de todo o país e o resultado foi uma corrida frenética das editoras para se adequarem às novas regras. Antes de 2001, as obras destinadas aos alunos brasileiros de 1ª a 4ª séries eram classificados somente de uma maneira: o minidicionário. A partir de 2005, com a intervenção do MEC, a classificação passou a ser feita em três tipos:

Os dicionários foram classificados em três tipos, conforme o número de artigos²⁴ léxicos e a proposta lexicográfica apresentada. O chamado Tipo 1 apresenta de 1.000 a 3.000 artigos léxicos e visa à familiarização do aluno com o mundo dos dicionários. O Tipo 2 tem entre 3.000 e 10.000 artigos e é dirigido àqueles alunos que já se alfabetizaram. Por fim, o Tipo 3 tem de 19.000 a 35.000 artigos e se volta para os alunos das últimas séries do Ensino Fundamental. (DAMIN; PERUZZO, 2006, p. 96)

Apesar de a medida do MEC representar um avanço, a tipificação feita conforme o número de artigos léxicos não é a mais adequada. Segundo os autores acima, o ideal seria que se levasse em consideração aspectos como a adequação da proposta do dicionário às necessidades do usuário, a linguagem utilizada, a presença ou não de exemplos e ilustrações, dentre outros.

Pontes (2012, p. 93) defende a ideia de que o aluno deve ser instruído ao usar o dicionário para que a obra faça sentido dentro de seu universo linguístico. O aluno “se frustra diante do dicionário por não ter sido orientado para consultá-lo conveniente e adequadamente”. Ademais, um “texto” com características tão particulares exige do estudante estratégias específicas e habilidades particulares para seu manuseio e compreensão.

O mesmo autor critica a ausência de exemplos de usos concretos e reais dentro dos dicionários escolares, sendo essa uma das maiores deficiências da lexicografia brasileira. Para ele, o exemplo de uso deveria ser o ponto de partida da definição e não simplesmente a prova

²⁴ Neste caso, “artigo” é um termo mais usado em Portugal e equivale a nossa “entrada”.

de sua validade, mas sim uma parte integrante do verbete, devendo mostrar finalidade ou função comunicativa no seu interior.

Em termos de importância, o exemplo de uso acumula várias funções para ajudar o consulente não só a compreender as palavras que buscam, mas também a saber como usá-las num contexto real de comunicação. Sem dúvida, falha o autor que não apresenta exemplos. Um dicionário, para se autodenominar escolar, não pode deixar de apresentar exemplos, pelo menos quando necessário, uma vez que uma de suas funções é concretizar o significado veiculado em uma definição que se caracteriza pela abstração de seus conteúdos. Desse modo, o dicionário cumpre a função importante de produção e de compreensão, entre várias outras. (PONTES, 2012, p.100)

Por meio da teoria apresentada, fica evidente que, apesar de alguns problemas diagnosticados pelos estudiosos, a intenção do dicionário escolar é ser o mais didático possível e alcançar às necessidades de estudantes em níveis de aprendizagem diversos. Biderman (1997, p. 174) afirma que o dicionário explicita o significado através da definição, os exemplos e as abonações servem para completar o contexto da palavra-chave. “Quanto mais didático for o propósito do dicionarista, tanto mais ele buscará deixar claro a significação e os valores semânticos da palavra, colocando-a em contextos adequados a fim de uma melhor explicitação de sentidos”.

2.1.4 Dicionários de língua padrão e *Thesaurus*

De acordo com Parreira (2007, p.285) um dicionário geral ou padrão, embora com limitações, deve conter uma seleção representativa do vocabulário mais usual de uma língua. “O dicionário padrão da língua e os dicionários unilíngues²⁵ são os tipos mais comuns de dicionários” (BIDERMAN, 1984a, p.27). Dessa forma, é geralmente o tamanho físico que exprime a riqueza do repertório lexical, que é uma das diferenças marcadas entre um dicionário de língua padrão e um *Thesaurus*. A distribuição dessas obras em categorias depende de sua finalidade e do tipo de usuário que se pretende alcançar. Assim, a autora os divide da seguinte maneira: dicionário infantil e/ou básico com 5.000 verbetes aproximadamente; dicionário escolar e/ou médio contendo 10.000 - 12.000 verbetes, podendo totalizar até 30.000 verbetes; dicionário padrão com uma média de 50.000 verbetes, um pouco mais, um pouco menos; e os *Thesauri*, que podem incluir 100.000, 200.000, 500.000 verbetes.

²⁵ Escrito ou falado em uma língua, a autora usa unilíngue como sinônimo de monolíngue.

Um dicionário padrão (50.000 verbetes) possui um repertório léxico que nenhum usuário jamais utilizará, quer no seu vocabulário ativo, quer no seu vocabulário passivo, mesmo os mais competentes falantes do idioma. Um *thesaurus* (100.000, 200.000 palavras ou mais) inclui necessariamente um grande número de palavras raras, desusadas, obsoletas, outras que são exclusivamente literárias, um grande número de termos técnicos e científicos, de regionalismos e de neologismos. (BIDERMAN, 1984a, p.28)

Welker (2004, p. 43) insere os *Thesaurus*²⁶ dentro da classe de dicionários especiais, sendo aqueles muito extensos que incluem numerosos lexemas e termos empregados na língua comum, como por exemplo, *Aurélius*, *Michaelis* e *Houaiss*, que também são denominados pelo autor como gerais extensos. Segundo Krieger et al (2009, p. 181), os dicionários *Thesaurus* eram necessários e foram projetados para os literatos e outros profissionais que cultivavam a língua; por serem extensos, a divisão em volumes dificultava sua aplicabilidade entre “o grande público do país”.

É importante ressaltar que alguns autores admitem a nomeação *Thesaurus* como sinônimo de dicionários onomasiológicos. Marelló (1996, p. 134) indica que o termo *Thesaurus* foi usado na antiguidade e no Renascimento por indicar obra enciclopédica e lexicográfica, tanto semasiológica quanto onomasiológica²⁷. Welker (2004, p.48), citando Marelló (1990, p. 1083), afirma que tal relação dos dicionários onomasiológicos com o termo *Thesaurus* se deu com a elaboração do dicionário *Thesaurus of English Words and Phrases*, produzido pelo americano Peter Mark, publicado em 1852. Por ser de caráter onomasiológico, desde a divulgação da obra, o termo *Thesaurus* se espalhou dentro deste sentido restrito.

Em vista disso, Marelló (1996, p. 135) justifica que a designação *Thesaurus* estende-se em toda a área anglo americana como significado de dicionários onomasiológicos de todos os tipos²⁸. Concordando com Marelló (1996), Babini (2006, p. 38) explica que a denominação dicionário ideológico²⁹ ganhou a preferência dos países de língua latina, enquanto que, nos países de língua inglesa, a tendência foi a de nomeá-los como *Thesaurus*.

²⁶ Welker (2004, p. 50) afirma que o termo latino *Thesaurus*, foi algumas vezes traduzido para, por exemplo, *tesauro*, nas línguas vernáculas. Porém, quando designamos dicionários onomasiológicos, geralmente usa-se a forma latina. No nosso caso, detemo-nos na teoria de Biderman (1984a), que chama de *thesauri* os dicionários extensos com mais de 100.000 verbetes.

²⁷ No original: “Il termine tesauro, che deriva dal greco e significa ‘tesoro’, è stato usato nell’ antichità e nel rinascimento per indicare opere enciclopediche e lessicografiche sia semasiologiche sia onomasiologiche.” (Trad. nossa)

²⁸ No original: “Thesaurus in area angloamericana ricopre il significato di dizionario onomasiologico di qualunque tipo.” (Trad. nossa)

²⁹ Segundo o autor, os termos *thesaurus*, *dicionário ideológico* e *dicionário analógico* são utilizados para denominar um mesmo tipo de repertório.

2.2 Principais semelhanças e diferenças entre as obras bilíngues e monolíngues

Na história da lexicografia, diferentemente do que possamos pensar, os dicionários bilíngues foram os precursores, a partir do século XVI, segundo Hwang (2010, p. 33):

Contrariamente ao que possa pensar o leitor comum, os primeiros dicionários foram bilíngues. A partir do século XVI, a produção de dicionários bilíngues ou multilíngues predominou o cenário lexicográfico e marcou o início da Lexicografia moderna. Os primeiros dicionários monolíngues produzidos no Ocidente surgem no século XVII.

Tal precocidade das obras bilíngues, dentro da literatura lexicográfica, é explicada por Biderman (1984a, p. 2) pelo desenvolvimento do homem renascentista que procurava ampliar seus horizontes e necessitava de um intercâmbio linguístico entre o latim e as línguas vernáculas de seu tempo a fim de facilitar novo diálogo e trocas entre as jovens nações europeias. Com isso, os dicionários bilíngues multiplicam-se na Espanha, na França, na Itália e em Portugal. Segundo Zucchi (2010, p. 54), os primeiros dicionários bilíngues foram primeiramente do latim para outra língua moderna e, posteriormente, entre as línguas modernas.

Hwang (2010, p. 41) explica a origem dos dicionários monolíngues como uma forma de substituição do procedimento de tradução pela descrição por meio de enunciados da mesma língua. Dessa forma, os dicionários monolíngues não podem ser considerados uma simples tradução ou adaptação de seus antecessores, mas sim uma lenta evolução das versões bilíngues anteriores.

Dadas as condições históricas para a origem de ambas as obras, ressaltamos o parecer de Zucchi (2010, p. 69) que justifica o surgimento dos dicionários monolíngues e bilíngues pela necessidade de manutenção, reprodução e instrução da própria língua ou de uma língua de origem, bem como de entendimento e comunicação entre os povos. Desta forma, passou em seguida à posição de principal guia de padronização das línguas modernas e à função de repositório do léxico de uma sociedade.

Em nosso trabalho, focaremos na nomenclatura e na fundamentação teórica dos dicionários monolíngues, especificamente os de Língua Italiana, pois eles são nosso objeto de estudo. Na realidade, como Welker (2004, p. 193) afirma, “há vários aspectos em que os dicionários bilíngues diferem muito pouco dos monolíngues”. A diferença mais nítida entre as

obras é o fato de que, no caso dos dicionários bilíngues, no lugar da definição, são fornecidos os equivalentes.

2.3 O dicionário monolíngue

Geralmente, quando usamos a nomenclatura dicionários bilíngues e monolíngues, reportamo-nos ao uso destas obras por estudantes de língua estrangeira. Neste trabalho, a abordagem não foca o ensino de línguas. Entretanto, as nossas considerações finais poderão auxiliar o trabalho de tradutores e pesquisadores da área aqui especificada e até mesmo consulentes que queiram, por conhecimento, saberem como são tratadas, dentro dos dicionários selecionados, as ULs escolhidas para a análise. Zucchi (2010, p. 265), após experimento empírico, considera que, em certos casos, o conteúdo definitório de um verbete no dicionário monolíngue não é suficiente para a compreensão de vocábulo e conclui que quanto maior o número de informações na macro e na microestrutura de um dicionário, mais dúvidas serão sanadas pelo consulente, em especial por aprendizes de língua estrangeira. Considerações como essa serão discutidas, ao decorrer da pesquisa, quando chegarmos às nossas conclusões a respeito da definição das obras e das ULs propostas.

Concordando com a visão de obra ancilar para estudantes de língua estrangeira, Cano (2001, p. 152) não vê o dicionário como puramente descritivo, nem puramente normativo, mas sim, antes de tudo, como uma obra didática. Por isso, é importante que sane as dificuldades dos consulentes, o que observaremos nos dicionários monolíngues analisados.

Para a descrição deste item, será nossa base a teoria de Lara (1996), na qual há um panorama minucioso a respeito das obras monolíngues. O autor afirma que os primeiros dicionários monolíngues, especialmente os da Itália, França e Espanha, estavam destinados a representar simbolicamente a legitimidade da língua materna e seu valor literário para a celebração dos estados nacionais. Lara (1996, p.47) ainda explicita o fator social do dicionário:

O dicionário monolíngue tem sido historicamente um dos agentes linguísticos mais importantes na difusão das ideias sobre a língua e no seu conhecimento social, pois, ainda que trate somente o léxico, a maneira como se manifestam no vocábulo a fonética, a morfologia, a relação verbal, a multiplicidade de significados que fazem referência ao mundo sensível, a diversidade e a riqueza dialetal, e as valorizações

sociais do uso da língua o converteram em símbolo e agente principal quanto ao conhecimento social da língua.³⁰

Desta forma, podemos entender que, a afirmação de Lara está de acordo com Hwang (2010), que considera os dicionários monolíngues uma evolução, e não uma simples tradução ou adaptação dos precursores bilíngues.

Lara (1996, p. 103) afirma ser o dicionário monolíngue um produto linguístico, pois se elabora a partir das necessidades de informação de uma comunidade linguística para armazenar a memória social do léxico, transmitida por meio de atos verbais³¹. Todavia, no dicionário o sujeito já não é mais um emissor particular, mas sim um produto linguístico desligado de seu autor, que se apresenta como porta-voz da sociedade.

Dentro desta concepção, a entrada de um dicionário monolíngue encontra sua origem e motivação no próprio ato verbal de perguntas e respostas a respeito do significado, como feitos reais provenientes da percepção dos falantes, ajustados às propriedades estruturais de sua língua e delimitados na reflexão social acerca dela.

Para elucidar, reproduziremos os conceitos de entrada, vocábulo e lema, segundo esse autor.

A entrada é, então, uma unidade de recuperação da informação, lexicográfica, determinada pela teoria do ato verbal que gera o dicionário; o vocábulo, uma unidade abstrata da teoria da língua, que provém da linguística e a reflexão social acerca da língua; o lema, uma unidade abstrata da lexicografia, construída sobre a base das características do vocábulo enquanto forma canônica e as necessidades do método lexicográfico em relação a sua representação das unidades léxicas para o tipo de leitor a que é direcionado o dicionário. (Lara, 1996, p. 122)³²

Para Engelberg e Lemnitzer (2001, p. 70 apud WELKER, 2006, p. 9), os aprendizes de línguas estrangeiras preferem o uso de dicionários bilíngues. Com o aumento da instrução em língua estrangeira, cresce o uso de dicionários monolíngues para estes mesmos aprendizes.

³⁰ No original: “El diccionario monolingüe ha sido históricamente uno de los agentes lingüísticos más importantes en la difusión de las ideas sobre la lengua y en su conocimiento social, pues aunque trata solamente el léxico, la manera en que el vocablo se manifiestan la fonética, la morfología, la rección verbal, la multiplicidad de significados con que se hace referencia al mundo sensible, la diversidad y la riqueza dialectal, y las valoraciones sociales del uso de la lengua lo han convertido en símbolo y en agente principal en el conocimiento social de la lengua.” (Trad. nossa)

³¹ Segundo Lara (1996, p. 99), a ação verbal é a realização de um esquema, isto é, toda ação verbal é um discurso.

³² No original: “La entrada es, entonces, una unidad de recuperación de información, lexicográfica, determinada por la teoría del acto verbal que genera al diccionario; el vocablo, una unidad abstracta de la teoría de la lengua, que proviene de la lingüística y la reflexión social acerca de la lengua; el lema, una unidad abstracta de la lexicografía, construida sobre la base de las características del vocablo en cuanto forma canónica y las necesidades del método lexicográfico en relación con su representación de las unidades léxicas para el tipo de lector a que dirige su diccionario.” (Trad. nossa)

Entretanto, os dicionários bilíngues não são descartados e são, muitas vezes, consultados por alunos em nível avançado. Para nossa pesquisa, é importante perceber até que ponto os dicionários monolíngues atendem aos consulentes e observar como as ULs voltadas ao campo semântico “animais de estimação” estão sendo empregadas nas obras de referência.

2.4 Organização dos verbetes

Este item nos traz informações básicas de como um verbete pode ser organizado, pois os dicionários analisados apresentam informações contendo a organização própria de cada um deles. Entendemos por verbete toda a parte definitória do dicionário, isto é, toda a explicação da entrada ou lema, assim como a organização dos elementos que fazem parte da microestrutura. Nas palavras de Zavaglia (2012, p. 234), “os verbetes são o berço das palavras nos dicionários, é neles que o lexicógrafo deposita suas meditações, seus arranjos, sua criação, seu artifício”.

A microestrutura de um verbete pode trazer informações como: etimologia, pronúncia, ortografia, categoria gramatical, restrições de uso, sinônimos e antônimos, irregularidades morfológicas e definições das diversas acepções e exemplos de uso. Essas informações podem variar de acordo com o público alvo do dicionário (ESCRIBANO, 2003, p. 104).

Para Andrade (2008, p. 16), o verbete deve também ser enriquecido com informações sobre registros sociolinguísticos do uso da palavra e remissões a outras unidades lexicais associadas ao lema. Entretanto, a inserção desses registros de uso, assim como toda a nomenclatura da obra e a inserção de informações, fica a critério do lexicógrafo. Borba (2003, p. 322) define que o mais simples dos verbetes terá três níveis de informação: a classe de palavras a que pertence; a definição ou a equivalência sinonímica e a abonação. O que amplia o verbete é o número de acepções. Barros (2004, p. 156), embasada na teoria de Rey-Debove (1971, p. 155), cita um verbete mínimo que compreende o menor número de dados que devem ser fornecidos sobre a entrada:

O tipo e o número de dados veiculados pelo enunciado lexicográfico ou terminológico variam de uma obra para a outra, dependendo do tipo de repertório e da natureza linguística da unidade lexical ou terminológica descrita (entrada). Um número mínimo de dados deve, todavia, ser fornecido sobre a entrada. O *verbo mínimo* é, assim, composto de um elemento linguístico (a entrada), do indicativo de gramática e de uma

definição (Rey-Debove, 1971, p. 155). O programa de informações dos verbetes pode, entretanto, ir muito além do verbete mínimo. (BARROS, 2004, p. 156)

Para uma boa compreensão da obra lexicográfica, é preciso que a ordenação dos verbetes seja explicada na parte introdutória dos dicionários. Geralmente, a ordenação é feita por meio de símbolos e marcações próprias que devem ser rigorosamente cumpridas para que não haja grandes dificuldades de compreensão. Haensch (1982, p. 474) afirma que, para separar categorias gramaticais dentro das entradas e caracterizá-las em entradas diferentes, assim como para dividir e subdividir acepções dentro de uma categoria gramatical, os dicionários usam, com funções distintas, cifras romanas, cifras arábicas, letras latinas minúsculas, letras gregas minúsculas, vírgulas, ponto e vírgula, um ou dois traços verticais, dentre outros.

Guerra (2003, p. 108) explica que, na prática, é o lexicógrafo que, lançando mão de sua própria competência linguística, decide quais acepções são mais frequentes, o que dá lugar a uma atividade lexicográfica intuitiva. Sendo assim, mais uma vez ressaltamos a importância de o lexicógrafo deixar claro aos consulentes o caminho seguido dentro de cada verbete, assim como os símbolos e abreviaturas que correspondem a cada explicação usada, o que, muitas vezes, não acontece. Andrade (1998, p. 70) salienta que nem sempre os lexicógrafos seguem um procedimento uniforme e poucos esclarecem, na Introdução, os procedimentos adotados na obra.

Por mais complexa que seja a estrutura de um verbete, para Borba (2003, p. 326) ela mostra sempre uma organização definida e uniforme porque resulta de uma descrição sintático-semântica prévia apoiada numa teoria gramatical. O mesmo autor defende que a falta de uma teoria gramatical que apoie a organização dos verbetes compromete muito a apresentação das palavras gramaticais.

Murakawa (2014, p. 273) discorre sobre algumas informações linguísticas importantes que compõem o verbete: linguagem-figurada; locuções prepositivas, conjuntivas e adverbiais; expressões sintagmáticas substantivais, adjetivas e verbais. Tais informações podem ocorrer ou não no verbete, dependendo do registro na base de dados. Para fechar este item, consideramos a fala de Zavaglia (2008) que elucida a importância do lexicógrafo na inserção ou não de itens dentro dos verbetes: “O fato é que o lexicógrafo pode inserir qualquer tipo de informação em sua microestrutura e, conseqüentemente, pode elaborar qualquer tipo de enunciado lexicográfico” (ZAVAGLIA, 2008, p. 253).

2.5 Obras onomasiológicas e semasiológicas

No item 2.1.4, usamos a nomenclatura “onomasiológico” para explicar o conceito de dicionário *Thesaurus*. Em contrapartida a esse método do fazer lexicográfico, contamos com dicionários semasiológicos. Tais métodos fazem parte da organização da macroestrutura dos dicionários, elucidada no item anterior. Marelló (1996, p. 132) diferencia os dois métodos da seguinte maneira:

Os dicionários que dispõem os lemas em ordem alfabética e partem do significante para o significado são chamados de semasiológicos. Os dicionários que agrupam as palavras com base no critério semântico ou pragmático e partem do significado para o significante são denominados onomasiológicos³³.

Segundo os conceitos de Baldinger (1966, p. 8), a semasiologia, tal como a onomasiologia, põe-se a serviço da lexicologia histórica, mas primam pela estrutura das palavras. A semasiologia considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um conceito próprio e particular.

Os dicionários organizados do significante para o significado são chamados dicionários semasiológicos e, de forma geral, é a classificação da maioria das obras lexicográficas. Já a organização por temas ou assuntos recebe o nome de onomasiologia. Sendo assim, um dicionário organizado dessa maneira é um dicionário onomasiológico, que consiste em um procedimento no qual, diferentemente do semasiológico, parte-se do significado para o respectivo significante.

A prioridade de um dicionário onomasiológico é desvendar a UL que corresponda ao conceito que se queira exprimir, diferentemente do semasiológico, que já parte de um significante, isto é, da UL em si para dela extrair a noção, por meio da definição apresentada.

O problema que um dicionário onomasiológico deve resolver é exatamente o inverso daquele de um dicionário semasiológico: dada uma idéia (noção ou conceito), deve-se encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima. Em um dicionário semasiológico, o ponto de partida é o significante de um termo ou palavra; em um dicionário onomasiológico, o ponto de partida é o significado. Assim, neste último tipo de obra lexicográfica deve-se encontrar um termo ou palavra desconhecida partindo do significado. Um *dicionário onomasiológico* ou de *caráter* onomasiológico é, portanto, um repertório em que é possível se passar da idéia (noção ou conceito) à unidade lexical. (BABINI, 2006, p. 39)

³³ No original: “I dizionari che dispongono i lemmi in base all’ordine alfabetico sono detti semasiologici e vanno dal significante al significato; i dizionari che invece raggruppano le parole in base a criteri semantici e pragmatici sono detti onomasiologici e vanno per cosí dire dal significato al significante.” (Trad. nossa)

Em um princípio geral, por ser considerada e construída por meio do plano conceptual, ou plano do conteúdo, a Terminologia está intrinsecamente ligada à onomasiologia, assim como a semasiologia está ligada à Lexicologia. “Entre as suas diretrizes metodológicas, a orientação clássica privilegia a onomasiologia como procedimento básico de identificação dos termos” (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 55).

Contudo, já foi aqui abordada a tenuidade entre a linguagem comum e a linguagem especializada e, antes de tratarmos um termo como unidade de conhecimento específico, é preciso vê-lo como unidade linguística. Krieger e Finatto (2004) afirmam que a semasiologia e a onomasiologia coexistem no processo de identificação das terminologias, passo essencial das aplicações terminológicas, devido à lacuna existente entre um novo produto e sua nomeação. Costumamos identificá-los genericamente, vinculando-os à categoria à qual pertencem até que este processo de nomeação seja concluído, como explicam as autoras.

Dentro deste parâmetro, nos dizeres de Krieger e Finatto (2004, p. 57), passamos a trabalhar com uma Terminografia Linguístico-Textual, recuperando uma Terminologia *in vivo*, e não *in vitro*, como os moldes clássicos que priorizam o que, certamente, atende melhor a realidade comunicacional de um determinado domínio técnico ou científico, propiciando uma comunicação mais eficaz aos seus usuários.

Neste trabalho, analisamos apenas dicionários semasiológicos, ou seja, aqueles em que o consulente parte da UL para chegar a sua definição.

2.6 Descrição da estrutura dos dicionários: a macroestrutura e a microestrutura

2.6.1 A macroestrutura

A macroestrutura é a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminológica, como bem define Barros (2004, p. 151). A lista de entradas, conjunto de unidades linguísticas descritas nos verbetes e que compõe a macroestrutura, constitui a nomenclatura da obra.

A inserção de tabelas, símbolos fonéticos, textos com explicações gramaticais e de uso, ilustrações, entre outros, também é descrita por Zucchi (2010, p.115) como componentes da macroestrutura do dicionário, a forma como é organizada a obra como um todo.

Seguindo o critério de Haensch (1982), Parreira (2007, p. 287) afirma ser a ordenação de matérias o que estabelece a macroestrutura de uma obra. O dicionário semasiológico é ordenado por significantes, geralmente em ordem alfabética. O dicionário onomasiológico organiza-se por conceitos (significados) que, na maioria das vezes, são agrupados de acordo com as associações, as coisas e a língua.

O elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário, para Haensch (1982, p. 452), é a ordenação dos materiais léxicos em conjunto, que pode ser de várias maneiras: ordem alfabética ou sistema conceitual (semasiológico ou onomasiológico, como explicado no item anterior), ordem alfabética inversa e família de palavras. Além das entradas, o autor também considera como parte integrante da macroestrutura a parte introdutória dos dicionários e os possíveis anexos e complementos.

O custo de um dicionário é, na maioria das vezes, determinado pela sua extensão. Quanto maior a lista de entradas, a inclusão de anexos e a parte introdutória da obra lexicográfica, bem como seu formato e apresentação, maior é o custo da obra. Portanto, a partir do estabelecimento da macro e da microestrutura (próximo item abordado) se estabelece uma previsão de tempo e gastos para a execução do projeto.

No capítulo 3, explicaremos a macroestrutura das obras lexicográficas em análise e suas particularidades.

2.6.2 A microestrutura

Um dicionário, ou um glossário, segundo Haensch (1982, p. 462), se apresenta geralmente em forma de lista; na seleção do léxico total de um conjunto (ou de um subconjunto), o lexicógrafo transforma um inventário aberto em um inventário fechado que é concretizado na forma do dicionário que se elabora.

Em cada artigo, há um lema, também chamado de “palavras-chave”, “voz-guia” e “cabeceira”. O lema, para o autor, é a parte enunciativa de uma entrada que, por sua vez, tem por objetivo a descrição e explicação do lema. Essa ordenação compreende informações como: etimologia, pronúncia, grafia, indicações gramaticais, evolução e caracterização. Esses elementos que aparecem dentro da entrada fazem parte da microestrutura de uma obra lexicográfica.

Barros (2004, p. 156) entende por microestrutura a organização dos dados contidos no verbete, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete. É importante que essa disposição siga uma mesma ordem de informações em todos os verbetes com o objetivo de facilitar o manuseio da obra. O lexicógrafo ou dicionarista deve determinar o tipo de definição a ser empregada em cada circunstância.

As informações relatadas por cada dicionário podem variar em função de seu propósito, de seus usuários e destinatários ou de outros fatores (GUERRA, 2003, p. 123). Ainda citando Guerra (2003), as informações expostas dentro do verbete podem conter elementos sobre etimologia, pronúncia e ortografia, categoria gramatical e número, restrições de uso (como marcas diatópicas, especialidade de alguma profissão ou atividade que se restrinja a um determinado campo linguístico), sinônimos e antônimos, combinações léxicas, aspectos sintáticos relevantes, irregularidades morfológicas e exemplos de usos.

Farias (2011, p. 110) explica a microestrutura da obra lexicográfica como “o conjunto ordenado de todas as informações no interior do verbete”. A autora ainda faz uma distinção entre Microestrutura abstrata e Microestrutura concreta.

A Microestrutura abstrata abrange todas as possibilidades de interpretação e de construção possíveis dentro do sistema linguístico que podem ser inseridas no verbete, um conjunto de informações que, dependendo do lexicógrafo, pode estar ou não presente na definição. A Microestrutura concreta é a realização da Microestrutura abstrata, é o conjunto de todas as informações contidas no verbete como um todo, ordenadas de forma linear. Cabe ao lexicógrafo definir as informações que estarão contidas na sua microestrutura, algumas obras trazem sua definição por sinonímia, outros por meronímia, sistemas de remissivas, dentre outros.

Para nós, é importante que seja privilegiada a Macro e a Microestrutura dos dicionários monolíngues em questão, assim que os apresentarmos a partir dos conceitos de Lexicologia e Lexicografia aqui expostos.

2.7 A definição lexicográfica

Assim como no item anterior, trataremos de forma mais genérica a abordagem de alguns autores quanto à definição lexicográfica para especificarmos como se encontram as definições das ULs escolhidas a partir das obras analisadas. Cada lexicógrafo define quais elementos da

microestrutura constarão em sua obra e quais merecerão destaque como, por exemplo, a marcação de regionalismos e/ou vocabulários chulos. Assim como vemos na citação de Cano (2010, p. 352), atribuindo ao dicionarista a responsabilidade de registrar, ou não, as variantes linguísticas:

Um consulente procura no dicionário o aval para empregar determinada palavra ou para esclarecer dúvidas sobre seu uso ou o domínio a que pertence. Essa norma é definida em relação a uma norma padrão. Cabe, pois, ao dicionarista, registrar e marcar as variantes utilizadas no léxico de uma comunidade linguística. Essas marcas, que caracterizam palavras que, de alguma maneira, desviam-se de um padrão corrente, comum, numa comunidade linguística, podem estar relacionadas à variação no espaço (regionalismo), à variação no tempo (arcaísmos), à variação na sociedade (cultismo / vulgarismo) e à variação temática (língua de especialidade).

Lara (2004, p. 31) ressalta a importância das marcas de uso dentro da definição, pois, desta forma, um bom dicionário é capaz de ajudar a compreender a maior parte das leituras dos vocábulos em seus diferentes contextos. Indo ao encontro da afirmação de Lara (2004), Strehler (2001, p. 172) relata que as marcas de uso caracterizam as palavras que fogem, sob alguns aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística. A definição desta comunidade é importante porque ela condiciona o emprego das marcas de uso espacial. Assim, as marcas de uso são, de certa maneira, um instrumento do lexicógrafo para indicar as variações linguísticas em relação a uma norma e a uma língua padrão. Considerando as obras terminográficas, a autora afirma que estas, em geral, não empregam marcas de uso, visto que os produtos terminológicos já são o reflexo de um recorte.

Krieger e Finatto (2004, p. 167) estabelecem uma classificação de dicionários e definições aceitando que, de um modo geral: definições lexicográficas caracterizam-se pelo predomínio de informações linguísticas, tratando mais de “palavras”; definições enciclopédicas se ocupam mais de referências e de descrição de “coisas”; e definições terminológicas trazem predominantemente conhecimentos formais sobre “coisas” ou fenômenos. Barros (2004, p. 159) descreve que a UL é definida segundo as características que lhe são próprias no nível do sistema linguístico ao qual pertence. Dessa forma, no verbete dos dicionários, devem constar todas as acepções da UL definida, sendo esse um dos motivos da extensão de alguns verbetes.

Lara (1996, p. 187) trata da questão de definições que são feitas por meio de estereótipos. O autor exemplifica a presença desses estereótipos analisando a UL “gato” em três dicionários: *Dictionnaire Universel de Furetière* (1690), *Dictionnaire français de Richelet* (1680) e *Diccionario de Autoridades* (1739). As duas primeiras obras definem o animal com as características que a comunidade em geral apresenta sobre os gatos: animal doméstico muito

conhecido; que mia; inimigo de ratos. A definição lexicográfica é, então, antes de tudo, o estereótipo do animal, presente na sociedade francesa do século XVII. O *Diccionario de Autoridades* (1739), apesar de trazer uma descrição mais ampliada, também define o felino com base em suas características típicas organizadas pela compreensão social do gato. Nenhuma obra trouxe informações sobre as formas de seu corpo ou a zoologia. As definições se mostraram genéricas, sem considerar o gato em si, mas sim a concepção social que o animal suscitava na época. Lara (1996, p.205) relata:

A definição lexicográfica tem sido sempre, desde o século XVII, não uma simples descrição do significado dos vocábulos, entendida por qualquer membro pertencente à comunidade linguística, mas uma verdadeira reconstrução do significado, orientada pelos interesses da sociedade em seu conjunto e dirigida pelas teorias da definição. Assim, a definição lexicográfica, e com ela todo o conjunto do dicionário, revelam sua natureza cultural: ambos são produtos da reflexão sobre a língua, que se forma na sociedade, e que obedece a uma lenta e ampla seleção de experiências do mundo manifestadas com palavras.³⁴ (LARA, 1996, p. 205)

Em contraponto à Lexicografia moderna, Lara (1996, p. 213) afirma que, tendo em vista as ULs “tigre” e “gato”, os dicionários modernos apresentam notas taxonômicas e científicas, tomadas pela zoologia, caracterizadas pela definição aristotélica³⁵ (mamífero, felino, carnívoro), de uma descrição detalhada do corpo, de categorização etológica com notas genealógicas sobre sua procedência geográfica. Com isso, vêm-se perdendo concepções sociais desses animais, tigre e gato, de grande importância para a compreensão de metáforas e locuções. As tradições e as crenças a respeito destes mamíferos, assim como seus mitos e realidades, tendem a desaparecer da lexicografia moderna, segundo o autor.

Biderman (1993, p. 1) afirma que, na prática, a definição de uma palavra consiste numa paráfrase dessa palavra, equivalente a ela semanticamente. Por meio dela, o lexicógrafo pretende deixar claro o que os usuários de uma língua compreendem ao se fazer referência a uma dada UL. A definição lexicográfica é baseada em uma análise semântica da palavra a ser

³⁴ No original: “La definición lexicográfica ha sido siempre, desde sus inicios en el siglo XVII, no una simple descripción del significado de los vocablos, tal como lo entiende cualquier agregado de los miembros de cada comunidad lingüística, sino una verdadera reconstrucción del significado, orientada por los intereses de la sociedad en su conjunto y dirigida por las teorías de la definición. Es decir, la definición lexicográfica, y con ella el diccionario en su conjunto, revelan su naturaleza cultural: ambos son productos de la reflexión sobre la lengua, que se gesta en la sociedad, y que obedece a una lenta y larga selección de experiencias del mundo manifestadas con palabras.” (Trad. nossa)

³⁵ Segundo o autor, tal tipo de definição rege a maior parte da definição lexicográfica e enciclopédica contemporânea de objetos naturais. Três elementos são privilegiados neste tipo de definição: o gênero, a espécie e as diferenças específicas.

definida. O definidor, lexicógrafo ou terminólogo, deve ser rigoroso e estabelecer uma equação sêmica, e não uma adivinhação, para que o *definiendum*³⁶ seja identificado sem ambiguidade.

Mais adiante, veremos qual é o tipo de definição escolhida pelos autores dos dicionários analisados e se eles cumprem com a tarefa de esclarecer as entradas com definições que não confundam ainda mais o consulente.

³⁶ Para a autora, o *definiendum* pode ser: uma classe: animal, vegetal, planta, etc.; uma propriedade dos seres ou objetos: a beleza, o comprimento, etc.; uma função: vocábulos que exprimem ações, processos, etc.; uma relação: a ligação entre os signos linguísticos (instrumentos gramaticais: preposição, conjunção) ou a substituição de outro elemento do discurso (pronomes).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 A primeira etapa da pesquisa: seleção das Unidades Lexicais via web

A primeira etapa de nossa pesquisa consistiu na consulta de ULs da Língua Portuguesa para a italiana, conforme conhecimentos prévios já citados. Para o desenvolvimento desse processo, utilizamos o site *2lingual*³⁷ que exhibe, além da tradução, a página da *web* na qual a UL equivalente é mencionada. O intuito foi perceber o uso de tais ULs na Língua Italiana e se havia equivalente quando comparadas ao português. A apresentação dos sites exibidos pelo *2lingual*, demonstrando a existência de contextos que utilizavam as ULs selecionadas, foi primordial para corroborar seu uso real e para percebermos se o que aparecia como equivalente se assemelhava, de fato, com o que procurávamos.

Ao fazermos a primeira busca, com a expressão que já mostrava a problemática da tradução feita pelo livro didático, encontramos a página reproduzida abaixo.

Figura 2. Modo de exibição de equivalentes no *site 2lingual*

³⁷ Disponível em: <www.2lingual.com>

Notamos que o *site* nos mostra as ocorrências da internet na qual se inserem as ULs que procurávamos. Assim, na primeira coluna, deparamo-nos com *sites* brasileiros relacionados à expressão (ou palavra) procurada e, na segunda, descobrimos *sites* que também são relacionados ao tema, com a diferença de serem apresentados em Língua Italiana, o idioma solicitado.

É importante ressaltar que, dentro do exemplo acima listado, na seleção *sites*, aparecem outros animais que, apesar de serem considerados de estimação, são mais exóticos e menos convencionais: furões, pássaros e répteis. Para a presente pesquisa, restringimos somente cães e gatos como objetos de estudo.

O uso do *site* foi útil em nossa primeira etapa, orientando-nos sobre quais as possíveis traduções de termos selecionados na busca, porém julgamos necessário outro exemplo autêntico e, por isso, utilizamos uma amostragem de *corpus on-line* consultada pelo site *Sketch Engine*³⁸. Essa ferramenta pode ser utilizada em vários idiomas e permite-nos ter acesso aos *links* dos sites em que as palavras buscadas estão presentes e, nesses *sites*, acessados através da ferramenta, ampliamos o nosso repertório léxico. Após nos dirigirmos até as páginas de internet evidenciadas na ferramenta *Sketch Engine*, utilizamos o *Software AntConc* (figura 1) para levantarmos as ocorrências das ULs encontradas via *web*.

A visita aos *sites* nos serviu para a familiarização com o léxico específico do assunto, assim como nos ampliou o conhecimento para novas ULs que eram, até então, desconhecidas. Com esse primeiro passo, foi possível verificar as ULs da língua de partida (Língua Portuguesa) para a Língua Italiana e, além de obtermos os equivalentes, percebemos também a autenticidade de tais ULs retiradas de seu contexto de uso.

Após esse levantamento inicial, feito de modo eletrônico, partimos para a leitura das revistas e dos livros especializados, adquiridos na Itália, e específicos da área de animais de estimação (cães e gatos), material que descreveremos no próximo item.

3.2 Leitura de obras especializadas: descrição do material

O material selecionado para a investigação das unidades lexicais que tratadas neste trabalho foi diversificado, não compondo um único gênero textual. Fizemos a nossa seleção de

³⁸ Disponível em: <<http://www.sketchengine.co.uk/>>. Acesso em: abr. 2013.

ULs em material impresso em Língua Italiana, como: revistas, livros e enciclopédia especializados no assunto. Optamos pela leitura global desse material impresso e pela coleta manual. Esse procedimento foi enriquecedor, pois, à medida que buscávamos as ULs que poderiam fazer parte da pesquisa, tínhamos um maior contato com a Língua Italiana e descobríamos novas ULs ainda desconhecidas. Esse processo de leitura foi de suma importância para entender os contextos de uso das ULs, assim como suas peculiaridades semânticas e gramaticais e a realidade cultural italiana.

Os títulos das obras analisadas que formaram o *corpus* são:

- I. *Dizionario bilingue italiano/cane e cane/italiano* (MARCHESINI, 2011a)
- II. *Dizionario bilingue italiano/gatto e gatto/italiano* (MARCHESINI, 2011b)
- III. *1001 cose da sapere e da fare con il tuo gatto* (ALLEGRI, 2011)
- III. *Cani Razze, cura, convivenza* (SPERANDEO, 2010a)
- IV. *Gatti – Razze, cura, convivenza* (SPERANDEO, 2010b)
- V. *Grande enciclopedia del cane* (BATTAGLIA, 1994),
- VI. Revista *Quattro Zampe* (2012, nº 60)
- VII. Revista *Quattro Zampe* (2015, nº 92)
- VII. Revista *Argos* (2014, nº 20)

Partindo da obra *Dizionario bilingue italiano/cane, cane/italiano* (MARCHESINI, 2011a), podemos dizer que não se trata exatamente de um dicionário bilíngue comum. O livro apresenta uma forma de comunicação entre seres humanos, em Língua Italiana, e seus cães. O exemplar tem sua primeira edição em 2010 e uma nova edição em 2011. São 150 palavras para aprender a decifrar a linguagem dos caninos. Na primeira parte, nomeada como “*cane/italiano*”, encontram-se situações nas quais o cão envia uma mensagem destinada ao seu companheiro humano, como se possuísse o dom das palavras e da fala humana, exemplo:

***Distanzia critica.** Limite che definisce una zona di cui il cane è titolare e che non deve essere oltrepassato se non si vuole suscitare una risposta avversativa. **La situazione tipo:** il cane fermo dentro un’automobile ringhia ai passanti che si avvicinano al finestrino. A cosa pensa il cane: “Guai a te se ti avvicini, mordo!”.*

Em português teríamos algo como: **Distância crítica.** Limite que define uma área na qual o cão é dono e que não deve ser ultrapassado por quem não queira ocasionar uma resposta contrária. **Exemplo de situação:** o cão parado dentro do automóvel rosna aos pedestres que se aproximam da janela. **O que pensa o cão:** “você vai ter problemas se aproximar, eu mordo!”.

Na segunda parte, “*italiano/cane*”, encontramos situações na qual o humano envia mensagens destinadas ao seu cachorro, como se o animal fizesse parte de seu cotidiano e compreendesse a linguagem humana. Vejamos um exemplo:

Bagno. *Uno dei rituali del mio partner umano perché io sia pulito. La situazione tipo: lei/lui fa il bagno al cane che sembra apprezzare. A cosa pensa il cane:* “fantástico il bagno adoro quando lui mi friziona dappertutto”³⁹.

A terceira parte traz situações de comunicação entre os cães, como se o som que emitissem fossem falas traduzidas na língua humana o que sentem e o que pensam. Exemplo:

Acquietamento. *Modalità attraverso cui induco uno stato di calma in un altro cane. La situazione tipo: il cane incontra un altro cane e mette in atto una serie di segnali calmanti. A cosa pensa il cane:* “stai tranquillo: mi sto avvicinando a te, ma vengo in pace”⁴⁰.

Todas as notas, além de conter a situação e o pensamento canino, são acompanhadas de conselhos dados por veterinários e etólogos, especialistas que estudam o comportamento animal. Na última parte do “manual”, há uma espécie de guia das normas existentes a favor dos cães, como leis nacionais, código civil e código penal.

O exemplar *italiano/gatto, gatto/italiano* (MARCHESINI, 2011b) não difere muito do exemplar acima exposto. Ambos são do mesmo autor, Roberto Marchesini. A diferença é o enfoque na visão do animal que, nesse caso, é o gato. O teor abordado são as situações felinas da visão de humano para gato, de gato para humano e de gato para os seus similares. A estrutura e organização das duas obras também são idênticas, no total são descritas 180 situações típicas de comportamento felino, por meio de palavras-chave relativas à vida cotidiana tanto dos cães como dos gatos, classificadas de A a Z. Na última parte, também há um guia de direitos e leis que protegem os felinos.

A obra *1001 cose da sapere e da fare con il tuo gatto* aborda, como o próprio nome já diz, 1001 curiosidades sobre os felinos. O livro é dividido em 26 partes que guiam o leitor a respeito do assunto no qual o animal é o protagonista, desde fábulas até religiões. Todos os fatos narrados são ilustrados e contam com personagens reais, como artistas e músicos

³⁹ **Banho.** Um dos rituais de meu parceiro humano para que eu esteja limpo. **Exemplo de situação:** ela/ele dá banho no cachorro que parece gostar. O que pensa o cão: ótimo, o banho! adoro quando ele me massageia por toda parte!”. (Trad. nossa)

⁴⁰ **Calmaria.** Modo de demonstrar um estado de calma a outro cão. **Exemplo de situação:** um cão encontra outro cão e coloca em prática uma série de sinais calmantes. **O que pensa o cão:** “Fique tranquilo: estou me aproximando de você, mas venho em paz”. (Trad. nossa)

conhecidos e figuras lendárias e fictícias como o surgimento do famoso bichano dos desenhos animados Garfield. Os temas consideram a relação estabelecida entre os gatos e os humanos.

As duas obras intituladas como: *Cani – Razze, cura, convivenza* e *Gatti – Razze, cura, convivenza* foram publicadas em 2010 sob coordenação de Cristina Sperandeo. São guias didáticos que, de forma sucinta e objetiva, discorrem sobre raças, cuidados e convivência de cães e gatos no universo humano a fim de auxiliar os proprietários no tratamento de seus animais. O primeiro exemplar citado, *Cani*, inicia com uma Introdução e detalhamento das características das diversas raças de cães encontradas pelo mundo, “*tutte le razze*”⁴¹. É dividido em tópicos como estes: “*Che razza scegliere?*” “*Adottare un cane*”; “*Importante per il cucciolo*”; “*Cibo e comportamento*”; “*L’igiene*”; “*Il linguaggio dei cani*”; “*Come impara il cane?*”⁴². O exemplar *Gatti* apresenta a mesma Introdução, com as raças exemplificadas em ordem alfabética e tópicos relacionados aos cuidados que se deve ter com os bichanos: “*Il gatto e l’uomo*”; “*Caratteristiche*”; “*La scelta del gatto*”; “*Alimentazione*”; “*Le cure del gatto*”; “*La convivenza*”⁴³.

A enciclopédia *Grande enciclopedia del cane* (BATTAGLIA, 1994), organizada de forma onomasiológica, apresenta-se em três exemplares divididos entre três áreas. O primeiro deles tem como tema: *Anatomia e fisiologia, le malattie, la chirurgia, l’igiene e la nutrizione*⁴⁴. O segundo volume aborda: *la profilassi e l’omeopatia, i sintomi e i primi soccorsi, l’intelligenza e il comportamento e il cane nella società*⁴⁵. O terceiro volume conta com informações sobre *istruzione e formazione, cani di razza e concorsi, economia e diritto e la cultura cane*⁴⁶. A escolha de tal material serviu para equiparar os estudos dentro do critério de animais de estimação, cães e gatos, já que usamos o livro *1001 cose da sapere e da fare con il tuo gatto* (ALLEGRI, 2011), que foca somente os felinos, e assim optamos por uma outra obra que enfocasse também os caninos.

Por último, contamos com três exemplares de revistas temáticas em Língua Italiana: *Quattro Zampe* (nº 60, 2012 e nº92, 2015) e *Argos* (Nº 20, 2014). Assim como exemplares de Língua Portuguesa, tais revistas trazem entrevistas e reportagens a respeito do mundo PET e nos foram muito favoráveis quanto à diversificação das ULs encontradas. Dessas revistas,

⁴¹ Todas as raças (Trad. nossa)

⁴² “Qual raça escolher?” “Adotar um cachorro”; “Importante para o filhote”; “Comida e comportamento”; “Higiene”; “A linguagem dos cães”; “Como ensinar um cão?” (Trad. nossa)

⁴³ “O gato e o homem”; “Características”; “A escolha do gato”; “Alimentação”; “Os cuidados com o gato”; “A convivência”. (Trad. nossa)

⁴⁴ Anatomia e fisiologia, doenças, cirurgias, higiene e alimentação. (Trad. nossa)

⁴⁵ Profilaxia e homeopatia, sintomas e os primeiros cuidados, inteligência e comportamento e o cão na sociedade. (Trad. nossa)

⁴⁶ Educação e adestramento, cães de raça e concursos, economia e direito e o cão na cultura. (Trad. nossa)

pudemos retirar ULs relacionadas a partes do corpo e especialistas. Apesar de uma das finalidades dessas edições ser a divulgação de produtos variados, para informar seus leitores sobre as novidades do mercado, foram evitados os exemplos de uso em propagandas e *slogans*, priorizando textos autênticos.

É importante ressaltar que as obras *Grande enciclopedia del cane* e *Cani e Gatti* abordam temas como doenças, procedimentos cirúrgicos e profilaxia que, pelo teor complexo de tal departamento, optamos por não mencionar na pesquisa com o intuito de não comprometer a tradução dos termos por um equivalente errôneo. Mesmo com a experiência em clínica veterinária, desconhecemos a área médica e ambulatorial; além disso, o campo semântico “cuidados” está destinado ao dia a dia de uma pessoa que adota um animal doméstico e não ao tratamento de doenças ou à administração de medicamentos, apesar de poder ser um procedimento, muitas vezes, necessário.

3.3 Unidades Lexicais selecionadas

Após estabelecermos o material que nos serviu como *corpus*, iniciamos sua leitura e selecionamos 70 ULs. Quando as ULs julgadas mais relevantes já haviam sido discriminadas, iniciamos o processo de digitação escolhendo mantê-las junto a seus contextos, por meio de citações diretas. Para que reafirmássemos o emprego dessas ULs, os exemplos foram retirados de textos distintos, isto é, um exemplo de cada material utilizado. Dessa forma, ratificamos sua existência, pois não privilegiamos somente um perfil de leitor, com a inserção de palavras retiradas somente de revistas, por exemplo.

Por apresentarem uma vasta variedade de empregos, dentro da área que nos propusemos a estudar, decidimos separá-las em campos semânticos distintos, ou subáreas, nomeados da seguinte forma:

- I. Modos afetivos e/ou específicos de nos referirmos a um animal de estimação
- II. Partes do corpo
- III. Procedimentos veterinários e comportamento animal
- IV. Profissionais e especialistas
- V. Abrigos e instituições
- VI. Objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais.

Esse contato manual nos trouxe novas ULs relevantes para a pesquisa que foram inseridas em nossa lista inicial. Esse primeiro levantamento poderá facilitar a elaboração de um futuro glossário temático, pois é possível que se entenda não só as ULs específicas dos animais de estimação, mas também o ramo da linguagem específica em que elas se encontram.

No primeiro campo semântico vemos os diferentes modos afetivos e/ou específicos de nos referirmos a um animal de estimação, são ao todo 15 ULs. Há formas como “*micio*” (nome carinhoso dado aos felinos) e *randagio* (cachorro vira-lata/cachorro abandonado/sem dono).

Na separação nomeada como “partes do corpo”, há menção para os membros tanto de gatos como de cães, lembrando que ambos correspondem a nossa pesquisa dos principais animais de estimação. Foram selecionadas 10 ULs, dentre elas algumas de cunho muito específico, como *tartufo*⁴⁷, e outras de conhecimento mais popular, como *pelo*⁴⁸.

No terceiro campo semântico, Dentro da área “procedimentos veterinários e comportamento animal”, trazemos ULs que mostram como os animais se comportam estando dentro de seu ambiente, além de técnicas específicas da área veterinária. É o caso, por exemplo, de *sterilizzazione*⁴⁹ e *in calore*⁵⁰. Destacamos as pessoas que se ocupam das causas animais, em forma tanto de defesa de seus direitos quanto de proteção e amparo no quarto campo semântico. São 5 ULs no total, dentre elas, *cinofilo*⁵¹, encontrada com mais frequência no *corpus* analisado.

Separamos o campo semântico “abrigos e instituições” para evidenciar a diferença entre um *canile* e um *allevamento*⁵², por exemplo, que apresentam conceitos diferentes dependendo da língua analisada. Por último, temos o sexto campo semântico “objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais que é o mais numeroso e abarca um total de 27 ULs, engloba tanto objetos que são utilizados no bem-estar desses animais, por exemplo: *cuccia*, *tappettino*, *trasportino*, *tiragraffi*⁵³, como objetos usados no tratamento, não necessariamente amistoso, dos animais, é o caso de *museruola*⁵⁴.

Apresentamos aqui todas as 70 ULs com seus contextos de uso, e indicação de fonte (Cfr lista de abreviação) separadas pelos campos semânticos acima discriminados.

⁴⁷ Trufa/ nariz.

⁴⁸ Pêlo.

⁴⁹ Castração.

⁵⁰ Cio.

⁵¹ Cinófilo.

⁵² Ambas as ULs podem usar como equivalente de tradução a palavra canil.

⁵³ Casinha, tapete higiênico, caixa de transporte, arranhador de gatos.

⁵⁴ Mordaca.

3.3.1 Modos afetivos e/ou específicos de nos referirmos a um animal de estimação

1 - PET

RQZ - E se a casa abbiamo già un cane o un gatto e volessimo prendere un secondo **PET**? (p. 3)

RA - Che contribuisse a migliorare la vita dei **PET** e al contempo semplificasse quella dei loro proprietari... (p. 6)

1001 - Che il gatto, insieme agli altri animali d'affezione denominati **PET**, sia una medicina è un dato sempre più confermato. (p. 99)

2 - Micio

RA - La maggior parte decide di farsi tatuare il **micio** che per anni è stato il fedele compagno di vita e poi è scomparso. (p. 10)

RQZ - l'importante è controllare il comportamento del **micio** e intervenire per tempo. (p. 49)

RA - l'università di avvale dei felini randagi per valutare la qualità dell'ambiente in città...I **mici**, tra l'altro formano le proprie colonie laddove il tasso di inquinamento è più basso e quindi monitorarne gli spostamenti e il tipo de malattie. (p. 6)

3 - Cane da guardia

RA - per questo non è adatto a fare il **cane da guardia** o da difesa personale. Un golden deve avere un pelo di copertura che può essere diritto oppure ondulato, e un sottopelo fitto e lanoso che ha la funzione di isolare il corpo dall'acqua. (p. 42)

C - Originario della Gran Bretagna, l'Airedale Terrier sei è sempre distinto nella caccia, soprattutto in zone paludose. Inoltre, è anche eccellente come **cane da guardia**, da compagnia p d'accompagnamento per non vedenti. (p. 11)

4 - Cane salvataggio

RQZ - Eva, ora veglia su tutta la scuola italiana **cani salvataggio**. (p. 9)

RA - Oltre che come cane da riporto⁵⁵, infatti, si rivela utile in svariati settori, dal soccorso alpino alla ricerca su macerie, dalla ricerca di persone scomparse al **salvataggio nautico**, dall'attività antidroga alla pet therapy. (p. 43)

⁵⁵ Una variante de cane salvataggio.

RQZ15 - Una partnership per la sicurezza in mare e l'impegno sociale – Scuola **cani salvataggio** Tirreno . (p. 22)

5 - Cucciolo

RQZ - Charlie è un bellissimo **cucciolone**⁵⁶ di circa un anno è sano e vaccinato, verrà affidato microchippato solo a veri amanti... (p. 19)

RQZ - Questo esercizio può essere ripetuto fino a quando il vecchio cane di casa associa l'arrivo del **cucciolo** con l'arrivo delle leccornie e diventa quindi più rilassato nell'avere intorno il **cucciolo**. (p. 113)

6 - Cane randagio

RQZ - La loro attività si svolge soprattutto con i **cani randagi** dei quali si prendono cura a 360 gradi e completamente a loro spese. (p. 19)

DBC - Mi impediscono di somministrare cibo ai **cani randagi** – qualsiasi divieto di somministrazione di cibo ad animali randagi è illegittimo ai sensi della legislazione nazionale e regionale a tutela degli animali d'affezione e prevenzione del randagismo. (p. 350)

7 - gatto randagio

RA - A Torino i gatti “rilevano” il grado di inquinamento l'università si avvale dei **felini randagi** per valutare la qualità dell'ambiente in città. (p. 6)

1001 - Nella villa che avevano a Fregene, sfamavano ogni sera una miriade di **gatti randagi** che si davano appuntamento e sbucavano dal buio quando i padroni di casa tornavano. (p. 382)

1001 - In svizzera è lecito sparare ai **gatti randagi** , ritenuti animali nocivi. Sembra assurdo, ma è così. (p. 455)

8 - Randagio⁵⁷

1001 - Le autorità elvetiche sostengono che in numero di **randagi** è troppo alto, che ci sono pericoli, anche sanitari. (p. 455)

1001 - “Astro era un **randagio**”, si legge ancora nel libro di monsignor Canciani. “l'ho trovato la notte di Natale davanti al portone della chiesa dopo la messa di mezzanotte. Il nome ricorda quell'incontro”. (p. 468)

⁵⁶ *Cucciolone* é a forma aumentativa da palavra *cucciolo*.

⁵⁷ Ressaltamos que, em língua geral, a palavra *randagio* é usada como adjetivo e, em nossos exemplos, ela é usada como significado de *cane* e *gatto randagio*.

RQZ15 - I cani abbandonati continuano ad alimentare la popolazione vagante , inoltre molte femmine gravide partoriscono ed i cuccioli che non muoiono di stenti, diventando adulti , rappresentano un ulteriore serbatoio di **randagi**. (p. 20)

9 - Cane vagante

EC - Tornando al nostro paese , nel caso in cui un **cane vagante** ferisca o uccida delle persone si potrebbero configurare i reati di lesioni colpose od omicidio colposo per il proprietario o il detentore dell'animale , ove si accerti in capo a questi ultimi una violazione delle norme a tutela dell'incolumità pubblica sopra ricordata. (p. 12)

DBC - Il **cane vagante** sarà consegnato , unitamente al verbale della pubblica Autorità , alla struttura di accoglienza pubblica o privata convenzionata competente per territorio. (p. 347)

DBC - Valgono le indicazioni fornite per il **cane vagante** ma per soccorsi in situazioni particolari (cunicoli , buche ad esempio) chiamare i vigili di fuoco al numero 115. (p. 348)

10 - Gatto vagante

DBG - Il **gatto vagante** sarà consegnato, unitamente al verbale della Pubblica Autorità, alla struttura di accoglienza pubblica o privata convenzionata competente per territorio. (p. 303)

11 - Animale da compagnia

RQZ - Il significato del suo nome scientifico è proprio questo, anche se di contro il furetto è un simpatico **animale da compagnia** che ama essere sempre al centro dell'attenzione. (p. 62)

RA - Mai più cani alla catena in Veneto, il consiglio regionale ha approvato una legge che vieta di tenere gli animali d'affezione legati a corda o a catena. Lo ha stabilito una nuova legge che prevede anche che gli **animali da compagnia** abbiano libero accesso a giardini pubblici, parchi e spiagge. (p. 16)

12 - Animale d'affezione

RA - Mai più cani alla catena in Veneto, il consiglio regionale ha approvato una legge che vieta di tenere gli **animali d'affezione** legati a corda o a catena. Lo ha stabilito una nuova legge che prevede anche che gli animali da compagnia abbiano libero accesso a giardini pubblici, parchi e spiagge. (p. 16)

RQZ - Approvato “il regolamento per la tutela ed il benessere animale”. In 36 articoli vengono tutelati tutti gli **animali d'affezione** e vengono protette le specie appartenenti alla fauna selvatica. (p. 18)

RQZ - Gli **animali d'affezione**, come per esempio il cane, hanno una elevata facilità ad entrare in relazione con le persone. (p. 55)

13 - Animale domestico

RA - in quali affermano che dormire in compagnia del proprio **animale domestico** può causare forti disturbi del sonno.... i bioritmi dei nostri *pet*, infatti, sono diversi dai nostri e dormire insieme a loro potrebbe causarci problemi di insonnia o stanchezza cronica. (p. 8)

RA - Gli italiani hanno una vera e propria passione per gli **animali domestici**. (p. 5)

DCB - Chiunque abbandona **animali domestici** o che abbiano acquisito abitudini della cattività è punito con l'arresto fino a un anno o con l'ammenda da 1.000 a 10 mila euro. (p. 325)

14 - Trovatello

RQZ - in palio anche le coppe “più simpatico adottato da un canile” e il “**Trovatello**”, per il più “brigante” adottato dalla strada... (p. 29)

RQZ - “I mici di Lola Grey”, continua ad aiutare tanti gattini **trovatelli**. (p. 4)

1001 - si legge, ad esempio, nel libro *Del gatto, del cane e di altri animali*: Il mio gatto è un fantasma affettuoso. Il mio gatto è una gatta, era bambina e **trovatella**, quando si è fatta adottare, dopo averci lei stessa adottati”. (p. 328)

15 - Meticcio

RQZ - In agility possono competere cani **meticci** e cani di razza, nonché conduttori giovanissimi e meno giovani. (p. 122)

1001 – Il record del maggior numero di piccoli partoriti da una gatta nell'arco della vita spetta a Dusty, una **meticcina** che viveva in Texas. (196)

3.3.2 Partes do corpo

1 - Mantello

1001 - il gatto con gli stivali e lungo **mantello**, lascia con la spada la sua firma sul tronco degli alberi, una P – dato che il suo nome originale è Puss, parola inglese per “micio” – facendo quindi il verso alla Z di Zorro (p. 296)

RA - Cane da caccia , da sport e da utilità, il Golden è tendenzialmente sano e robusto, con un bel **mantello** che lo protegge efficacemente da freddo in dalle intemperie. (p. 41)

RQZ15 - Un **mantello** che richiede abbastanza impegno , ma che infonde un fascino e una simpatia senza eguali. (p. 84)

2 - Manto

C - Il suo pelo è folto, corto e morbido; i colori tipici comprendono tutta la gamma del marrone giallognolo e il **manto** può essere di colore uniforme o tigrato. (p. 66)

RQZ15 - Salviette detergenti sano e bello sviluppate per la pulizia e l'igiene senz'acqua di cani e gatti cuccioli . Detergono , profumano e rendono lucente il **manto**. (p. 129)

RA - Sono nati lo scorso giugno in Spagna e da allora le immagini dei due cagnolini dal **manto** verde hanno fatto il giro del mondo. (p. 12)

3 - Arti

1001 - L'autore del bellissimo Walden , ovvero vita nei boschi, scrisse : “Il gattino è così flessuoso da apparire addirittura doppio; gli **arti** posteriori equivalgono a un secondo gattino con cui gli **arti** anteriori giocano”. (p. 323)

RA - Cane da caccia , da sport e da utilità, il Golden è tendenzialmente sano e robusto, con un bel mantello che lo protegge efficacemente da freddo e dalle intemperie . testa, coda, **arti anteriori**, **arti posteriori**, andatura, pelo, colore, taglia... (p. 41)

4 - Pelo

1001 - Ariel aveva dei gusti molto particolari e, cosa generalmente strana per un gatto, amava moltissimo l'acqua. Adorava avere il **pelo** bagnato. Poteva restare ore sotto sotto un rubinetto che gocciolava e spesso aspettava che il padrone facesse il bagno per saltare dentro la vasca insieme a lui . (p. 309)

RA - Un golden deve avere un **pelo** di copertura che può essere diritto oppure ondulato, e un sottopelo fitto e lanoso che ha la funzione di isolare il corpo dall'acqua. (p. 42)

EC - Il mantello del Dandie Dinmont Terrier è costituito da **pelo** duro sulla parte superiore del corpo e da **pelo** morbido su quella inferiore. (p. 77)

5 - Artigli

1001 - Poetica e commovente la tenerezza di Burroughs per i suoi mici addormentati : “Fa le fusa e insieme dorme, Fletch, stende le zampette nere per essere in contatto con le mie mani, gli

artigli ritratti, giusto un tocco gentile per assicurarsi che io sia lì, accanto a lui che dorme”. (p. 313)

G - I gatti hanno gli **artigli** molto affilati e le unghie curve, per loro rappresentano uno strumento molto versatile: sono un’arma d’attacco e di difesa, servono da sostegno quando saltano e si arrampicano, e per afferrare le prede. (p. 168)

6 - Pelliccia

1001 - Loti, oltre ai romanzi esotici, che erano poi il resoconto dei suoi viaggi in giro per il mondo, scrisse dei gatti: “ognuno ha il gatto che merita”. E anche “È con l’avvicinarsi dell’inverno che i gatti indossano la loro **pelliccia** più preziosa e assumono un’aria di sontuosa e deliziosa opulenza”. (p. 328)

RQZ - La sua candida **pelliccia** assunse una luminosa tonalità dorata, i suoi occhi gialli si tramutarono in lucenti zaffiri blu... (p. 84)

RA - Corpo, testa, occhi, mantello...il fascino del gatto persiano è dovuto soprattutto alla sua lunga e fluente **pelliccia**: è l’unico felino ufficialmente riconosciuto a pelo lungo ed è considerato tra tutti i gatti di razza il più pregiato. (p. 61)

7 - Zanne

1001 - Erano brillanti e sembravano giada bagnata. E poi aveva dei canini lunghissimi, vere e proprie **zanne**. Assomigliava a una tigre dai denti a sciabola in miniatura. (p. 482)

DBG - Armato di unghie e di **zanne**, il gatto è un combattente che non ha rivali. Le sue aggressioni sono temibili ma rare. (p. 15)

8 - Muso

RA - Il persiano ha subito in passato un allevamento intenso che ha immesso sul mercato linee di sangue con problemi genetici.... il **muso** schiacciato e i dotti naso-lacrimali ridotti possono causare epifora congenita, vale a dire un eccessivo flusso lacrimale all’esterno dell’occhio. Anche in questo caso la soluzione è in serio programma di allevamento selettivo. (p. 60)

C - Il cranio è relativamente largo e piatto, e il **muso** corto e quadrato lo identifica come una delle razze bull. Il pelo corto e lucido è morbido. (p. 32)

1001 - Il siamese – è inconfondibile : ha il corpo flessuoso e snello, le zampe sottili, gli occhi obliqui, praticamente a mandorla, il **muso** affilato e triangolare. (p. 44)

9 - Vibrisse

DBG - Il gatto possiede , in entrambi i lati del naso, su quattro file, una quindicina di peli. Questi lunghi peli dritti , chiamati “**vibrisse**”. Hanno radici profonde nella pelle e alla loro base sono presenti una fitta rete di terminazioni nervose. (p. 39)

1001 - I baffi del gatto , che si chiamano **vibrisse** , sono un importante organo di senso. Ma riflettono anche l’umore. (p. 36)

10 - Tartufo

RA - il naso da neve: il **tartufo** del Golden dovrebbe essere nero, ma d’inverno è ammessa una leggera decolorazione che scompare con l’arrivo della primavera . (p. 41)

RQZ15 - Testa: abbastanza grande , con stop ben definito. Orecchie : piccole e piatte, poste ai lati del capo. **Tartufo**: nero, con narici ampie. (p. 85)

EC - La malattia comincia spesso nel muso, sul **tartufo**; questo presenta all’inizio un’evidente depigmentazione, poi il rossore, e successivamente delle ulcere e delle croste (p. 131)

3.3.3 Procedimentos veterinários e comportamento animal

1 - Sterilizzazione

DBC - Perché la cagna **sterilizzata** mantenga la forma e la linea da ragazzina, optate per un’alimentazione speciale , pesatela regolarmente per dosare al meglio le razioni di cibo e aumentare la sua attività fisica. Giocare per il cane è sempre un piacere! L’intervento di **sterilizzazione** può comunque consistere nell’asportazione sia delle ovaie che dell’utero. (p. 275)

G - Per evitare che la propria vita, e quella del proprio gatto, diventi un inferno se non si vuole parti indesiderati, è meglio ricorrere alla **sterilizzazione** prima del raggiungimento della maturità sessuale. (p. 135)

EC - Nel maschio la **sterilizzazione** chirurgica viene più frequentemente ottenuta per castrazione. L’intervento é semplice e gli effetti secondari si limitano generalmente ad un aumento considerevole di peso o all’apatia. (p. 13)

2 - Castrazione

DBG - La **castrazione** consiste nell'asportazione chirurgica dei testicoli del maschio. Si effettua generalmente verso il 6 -7 ° mese d'età , quando cambia l'odore dell'urina. (p. 224)

DBC - Nel maschio la **castrazione** consiste nell'asportazione chirurgica dei testicoli. Ha come conseguenza la diminuzione del tasso di ormoni sessuali in circolo. (p. 64)

EC - Sul cane si ricorre sia alla **castrazione** (asportazione dei testicoli) sia alla vasectomia (resezione parziale dei canali deferenti). (p. 5)

3 - Pet therapy

1001 - I risultati ottenuti sono stati così buoni da far addirittura considerare la **pet therapy** uno strumento sostitutivo alla terapia farmacologica. (p. 100)

RQZ - Se vuoi diventare anche tu un professionista della SIUA come educatore o istruttore cinofilo, come operatore negli uffici diritti animali, come operatore di **pet-therapy** o di didattica secondo l'approccio zooantropologico contattaci. (p. 54)

RA - Oltre che come cane da riporto, infatti, si rivela utile in svariati settori, dal soccorso alpino alla ricerca su macerie, dalla ricerca di persone scomparse al salvataggio nautico, dall'attività antidroga alla **pet therapy**. (p. 43)

4 - Calore/ in calore

G - Infatti, quando un gatto non castrato sente il richiamo della femmina **in calore** corre a cercarla e non è cosciente del pericolo. (p. 135)

C - In teoria , durante la fase più attiva del periodo di **calore** la femmina può essere coperta diverse volte. Per questa ragione, può accadere che la prole sia composta da cuccioli di padri differenti. (p. 188)

DBC - Che sia in gestazione o non lo sia, in seguito al **calore** la cagna subisce un identico condizionamento ormonale. È il motivo per il quale, da 6 a 12 settimane dopo il **calore**, alcune cagna, senza aver avuto contatti con un maschio, presentano un'ipertrofia delle mammelle o una lattazione, se fanno una sorta di nido , diventano nervose , a volte aggressive e sviluppano un comportamento materno verso i giochi. (p. 104)

5 - Cucciolata

RA - Sono nati lo scorso giugno in Spagna e da allora le immagini dei due cagnolini dal manto verde hanno fatto il giro del mondo. Durante la gravidanza i due cuccioli devono aver subito contaminazione da biliverdina che ne ha determinato la strana colorazione e ne ha determinato

la salute fisica causando nei corpicini fragilità e magrezza. Era il solo su una **cucciolata** di 8 fratelli. (p. 12)

RQZ - La scelta era stata dettata da fatto che la sembrava, nella **cucciolata**, quella con più carattere. (p. 61)

G - l' ideale è adottare due gatti, ancora meglio se si tratta di un gatto e di una gatta appartenenti a una stessa **cucciolata**. Si conoscono bene e sono inseparabili compagni di giochi fin dalla nascita. (p. 130)

6 - Gravidanza

C - La **gravidanza** dura circa nove settimane durante le quali bisognerebbe evitare che la futura madre compia sforzo fisici non necessario: non bisogna perdere l'abitudine all'esercizio quotidiano, ma deve essere più leggero del solito. (p. 188)

RA - Durante la **gravidanza** i due cuccioli devono aver subito contaminazione da biliverdina che ne ha determinato la strana colorazione e ne ha determinato la salute fisica causando nei corpicini fragilità e magrezza. (p. 12)

EC - In questo periodo, nelle femmine non gravide, si possono osservare anomalie dell'apparato mammario che vanno sotto il nome di pseudo-**gravidanza**, di **gravidanza** isterica o falsa **gravidanza**. (p. 3)

7 - Muta

RA - La tosatura estiva non è necessaria se intensifichiamo le spazzolate nel periodo della **muta**. (p. 59)

1001 - Dopo un breve periodo di riposo che può durare anche sessanta giorni , il pelo cade lasciando il posto alla nuova crescita . Questo processo si chiama "**muta**", avviene in genere due volte l'anno , ed è innescato da fattori ambientali. (p. 102)

DBG - I gatti d'appartamento , abituati alla luce artificiale e al riscaldamento , perdono il pelo in quasi permanente , con un leggero aumento durante il periodo di **muta**. (p. 100)

8 - Accoppiamento

EC - La conoscenza del ciclo sessuale è particolarmente importante quando si desidera far **accoppiare** il proprio cane, poichè l'**accoppiamento** deve aver luogo durante l'estro più precisamente nel periodo dell'ovulazione , vale a dire fra il 9° e il 13° giorno in media. (p. 3)

RQZ - Il Cane Lupo Cecoslovacco è una razza che nasce dall' **accoppiamento** tra una lupa e un Pastore Tedesco, il risultato è un animale che ha tutto il fascino del lupo e il carattere docile e mansueto del cane. (p. 72)

DBC - Si preparano quando il bulbo del glande ritorna alla dimensione iniziale. Più la femmina si muove, più a lungo durerà l'**accoppiamento**. (p. 309)

9 - Incrocio

RQZ - Oggi, dopo più di vent'anni di **incroci** canini da quella prima ibridazione tra le due specie, ancora persistono dei tratti anomali rispetto a quelli di un qualsiasi cane. (p. 72)

1001 - In parole povere, è un gatto che non ha capito di essere tale. Si chiama Duchessa e proviene da un lignaggio complesso, frutto dell'**incrocio** di più razze. (p. 377)

10 - Monta

DBC - Durante la **monta** , grazie a una rotazione di 180° della base del pene , il cane può voltarsi senza che il glande si giri all'interno della vagina. (p. 108)

11 - Fusa

DBG - Un meccanismo complesso: Nonostante le numerose ricerche effettuate, le **fusa** restano ancora un mistero. Alcuni studi sostengono che siano prodotte da un movimento turbolento del sangue nella vena cava che porta il sangue al cuore. (p. 65)

G - Si tratta di una caratteristica che tendiamo a dimenticare quando vediamo i micetti giocare tra di loro, zompettare e **fare le fusa**: sono così carini che conquistano il nostro cuore senza che neppure ci rendiamo conto. (p. 125)

1001 - Attraverso le **fusa** il gatto parla anche con noi. Se le ascoltiamo con attenzione noteremo che non sono sempre uguali, ma che variano di intensità e di frequenza, descrivendo un'intera gamma di sentimenti. (p. 98)

12 - Gestazione

DBG - La **gestazione** dura in media 63 giorni. Alcuni segnali che ci inducono a pensare che l'evento sia vicino . (p. 72)

DBC - Che sia in **gestazione** o non lo sia, in seguito al calore la cagna subisce un identico condizionamento ormonale. È il motivo per il quale, da 6 a 12 settimane dopo il calore, alcune cagna, senza aver avuto contatti con un maschio, presentano un'ipertrofia delle mammelle o

una lattazione, se fanno una sorte di nido , diventano nervose , a volte aggressive e sviluppano un comportamento materno verso i giochi. (p. 104)

EC - È alla prima **gestazione** che le mammelle della cagna raggiungono il completo sviluppo e al parto, durante il periodo di lattazione , che divengono funzionali , per l'effetto di ormoni e della stimolazione esercitata dalla bocca dei cuccioli. (p. 51)

3.3.4 Profissionais e especialistas

1 - Animalista

RQZ15 - Antonietta Meta è diventata celebre sul social social Twiter per le frasi di odio rivolte al popolo nepale, colpevole, secondo l'**animalista**, di tradizioni che vedono la sofferenza e l'uccisione del festival Gandhi. (p. 13)

RQZ - Sono cominciate ad arrivare centinaia di mail da parte di tante associazioni **animaliste** e di singoli cittadini di buon cuore, sdegnati per la decisione di ospitare anche quest'anno i mercati di animali alla fiera di S. Paternino. (p. 9)

1001 - A nulla sono valse le fatiche e l'impegno delle associazioni **animaliste** per salvare i gatti dai fucili. (p. 455)

2 - Gattaro/a

1001 - I suoi versi erano come scolpiti e alcune sue poesie ti incidevano perciò l'anima. Era anche un appassionato **gattaro** e spesso i mici a cui portava da mangiare li metteva anche nei suoi scritti. (p. 318)

1001 - Nel quartiere di Londra dove abita, la scrittrice è più conosciuta come **gattara** che non come vincitrice del nobel. (p. 320)

1001 - Attore, cantante, comico, conduttore di successo, il Gigi nazionale incantava e seduceva con la sua carica di simpatia e di energia. Ed era anche un **gattaro** sfegatato. (p. 382)

RQZ - Un tempo era figura pressappoco popolare quella della **gattara**. Nelle grandi città ce n'era almeno una in ogni quartiere. (p.26)

3 - Gattofilo

1001 - Herman Hesse (1877-1962), il grandissimo scrittore e poeta tedesco, vincitore del Nobel per la letteratura nel 1946, era un **gattofilo**. (p. 329)

RQZ15 - Marco scaglia, da sempre appassionato di gatti e allevatore di Persiani, esotici e egyptian Mau con affisso “aequinocitium”, ci racconta nel dettaglio il suo lungo e meritato traguardo. Che potrebbe essere preso ad’esempio da chi ama vivere in questo ambiente **gattofilo** e viaggiare per il mondo. (p. 97)

4 - Cinofilo

RQZ - Corso di formazione professionale per educatori **cinofili**. Pensione, toelettatura, asilofidobau, pet therapy/paa-fattoria didattica, seminari ed eventi, allevamento, addestramento. (p. 131)

RQZ15 - Il centro dà anche la possibilità di accedere a corsi formazione per chi desidera affrontare una professione come quella dell’educatore **cinofilo**, con tirocinio sia pratico che teorico in sede , con la possibilità di interagire con un’infinita varietà di cani. (p. 134)

5 - Catofilo

RQZ15 - L’associazione di amanti **catofili** che hanno deciso di avvicinarsi a quel meraviglioso compagno che è il gatto, con particolare riguardo al gatto di razza, selezionato dai nostri allevatori per criteri di bellezza e di salute , ma anche di carattere e disponibilità verso l’uomo, sempre nel rispetto delle peculiarità caratteriali di ogni singola razza. (p. 100)

6 - Gattofilia

1001 - Celli era anche un fine scrittore , molto prolifico. In uno dei suoi libri più belli, dedicati ai gatti e dal titolo gatti e supergatti, scrive: “ Tra la **gattofilia** e gattomania, il confine è molto sottile, e io temo di averlo varcato da tempo”. (p. 322)

7 - Cinofilia

RQZ15 - Con loro uno psichiatra della ASL 10, una psicoterapeuta e veterinaria , gli educatori professionali e i conduttori degli animali dell’accademia **cinofila**. (p. 18)

3.3.5 Abrigos e instituições

1 - Allevamento

RQZ - Non sono più realizzabili dopo numerose manifestazioni di animalisti e non a favore della chiusura di quella fabbrica di morte. Sono diversi mesi che i cortei si riversano sulle principali piazze italiane senza dare tregua all'**allevamento** di Montichiari. (p. 12)

RA - Il persiano ha subito in passato un **allevamento** intenso che ha immesso sul mercato linee di sangue con problemi genetici.... il muso schiacciato e i dotti naso-lacrimali ridotti possono causare epifora congenita, vale a dire un eccessivo flusso lacrimale all'esterno dell'occhio. Anche in questo caso la soluzione è in serio programma di **allevamento** selettivo. (p. 60)

RQZ15 - Ma perché Twist era ridotto così male? “l'ortopedico ci ha detto che molto probabilmente “, spiegano dall'associazione, “se il responsabile dell'**allevamento** lo avesse curato subito , dandogli il cibo giusto e facendogli praticare l'attività adatta, la situazione si sarebbe risolta da sola. (p. 36)

2 - Cattività

DCB - Chiunque abbandona animali domestici o che abbiano acquisito abitudini della **cattività** è punito con l'arresto fino a un anno o con l'ammenda da 1.000 a 10 mila euro. (p. 325)

1001 - In seguito, attraverso mutazioni naturali e incroci in **cattività**, si sono ottenuti mantelli molto variegati. (p. 40)

3 - Canile

RQZ - Il Parco **Canile** di Milano, che ospita anche il gattile, non è solo generosità... (p. 18)

RQZ - In palio anche le coppe “più simpatico adottato da un **canile** e il “Trovatello”, per il più “brigante” adottato dalla strada. (p. 29)

RQZ15 - Nell'aria sorgerà non solo un rifugio per i quattrozampe più sfortunati: Oltre al **canile** sarà realizzato un ambulatorio veterinario, una sala conferenze e un servizio di pensione. (p. 18)

4 - Gattile

RQZ - il Parco Canile di Milano, che ospita anche il **gattile**, non è solo generosità... (p. 18)

1001 - Palla di neve III prende il suo posto per consolare la piccola Lisa, ma muore annegato nell' acquario del salotto. I Simpson allora tornano al **gattile** e adottano un gatto che si chiama Coltrane, ma che Lisa battezza Palla di Neve IV. (p. 294)

1001- La professoressa Hack è socia e fondatrice dell'associazione Il **gattile** di Trieste, che da anni si adopera per aiutare e difendere i gatti triestini (p. 427)

5 - Cuccia⁵⁸

RA - In commercio esistono numerosi modelli di **cucce** e brandine, ma in realtà all'atto pratico non sono tanto la foggia o il materiale a fare la differenza. (p. 28)

RQZ - Però se qualcuno ci volesse aiutare “non chiediamo denaro”, ma coperte, lenzuola, asciugamani, cuscini, collari, guinzagli, cibo per cani, croccantini, scatolette, **cucce**, se per qualcuno sono diventate ingombranti, noi le prendiamo. (p. 43)

RQZ - Le loro vecchie **cucce**, copertine o altro saranno necessarie a far capire loro che, anche se in nuovo ambiente, parte delle loro abitudini rimarranno uguali a quelle passate e non hanno motivo di preoccuparsi. (p. 53)

3.3.6 Objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais

1 - Ciotola

DBG - Il gatto guarda, con espressione disgustata, la nuova **ciotola** di plastica piena di cibo. A cosa pensa il gatto: “Questa **ciotola** di plastica mi toglie l'appetito”!. (p.47)

RA - Innanzitutto, i due componenti “umani” dovranno dotarsi di un equipaggiamento analogo: un guinzaglio ciascuno, una **ciotola** per l'acqua, dei gustosi bocconi, una coperta e, in prospettiva futura, una radiotrasmittente. (p. 82)

C - Devono avere, inoltre, sempre a disposizione acqua pulita, e la **ciotola** del cibo va riempita regolarmente. Acquistare il cibo, riempire la **ciotola**, pulirla quando è sporca, sono tutti piccoli obblighi domestici che si aggiungono alla vita quotidiana con i nostri. (p. 147)

⁵⁸ Em pesquisas na internet detectamos que há também a UL *lettino* referente a um local onde os animais de estimação dormem, porém não foram encontradas ocorrências consideráveis no material pesquisado.

2 - Trasportino

RQZ - l'utilizzo del **trasportino** (o *Kennel*) è doveroso per rendere più sicuro e meno stressante il viaggio. (p.52)

RA - Lo stile di chi ama gli animali – Agosto de 2014 – In viaggio con Micio comodamente seduto nel **trasportino** di Affex: La vacanza con il tuo inseparabile gatto oggi diventa comoda e colorata grazie al nuovo e pratico **trasportino** Road Runner Silhoutte della linea Affex. (p. 97)

DBG - Il **trasportino** è un accessorio indispensabile. Permette di trasportare il gatto in tutta tranquillità. Perché accetti di entrarci e di restarci, dovete abituarlo fin dalla più tenera età. (p. 144)

3 - Collare/ guinzaglio/ pettorina

QZ - Cavezze e filetti per cavalli, **collari**, **pettorine** e **guinzagli**, cuscini, letti e prodotti per la cura e l'igiene, giocattoli innovativi e snack. (p.44)

RA - l'ultimo sarebbe stato quello d'impostare il richiamo quando Milly non ci avesse visti. Acquistammo un **collare** a vibrazione, utilizzato proprio per i cani affetti da sordità. (p. 71)

RA - Al **guinzaglio** sarà un compagno educato sempre ben disposto a fare la conoscenza di persone nuove o di altri cani. (p. 40)

C - Riconoscere il proprio nome, rimanere soli per un certo tempo, accorrere al richiamo del padrone, sedersi a comando, rimanere nel posto in cui devono stare, camminare legati al **guinzaglio** e smettere di fare qualcosa di proibito quando gli viene intimato. (p.170)

QZ - la **pettorina** Hurta, adatta a tutti i cani, è raccomandata per i soggetti con problemi alla schiena e al collo. (p. 27)

DBC - È obbligatorio l'utilizzo del **guinzaglio** a una misura non superiore a mt. 1,50 durante la conduzione dell'animale nelle aree per cani individuate dai Comuni. (p.336)

C - Oltre al letto e alle ciotole dell'acqua e del cibo, è necessario avere anche il **collare** e il **guinzaglio**. Nella scelta di questi accessori, bisogna tener conto delle dimensioni del nostro cucciolo. Al **collare** va applicata la medaglietta con il nome, il numero di telefono e l'indirizzo del nuovo proprietario. (p. 157)

4 - Mangime/ Cibo/ Razione/ croccantino

QZ - Però se qualcuno ci volesse aiutare “non chiediamo denaro”, ma coperte, lenzuola, asciugamani, cuscini, collari, guinzagli, **cibo per cani**, **croccantini**, scatolette, cucce, se per qualcuno sono diventate ingombranti, noi le prendiamo. (p. 43)

C - In genere, si raccomanda di suddividere la quantità quotidiana di **cibo** in due o tre pasti. Dal terzo mese di vita in poi, potremo introdurre il **mangime secco** nella dieta regolare del nostro cucciolo. (p. 154)

DBG - L'umano, preoccupato che il gatto possa morire di fame, si affetta a cambiare il menu. Il gatto, allora, si butta sulla **razione** sotto lo sguardo sollevato dell'umano. (p. 158)

RA - Beppuppy comprende intere pagine dedicate alle attività pet-oriented e altre allo scambio di informazioni e di materiali acquistati (dal **cibo** alle cucce, dai guinzagli ai trasportini per i nostri piccoli amici. (p. 8)

G - Come calcolare la **razione** – i gatti inghiottono il **cibo** finchè non è adeguatamente masticato. Un **cibo** che un giorno mangiano volentieri, il giorno seguente lo rifiutano. (p. 156)

RQZ - Però se qualcuno ci volesse aiutare “non chiediamo denaro”, ma coperte, lenzuola, asciugamani, cuscini, collari, guinzagli, cibo per cani, **croccantini**, scatolette, cucce, se per qualcuno sono diventate ingombranti, noi le prendiamo. (p. 43)

1001 - Il cibo secco per gatti, i cosiddetti **croccantini**, sono una straordinaria invenzione. Pratici, economici, sempre pronti, possono rappresentare per il micio un pranzo ben bilanciato. (p. 62)

EC - La legislazione distingue gli alimenti secchi (**i croccantini**) dagli alimenti semiumido (in scatola); si dice secco qualsiasi prodotto in cui tasso di umidità non superi il 14%. (p. 13)

DBC - Per questo motivo, la cosa migliore da fare (piuttosto che diminuire la quantità di **cibo** somministrato) è sostituire la sua **razione** con un'altra energeticamente meno concentrata in modo d'apportare meno calorie in un volume uguale, se non superiore, alla **razione** iniziale. (p. 64)

RQZ15 - I pazienti che parteciperanno, saranno visitati almeno 5 volte monitorando il corretto andamento della dieta e modificando, se del caso, le **razioni** giornaliere in base alle specifiche esigenze del *pet*. (p. 62)

5 - Tiragraffi

G - Risulta più difficile insegnargli che le unghie non vanno affilate sul divano, sul tappeto o sul muro, ma sull'apposito **tiragraffi**. Neppure il **tiragraffi** più bello potrà assicurarci che il nostro gatto rispetti il resto dell'arredamento. (p. 121)

DBG - Se volete che il vostro gatto non graffi il divano bello, le gambe di legno del tavolo, la tappezzeria del muro, lasciategli a disposizione diversi **tiragraffi**. Un buon **tiragraffi** deve essere stabile, preferibilmente verticale e abbastanza grande perché il gatto si possa stirare in lunghezza. (p. 233)

1001 - A volte, si può deviare la marcatura del gatto usando un **tiragraffi** o grattatoio. Sono prodotti in vendita in tutti i negozi per animali e in genere si tratta di paletti ricoperti di corda, moquette e altro materiale molto resistente. (p. 68)

6 - Lettiera⁵⁹

RA - la nuova soluzione igienizzante per la **lettiera** dei gatti: ha bisogno di una **lettiera** che sia in grado di mantenere l'ambiente pulito e profumato, di assicurare un forte potere assorbente e di neutralizzare gli odori e i batteri che naturalmente si sviluppano. (p. 95)

DBG - Chiudete il gatto in un stanza tranquilla della casa con le sue ciotole, i suoi giochi, la sua cesta e la sua **lettiera**. (p. 143)

G - La **lettiera** dovrebbe trovarsi in un posto tranquillo poiché i gatti apprezzano l'intimità sotto questo punto di vista. È importante che il gatto possa accedervi facilmente e in qualsiasi momento. (p. 176)

RA - la nuova soluzione igienizzante per la **lettiera** dei gatti: ha bisogno di una **lettiera** che sia in grado di mantenere l'ambiente pulito e profumato, di assicurare un forte potere assorbente e di neutralizzare gli odori e i batteri che naturalmente si sviluppano. (p. 96)

7 - Cassettina per lettiera/ cassetina igienica

DBG - Il gatto si rifiuta di utilizzare la propria **cassettina igienica** se vicina al posto dove mangia. (p. 84)

DBG - Se il vostro gatto non ha la possibilità di uscire, deve essere disponibile una **cassettina per la lettiera**. Ma attenzione, il gatto non fa i suoi bisogni ovunque. (p. 85)

G - Se un gatto non ha la possibilità di uscire di casa la questione della **cassettina igienica** può diventare un problema ma, se viene pulita e si cambia regolarmente la sabbia, non ci sono cattivi odori. (p. 129)

8 - Erba gatta⁶⁰

DBG - L'erba gattaia non va confusa con l'**erba gatta**, miscela di germogli di cereali che facilitano il gatto nella digestione e nel rigurgitare pelo. Di solito, l'erba venduta nei negozi di articoli per animali come **erba gatta**, è una miscela di cereali (orzo, avena, grano e segale). (p. 61)

⁵⁹ É importante destacar que, em alguns casos, a lettiera é tratada como a própria caixa de areia, como no livro Gatti, mas que na maioria das vezes é o material que se encontra dentro da *cassettina igienica*.

⁶⁰ O *Dizionario Bilingue gatti/italiano, italiano/gatti* traz uma diferença entre a *erba gattaia*, que é natural, e a *erba gatta* que seria aquela comprada em loja de animais e serve para ajudar na digestão sem excitar o felino.

G - Un'alternativa consiste nell'acquistare vasi con **erba gatta** nei negozi d'animali. Oppure possiamo comprare un vaso con il cipero, una pianta che, oltre a essere molto ornamentale, ai gatti piace moltissimo. (p. 195)

9 - Erba gattaia

DBG - L'**erba gattaia** non va confusa con l'erba gatta, miscela di germogli di cereali che facilitano il gatto nella digestione e nel rigurgitare pelo. Di solito, l'erba venduta nei negozi di articoli per animali come erba gatta, è una miscela di cereali (orzo, avena, grano e segale). (p. 61)

10 - Tappetino igienico/ tappetino assorbente

RQZ - Comprare una gabbia pieghevole da viaggio, acquistare un guinzaglio e un collare, comprare i **tappetini igienici**. Potrebbero essere utili portare il nostro amico peloso dal veterinario per valutare il suo stato di salute fisico (p. 101)

DBC - Anche l'utilizzo di giornali, **tappetini assorbenti** o pannoloni è sconsigliato, perché diamo un'abitudine che poi è difficile da togliere. (p. 271)

11 - Brandina

DBC - La **brandina** deve rappresentare un luogo – rifugio e non deve essere posizionata in luoghi poco tranquilli o dove il cane si sente chiamato a svolgere un'attività di vigilanza. (p. 56)

RA - In commercio esistono numerosi modelli di cucce e **brandine**, ma in realtà all'atto pratico non sono tanto la foggia o il materiale a fare la differenza. (p. 28)

RQZ15 - Quando torniamo dal lavoro entrano in casa con noi e ci restano, poi un'uscitina alle ventidue per l'ultima pipì, e infine a nanna, sulla loro **brandina**, in casa. (p. 39)

12 - Museruola

RQZ - Parte il nuovo servizio di viaggiare com le frecce e gli Eurostar e che vogliono portare con sé i propri cani, si qualsiasi taglia. Il kit per viaggiare in treno sono: **museruola**, guinzaglio, certificato iscrizione anagrafe canina e libretto sanitario. (p. 16)

DBC - La **museruola** (rigida o morbida) va sempre portata con sé e indossata in caso di bisogno. L'obbligo del guinzaglio e della **museruola** sussiste invece per i cani condotti nei locali pubblici o sui mezzi di trasporto. (p. 336)

13 - Toelettatura/ Toilette/ toletta/ toeletta

RQZ - Moltissimi che hanno bisogno di sapere informazioni sul mondo degli animali, dalla gestione all'alimentazione, della **toelettatura** ai giochi, dalla salute al benessere. (p. 31)

EC - Bisogna poi aggiungere che un salone di **toelettatura** è anche un negozio, e che come tale deve essere gestito calcolando le scorte degli accessori, soddisfacendo le richieste e avendo molto tatto nei rapporti con la clientela. Spesso infatti insorge la necessità di educare i proprietari di animali, dato che i cani hanno bisogno di essere sottoposti a una **toeletta** regolare, estate e inverno, soprattutto in città. (p. 4)

DBG - **Toilette** . Attività che permette al gatto di restare pulito, dalla testa fino all'estremità della coda. (p. 138)

DBC - **Toelettatura**: Uno dei rituali umani che ci cambia e a volte modifica i rapporti canini. La situazione tipo: il cane osserva con fare interrogativo un caniche royal tinto di rosa, profumato e toellettato da leone. (p. 316)

1001 - **La toletta** quotidiana mantiene il pelo soffice e lucido, eliminando i detriti , la polvere e gli eventuali parassiti. (p. 71)

14 - Tosatura

EC - La **tosatura** va iniziata prima del bagno , tagliando la maggior parte del pelo, e ultimata dopo l'asciugatura, con il taglio e forbice e gli ultimi ritocchi a muso e zampe, servendosi di pettini per **tosare** più sottili. (p. 20)

RA - La **tosatura** estiva non è necessaria se intensifichiamo le spazzolate nel periodo della muta. (p. 59)

15 - Iscrizione anagrafe canina

RQZ - Parte il nuovo servizio di viaggiare com le frecce e gli Eurostar e che vogliono portare con sé i propri cani, si qualsiasi taglia. Il kit per viaggiare in treno sono: museruola, guinzaglio, certificato **iscrizione anagrafe canina** e libretto sanitario. (p. 16)

DBC – **Anagrafe canina** - È obbligatorio provvedere all'identificazione e alla registrazione dei cani nell'**anagrafe canina** del Comune di residenza o della Asl competente, in conformità alle disposizioni adottate dalle regioni e dalle Province autonome di Trento e Bolzano e all'Ordinanza del 6 Agosto 2008 [...] (p. 326)

RA - Il progetto attuale si propone di incentivare l'iscrizione all'**anagrafe canina** e la vaccinazione dei cani che vivono nell'areale dell'orso bruno marsicano. (p. 14)

16 - Bocconcino/ boccone

C - Quando il cane riesce ad associare all'acqua il ricordo dell'esperienza gradevole di un **boccone** appetitoso, allora ha superato in parte la sua paura. (p. 179)

C - Lo possiamo gratificare anche con un **bocconcino** di qualcosa di ghiotto. (p. 162)

DBC - Il **bocconcino** è l'elemento maggiormente utilizzato nell'apprendimento per conseguenza perché rinforza e sollecita l'espressione del cane. (p. 197)

RA - Innanzitutto, i due componenti "umani" dovranno dotarsi di un equipaggiamento analogo: un guinzaglio ciascuno, una ciotola per l'acqua, dei gustosi **bocconi**, una coperta e, in prospettiva futura, una radiotrasmettente. (p. 82)

17 - Gattaiola

1001 - La **gattaiola** funziona in maniera molto semplice: il gatto la apre con una leggera spinta del muso o delle zampe e poi si chiude automaticamente al passaggio dell'animale. (p. 68)

DBG - Per abituare il vostro compagno alla **gattaiola**, cominciate con il lasciarla aperta e attiratelo verso l'esterno con una leccornia. Abbassate progressivamente lo sportellino della **gattaiola** per insegnargli a spingerla. (p. 68)

3.4 Descrição e análise dos dicionários utilizados na pesquisa

Escolhemos a apresentação dos dicionários *De Mauro* (2000), *Lo Zingarelli* (2012), *Garzanti* (2011) versão impressa por serem mais completas do que a Introdução apresentada na versão *on-line* e eletrônica. Procuramos fazer neste item uma síntese das instruções que constam na Introdução das obras analisadas. Dessa forma, podemos perceber melhor as diferenças e as semelhanças vistas em cada uma delas, a fim de ressaltar como os dicionários tratam as ULs selecionadas.

3.4.1 Dicionário *on-line* de Língua Italiana *De Mauro*

Salientamos que, no caso do dicionário *De Mauro*, utilizamos a versão *on-line* por ser mais dinâmica e estar ao alcance de todos. Não teremos prejuízo quanto à utilização da

Introdução das obras no formato impresso, pelo contrário, buscamos uma fonte integral das obras analisadas a fim de priorizar sua produção e destacar a diferença entre as versões eletrônicas.

A parte introdutória do dicionário se inicia trazendo o leitor para um contexto histórico que situa a obra e justifica sua origem. A devastação da Itália pós-guerra (1946) teve consequências não só econômicas como também sociais. O país era dividido entre letrados, cerca de 10% dos cidadãos, que usavam o italiano como forma de comunicação (principalmente nas cidades de Roma e Toscana), e pessoas mais humildes que continuavam a fazer dos dialetos locais o principal meio de comunicabilidade.

Esse quadro de exclusão sociolinguística começou a mudar na segunda metade dos anos 90. A Itália reverteu a situação rapidamente e os jovens da época conseguiram superar exames seletivos para alcançarem um grau de ensino elevado tão negado a seus pais, vítimas do caos gerado pela laceração do fim do regime fascista. Em consequência da crescente escolaridade das classes mais jovens, o país mudou sua face escolástica e, no final dos anos 90, somente 10% dos adultos não obtinham a formação básica de estudos e 25% da população já atingia a formação universitária.

O crescimento da instrução no país foi um dos fatores que fomentaram a difusão do uso do italiano, língua tradicionalmente aprendida nas escolas. Os italianos buscavam melhores condições de trabalho e viam a formação escolar como um meio de ascensão profissional. O campo foi perdendo espaço para setores industriais não só no Norte, como de costume, mas também em outras áreas difundidas pelo país, tal desenvolvimento fez com que houvesse uma grande migração interna e o italiano passou de privilégio de letrados para necessidade de interação entre os tantos dialetos que ocupavam a torre de babel dos centros urbanos. A transmissão televisiva, em meados dos anos 60, também auxiliou a difusão da Língua Italiana como principal uso vivo do idioma, em forma de conteúdos informativos, artísticos e técnico-científicos.

Segundo dados do Instituto Central de Estatísticas (informados por De Mauro), na década de 90, a progressão do italiano alcançava quase totalidade da população. Entretanto, a difusão do italiano não anulou o uso dos dialetos que, algumas vezes, se preserva em ambientes familiares. Naturalmente, somente o fato de estar em contato com o italiano padrão já era um benefício para a população. Por sua vez, outras variedades linguísticas regionais foram surgindo como uma ponte entre o italiano e os dialetos, ainda mais facilmente difundidas que estes últimos – a variante regional deu espaço para novas palavras, locuções e expressões.

As novas condições de vida italiana cotidiana, com a dependência entre os setores econômicos, produtores e políticos, além da ampliação de ramos industriais, trouxe para os cidadãos uma nova realidade: o contato com termos técnico-científicos. A unificação e difusão planetária de serviços, de informações, de diversas formas de entretenimento e o crescimento de uma atenção coletiva para a saúde e o ambiente são alguns fatores que impulsionaram o uso de uma linguagem mais técnica no dia a dia da população, indispensável para uma boa comunicação no contexto social e rotineiro.

A sociedade italiana percorreu um longo caminho para se apropriar da língua nacional e inseri-la realmente como língua comum de todos os dias em todas as regiões do país e em todos os estratos sociais. Apesar disso, o número de italianos que tinha o hábito da leitura ainda era baixo, uma em cada 10 pessoas tinha a prática de comprar jornais no fim dos anos 90. Houve também um aumento na insegurança de uso da língua, sendo que os idosos, que já tinham construído uma base dialetal, se acostumavam ao “novo” idioma e os jovens tinham suas formações dentro do uso ainda rebuscado de complexo de Dante e Machiavelli.

Mediante a dimensão e a intensidade das mudanças linguísticas, era preciso repensar seriamente na matéria, nos objetivos, nas técnicas e na apresentação dos dicionários. Era necessário renovar a compreensão da base científica do léxico italiano, dispondo um esquema mais atualizado, preciso, completo e detalhado, percorrendo o trajeto entre a língua “antiga e nova”.

As duas principais editoras do país, Paravia e UTET, desenvolveram um laborioso projeto a fim de alcançar a demanda da população. Em 1999, foram publicados pela editora UTET seis volumes do *Grande dizionario italiano dell'uso*. Um gigantesco trabalho que contou com a ajuda de linguistas, gramáticos, lexicógrafos, estudiosos e técnicos, com 150.000 lemas de conhecimentos variados entre o uso histórico e atual da língua. O *Grande dizionario italiano dell'uso*, além de sua amplitude inovadora, fornece informações mais completas sobre as fontes e os textos examinados e utilizados no critério de seleção da vasta gama de verbetes inseridos na obra.

Concomitantemente ao projeto do *Grande dizionario italiano dell'uso*, a editora Paravia iniciou a produção de dicionários pedagógicos que tinham como principal destinatário os alunos das escolas italianas. Aos estudantes dos anos iniciais foi destinada a obra *Prime parole* em formato ilustrado. Aos adolescentes das escolas de base, a obra *Il DAIC – Dizionario di base della lingua italiana*. Pensando nos alunos enquadrados no ensino superior, foi instituído o dicionário *Il DAIC – Dizionario avanzato dell'italiano corrente*. Entre o *Grande dizionario italiano dell'uso*, elaborado junto à editora UTET, e os três dicionários pedagógicos citados

havia uma lacuna a ser preenchida: um espaço para a formação intermediária. Por isso, a editora Paravia colocou em prática seu projeto de criar e oferecer um instrumento adequado aos jovens que fazem parte não só do grupo de estudantes da escola média ou universitária, mas também de contextos profissionais, bem como às famílias sedentas de informações que procuram segurança no uso de palavras e termos e a todos aqueles que desejam se exprimir de modo claro e preciso.

A concretização do dicionário *Dizionario della lingua italiana* parte do amplo material inserido no *Grande dizionario italiano dell'uso*, repensando-o e tornando-o mais ágil e funcional, com a finalidade de instruir os consulentes quanto ao uso real e ativo da língua italiana hoje comum, daquela de tradição literária e das linguagens científicas e técnicas. Dessa maneira, o dicionário se mostra não só como um mero repertório de definições, mas como uma ferramenta dinâmica que guia o usuário para situações concretas do idioma, a fim de garantir o melhor emprego possível do patrimônio linguístico.

Quanto a sua estrutura, o dicionário *De Mauro, Dizionario della lingua italiana*, apresenta 130.000 lemas de somente uma palavra (*monorematici*) e cerca de 30.000 lemas constituídos por mais de uma palavra, mas com único significado, as chamadas expressões cristalizadas (*locuzioni polirematiche*).

Em uma língua, as palavras pertencem a certos graus de predileção por conta de sua presença no uso cotidiano. Dentro da obra em questão, essas palavras encontradas no centro do léxico são nomeadas de “vocabulário de base” e são divididas em três categorias que serão explicadas a seguir.

As palavras de maior frequência, que constituem em torno de 90% de tudo que lemos, escrevemos e dizemos, em italiano, têm o número aproximado de um pouco mais de 2000: algumas delas pertencem a classes gramaticais e outras preenchem um significado. No *De Mauro*, elas são chamadas de “fundamentais” e são identificadas com a nota de uso FO (*fondamentale*).

O segundo grupo de palavras italianas muito importantes no uso do idioma compreende um pouco mais de 2500 ULs que são de frequência menor quando comparadas às fundamentais, mas sua presença ainda é considerada grande na Língua Italiana, estatisticamente comprovada em discursos e escritas, com base em pesquisas entre jovens e adultos que não possuem ensino superior. São nomeadas de palavras de alto uso e classificadas com a nota de uso AU (alto uso). Enfim, o terceiro grupo de palavras consideradas essenciais no vocabulário base é chamado de alta disponibilidade ou alta familiaridade. Essas ULs não apresentam alta frequência como as duas anteriores, mas são de extrema importância para orientar-nos na vida

cotidiana, abrangem cerca de 1897 palavras presentes na mente dos indivíduos por estarem conexas a objetos e momentos da vida cotidiana, são assinaladas com a marca de uso AD (*alta disponibilità*).

Nesse conjunto dividido em três categorias de palavras (fundamentais, de alto uso e de alta disponibilidade), constitui-se o “vocabulário de base” do italiano contemporâneo, o núcleo vital mais importante do léxico. Dentre essas três categorias, as palavras de alta disponibilidade, diretamente ligadas ao cotidiano, às técnicas, aos usos e costumes, são compostas por ULs mais recentes.

A obra também apresenta uma distinção entre as palavras entendidas pela grande maioria dos indivíduos do discurso e aquelas que fazem parte de uma área mais técnica e restrita, entendidas e usadas por especialistas, estudantes ou profissionais. As palavras comuns, isto é, de entendimento geral, são marcadas pela abreviação CO (*parole comuni*) e abrangem cerca de 40.000 lemas simples e 3500 lemas compostos (expressões cristalizadas).

A obra é formada por vocabulários presentes em textos escritos e específicos, de pouco uso na língua cotidiana, classificados como de baixo uso BU (*basso uso*). Decidiu-se conservar também 15.000 lemas simples e algumas centenas de *polirematiche* que não são produtivamente inseridos na linguagem, no entanto aparecem em textos literários de séculos passados. Por esse motivo, são chamados de obsoletos e marcados como OB (*obsoleto*). Uma distinção foi feita para diferentes vertentes do léxico: o regional RE (*regionale*), o dialetal DI (*dialettale*), os estrangeirismos ES (*esotismo*) e os usos literários LE (*di uso letterario*).

Uma seleção feita no *De Mauro* simplificou um pouco (em relação ao *Grande Dizionario dell'uso*) a rica série de termos e expressões cristalizadas pertencentes às linguagens técnico-científicas. Foram inseridos integralmente o primeiro e o segundo elemento das ULs compostas e dos prefixos e sufixos necessários para a orientação nos mecanismos da composição e derivação das palavras.

O dicionário distingue as ULs pertencentes à linguagem comum e à linguagem específica com as abreviações CO (*comune*) e TS (*tecnico- specialistico*), permitindo maior compreensão para o consulente. A palavra “arabo”, por exemplo, está classificada com o significado de “relativo à Árabia” e como uma “raça de cavalos”, neste último caso usado especificamente pela zootecnia e devidamente classificado com a nota de uso TS.

Após o contexto apresentado acima, a obra traz, na sua Introdução, critérios de lematização que guiam a consulta do consulente. Dentre as advertências para o usuário, há a explicação de como são inseridos na obra os artigos, substantivos, adjetivos, pronomes, verbos (complementares e pronominais, advérbios, preposições e conjunções). O dicionário conta com

160.000 lemas e expressões repartidos em duas grandes categorias: entrada principal (130.000) e expressões, *polirematiche* (30.000), incluídas abaixo das informações dentro do verbete.

Os artigos definidos e indefinidos, masculinos e femininos são lematizados, lembrando que, na gramática italiana, diferentemente de nossa língua materna, a estrutura dos artigos admite mais formas gramaticais; para nosso artigo definido masculino “o”, por exemplo, há as formas *l’*, *lo* e *il*. A forma em que os substantivos são apresentados coincide com o modelo padrão de obras de referência semasiológicas: nomes masculinos no singular quando há distinção de gênero e o plural de ULs que só admitem essa forma, um exemplo em nosso idioma é a palavra “costas”.

A forma de citação dos adjetivos é masculina singular, a não ser que o adjetivo exista somente em forma feminina e não apresente correspondente no masculino. No exemplar impresso, há uma seção que remete o consulente à gramática daquela UL e no caso de verbos, por exemplo, há sua conjugação; a versão *on-line* não conta com tal recurso. O grau superlativo dos adjetivos também é lematizado, assim como são lematizadas as formas adverbiais terminadas em *-mente*. Os pronomes, bem como os substantivos e os adjetivos, são lematizados na forma masculina e a classe específica a que pertence (demonstrativo, possessivo etc.) é vista junto à definição gramatical.

Os verbos são lematizados no infinitivo seguindo a tradição de nomeá-los como transitivos ou intransitivos na sua definição gramatical. Para verbos intransitivos, a definição gramatical é seguida pela indicação do verbo auxiliar em negrito e entre parênteses. No italiano, a forma do tempo passado se faz pelo uso dos verbos *ser* e *ter* (*essere* e *avere*), por isso, o dicionário já mostra ao consulente o auxiliar que ele deve usar para construir o pretérito. Quando o verbo admite dois auxiliares, ambos são indicados. Na primeira pessoa do singular (modo indicativo, tempo presente), há uma indicação da tonicidade das vogais “o” e “e”, entre parênteses e em negrito.

São lematizados alguns verbos chamados procomplementares (*procomplementari*), dotados de um significado próprio que não pode ser atribuído ao verbo principal, ou com um significado muito cristalizado, como por exemplo: *avercela* (estar zangado), *cavarsela* (arranjar-se), *fregarsene* (não se importar). Possuem definição gramatical (v. *procompl.*), marca de uso e indicação da primeira pessoa (quando necessário). Os verbos chamados pronominais são construídos com um pronome reflexivo, como *lavarsi* (lavar-se) e *amarsi* (amar-se), e recebem as marcas “v. *pronom.tr.*” (quando transitivos), “v. *pronom.intr.*” (quando intransitivos) e “v. *pronom.intr. e tr.*” (quando transitivos e intransitivos). Todos os participípios passados dos verbos são lematizados, exceto aqueles obsoletos, assim como os participípios

presentes, que geralmente se enquadram na classe de substantivos ou adjetivos, por exemplo: amante (*amante*) e cadente (*cadente*). Uma característica interessante da obra é lematizar a primeira pessoa dos verbos irregulares *dare* (dar), *stare* (ser e estar), *fare* (fazer), *dire* (dizer) e *venire* (vir) no tempo chamado “*passato remoto*” esse é um recurso que facilita a consulta e auxilia o consulente.

Constituem o lema as preposições tanto simples como articuladas nos diversos aspectos – feminino, masculino, singular e plural. A definição das preposições articuladas remete a sua forma simples (preposição simples), como em: *al/le* prep.art.f.pl.comp. *di e le*. Neste exemplo, a preposição *alle* se forma a partir da junção da preposição *di* com o artigo *le*. Constituem entradas as interjeições (*ah, ohi* etc.) e também as manifestações de onomatopeias, chamadas em italiano de *fonosimboli* (*bum, ciuf* etc.).

A obra apresenta os chamamos termos confixos (*i confissi*), que indicam um elemento semântico quase sempre emprestado do grego ou do latim, que não pode ser usado isoladamente como palavra autônoma, é o caso de *api* (em apicultura) e *antropo* (em antropologia). Além desses, são lematizados 94 prefixos e 257 sufixos italianos, sem menção aos sufixos dialetais ou antigos, considerados fora de uso no italiano contemporâneo. Alguns sufixos que transformam as ULs em diminutivos ou aumentativos são lematizados separadamente no dicionário (*-ino, -one, -accio* etc.) e incluem, em sua definição, as palavras que podem ser mudadas a partir desse processo de sufixação.

Na categoria dos estrangeirismos, chamado pelo autor de *esotismo*, são abarcadas as ULs provenientes de uma língua estrangeira e não integrantes do sistema morfológico do idioma italiano. Contudo, não entram nessa categoria nomes de animais e plantas, unidades de medida e moedas nacionais, considerados como termos internacionais. Os estrangeirismos são grafados do mesmo modo da língua de origem, exceto o alemão, que sempre é grafado com a inicial minúscula. Em alguns casos, como o árabe, a grafia apresentada é aquela adaptada ao uso Ocidental. A língua de origem é especificada com uma marca de uso e seguida por uma transcrição fonética original daquela adaptada.

Outra característica do dicionário é a lematização de: siglas (abreviações de associações, partidos, termos médicos e nomes de doenças), geralmente registradas em forma maiúscula e sem pontos; abreviações (palavras pertencentes à linguagem comum ou de âmbito particular), registradas com um ponto e com letra maiúscula ou minúscula, dependendo do uso; símbolos (abreviações geralmente de termos técnicos e científicos, como elementos químicos) e acrônimos (termos compostos por uma ou mais sílabas da palavra constituída que já

incorporaram um significado próprio, como *ONU*). A inserção de tais unidades foi pensada a fim de proporcionar maior comodidade ao leitor.

Ressaltando a estrutura dos verbetes, vimos que o lema é apresentado sempre em negrito e se encontra separado em sílabas com um acento grave sobre a sílaba tônica. A seguir há a classificação gramatical, que pode ser mais de uma, dependendo da UL. Após a entrada vemos a marca de uso e, em seguida, a definição, podendo ser dividida em várias acepções, demonstradas por números arábicos. Pode ocorrer de o número ser repetido dentro das diferentes acepções quando se observa uma relação entre os significados.

No caso da obra impressa, ao final de cada verbete, encontramos uma seção de sinônimos e antônimos assim como uma seção gramatical. No *Internazionale*, versão *on-line* do dicionário *De Mauro* utilizado para a busca das ULs neste trabalho, não temos acesso a essa referência, mas temos as expressões (*sezione polirematiche*) que incluem o uso da palavra pesquisada. Os lemas geralmente são acompanhados pela etimologia das palavras, com exceção de lemas pertencentes à classe dos verbos, siglas, abreviações, acrônimos e símbolos. A data também consta nos verbetes que reportam o consulente ao primeiro registro da UL buscada.

A pronúncia usada nas ULs é de origem toscana e romana culta. Quando encontramos uma palavra que pode ser pronunciada diferentemente nessas regiões, ambas são exemplificadas. No exemplar impresso, os termos italianos que derivam de palavras estrangeiras ou apresentam uma pronúncia que não coincide perfeitamente com a grafia são transcritos foneticamente entre barras verticais logo após o lema, tal identificação não consta na versão *on-line*.

As marcas de uso, já exemplificadas no início deste item, na parte de Introdução à obra, são estampadas em vermelho de forma maiúscula nos dois exemplares, logo após a definição gramatical, e são vistas também nas expressões cristalizadas (*polirematiche*). Cada uma das expressões cristalizadas é lematizada em negrito e em ordem alfabética abaixo da palavra primeiramente isolada.

As palavras homógrafas (de escrita igual, mas significados e pronúncias diferentes) são lematizadas em definições distintas quando se diferem fonologicamente, etimologicamente e semanticamente. Quanto à definição, na maior parte das vezes, os diferentes significados das ULs se articulam em grupos separados pelo sentido em diversas acepções. Sempre no início de cada acepção, uma indicação de registro (*fig. / iron. / estens.*) é inserida. Após a explicação presente no início da obra, há o quadro de abreviações dos símbolos usados nas transcrições fonéticas e a transliteração do grego.

Neste item, procuramos destacar as principais peculiaridades do *Dizionario della lingua italiana* De Mauro e nortear o leitor em seu uso, bem como antecipar a organização dos verbetes voltados a nossa análise, que serão trabalhados e avaliados no decorrer desta pesquisa.

3.4.2 Dicionário de Língua Italiana *Lo Zingarelli*

A obra se inicia com uma nota de Massimo Arcangeli, “*osservatorio della lingua italiana*”⁶¹, usando as expressões idiomáticas para mostrar ao leitor que nem sempre as locuções são simples e claras no uso cotidiano da língua e que, na maioria das vezes, elas fazem parte de particularidades do idioma no qual estão inseridas, fazendo-se presentes em seus contextos de uso. Ainda dentro do cenário das expressões, o linguista discorre sobre a grande variedade de nomes de animais inseridos em diversos idiomas, dentro das expressões, listando vários exemplos como: “*avendo una fame da lupo*”⁶² e “*mangia come un maiale*”⁶³. Este fato deixa nítida a atuação dos nomes de animais no uso de expressões já cristalizadas.

Partindo para o universo humano, há uma nota sobre os estereótipos nacionais, dentro do português temos, por exemplo, “saída à francesa”. As marcas nacionais dependem sempre de como olhar para o estrangeiro, os italianos usam a expressão “*fare il portoghese*”⁶⁴ para tratar de pessoas que usufruem de um serviço sem pagar nada por ele, como entrar em um concerto de música sem pagar o bilhete. No Brasil, os portugueses são estereotipados como europeus pouco inteligentes, já na Itália vemos que ocorre o contrário, pois eles usam da esperteza para desfrutar de algo a seu favor.

Após essa Introdução jocosa sobre as peculiaridades do vocabulário, há uma nota do editor sobre o conteúdo da obra. A primeira edição do *Vocabulario della lingua italiana*, do autor Nicola Zingarelli, foi publicada em 1922. O dicionário obteve um grande sucesso por atender às necessidades de diversos grupos de consulentes: estudantes, profissionais, leitores e escritores. Posteriormente à morte do autor (1935), a obra passou por diversas edições, uma das mais importantes ocorreu em 1970, com os autores Miro Dogliotti, Luigi Rosiello e Paolo Valesio. Desde então, *Lo Zingarelli* é revisto e editado anualmente pelo autor Mario Cannella

⁶¹ Observação da Língua Italiana.

⁶² Tendo uma fome de leão (no caso da Língua Portuguesa, não se usa a expressão “fome de lobo”, que seria o correspondente da UL *lupo*).

⁶³ Comer como um porco.

⁶⁴ Bancar o português.

com a coordenação, em um primeiro momento, de Roberta Balboni e depois de Beata Lazzarini. O dicionário conta ainda com trezentos colaboradores que são elencados e citados na folha de rosto intitulada “elenco de colaboradores”.

A estrutura do vocabulário em *Lo Zingarelli* é dividida em parágrafos que correspondem a cada verbete ou, em menor número, dedicado às locuções, como *big bang*, por exemplo. A palavra ou locução listada é chamada pelo autor de vocábulo ou lema, assim como vimos nos dicionários de Língua Portuguesa. As letras são grafadas em negrito de cor azul. Há um esquema fixo de organização dos verbetes: entrada; indicação de marca registrada; transcrição fonética; variante de forma; etimologia; indicação gramatical; seção morfológica; seção semântica; sinônimos, contrários, análogos, símbolos; lemas derivados ou alterados do vocábulo original (*alterati e sottolemmi*); família de palavras análogas à original (*sfumatore di significato*) e nomenclatura. A estrutura mencionada será explicada separadamente nos parágrafos seguintes.

Os lemas são elencados em ordem alfabética e são registrados de forma convencional, isto é, singular para substantivos de gêneros fixos; singular masculino para substantivos e adjetivos que admitem dois gêneros e infinitivo para os verbos. Os vocábulos femininos que têm significados autônomos do correspondente masculino são grifados separadamente, é o caso da palavra *fera*, por exemplo. Os vocábulos homógrafos são diferenciados por um número no canto superior direito do lema. Os vocabulários arcaicos, que ainda se encontram em textos literários, são marcados pelo símbolo (†) e os lemas de maior frequência são precedidos com a forma (◇). Essa escolha foi feita com base nos léxicos de frequência, entre eles “*il lessico di frequenza della lingua italiana*”, feito por *De Mauro*, e em análise estatística do *corpus* italiano Zanichelli. São precedidas por uma flor (♣) cerca de 2900 “*parole da salvare*”⁶⁵, isto é, palavras que são menos frequentes por conta de seu baixo uso na TV e nos jornais, estes preferem usar sinônimos mais modernos em seu lugar.

Considera-se variante de forma de um vocábulo aquelas palavras que apresentam, em comparação àquelas de uso mais frequente, diferenças fonéticas e gráficas, porém com a mesma base etimológica e o mesmo significado. Geralmente, uma nota remissiva é inserida para mostrar a forma mais usual do lema. A definição gramatical indica a função que a palavra exerce no discurso e se mostra abreviada e em negrito, sempre que a palavra apresentar mais de uma função gramatical, esta será precedida por uma letra maiúscula e sombreada. Na versão em CD-ROM, logo antes da definição e acima da UL registrada, há uma remissiva denominada

⁶⁵ Palavras para salvar (Trad. Nossa)

flessione, que nos remete a flexões gramaticais do lema. Se for um verbo, é possível ter acesso a sua conjugação em todos os tempos verbais da língua; em relação ao substantivo, podemos ter acesso a sua forma plural e singular. Esse recurso auxilia o consulente quanto a possíveis dúvidas gramaticais, principalmente no caso de flexões irregulares.

As formas de flexão dos lemas (substantivos, adjetivos, verbos etc.) são marcadas na seção morfológica, toda posta entre parênteses. Dentre essas flexões, encontram-se: plurais irregulares de substantivos masculinos e femininos; plural de substantivos masculinos terminados em *-a*; plural de substantivos masculinos terminados em *-io*; plural de adjetivos masculinos terminados em *-io*; plural de adjetivos masculinos terminados em *-co*, *-go*, *-sco*; plural de substantivos femininos terminados em *-cia*, *-gia*, *scia*; plural de adjetivos femininos terminados em *-cio*, *-gio*, *-scio*; plural de substantivos compostos; feminino de nomes que têm o plural irregular; feminino de substantivos e adjetivos terminados em *-tore*; forma masculina de alguns substantivos femininos; comparativo e superlativo comuns ou irregulares de adjetivos; truncamentos de pronúncia; auxiliares de todos os verbos intransitivos não arcaicos; auxiliar de todos os verbos pronominais, o verbo *ser* (*essere*) no caso do italiano; todas as formas irregulares de verbos não arcaicos; tempo e modo de verbos defectivos; primeira pessoa do singular do presente do indicativo quando a sílaba tônica possuir as vogais *e* e *o*; primeira e segunda pessoas do singular do presente do indicativo de verbos terminados em *-care*, *-gare*, *-cere*, *-gere*, *-scere*; primeira pessoa singular do presente do indicativo quando o acentoônico estiver em uma sílaba diferente daquela no infinitivo; primeira e segunda pessoas do singular do presente do indicativo de verbos com ditongos variáveis (*-ie*, *-uo*) e conjugação irregular de verbos compostos junto à remissiva da conjugação do verbo simples.

Depois da seção morfológica, temos a seção semântica logo após o lema ou inserida por um ponto na cor azul, ela contém o significado das palavras. Quando há uma polissemia, inserem-se números arábicos para diferenciá-los e ordená-los. As definições são geralmente seguidas por frases explicativas ou citações de autores literários. Nas locuções e nas frases explicativas, a palavra que é tratada no lema é substituída pela sua inicial seguida por um ponto. Os sinônimos, os antônimos e as palavras análogas são colocados no fim do registro semântico da UL à qual se referem e contêm as abreviaturas SIN., CONTR. ou CFR.

A seção de entradas derivadas ou alteradas do vocábulo original é separada do restante dos lemas por uma dupla barra vertical e aparece em negrito, em um tamanho de letra menor que o vocábulo de origem. A presença da marca (V.) significa que o lema alterado possui um significado autônomo lematizado separadamente. Como dito anteriormente nesta seção, o

dicionário também acolhe palavras que são marcas registradas sem que isso implique algum julgamento, elas são marcadas pelo símbolo ®.

A etimologia das palavras aparece entre colchetes e a datação é introduzida pelo símbolo (*), baseia-se na consulta dos maiores dicionários históricos e etimológicos da Língua Italiana. Trata-se de datas referentes à aparição das palavras em textos escritos em italiano, não em contexto de língua falada.

Quanto à pronúncia, o dicionário traz duas marcações distintas. Na maior parte das palavras italianas, a tônica é indicada por um acento claro ou escuro, agudo ou grave, e por um sublinhado abaixo das consoantes *s* e *z*. Todos os vocábulos são acentuados: quando o acento está em negrito, é próprio da palavra (obrigatório); quando está com letra em azul claro, indica somente sua tonicidade. A pronúncia das palavras estrangeiras é indicada com símbolos alfabéticos da Associação Fonética Internacional. Em Língua Italiana, o acento (˘) indica uma pronúncia aberta, já o acento (˙) indica uma pronúncia fechada, referente a nosso acento circunflexo.

Temas que normalmente implicam em problemas na escrita e na fala – acento, elisão e truncamento, erros comuns, feminino, maiúscula, número, ponto, sílaba e estereótipos – são inseridos depois do lema correspondente e se apresentam com um fundo colorido. Outras marcas de uso, também escritas em um fundo colorido, são inseridas nas acepções dos verbetes e definem o significado, o uso e o contexto mais apropriado de cada um deles em relação aos outros. A regência dos lemas também é inserida no verbete, entre parênteses no fim da definição, com uma nota simples sobre o principal uso e marcada pelo símbolo +.

Após esse guia sobre o uso do dicionário, o autor traz os responsáveis pelas ilustrações presentes na obra, uma tabela de grafemas e fonemas, uma tabela de símbolos fonéticos empregados nas transcrições, símbolos usados nas definições e nos lemas e, por último, uma tabela de transliteração do grego antigo.

3.4.3 Dicionário de Língua Italiana *Garzanti*

A apresentação do dicionário *Garzanti* se inicia com a afirmação de que o italiano contemporâneo é uma mistura linguística de vários e complexos modos de dizer. Vocabulários de séculos de tradição convivem com palavras que circulam nos tempos atuais. Por isso, um “grande” dicionário, segundo o editor da obra, deve ser capaz de perceber essa nova realidade

linguística e complexa, tendo a obrigação de testemunhar o passado, documentar o presente e ainda intuir o futuro.

Ainda segundo nota do editor, a intenção do dicionário é eliminar todas as dificuldades vistas como empecilho para o uso do idioma (sinais convencionais, abreviações, tecnicismos) e criar soluções graficamente mais práticas para a leitura, assim como oferecer novos serviços de sinônimos e antônimos, características que, geralmente, são vistas em obras separadas.

Para abarcar as necessidades do consulente, não basta a inserção de 500 novas palavras ao ano, novas acepções e novas locuções, como já é feito em cada edição, mas é preciso também trabalhar com as ULs já existentes e aquilo que já está escrito. Somente desse modo é possível oferecer ao leitor um panorama claro e completo sobre o patrimônio lexical da Língua Italiana. Para responder às perguntas e às dúvidas linguísticas, a obra conta com mais recursos quando comparada às edições precedentes: as notas de uso, as regências e as expressões *polirematiche*.

As notas de uso são breves notas, no final de cada lema, que respondem às dúvidas mais comuns, por exemplo, sobre a pronúncia, grafia, formas particulares do feminino e do masculino e possíveis ambiguidades de significado. As regências constituem indicações dadas para o caso de dúvidas gramaticais, como Introdução de complementos diretos e/ou indiretos. As expressões *polirematiche* são formadas por mais de um elemento que constituem um conjunto não dissociável e com um só significado completo, exemplo: *carta di credito*⁶⁶.

Os lemas com maior frequência de uso são destacados por uma cor de fonte azul, compõem um pouco mais de 6000 palavras e são selecionados com base nos mais importantes textos de referência: *Lessico di frequenza della lingua italiana* (BORTOLONI; TAGLIAVINI; ZAMPOLLI, 1972); *Lessico di frequenza dell'italiano parlato* (DE MAURO; MANCINI; VEDOVELLI; VOGHERA, 1993); *Vocabolario elettronico della lingua italiana* (DE MAURO; RIDOLFI, 1989) e, principalmente, *Grande dizionario italiano dell'uso* (DE MAURO, 1999). As ULs extraídas dessa fonte foram revistas e modificadas pela redação lexicográfica da editora.

Na inserção de sinônimos e antônimos, *Garzanti* preocupou-se com a correspondência mais próxima da estrutura dos lemas, de modo que fique claro qual sinônimo ou grupo de sinônimos são apropriados a uma ou a outra acepção. Além dos sinônimos, são destacados também: os análogos (ANLG.) – termos que apresentam significados semelhantes sem poder serem definidos como sinônimos; os genéricos (GENER.) – termos com significado mais

⁶⁶ Cartão de crédito

amplo que o lema, mas que podem, às vezes, substituí-lo; os específicos (SPECIF.) – ao contrário dos genéricos, possuem significado mais restrito, englobando parte do lema. Assim como os contrários, o dicionário traz também os recíprocos (REC) – termos que mantêm uma relação bilateral de modo que um não existe sem o outro, exemplo: pai/filho.

Outros instrumentos, como inserção de nomenclatura, definições gramaticais, ilustrações, prefixos e sufixos, estão disponíveis ao leitor para que ele obtenha informações a mais do que as definições buscadas no verbete. As 68 inserções de nomenclatura são exemplificadas depois do quadro de abreviações, bem como o quadro que corresponde às definições gramaticais. Cada nomenclatura se dedica a um assunto: uma disciplina (química, filosofia etc.); um setor (agricultura, malharia etc.); um aspecto da vida cotidiana (alimentação, jogos etc.), entre outros. As ilustrações, os prefixos (41) e os sufixos (75) são inseridos no apêndice da obra.

Assim como o dicionário de *De Mauro*, o *Garzanti* apresenta a divisão silábica das ULs logo após o lema e o de *Lo Zingarelli* contém somente a sílaba tônica sem indicar a separação de sílabas. Os homônimos são lematizados separadamente como na maioria das obras lexicográficas. A etimologia é introduzida após a inserção da nomenclatura por meio de uma pequena flecha envolta em um quadrado. Os exemplos de uso são inseridos, ao final da definição, por meio de uma barra. São inseridas e identificadas na macroestrutura as marcas registradas, as siglas e as abreviações da mesma forma como em *Lo Zingarelli*.

A nova versão do dicionário, tal qual a versão de *Garzanti*, conta com um CD-ROM que oferece uma variada gama de funções e instrumentos úteis aos diversos níveis de leitura e escrita dos usuários (pronúncia, possibilidade de visualizar instantaneamente definições dentro do programa em uso, dúvidas linguísticas, informações gramaticais, entre outros). Para o editor, com o uso do *Garzanti* o leitor descobrirá não só o significado das palavras, mas também um variado universo sobre a língua comum, útil a qualquer um que queira empregá-la de modo eficaz e apropriado. Ao final da nota do editor, o dicionário traz um guia para a consulta, mostrando a estrutura da obra já dentro da análise de alguns verbetes, localizando o leitor para cada item registrado. Os autores citados, o quadro de abreviações, as nomenclaturas, as unidades gramaticais, a transcrição fonética e a transliteração do grego antigo são incluídos logo após o guia.

3.5 Principais diferenças e semelhanças dos dicionários utilizados na pesquisa

Durante nossa pesquisa, foi notável perceber que o dicionário *De Mauro* é o mais explicativo quanto às marcas de uso. Nele constam as marcas em todos os verbetes, diferentemente dos demais que, muitas vezes, trazem somente a definição. *De Mauro* preocupa-se em mostrar ao consulente o quão frequente é a UL que ele busca e também sua especificidade, seu regionalismo ou seu uso dialetal, quando houver. Além disso, a obra é a mais completa na sua Introdução, pois insere todo um panorama histórico e as razões que deram origem à realização do trabalho.

Outra diferença dessa obra, quando a comparamos aos dicionários *Garzanti* e *Lo Zingarelli*, é a inserção das chamadas “poliremáticas”, em português. Como já explicado, trata-se de locuções e expressões cristalizadas que se encontram lematizadas e são vistas quando procuramos um lema, caso ele seja palavra-chave dentro da expressão. Tal procedimento facilita a procura do consulente que, em uma única busca, consegue perceber em quais expressões se encaixa a UL de que ele deseja saber a definição. Isso não significa que *Garzanti* e *Lo Zingarelli* não incluem em suas definições algumas locuções frequentes relacionadas à entrada. *Lo Zingarelli*, por exemplo, aborda algumas expressões quando insere a marca de uso figurativo (fig.) e *Garzanti* insere as frases cristalizadas dentro da própria definição.

Dentre as três obras, o dicionário *Garzanti* é o que apresenta menos conteúdo explicativo em sua Introdução e, como veremos no próximo capítulo, é a obra que apresenta menos inserção de marcas de uso. Em contrapartida, apresenta as notas de uso, como faz *Lo Zingarelli*; apesar de não vermos a ocorrência dessas notas dentro das ULs estudadas, sabemos que as obras contemplam tal uso, o que não consta em *De Mauro*. As notas gramaticais de *Garzanti* podem trazer informações sobre ortografia, concordância ou pronúncia. Já as notas de cunho semântico podem trazer diferenças sociolinguísticas, de registro ou de nível de uso, chamadas pelo dicionário *Lo Zingarelli* de *sfumature di significato*. Todas servem como um complemento para o consulente que procura algo voltado ao caráter gramatical ou semântico da palavra, por exemplo.

É importante percebermos aqui a importância dada ao léxico dentro das duas obras que trazem essas notas, em um primeiro caso temos a preocupação do lexicógrafo em informar seu consulente a respeito do uso gramatical da palavra e, em um segundo, temos a atenção de mostrar ao usuário as características de sentido encontradas na mesma palavra.

Do mesmo modo que *De Mauro*, o dicionário *Garzanti* evidencia ao leitor a frequência da UL buscada, não por meio de siglas, mas sim com a diferenciação da cor das entradas, marcadas pela cor azul quando muito frequentes no idioma; *Lo Zingarelli* mostra a recorrência com a inserção do símbolo (◊). Uma peculiaridade dessa última obra é a inclusão, em todos os lemas, da data de aparição da palavra em textos escritos em Língua Italiana, vemos tal procedimento também na obra *De Mauro*, mas não com tanta assiduidade. Em *Garzanti*, não é possível contar com tal recurso – as datas, assim como a etimologia, não são explicitamente marcadas dentro do dicionário. Veremos na conclusão que a presença da etimologia das ULs dentro dos dicionários foi primordial para analisarmos em que medida nossas ULs selecionadas faziam parte de um léxico moderno ou arcaico. A propósito, *Lo Zingarelli* é o único que inclui o símbolo de arcaísmo em palavras em desuso, que constam somente em textos literários de época. Para tal menção, o *De Mauro* opta pela marca de uso obsoleto (OB) e o *Garzanti* insere a marca correspondente a antigo (ant).

Tratando-se de obras semasiológicas, todos os dicionários em questão contam com entradas listadas em ordem alfabética. O mesmo ocorre com a marcação da sílaba tônica. Porém, a silabação das palavras não é um recurso usado em *Lo Zingarelli*, sendo o único exemplar a omitir tal procedimento, entre as obras usadas na pesquisa. Na Introdução dos três dicionários, constam a lista de abreviações, a tabela de símbolos usados na transcrição fonética e a transliteração do grego. Em *Lo Zingarelli*, contamos com a tabela das equivalências entre grafemas e fonemas, além do significado dos símbolos usados no corpo dos verbetes, como a marca de arcaísmo e de datação, por exemplo.

Na obra *Garzanti*, encontramos também a lista da inserção de nomenclatura e uma tabela gramatical separada das demais abreviações. As inserções de nomenclatura, como já explicado, são extensões de uso de grupos divididos por assuntos. Para nossos estudos, consideraremos todas essas nomenclaturas como marcas de uso, conforme usado em *De Mauro*; em *Lo Zingarelli*, são chamadas de itens da linguagem especializada. No dicionário *De Mauro*, a inclusão de tais informações está lista de abreviações, sem uma nota separada. Este último é o único que não traz um guia para a consulta, exemplificando, dentro dos verbetes, a função de cada item ordenado, a fim de demonstrar ao usuário os elementos que estão nas definições.

No próximo capítulo, os aspectos aqui mencionados serão exemplificados com as ULs que escolhemos para o desenvolvimento do trabalho. Achamos pertinente traçar um panorama geral dos dicionários, dessa forma, quando o leitor se deparar com algumas nomenclaturas relativas a eles, não haverá estranhamento tendo em vista que já foram citadas e explicadas.

3.6 Modelo de ficha lexicográfica utilizada para análise das ULs

Para fazermos as comparações das ULs presentes nos dicionários elaboramos um modelo de ficha lexicográfica baseado em Zucchi (2010) e Finatto e Nunes (2007), com a diferença que em nosso modelo usamos cores para distinguir a presença de cada informação lexicográfica nos verbetes das ULs, incluindo uma cor para “informação relativa aos animais de estimação”. A utilização das cores facilitou a análise dos verbetes das setenta ULs nos três dicionários. Apresentamos aqui as fichas para as ULs *ciotola* e *lettiera*.

Verbete: <i>Ciotola</i>		Garzanti	
Informações	Lo Zingarelli	De Mauro	
Sílabo tônica			
Informação relativa aos animais			
Transcrição fonética	♦ <i>ciotola</i> /□ <i>ciotola</i> [lat. <i>cōtyla</i> (m), dal gr. <i>kotylē</i> 'ciotola', di etim. incerta ⚡ 1350 ca.]	<i>ciò-to-la</i> s.f.	<i>ciotola</i> [ciò-to-la] n.f. [pl. -e]
Exemplos de grau (diminutivo e aumentativo)	1 Piccolo recipiente a forma di tazza senza manico in legno, terracotta, plastica o metallo, destinato spec. a contenere liquidi: che venga ella stessa a darmi il latte nella ciotola (G. D'ANNUNZIO).	1 CO piccolo recipiente di forma semisferica senza manico, spec. di terracotta, latta, plastica ecc., usato per contenere brodo, minestre o altri alimenti: <i>versa la zuppa nella ciotola, la ciotola del cane</i> estens., ciò che è contenuto in tale recipiente: una ciotola di riso, d'acqua	1 tazza bassa e senza manico usata per contenere alimenti o oggetti di piccole dimensioni; il contenuto stesso [+ di, + da]: una ciotola di riso; una ciotola da latte dim. ciotoletta, ciotolina, ciotolino (m.), accr. ciotolona, ciotolone (m.)
Divisão silábica	2 Ciò che è contenuto in tale recipiente: una ciotola di latte, di minestra.	2 RE tosc., spec. al pl., scampa troppo grande	2 (anat.) nome antiquato dell'acetabolo
Classe morfológica	3 † Acetabolo.	3 OB TS anat. acetabolo del femore	Alterazione del lat. <i>conula</i> , che è dal gr. <i>kotylē</i> , nome di un recipiente
Gênero	ciotoletta, dim. ciotolina, dim. ciotolino, dim. m. ciotolona, accr. ciotolone, accr. m.		
Marca de uso			
Exemplo de uso			
Etimologia			
Homonímia			
Polissemia			
Remissiva			

Figura 3. Modelo de ficha lexicográfica UL *ciotola*

Verbete: Lettieria		Garzanti	
Informações	Lo Zingarelli	De Mauro	
Sílaba tônica			
Informação relativa aos animais			
Transcrição fonética	FLESSIONE lettieria /□ let' tieria	let tiè ra s. f. av. 1306; cfr. lat. mediev. lectaria, fr. litière.	let tieria [let-tiè-ra] n. f. [pl. -e]
Exemplos de grau (diminutivo e aumentativo)	1 Fusto del letto †Testiera del letto. 2 Strato di paglia o altro materiale, usato come giaciglio per il bestiame (est.) Strato di sabbia o altro materiale usato per assorbire gli escrementi dei gatti domestici. SIN. lettine, strame.	1. strato di paglia, foglie secche e sim. preparato nelle stalle, negli ovili ecc. come giaciglio per gli animali e in seguito riutilizzato come letame 2. sabbia o altro apposito materiale posto nella cassetina per gli escrementi dei gatti domestici 3. OB intelaiaura del letto testiera del letto 4. OB lettuga; barella	1 strato di paglia o di foglie che serve da giaciglio agli animali nelle stalle: strame strato di sabbia o altro materiale destinato ad assorbire gli escrementi degli animali d'allevamento o di quelli domestici 2 (non com.) cassone, intelaiaura del letto Deriv. di letto, sul modello del fr. ant. litière
Divisão silábica			
Classe morfológica			
Gênero			
Marca de uso			
Exemplo de uso			
Etimologia			
Homonímia			
Polissemia			
Remissiva			

Figura 4. Modelo de ficha lexicográfica UL *lettieria*

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Análise lexicográfica das Unidades Lexicais *cane* e *gatto* nos três dicionários

Considerando que a nossa pesquisa tem como base os animais de estimação e que, já na Introdução, explicamos a opção pelos mais comuns deles, os cães e os gatos, resolvemos reservar um item para trabalhar essas duas ULs quanto ao tratamento lexicográfico dentro das três grandes obras exploradas. Para tal, resolvemos destacar como os dicionários abordam essas ULs quanto à lematização, exemplos de uso, marcas de uso, polissemia e homonímia, definição e sistema de remissivas.

As palavras *cane* e *gatto* se encontram lematizadas dentro das três obras vistas, assim como esperávamos, pois fazem parte da língua comum. Chamou-nos a atenção a lematização da UL *gattino*⁶⁷ nos três dicionários, normalmente o lema não é inserido em sua forma diminutiva; na obra *Lo Zingarelli*, apesar de haver a lematização, há uma remissiva que reporta o consulente à definição da palavra *gatto*. Após essa descoberta, decidimos averiguar se o diminutivo de *cane* também constava na lista de verbetes e verificamos que também há o emprego dessa UL, mas somente no dicionário *De Mauro*, as demais obras não apresentam a forma *cagnolino*⁶⁸. Optamos por fazer uma busca ressaltando o gênero das palavras e consultar se as formas femininas das ULs indicadas, *gatta* e *cagna*, constavam na lista de verbetes das obras. O resultado foi positivo, todas trazem lematizadas as ULs dentro do gênero feminino; além disso, *Lo Zingarelli* e *Garzanti* explicam seu significado de maneira breve e sucinta, como: *femmina del gatto*; *femmina del cane*⁶⁹. Entretanto, a obra *De Mauro* apesar de lematizar *gatta*, e colocá-la como primeira acepção remete à UL *gatto*. Na segunda acepção exibe a definição de uma mulher sensual e provocante – *donna dai modi particolarmente ammiccanti e sensuali*⁷⁰ – e não menciona que se trata da fêmea do gato.

Trataremos, no próximo parágrafo, sobre a presença ou ausência de **exemplos de usos** nas definições das ULs *cane* e *gatto*. Para isso, relembramos o leitor que tais exemplos são de suma importância para o entendimento da definição, podendo completá-la quando há dúvidas

⁶⁷ Gatinho. (Trad. nossa)

⁶⁸ Cachorrinho. (Trad. nossa)

⁶⁹ Fêmea do gato; fêmea do cachorro. (Trad. nossa)

⁷⁰ Mulher de comportamento particularmente provocante e sensual. (Trad. nossa)

quanto a seu emprego. “A definição incompleta, apoiada em exemplos, torna-se completa semanticamente graças ao exemplo que a acompanha.” (PONTES, 2012, p. 94).

No caso da UL *cane*, percebemos a presença de exemplos de uso nas três obras. Recordamos que todos os aspectos analisados se restringem às definições que fazem parte do campo abordado, e não a todo o verbete. O dicionário *Lo Zingarelli* apresenta, após a definição, uma gama de exemplos que englobam raças de cães e suas especificidades, como *cane da compagnia*, por exemplo. *De Mauro* oferece um exemplo parecido, apesar de não nomear as raças, mas sim o aspecto físico dos animais, como: *cane di piccola, di grossa taglia, a pelo lungo, a pelo raso*⁷¹. Também indica alguns aspectos típicos do comportamento canino e de sua condição: *fa le feste al padrone, tenere il cane al guinzaglio; cane bastardo, cane randagio*⁷². É importante destacar que esse dicionário traz as locuções *polirematiche* (poliremáticas) com ênfase em atividades e raças dos cachorros já na definição, assim como faz *Lo Zingarelli*. É uma opção do lexicógrafo tratá-las separadamente do contexto da definição. As duas obras também incluem ações tipicamente feitas pelos animais, *Lo Zingarelli* já inclui o verbo no infinitivo após a inserção das raças: *abbaiare, uggolare, guaire, ringhiare*⁷³. *De Mauro* opta por inserir as ações dos cães de forma conjugada na terceira pessoa: *il cane abbaia, ringhia, uggia, morde*⁷⁴. No *Garzanti*, vemos exemplos de usos com a inclusão de características próprias de alguns deles, conforme sua especificação, como *cane da tartufo*⁷⁵ ou *cane per ciechi*⁷⁶, por exemplo, sem citar as raças e as ações feitas por eles.

Sobre a UL *gatto*, também encontramos exemplos de uso nas três obras. *Lo Zingarelli* opta por inserir uma breve citação de autor, como em “(E. MORANTE): *la gatta...annusava l’ora col suo nasino bruno*”⁷⁷. Neste caso, vemos que não há exemplos de variedades ou especificidades do felino como há na obra *De Mauro*, que emprega no exemplo de uso características e ações relativas ao animal, como visto na UL *cane*. São elas: *gatto di razza, randagio, a pelo lungo, il gatto miagola, fa le fusa, si fa le unghie, graffia, essere agile, svelto, furbo come un gatto o, anche, pigro, diffidente come un gatto*.⁷⁸ O dicionário *Garzanti*, assim como *De Mauro*, adota o mesmo sistema de exemplos com características do bichano: *agile,*

⁷¹ Cão de pequeno porte, de grande porte, de pelo longo, de pelo raso. (Trad. nossa)

⁷² Faz festa para o dono, segurar o cão pela coleira; cão bastardo, cão abandonado. (Trad. nossa)

⁷³ Latir, uivar, ganir, rosar. (Trad. nossa)

⁷⁴ O cão late, rosna, uiva, morde. (Trad. nossa)

⁷⁵ Cão farejador. (Trad. nossa)

⁷⁶ Cão para cegos. (Trad. nossa)

⁷⁷ A gata cheirava o tempo com seu nariz marrom. (Trad. nossa)

⁷⁸ Gato de raça, abandonado, de pelo longo, o gato mia, ronrona, arruma as unhas, arranha, ser ágil, vivo, esperto como um gato ou, também, preguiçoso, desconfiado como um gato. (Trad. nossa)

*svelto come un gatto, vederci come un gatto, benissimo, anche se non c'è molta luce*⁷⁹. Notamos que nas três obras, os exemplos relativos ao *gatto* trazem comparações por meio do advérbio *come* (como).

Quanto às marcas de uso dentro da UL *cane*, podemos dizer que as mais numerosas em *Lo Zingarelli* são as que indicam o uso do termo em seu sentido figurado (fig.), algumas expressões como *vita di cane*⁸⁰ e *stare come cane e gatto*⁸¹ fazem parte da definição. A marca (spreg.) mostra o valor depreciativo de algumas locuções, como *figlio di cane*⁸². Também constam na definição um uso na literatura (lett.), *personaggio potente*⁸³, e provérbios (prov.), *can che abbaia non morde*⁸⁴.

No *De Mauro*, a marca de uso predominante, dentre as 70 ULs, é a FO (fondamentale) – todas essas marcas foram explicadas no item 3.4.1. Além do uso fundamental, a obra emprega também o uso figurativo (fig.) de expressões depreciativas, como o *Lo Zingarelli*, e acrescenta o uso de termos técnico-científicos (TS) referentes ao emprego da palavra dentro do âmbito dos armamentos, do artesanato e da marcenaria. A marca de zoologia (zool.) é usada quando a definição é voltada aos mamíferos pertencentes à família dos canídeos. O que diferencia essa obra é a lematização de várias expressões, neste caso chamadas poliremáticas, em que a palavra central é *cane*. Do total de 39 poliremáticas lematizadas, a grande maioria tem a marca de uso comum (CO), somente apresentam uma marca diferente das demais: (TS) referente à cinofilia e (zool.) referente à espécie do *cane domestico*⁸⁵.

O dicionário *Garzanti* mostra uma considerável diferença no emprego de marcas de uso dentro dessa UL quando comparado às obras anteriores. Há uma quantidade menor e, apesar de conter exemplos relativos a marcenaria e armações, por exemplo, elas não são introduzidas por marcas de uso específicas. As mais utilizadas são referentes às expressões de sentido figurativo (fig.), além de conter uma marca como provérbio (prov.) e outra relacionada à zoologia (zool.).

A UL *gatto* é marcada com o símbolo de palavra pertencente ao italiano fundamental (◇), assim como *cane*. Há marcas referentes aos provérbios (prov.), *quando non c'è il gatto i topi ballano*⁸⁶, ao uso figurado (fig.), *sciopero selvaggio*⁸⁷, e uma marca referente à marinha

⁷⁹ Ágil, vivo como um gato, enxergar como um gato, muito bem, mesmo se não há muita luz. (Trad. nossa)

⁸⁰ Vida de cão. (Trad. nossa)

⁸¹ Ficar como cão e gato. (Trad. nossa)

⁸² Filho do cão. (Trad. nossa)

⁸³ Personagem potente. (Trad. nossa)

⁸⁴ Cão que ladra não morde. (Trad. nossa)

⁸⁵ Cachorro doméstico. (Trad. nossa)

⁸⁶ Quando o gato sai os ratos fazem a festa. (Trad. nossa)

⁸⁷ Greve severa. (Trad. nossa)

(mar.), *buco del gatto*⁸⁸. *De Mauro* traz também a palavra como uso fundamental da Língua Italiana (FO) e mais 7 definições com a marca de termos técnico-científicos (TS), dentre elas há menção à botânica (bot.), à zoologia (zool.), duas referências à marinha e duas variações regionais (RE), *gatuccio* e *pesce gatto*, não vistas nas outras obras. As poliremáticas, 18 no total, são na maioria gravadas como uso comum e 4 delas marcadas como termos técnico-científicos: (bot.), (zool.), entomologia (entom.) e ictiologia (itt.). O dicionário *Garzanti* apresenta marcas de uso diferentes das já utilizadas, são elas: mecânica (mecc.), *macchina d'assedio in uso al medioevo*⁸⁹; (min.) mineralogia, *varietà pregiata di quarzo*⁹⁰; e a marca (bot.).

Dentro do conceito de polissemia e homonímia a UL *cane* apresenta um homônimo nas obras *Lo Zingarelli* e *De Mauro* que trazem como segunda entrada uma forma em desuso da palavra *Khan* (do turco governador, senhor). O mesmo ocorre na obra *De Mauro* com a UL *gatta* que consta, em uma segunda entrada, como uma ferramenta usada na marinha impedir que entre água no barco. Vimos também que a UL *cane* está mais voltada a uma definição pejorativa quando usada no sentido figurado, isso ocorre dentro das três obras analisadas. Não podemos dizer, com isso, que há relação de sentidos quando passamos da definição concreta (animal) para uma relação humana (*figlio di cane*⁹¹!). O adjetivo *cane* é empregado em expressões pejorativas quando relacionado a pessoas; porém, quando a definição se volta ao próprio animal, vimos que tal relação não ocorre, o cachorro é retratado como companheiro, o que pode ser percebido dentro do exemplo de uso, já mostrado, usado por *De Mauro*: *fa le feste al padrone*.

No caso da UL *gatto*, encontramos polissemia quando nos deparamos com duas definições vistas em *De Mauro* e *Garzanti*. Marcadas como (bot.), ambas as obras fazem, no verbete, referência à planta *amento*, que tem sua forma parecida com a cauda de um felino. Além dessa relação semântica, a obra *Garzanti* também inclui uma definição marcada pela área específica da mineralogia, na qual descreve uma variedade da pedra de quartzo que apresenta uma luminosidade típica dos olhos de bichanos.

Neste parágrafo, trataremos da definição trazida pelos dicionários dentro das ULs estudadas. Na citação de Lara (1996, p. 213), item 2.7, vimos que os dicionários modernos tendem a acrescentar notas taxonômicas e científicas em suas definições, prevalecendo a zoologia, chamada pelo autor de definição aristotélica. Tal tendência é ratificada na definição

⁸⁸ Buraco do gato. (Trad. nossa)

⁸⁹ Máquina para cercar muros usada na Idade Média. (Trad. nossa)

⁹⁰ Variedade preciosa de quartzo. (Trad. nossa)

⁹¹ Filho do cão. (Trad. nossa)

da UL *cane* nos três dicionários. As obras oferecem informações sobre o corpo e o aspecto dos animais, sem adentrar em questões pertencentes a suas concepções sociais. É fato que, dentro de alguns provérbios nas acepções dos verbetes, ainda enxergamos algumas marcas culturais, como: *vita di cane*; *mondo cane* e *quell'uomo è un cane*⁹². Tais metáforas relacionam o canino a fatores negativos, mas essa peculiaridade não consta na definição principal de nenhuma das obras. No caso da UL *gatto*, ocorre praticamente o mesmo procedimento, as obras descrevem o felino como mamífero doméstico e acrescentam explicações de cunho científico, como características de seu corpo e categoria taxonômica. Nos exemplos de uso já descritos, podemos perceber, no caso dessa UL, que ainda há certos valores associados a concepções sociais de tradição e crenças. *De Mauro*, ao inserir a nota “*furbo come un gatto*”, demonstra certo aspecto cultural incutido pela sociedade que acredita ser esse animal interesseiro e malandro, tendo em vista que a UL *furbo* denota um aspecto pejorativo quando utilizada.

Quando nos referimos ao sistema de remissivas, abordamos notas que nos direcionam para diferentes entradas no dicionário. Obviamente, tal sistema se torna mais prático e rápido quando utilizamos uma obra *on-line* (*De Mauro*) ou eletrônica em forma de CD-ROM (*Garzanti* e *Lo Zingarelli*). Contudo, as remissivas ocorrem também em obras impressas, remetendo o leitor a procurar uma acepção que seja relevante para ele.

No caso da UL *cane*, há duas ocorrências de remissivas dentro da obra *De Mauro*: *pescecan* e *calcagnolo*. Ambas não fazem parte da concepção geral que a definição traz sobre o cão, mas surgem no corpo do verbete por conterem afinidades com o lema. Caso o leitor queira averiguar do que se trata, no caso dos nossos dicionários trabalhados na pesquisa, só é preciso clicar na palavra para que apareça sua definição. A UL *gatto* apresenta três remissivas no dicionário *De Mauro*, duas são referentes à botânica, *pioppo bianco* e *amento*, e uma marcada como não comum, que se volta a instrumento para colocar postes em terrenos: *battipalo*. Há também uma nota remissiva para a UL *gattomammone*⁹³, que coloca em evidência o aspecto cultural dos italianos, lematizando um animal que pertence ao imaginário das crianças.

⁹² Vida de cachorro; mundo cão e aquele homem é um cão. (Trad. nossa)

⁹³ Monstro imaginário em forma de gato gigante e feroz, pertencente às fábulas italianas. (Trad. nossa)

4.2 Análise e descrição dos verbetes das Unidades Lexicais

4.2.1 A lematização das entradas

A partir das ULs inseridas no item 3.3, destacaremos seus aspectos quanto à lematização, à inserção de marcas de uso, à definição, ao sistema de remissivas e ao tratamento das polissemias e homonímias dentro das três obras analisadas, com base na fundamentação teórica da Lexicografia no caráter de cada dicionário, explicado no item 3.4.

Inicialmente, procuramos ressaltar quando e de que forma as ULs são lematizadas. Neste item, serão abordados os recursos utilizados pelos dicionários para constar, ou não, nossas ULs como componentes de sua macro e microestrutura. Optamos por descrever cada UL no lugar de elaborar um quadro ilustrativo, dessa maneira podemos discorrer sobre algumas peculiaridades observadas e não nos limitarmos a simplesmente usar a nomenclatura sim/não.

A UL *ciotola* consta como entrada nos três dicionários, porém somente no *De Mauro* há o significado por nós procurado em forma de exemplo de uso: “*versa la zuppa nella ciotola del cane*⁹⁴”. Nos demais, a palavra não faz referência a seu uso dentro do ambiente de animais de estimação. Com a UL *trasportino*, também pertencente aos objetos e adereços relacionados ao bem-estar dos animais de estimação, vemos que ocorre a lematização nos dicionários *Lo Zingarelli* e *Garzanti*. Em ambas as obras, *trasportino* admite o sentido que vimos na pesquisa do *corpus*, mas não consta na obra *De Mauro*. *Collare* se lematiza nas três obras e o significado desejado consta em todas as acepções inseridas, que serão vistas mais detalhadamente quando tratarmos das definições.

Guinzaglio também se lematiza nos três dicionários e corresponde exatamente à informação vista no *corpus*. A UL *pettorina*, apesar de também constar como entrada nas três obras, não atende a nossa procura quanto ao uso como adorno em animais de estimação.

Mangime é lematizada e se refere ao alimento destinado a animais tanto de estimação quanto de criação, as obras apresentam definições distintas que serão abordadas ainda neste capítulo. Outra UL que nos remete à alimentação é *cibo*, encontrada nos três dicionários e constatada de diferentes modos, além de como é usada no meio animal. *Razione* também foi uma UL vista no *corpus* como sinônimo de comida aos animais, é lematizada nas três obras.

⁹⁴ Coloca a sopa no comedouro do cachorro. (Trad. nossa)

Entretanto somente *Lo Zingarelli* admite tal significado, ainda que não seja da maneira que esperávamos, pois no verbete a citação refere-se a animais de criação e não de estimação.

A UL *croccantino* não é vista no *De Mauro*, mas é elencada em *Lo Zingarelli*, porém já com uma remissiva que traz o significado da palavra *croccante* em seu lugar, sem referência ao sentido procurado e, ao final do verbete, com a inserção de marca gramatical (diminutivo) somente cita *croccantino*. *Garzanti* lematiza a palavra e, na segunda acepção, atende exatamente ao significado encontrado no *corpus*. É importante notarmos que esta última obra é a única que opta por lematizar e acrescentar a definição da palavra mesmo estando no diminutivo e, além disso, atende àquilo que procuramos. Na Introdução do *De Mauro*, já existe uma delimitação de como os substantivos serão lematizados e não há menção aos diminutivos. A obra *Lo Zingarelli*, logo no início, também sinaliza ao leitor que os substantivos serão inseridos de modo convencional, isto é, masculino/singular e, ainda que admita o uso da UL, inserindo-a em sua lista de verbetes, não a define. *Garzanti*, diferentemente das obras citadas, não deixa evidenciado ao leitor como será a inserção dos substantivos e prefere inserir o diminutivo na sua lista de palavras.

Mais uma vez, agora com a UL *tiragraffi*, o dicionário *Garzanti* lematiza e define de maneira satisfatória o verbete, descrevendo o objeto com a mesma finalidade na qual foi descrito em nosso *corpus*. A UL não é lematizada nos demais dicionários analisados. *Lettiera*, como visto nos exemplos retirados do *corpus*, é utilizada quando nos referimos a gatos domésticos e consta como lema nos três dicionários, dentro do campo semântico esperado. Não é o que vimos com a UL *cassettina igienica* e/ou *cassettina per lettiera*, que não é definida em nenhuma das três obras, apesar de, assim como a UL *croccantino*, constar na lista de entradas de *Lo Zingarelli* com uma remissiva para *cassetta*. A expressão *erba gatta* é lematizada somente em *De Mauro*, no entanto não há uma definição, há uma nota remissiva, que será tratada em um item separado. Encerrando os adereços geralmente voltados especificamente aos gatos domesticados, a UL *erba gattaia* não é lematizada como expressão, mas consta a UL *gattaia* nos três dicionários, sendo que *De Mauro* e *Garzanti* trazem o significado preciso assim como é visto no *corpus*, enquanto *Lo Zingarelli* admite o sentido somente dentro do quadro de etimologia e não na definição.

A UL *tappetino igienico* e/ou *tappetino assorbente* não é lematizada como expressão em nenhuma obra, somente a UL separada *tappetino* que consta nas listas de todos os dicionários. Contudo, a referência aos animais de estimação não é mencionada. *Cuccia* está representada também nas três obras e consta o significado relativo à casinha do cachorro, o equivalente que esperávamos encontrar. Todavia, em *Lo Zingarelli* ele é visto somente na

segunda entrada, como homônimo, e em *De Mauro* e *Garzanti* já obtemos seu uso mais próximo do usual.

Brandina, mesmo sendo uma palavra no diminutivo, consta lematizada no dicionário *De Mauro*, apesar de sua Introdução não especificar que lemas na forma diminutiva também constariam na lista de verbetes. Nas demais obras, não consta a forma como é mostrada; *Lo Zingarelli* elenca a UL, mas, como as outras formas já citadas, insere uma remissiva e apresenta sua definição, *branda*. O dicionário *Garzanti* também lematiza somente a forma *branda*. Quanto à UL *museruola*, os três dicionários a lematizam e os três oferecem uma definição correspondente ao objeto que, em Língua Portuguesa, seria a focinheira.

Neste parágrafo, apresentaremos uma série de variantes de uma mesma palavra, vistas no *corpus*, que optamos por trazer para nossa pesquisa, são elas: *toelettatura*, *toilette*, *toletta*, *toeletta* e *tosatura*. Vemos a lematização do primeiro caso nas obras *De Mauro* e *Garzanti*, com definições que condizem com o que procuramos. Na obra *Lo Zingarelli*, assim como *brandina*, a palavra faz parte da sua lista de entradas, mas a definição remete o consulente a uma remissiva, *toelettatura*, definindo-a de maneira a não sanar a dúvida do consulente. No caso de *toilette*, sua lematização é vista em todas as três obras e nenhuma se refere aos animais de estimação na sua definição. *Toletta* é lematizada em *De Mauro* e *Garzanti*; consta na lista de *Lo Zingarelli* e sua definição é feita novamente pela remissiva *toeletta* que, por sua vez, possui entrada com definição nas três obras. A maneira como é feita essa definição será explorada em outro item, ainda deste capítulo. A UL *tosatura* também consta nos três dicionários, entretanto só vemos menção aos animais de estimação na definição do *De Mauro*.

A expressão “*iscrizione anagrafe canina*”, vista em quase toda a extensão do *corpus* analisado, não é lematizada em nenhuma das obras trabalhadas. Certamente, separada da expressão, a UL isolada *anagrafe*, assim como se esperava, é vista nas obras, por se tratar de um registro comum na Itália, o nosso RG. Tal registro também existe para os cães e gatos do país, mas sem menção a sua existência nas obras que analisamos.

Bocconcino é a primeira UL, até então, lematizada no diminutivo nos três dicionários. Contudo, sua definição não condiz com o tema proposto. *Boccone* também aparece na lista de verbetes de todas as obras referindo-se aos animais de estimação, em contexto diferente, porém, daquele encontrado no material de estudo.

A UL *gattaiola* consta nos três dicionários com o significado que vimos no *corpus*. Ressaltamos que, enquanto esta UL já é considerada um lema, *cassettina igienica* não vem lematizada em nenhuma das três obras, mesmo sendo uma palavra amplamente conhecida e facilmente reconhecida tanto por proprietários de animais quanto por pessoas que não têm

contato com eles. Vista em grande parte dos materiais lidos, a *cassettina* – caixa usada para colocar a areia (*lettiera*) dos gatos de estimação para depósito de seus excrementos – é tão ou mais conhecida do que a abertura feita na porta de casa para dar passagem aos gatos (*gattaiola*) e merecia uma lematização.

A obra *Lo Zingarelli* nos surpreendeu ao lematizar a expressão *pet therapy*, definindo-a como técnica usada no tratamento psicoterapêutico de pessoas por meio da aproximação com de animais domésticos como cães e gatos, exatamente como vimos no *corpus*. As outras duas obras não lematizam a expressão. Os animais de estimação também podem ser chamados de *Pets*, apesar de essa definição não constar em nenhum dos três dicionários, mesmo sendo lematizada nos três. A Língua Italiana admite uma palavra carinhosa para tratar gatos domésticos, a UL *micio* é lematizada e definida como esperamos.

Embora *Lo Zingarelli* lematize uma expressão de idioma estrangeiro *pet therapy*, não elenca entre seus lemas a expressão italiana *cane da guardia*. O dicionário *De Mauro* é o único dentre as três obras que opta por lematizar essa última expressão, incluindo-a, inclusive, na lista de verbetes, não de poliremáticas. Por outro lado, a expressão *cane salvataggio* não é lematizada em nenhuma das três obras.

A UL *cucciolo* é bem comum em Língua Italiana e, assim como prevíamos, está elencada nas entradas dos três dicionários (a definição será tratada, como já dito, em um item separado deste). *Cane randagio* e *gatto randagio* são expressões que não foram lematizadas, diferente da UL *randagio* que, isoladamente, foi vista nas três obras com o sentido de animal abandonado, exatamente como examinamos. Ocorre o mesmo com as expressões *cane vagante* e *gatto vagante*, que não são lematizadas como expressões, mas vê-se lematizada a UL *vagante* separadamente, nos três dicionários, constando definição referente a seu uso no léxico voltado aos animais, por isso optamos por incluí-la em nossa lista de lematização.

A UL *animale da compagnia* é lematizada somente no dicionário *De Mauro* e consta como sinônimo de *animale domestico*. No *Lo Zingarelli* e no *Garzanti*, somente a UL *animale* é lematizada. A expressão *animale d'affezione* não é lematizada em nenhuma obra, apesar de também estabelecer sinonímia com *animale domestico*. Esta, mesmo sendo mais comum e usual que a expressão lematizada pelo *De Mauro* (*animale da compagnia*), conforme leitura do material analisado, não compõe a lista dos verbetes de nenhuma obra. *Metticio* é lematizado em todas as obras, porém somente *De Mauro* e *Garzanti* citam a relação com os animais.

A UL *trovatello* foi lematizada nos três dicionários sem o mesmo sentido de nosso campo semântico. As ULs *sterilizzazione* e *castrazione* também foram devidamente

lematizadas, mas o sentido de *castrazione* não sana as dúvidas de um consulente que esteja procurando informações a respeito de sua definição.

No caso de *in calore*, mais uma vez o dicionário *De Mauro* opta por lematizar uma expressão já cristalizada ao invés de inserir a UL separadamente (*calore*), como vemos nas obras *Lo Zingarelli* e *Garzanti*. Para essa expressão, consta o significado que procuramos em sua definição. *In calore* não consta na lista do *Lo Zingarelli* ou do *Garzanti*. Este último, apesar de não apresentar a UL lematizada, aponta dentro do verbete *calore* uma acepção com a marca de uso (zool.), que se refere ao cio dos animais, de acordo com o que foi visto no *corpus*; diferentemente de *Lo Zingarelli*, que lematiza a UL *calore* sem mencionar qualquer relação com o período fértil dos animais.

A UL *cucciolata* é exibida nas três obras, assim como a UL *gravidanza*. Destacamos a poliremática ressaltada no *De Mauro* sobre a *gravidanza isterica*, vista também no *corpus*. Trata-se de uma gravidez psicológica muito conhecida entre os proprietários de animais do sexo feminino, na qual a fêmea simula estar esperando filhotes, inclusive com sintomas físicos como produção de leite e aumento do abdômen. *Muta* foi lematizada nos três dicionários com definições muito parecidas.

A UL *accoppiamento* é lematizada nas três obras com o significado proposto em nosso *corpus*, o que acontece também com as ULs *incrocio* e *monta*. Apesar de não fazer parte das palavras referentes aos animais de estimação, percebemos *monta* em nosso *corpus* e achamos pertinente ver como se dava a sua lematização.

A UL *fusa* aparece nas três obras, é mais comumente usada dentro da expressão “*fare la fusa*” e a palavra isolada admite o mesmo valor e o mesmo significado da expressão, o que é comprovado nas acepções dadas pelas obras lexicográficas. Assim como a UL *gravidanza*, a UL *gestazione* também é lematizada, mas a definição de *Lo Zingarelli* pode não atender às dúvidas do consulente.

Allevamento, assim como *cucciolo*, também é uma UL muito comum em Língua Italiana e é lematizada nos três dicionários com significados diferentes daqueles relativos ao nosso material. Ainda neste capítulo, quando tratarmos do papel social do lexicógrafo veremos a diferença entre *allevamento* e *cattività*, que também é lematizada nas três obras sem relação aos animais de estimação.

As próximas ULs *canile* e *gattile* são, indubitavelmente, relacionadas a cães e gatos. A primeira é lematizada nas três obras com características claras de que se trata de um abrigo para cachorros. A segunda não é lematizada somente na obra *De Mauro*, nas outras duas há referências explícitas de que se trata de um abrigo para gatos, porém, o conteúdo das definições

se difere. As ULs *mantello* e *artiglio* são lematizadas nas obras e os animais são mencionados em ambas as definições.

As próximas ULs fazem referência às partes do corpo dos animais de estimação. *Zanne* é apresentada somente no plural dentro do *corpus*, mas nos dicionários é lematizada, como já esperávamos, em sua forma singular: *Zanna*. A UL *muso* é lematizada também nas três obras e *vibrisse* segue a regra da UL *zanne*, no nosso material é vista somente no plural, contudo nas obras lexicográficas a lematização se dá por meio da UL no singular, *vibrissa*, e as definições condizem com o significado de nossa pesquisa. A UL *tartufo* também é lematizada em todos os três dicionários e chamamos a atenção para a inserção de uma expressão (poliremática) no *De Mauro*, “*cane da tartufi*”, que o dicionarista optou por trazer separada do verbete, diferentemente da expressão já lematizada *cane da guardia*.

A UL *manto* aparece como entrada nos três dicionários, com definições relativas à pelagem dos animais, assim como analisado por nós. *Pelo*, UL comum também em Língua Portuguesa, está lematizada nas três obras. Assim como *vibrisse* e *zanne*, a nossa última UL relativa a partes do corpo, *arti*, também foi encontrada no plural, mas lematizada no singular, *arto*, nos três exemplares. O *De Mauro*, porém, insere poliremáticas quando se trata de *arto superiore* e *arto inferiore*, referindo-se a pernas e braços de pessoas e patas de animais.

Passaremos agora para as ULs que se referem a pessoas que estão ligadas, de formas diferentes, aos animais de estimação. A UL *animalista* foi vista nos três dicionários com o significado visto no *corpus*. A UL *gattaro/a* apresenta-se nas formas masculina e feminina em nosso material. As obras *Lo Zingarelli* e *Garzanti* a lematizaram na forma masculina, a mais convencional mediante a Introdução dos dicionários, vista no capítulo anterior; o dicionário *De Mauro* optou por elencar também a forma feminina *gattara* na sua lista de entradas, porém a definição só é feita por meio da UL na forma masculina. A UL *gattofilo* é também lematizada nos três dicionários, assim como *cinofilo*. A UL *catofilo*, ao contrário das anteriores, não é lematizada em nenhuma obra e o mesmo acontece com o substantivo *gattofilia*. As obras *De Mauro* e *Garzanti* lematizam a UL *cinofilia*, diferentemente de *Lo Zingarelli*.

4.2.2 Inserção de marcas de uso

Vimos no item 2.7 que, segundo Strehler (2001), as marcas de uso indicam as variações linguísticas em relação a uma norma e a uma língua padrão e, como o próprio nome já diz,

essas categorias fornecem informações sobre o uso das ULs. Nas três obras analisadas, as marcas de uso são diversamente empregadas e serão trabalhadas neste item. Ressaltamos que o emprego das marcas de uso e a forma como elas ocorrem foram exemplificados, de maneira geral, quando apresentamos a Introdução dos dicionários. Dessa forma, o que veremos neste item será como se aplicam essas marcas a partir das ULs aqui relatadas.

Salientamos também que cada um dos três dicionários adota uma nomenclatura diversa quanto às marcas. O dicionário *Lo Zingarelli*, por exemplo, distingue as palavras que são parte do italiano fundamental daquelas que são vistas somente em textos literários arcaicos, que não são mais parte do vocabulário, por meio de um símbolo. Anteriormente à entrada, o símbolo (◇) mostra ao leitor que tal lema faz parte do *italiano fondamentale*; já o símbolo (♣) mostra que a palavra não é muito utilizada pelos falantes do idioma, denominando-a como *parola da salvare*⁹⁵, e há também a marca de arcaísmo antes, representada pelo símbolo (†). A seção semântica é a responsável por inserir os chamados *limiti d'uso*⁹⁶, a fim de descrever o emprego dos vocábulos.

O dicionário *Garzanti* demonstra as palavras de mais frequência por meio da cor azul, diferenciando-as das demais, escritas em letra preta. As ULs que constam como mais frequentes são: *cane, gatto, collare, guinzaglio, mangime, cibo, boccone, toilette, randagio, calore, gravidanza, incrocio, allevamento, mantello, artiglio, pelliccia, zanna, tartufo* e *pelo*. Nessa obra, as marcas de uso também são inseridas com a denominação de *indicatori di frequenza, di registro, di settore, di limitazione geografica*⁹⁷. Para esta pesquisa, usaremos a denominação usada pelo dicionário *De Mauro*, isto é, usaremos a nomenclatura marcas de uso também para as demais obras, mesmo que elas sejam apresentadas com outro termo na Introdução. A obra *Lo Zingarelli* traz algumas marcas que tratam de áreas específicas, por exemplo, (geol.) para geologia como *linguaggio specialistico*⁹⁸, e outras que determinam em que situação são usadas, por exemplo, sentido irônico (iron.) como *indicazione di registro linguistico*⁹⁹. *De Mauro* também utiliza essa última nomenclatura para definir o contexto em que o significado é inserido como pejorativo (spreg.), por exemplo, e o ramo na qual a UL é empregada, chamando as especificações de *etichetta specialistica*¹⁰⁰. Em nosso trabalho, todas essas marcas serão chamadas de marcas de uso, sejam indicações de registros linguísticos ou de

⁹⁵ Palavra para salvar. (Trad. nossa)

⁹⁶ Limites de uso. (Trad. nossa)

⁹⁷ Indicador de frequência, de registro, de setor, de limitação geográfica. (Trad. nossa)

⁹⁸ Linguagem especializada. (Trad. nossa)

⁹⁹ Indicação de registro linguístico. (Trad. nossa)

¹⁰⁰ Etiquetas de especificação. (Trad. nossa)

limites de uso, pois, de cunho específico ou comum, elas admitem o mesmo objetivo na obra: mostrar ao leitor em qual situação aquele significado é utilizado.

É importante também deixar claro ao leitor que, uma vez exemplificada e citada a marca de uso, seu significado não será mais repetido quando houver outras ocorrências – a repetição de sua denominação é desnecessária e pode tornar-se cansativa. Quando não citarmos alguma UL presente na nossa lista significa que, dentro do verbete, não é inserida nenhuma marca a seu respeito. Para analisar as ULs quanto às marcas de uso, assim como a lematização, optamos por descrevê-las em parágrafos com o intuito de não limitar a explicação em forma de quadro.

Passaremos agora para a análise das ULs pertencentes ao seguinte campo semântico: objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais de estimação. A primeira delas, *ciotola*, é apresentada como italiano fundamental em *Lo Zingarelli* e como um arcaísmo da palavra *acetabolo*¹⁰¹. O *De Mauro* a denomina como UL comum, além de acrescentar a marca regional e obsoleta (OB) da mesma palavra de *Lo Zingarelli*, *acetabolo*. Já *Garzanti* marca essa mesma palavra com o uso dentro da anatomia (anat.).

Collare é apontada com várias marcas no dicionário *Lo Zingarelli*. Primeiro pela marca (zool.); na quarta acepção, há a marca que indica religião (relig.), como adorno usado por padres; heráldica (arald.); mecânica (mecc.); marinha (mar.) e popular (pop.). Na obra *De Mauro*, o significado referente à nossa pesquisa é classificado como de alta disponibilidade (AD); depois desse principal, seguem 2 marcas CO e 7 marcas TS, dentre elas a explicação sobre heráldica (arald.), vestimenta (abbigl.), histórica (stor.), (mecc.), (mar.) e industrial (industr.), não há referência à religião como na obra anterior e a última marca é de uso obsoleto OB. *Garzanti* traz somente as marcas (zool.), (mar.) e uma que não consta nas demais: medicina (med.), como um instrumento ortopédico para imobilização do pescoço (*collo*). Percebemos que as marcas relacionadas à zoologia e à marinha coincidem em suas definições, porém outras como religião, medicina e história são peculiares de cada exemplar.

A primeira UL relacionada aos animais de estimação que é grifada como pertencente ao italiano fundamental pelo *Lo Zingarelli* é *guinzaglio*. Além dessa marcação, o dicionário apresenta 3 marcas de uso figurado e uma marcação com o símbolo de palavra arcaica: *stare in guinzaglio*¹⁰². *De Mauro* a classifica como AD, com uma marca TS (arald.) e suas marcas CO dentro das locuções (poliremáticas). *Pettorina* contém o símbolo de arcaica em *Lo Zingarelli* e duas marcas no *De Mauro*: a primeira como CO, que vai de encontro ao representado por *Lo Zingarelli*, e a segunda como TS (abbigl.), fazendo menção ao colete usado pelas mulheres do

¹⁰¹ Acetábulo. (Trad. nossa)

¹⁰² Estar na coleira. (Trad. nossa)

passado. A UL *mangime* possui marca somente no *De Mauro* como AD, UL relacionada a algum momento da vida cotidiana. Ainda no mesmo campo semântico, a UL *cibo* é vista com o símbolo de italiano de grande frequência (*fondamentale*) em *Lo Zingarelli*, que também usa duas marcas (fig.). Em concordância quanto ao uso da UL, *De Mauro* insere a marca FO, além de um CO (fig.), como *nutrição da alma*, e um OB, na acepção *momento da refeição*. Na UL *razione*, é vista somente uma marca em *Lo Zingarelli* (fig. iron.). No *De Mauro*, é exibida como CO na primeira acepção; como TS na definição de porção dada a soldados no exército; e OB, como conta e cálculo. No *Garzanti*, aparece uma marca: brincadeira/gozação (scherz.). No *De Mauro*, *lettiera* consta como CO e há mais 2 marcas OB. No *Garzanti*, há uma indicação de uso não comum (non com.), que é a mesma apontada como OB no *De Mauro*: *intelaatura del letto*¹⁰³. *Lo Zingarelli* aponta o símbolo de palavra arcaica para *testiera del letto*¹⁰⁴, presente também no *De Mauro*, como OB.

Erba gatta, lematizada somente no *De Mauro*, contém a marca apropriada para sua definição: TS (bot.). *Gattaia* também é frisada como TS botânica comum (bot.com.) no *De Mauro* e (fam.) no *Garzanti*, referindo-se à família da planta (*Labiata*). Como já relatado, na definição da UL *tappetino* não consta referência aos animais de estimação, mas descreveremos suas marcas. *Lo Zingarelli* evidencia o uso para o automobilismo (autom.) e informática (infor.). *De Mauro* exhibe a UL como AD e adiciona as marcas CO, para tapete de carros e de banheiro, e a marca CO TS para seu uso na informática, com a mesma definição trazida por *Lo Zingarelli*. *Cuccia* apresenta quatro usos em *Lo Zingarelli*: (lett.); (fig. scherz.); (fig. lett.) e (fam.). *De Mauro* a insere como AD e, nas definições, inclui as marcas (scherz. spreg.); BU para seu uso na literatura, mostrado em *Lo Zingarelli*; como (lett.); e traz uma locução (*a cuccia*¹⁰⁵) marcada como CO e como (fig. scherz.). *Garzanti* insere essa mesma locução marcada também como (scherz.), quando seu sentido estiver ligado a pessoas que dormem em um local silencioso e reservado. *Brandina* é lematizada somente no *De Mauro* e marcada como CO.

As ULs seguintes possuem várias formas de uso e são marcadas por remissivas em algumas de suas definições (as remissivas serão exemplificadas ainda neste capítulo, em um item específico). *Toelettatura* é posta como termo TS em *De Mauro*, como já visto no item anterior; *Lo Zingarelli* a lematiza, mas não a define, em seu lugar define a variação *tolettatura*. No caso de *toilette*, vê-se a marca especialmente (spec.) se referindo a seu uso no universo

¹⁰³ Estrado da cama. (Trad. nossa)

¹⁰⁴ Cabeceira da cama. (Trad. nossa)

¹⁰⁵ Dentro da casa. (Trad. nossa)

feminino (*a una donna*¹⁰⁶), já a obra *De Mauro* a classifica como AD. A UL *toiletta* é marcada com o símbolo de marca registrada ® no *Garzanti*, assim como *toiletta*; no *De Mauro* ela é inserida como CO. *Tosatura* não apresenta variações de forma como a UL anterior, em *Lo Zingarelli* há uma marca de desuso (disus.), como antiga fraude usada na adição de ouro e prata nas moedas; essa mesma definição é marcada como TS numismática (numism.) no *De Mauro*. O mesmo ocorre com a marca (scherz.), dessa vez, nas três obras, que se remetem a corte de cabelo curtíssimo. *De Mauro*, além das marcas já citadas, lematiza a UL como CO e coloca uma definição específica da linguagem jornalística (fig. Spec.).

A UL *bocconcino* contém uma marca (fig.) no *Lo Zingarelli*, quatro marcas CO no *De Mauro* e uma TS relativa à gastronomia (gastr.). Essa última está também em *Garzanti* como (spec.), apesar de não mencionar qual a especificidade, além da marca (scherz.), como *persona o cosa molto attraente*¹⁰⁷, mesmo sentido assinalado como (fig.) no *Lo Zingarelli*. *Boccone* possui várias marcas em *Lo Zingarelli*, sendo sete delas em seu sentido figurado (fig.), uma arcaica e uma figurativa familiar (fig. Fam.), ao citar a *parte posteriore del pollo*¹⁰⁸. *De Mauro* denomina a UL como AD, incluindo uma marca (fig.) e uma (fam.), com o mesmo sentido da definição marcada como arcaica pelo *Lo Zingarelli*: *esca contenente veleno, per uccidere animali*¹⁰⁹. *Garzanti* insere três marcas (fig.) e uma (scherz.) se referindo àquela usada por *Lo Zingarelli* como (fig.): *nel posteriore del pollo, la parte che regge le penne della coda*¹¹⁰.

A UL *gattaiola* apresenta uma marca de arcaísmo e sentido figurado na segunda acepção do *Lo Zingarelli* e uma marca de CO na primeira acepção do *De Mauro*. A mesma definição marcada por *Lo Zingarelli* como arcaica, o *De Mauro* marca como OB (fig.). *PET* tem a marca de palavra inglesa (ingl.) nas três obras, além de constar a marca referente à medicina (med.) em *Lo Zingarelli*, à palavra estrangeira ES no *De Mauro* e à química (chim.) no *Garzanti*.

Apelido carinhoso do gato de estimação, a UL *micio* é representada pela marca (fam.) em *Garzanti*. No *De Mauro*, é representada pela marca AD, além de constar o sentido figurado (fig.) e, como homônimo, o segundo lema é acrescido pela marca de regionalismo RE da cidade de Toscana. A locução *cane da guardia*, grafada somente em *De Mauro*, é tratada como CO na primeira acepção e com outra marca (fig.) em um segundo sentido. *Cucciolo* consta como parte do italiano *fondamentale*, pela marca antes do lema de *Lo Zingarelli*, e recebe a marca de (fig.).

¹⁰⁶ Para uma mulher. (Trad. nossa)

¹⁰⁷ Pessoa ou coisa muito atraente. (Trad. nossa)

¹⁰⁸ Parte posterior do frango. (Trad. nossa)

¹⁰⁹ Isca contendo veneno para matar animais. (Trad. nossa)

¹¹⁰ Na parte posterior do frango, a parte que prende as penas da cauda. (Trad. nossa)

De Mauro traz a marca de alto uso AU e *Garzanti* adiciona a nota (fam.), a mesma incluída em *micio*. Para nossa surpresa, a UL *randagio* é inserida com o símbolo de palavra pouco usada (♣) em *Lo Zingarelli*, sendo que *De Mauro* apresenta suas três definições como CO, vocábulo usado e de amplo conhecimento dos falantes do idioma. *Garzanti* e *Lo Zingarelli* exibem uma marca de uso literário, que não consta no *De Mauro*.

Não encontramos a locução lematizada *cane vagante/gatto vagante*, mas a UL separada *vagante* consta com uso referente à pesquisa. Em *Lo Zingarelli*, há duas marcas (fig.); *De Mauro* inclui duas marcas: a primeira mais usada, como CO, e uma de baixa frequência BU, *prostituta di strada*¹¹¹. Lematizada somente em *De Mauro*, a UL expressão *animale da compagnia* é assinalada como marca de uso comum CO. Já a UL *meticcio*, lematizada nas três obras, recebe a marca que se refere à biologia (biol.) e uma marca (fig.) em *Lo Zingarelli*. *De Mauro* a classifica como CO e, por último, uma marca específica da zootecnia TS (zoot.). *Garzanti* apresenta a marca de depreciativa (spreg.) para bastardo. *Trovatello* possui marca de uso somente em *De Mauro*, CO.

Na UL *sterilizzazione* consta uma marca (fig.) em *Lo Zingarelli*. A primeira definição como CO em *De Mauro*, seguida por uma marca CO (med. Vet.) medicina veterinária; CO TS (biol.); BU (fig.) e TS referente à economia (econ.). *Garzanti* também inclui a nota (med.), sem menção à ciência veterinária, e (econ.). Análoga à UL anterior, *castrazione* contém três marcas em *Lo Zingarelli*: botânica (bot.), psicoanálise (psicoan.) e (fig.). *De Mauro* traz uma definição breve somente com a marca CO e *Garzanti* adota a mesma marca que *Lo Zingarelli*, (bot.).

A expressão *in calore* foi encontrada lematizada somente no *De Mauro*, constando a marca CO e (fig. Spreg.). As demais obras citam a definição que procuramos no lema *calore*. *Lo Zingarelli* considera a UL de aula uso ◇ e a primeira acepção é marcada como pertencente à física (fis.), há duas outras com a marca (fig.) e uma última como medicina popular (med. pop.). *Garzanti* aponta várias marcas, se compararmos com a lematização das demais ULs vistas até então, a de sentido CO no *De Mauro* é exposta como (zool.), há uma segunda acepção marcada por (fis.), como em *Lo Zingarelli*, seguida por uma (fam.), uma (biol.) e mais quatro referentes à física (fis.). A última, tida por *De Mauro* como (fig. Spreg.), é vista nessa obra como vulgar (volg.): *referito spregiativamente a donna desiderosa di rapporti sessuali*¹¹².

A UL *cucciolata* é marcada por (fig. Fam.) em *Lo Zingarelli*; como CO e (fig.) em *De Mauro* e como (fam.) no *Garzanti*. *De Mauro* considera a UL *gravidanza* como de alta frequência dentre os falantes de Língua Italiana AU; dentre as poliremáticas, apresenta a

¹¹¹ Prostituta de rua. (Trad. nossa)

¹¹² Referência depreciativa a mulheres que desejam uma relação sexual. (Trad. nossa)

locução *gravidanza isterica*, marcada como específica de uso da medicina veterinária TS (vet. spec.). Na UL *muta*, há duas marcas no dicionário *Lo Zingarelli*: uma indicando arcaísmo (†) e outra como (zool.). Na inserção por homônima, há indicação de (raro) na segunda acepção. *De Mauro* emprega a primeira acepção como BU, o significado que remete a nossa pesquisa como CO TS seguido por mais quatro TS e um BU; na marca de homônima, há um significado como CO, BU e TS; o terceiro elemento marcado como homônimo pertence a TS história da gramática (st. Gramm.) e o quarto, a TS história da Idade Média (stor. nel medioevo) e TS numismática (numism.). *Garzanti* dá primeiramente a marca (mar.), em seguida há as marcas (zool.); música (mus.); militar (mil.); (mar) e antigo (ant.); no homônimo, uma marca de nome comum (nom. com.).

A UL *accoppiamento* tem somente uma marca em *Lo Zingarelli* (mecc.); já no dicionário *De Mauro*, a primeira acepção é marcada por CO, seguida de TS (sport), TS (fis.), TS (elettr.), TS (mecc.) TS (cinem.) e TS têxtil (tess.). *Garzanti* exibe duas marcas: (tecn.) e (elettr.). A próxima UL, *incrocio*, é indicada com o símbolo ◇ por *Lo Zingarelli*, que também usa a marca (biol.), (fig.), gramática (gramm.) e (mus.). *De Mauro* a marca como AD e emprega a marca TS (biol.), TS (mus.) e TS linguística (ling.); enquanto *Garzanti*, além das marcas de (biol.) e (ling.), traz também a marca de (sport). *Monta* é marcada por CO no *De Mauro*, além de TS edificação (edil.) e TS (arch.). *Garzanti* mostra somente a marca referente à arquitetura.

Assim como *micio* e *lettiera*, *fusa* também é relacionada a gatos de estimação e está presente nas três obras. Em *Lo Zingarelli*, há duas marcas, (fig.) e (lett.); *De Mauro* só oferece a marca CO. A UL *gestazione* tem uma acepção marcada como arcaica e outra como (fig.) em *Lo Zingarelli*. No *De Mauro*, são apresentadas as marcas CO TS (biol.) e, com o mesmo significado de *Lo Zingarelli*, a marca (fig.): *fase di elaborazione, di preparazione di un lavoro*¹¹³. *Garzanti* também mostra essa definição, mas com ausência da marca de uso, consta somente a marca (biol.) na obra. A UL *allevamento* é marcada como alta frequência tanto em *Lo Zingarelli* como em *De Mauro* e *Garzanti*, na primeira obra com o símbolo ◇, na segunda, com o uso de AD e na terceira com a cor azul. São vistas também as marcações TS (zool.) e TS agronomia (agr.), esta última é a única marca que consta no dicionário *Garzanti*. *De Mauro* ainda indica a poliremática “*di allevamento*”¹¹⁴ como TS (zool.) específico para frangos.

Partindo do mesmo campo semântico da UL anterior, abrigos e instituições, *cattività* é marcada como (lett.) em *Lo Zingarelli*, que traz também duas ULs a ela relacionadas como

¹¹³ Fase de elaboração, de preparação de um trabalho. (Trad. nossa)

¹¹⁴ De confinamento. (Trad. nossa)

arcaicas: *cattiveria* e *calunnia*¹¹⁵. A marca de uso literário LE também é empregada no *De Mauro*, assim como CO e OB, esta última com a mesma palavra empregada como arcaica em *Lo Zingarelli*: *cattiveria*. *Garzanti* vai ao encontro das duas obras e marca como (ant.) o mesmo vocábulo, além de incluir também a nota (lett.). Essa é a UL em que, até então, mais coincidem as marcas de uso empregadas nas três obras. Outro espaço físico referente ao meio animal é a UL *canile*, marcada como CO em *De Mauro* e OB em uma última acepção. *Lo Zingarelli* emprega o uso figurativo.

Passamos agora para o campo semântico “partes do corpo”. *Mantello* é uma UL grafada como de alta frequência em *Lo Zingarelli* ◇ e *De Mauro* AU. A primeira obra apresenta duas marcas (fig.), sendo uma (rara), e também as marcas (zool.), geologia (geol.) e (econ.). A segunda indica muitas marcas, além de AU, são elas: CO (fig.), CO TS (abbigl.), TS ecologia (ecol.), TS (zool.), TS (zoot.), TS (anat.), TS (geol.), TS matemática (mat.) e TS (arald.). O dicionário *Garzanti* oferece cinco marcas: (geol.), tecnologia (tecn.), (nom. com.), (anat.) e (mar.).

A próxima UL referente às partes do corpo dos animais de estimação, especialmente dos felinos, é *artiglio*, que consta como componente do italiano fundamental em *Lo Zingarelli* e com uma marca de sentido figurado. *De Mauro* traz a UL como AD, inclui a marca (*spreg.*) lista duas poliremáticas com a UL, ambas marcadas como CO. O dicionário *Garzanti* insere duas marcas de sentido figurado. *Pelliccia* se encontra dentre as palavras do *italiano fondamentale* ◇ em *Lo Zingarelli*, além de conter uma marca específica (arald.). No *De Mauro*, há duas marcas TS, uma como mostra *Lo Zingarelli* e outra pertencente à agronomia/agricultura (*agr.*). *Garzanti* inclui a marca *n.*, que indica o nome de uma acepção. Na UL *zanna*, há cinco marcas de uso distintas em *Lo Zingarelli*: (*spreg. scher.*); especificamente com a UL no plural (*fig, spec. al pl.*); (*disus.*) e arcaico. *De Mauro* considera a UL como AD e acrescenta as marcas BU e OB, além de uma poliremática considerada CO, *mostrare le zanne*¹¹⁶, expressão também trazida por *Lo Zingarelli* no plural. *Garzanti* insere somente uma marca (*scherz.*). Assim como as duas ULs anteriores, *muso* também é marcada pelo símbolo ◇ em *Lo Zingarelli*, além das marcas (*scherz., spreg.*), (lett.) e (fam.). *De Mauro* considera a UL como de alto uso AU, menciona também a marca (*spreg., scherz.*) e duas outras

¹¹⁵ Maldade e calúnia. (Trad. nossa)

¹¹⁶ Mostrar os dentes. (Trad. nossa)

que não são mencionadas nas outras obras: CO e TS (mar.) – *forcella per gondole*¹¹⁷. A marca (anat.) é vista somente no *Garzanti* e as três obras marcam (scherz., spreg.) e duas (fig.).

Considerado o “bigode dos gatos”, a UL *vibrissa* é marcada como (zool.) e (anat.) em *Lo Zingarelli* e como TS (zool.) e TS (anat.) no *De Mauro*, que inclui a expressão CO pl.: *i baffi dei gatti*¹¹⁸. *Garzanti* mostra duas marcas utilizadas nas outras obras: (zool.) e (anat.). A UL *tartufo* é destacada com várias marcas em *De Mauro*, primeiramente como AD e, conseqüentemente, como TS botânica comum (bot. Com.). Segundo nota explicativa na Introdução do dicionário, a especificação do termo, junto à marca (com.), significa que há difusão dessa palavra também na linguagem comum e não somente no âmbito científico. Vemos também as marcas TS (zool. Com.); CO (fig. Colloq.); BU (fig); TS gastronomia (gastr.) e CO TS (gastr.). Apesar dos significados aproximados dos três dicionários para essa UL, somente no *De Mauro* constam as marcas devidas de uso, dentro da área animal e gastronômica, por exemplo.

Ainda se tratando da parte do corpo dos animais, a UL *manto* tem seis marcas distintas na obra *Lo Zingarelli*. A primeira delas faz parte da literatura (lett.), seguida de (fig.), (archit.), (fig, lett), símbolo de arcaísmo e, por último, (zool.). O dicionário *De Mauro* insere mais significados com marcas de usos, identifica a UL como CO, insere três marcas LE (sentido literário), uma delas com a especificação de (fig.); três CO, sendo uma como (fig.); três TS, uma (tecn.), (edil.) e (arald.). *De Mauro* marca ainda como OB uma lematização de termo homônimo. *Garzanti* indica somente a marca (zool.). O dicionário *Lo Zingarelli* traz as marcas de uso (anat.) e (med.) para a UL *arto*. A primeira também é vista no *De Mauro* TS (anat.), além de CO; como palavra homônima, há a adição da marca LE e TS (anat.) para as poliremáticas, sendo a última delas com o mesmo significado de *Lo Zingarelli* TS (med.). A obra *Garzanti*, também coloca as marcas (anat.) e (med.). A última UL relativa ao corpo dos animais de estimação é *pelo*, que, com várias acepções, apresenta também várias marcas de uso nos três exemplares analisados. *Lo Zingarelli* insere seis marcas (fig.), a primeira como (anat.), a penúltima como (lett.) e a última como (bot.). *De Mauro* identifica a UL como AU e inclui TS (anat.), CO, LE, TS (zool.), TS (bot.), três marcas CO TS (tess.), TS (edil.), TS petrografia (petr.) e duas marcas CO (fig.). A obra *Garzanti* exhibe cinco notas com a marca (fig.), uma (bot.) e a marca (volg.), não mencionada nas demais obras, referindo-se aos pelos pubianos.

Tratando de profissionais e especialistas que lidam com os animais de estimação, temos a UL *animalista*, que possui marca de uso somente no *De Mauro*, são elas: CO TS ecologia

¹¹⁷ Objeto de apoio para o remo de gôndolas. (Trad. nossa)

¹¹⁸ Os bigodes do gato. (Trad. nossa)

(ecol.) e TS específico de arte (arte spec.). O mesmo ocorre com a UL *gattaro/a*, marcada somente no *De Mauro* como CO. *Gattofilo* apresenta a mesma marca em comum nas três obras, (scherz.); além dessa, *De Mauro* também classifica a UL como CO. Essa mesma marca é inserida também na UL *cinofilo e cinofilia*.

4.2.3 Definição

Neste item, observaremos as definições que constam nos dicionários e a ordem das acepções referentes aos animais de estimação. Mais uma vez ressaltamos que os verbetes serão analisados dentro do campo de pesquisa proposto e não em sua totalidade. Assim como os demais itens, escolhemos descrever como se dá o processo de definição nas três obras sem inserir gráficos e tabelas, acreditamos que, dessa forma, seja possível explorar uma quantidade maior de informações. Para o desenvolvimento deste item, contaremos com o conceito de definições proposto por Lara (2004, p. 52).

Iniciamos com o sexto campo semântico objetos e adereços. A primeira UL, *ciotola*, apresenta uma definição comum entre os três exemplares, não sendo especificado o uso para a alimentação de animais de estimação na definição. Assim como na maioria das definições que veremos, os dicionários monolíngues usam o tipo de definição chamada explicativa, para elucidar o objeto ao leitor. São descrições sobre seu uso e sua forma. A única obra que faz uma relação com o recipiente usado para dar de comer aos animais é *De Mauro*, mesmo assim, tal utilização é vista dentro do exemplo de uso e não da definição em si.

A UL *trasportino* assume somente uma acepção nas obras onde é lematizada, *Lo Zingarelli* e *Garzanti*, condizente com seu uso no *corpus* coletado. A caixa de transporte é descrita de maneira explicativa, como “*cesta, borsa o gabbietta usata per trasportare piccoli animali domestici*”¹¹⁹, em *Garzanti*, e “*gabbietta usata per trasportare animali domestici di piccola taglia*”, em *Lo Zingarelli*¹²⁰. Vemos que a primeira obra amplia o objeto utilizado para carregar os animais, incluindo na definição bolsa e cesto, dessa maneira a definição recai na utilidade do utensílio e não em sua forma.

O dicionário *Lo Zingarelli* difere das outras duas obras por trazer a acepção referente à zoologia em primeiro lugar, tratando-se da UL *collare*. Em *De Mauro*, a primeira acepção já é

¹¹⁹ Cesto, bolsa ou gaiolinha usada para transportar animais de estimação. (Trad. nossa)

¹²⁰ Gaiolinha usada para transportar animais de estimação de pequeno porte. (Trad. nossa)

a que nos foi mostrada no *corpus*, é explicado ao leitor o material que se usa para fazer a correia, assim como sua utilização: *mette al collo dei alcuni animali, spec. dei cani, per attaccarvi il guinzaglio*¹²¹. A segunda acepção do dicionário é similar à primeira na obra *Lo Zingarelli*. Marcada como (zool.), define *collare* como uma faixa de pelo ou de penas que cobre o pescoço de alguns animais, diferenciado pela cor das demais partes do corpo. *Lo Zingarelli* também emprega a marca (zool.) e, no lugar da palavra “faixa”, utiliza “anel” para definir a UL. O dicionário *Garzanti*, como mencionado, usa como primeira acepção a definição de correia e como quinta acepção a marca (zool.), a descrição da área do corpo de animais coberta por pelos ou penas de cores diferentes. Dessa forma, podemos perceber que as obras contêm ordens diferentes de apresentação das acepções, salvo as obras *De Mauro* e *Garzanti*, que demonstram o mesmo conteúdo na primeira acepção. O que nos chama atenção é o fato de *Lo Zingarelli* optar pelo uso de cunho específico da zoologia na primeira acepção e, na segunda, abordar a UL em seu uso mais geral e comum.

Com a UL *guinzaglio*, não há distinção entre as obras quanto à ordem das acepções. As três descrevem o material e sua utilização em animais de estimação, especialmente em cães, já na primeira acepção, ficando claro ao consulente tratar-se de um objeto usado para conduzir e segurar cães. Não é o que observamos na UL *pettorina*, nenhuma das três obras define o objeto como de uso dentre o meio dos animais de estimação. Suas descrições são semelhantes, descrevem um instrumento usado por mulheres no passado:

*Lembo di tessuto con cui le donne usavano per coprire il seno*¹²². (LO ZINGARELLI)
*Lembo di stoffa, spec. triangolare, che in passato veniva posto sotto la scollatura degli abiti femminili per coprire parzialmente il seno*¹²³. (DE MAURO)
*Pezzo di tessuto, per lo più triangolare, con cui un tempo le donne coprivano il petto sotto l'allacciatura del busto*¹²⁴. (GARZANTI)

Nesses exemplos, é possível perceber que a utilização trazida pelas obras se refere a algo do passado e não condiz com seu uso no momento presente. Obtém-se a impressão de que tal UL não é mais utilizada com essa nomeação e de que se tornou ultrapassada. Se fizermos uma pesquisa via internet, veremos que o objeto *pettorina* é uma coleira usada em cães, na qual se recobre todo seu peitoral, podendo ser feita por vários materiais e em variadas cores. Lara (2004, p. 55) discorre que “toda definição de dicionário é uma reconstrução do conhecimento

¹²¹ Coloca no pescoço de alguns animais, especialmente dos cães, para prender a guia. (Trad. nossa)

¹²² Retalho de tecido usado pelas mulheres para cobrir o peito. (Trad. nossa)

¹²³ Tira de pano, spec. triangular, que no passado foi colocado abaixo do decote da roupa das mulheres para cobrir parcialmente os seios. (Trad. nossa)

¹²⁴ Pedaco de tecido, principalmente triangular, na qual, em determinado tempo, as mulheres cobriam o peito em forma de laços abaixo do busto. (Trad. nossa)

histórico e social da língua, não um registro descritivo de um ou de vários significados que tem o vocábulo na população e em um dado momento”¹²⁵. Não criticamos a lematização de palavras que foram utilizadas em um determinado tempo, dentro de uma sociedade, mas seria conveniente que as obras apresentassem também o uso atual da UL, independentemente de seu uso específico dentro do campo “animais de estimação”, tendo em vista que as acepções apresentadas nas obras lexicográficas não são, simplesmente, recortes diacrônicos, e sim, registros consolidados por uma determinada comunidade.

A UL *mangime* é definida como um alimento destinado aos animais na obra *Lo Zingarelli* e, já na primeira acepção, insere-se a locução *mangime bilanciato*¹²⁶ como uma composição de elementos nutritivos para satisfazer as exigências alimentares de criações de gados. A obra *Garzanti* também define a UL como alimento e, sem inserir o uso da locução, especifica que se trata da alimentação de animais de fazenda e gado. O dicionário *De Mauro* é o único que define *mangime* como alimento “*per animali domestici o da allevamento*”¹²⁷. Podemos dizer que tal UL consiste, também, na alimentação destinada aos animais domésticos, porém, conforme constatação no *corpus*, percebemos que a UL mais utilizada ao tratarmos da nutrição de animais que vivem dentro de casas é *cibo*. Assim sendo, tal UL é definida como “*alimentazione umana e animale*”¹²⁸ nas obras *Lo Zingarelli* e *De Mauro*, reafirmando seu uso também dentro do contexto de animais, dessa vez sem citar animais como gado, o que ocorria com *mangime*. O dicionário *Garzanti* define a UL somente como *alimento* e, nos exemplos de uso, cita a palavra *cani* (*cibo per cani*). Tais constatações nos fazem perceber que, de fato, a UL *cibo* é mais corriqueira quando nos referimos à alimentação dos animais de estimação, não dos animais de criação.

Na UL *razione*, notamos que, nas três obras, a primeira acepção não trata de alimento. No caso do dicionário *Lo Zingarelli*, a inserção da locução *razione bilanciata* faz menção aos animais de criação, quando fornecemos alimento de maneira econômica a animais de fazenda. O dicionário *De Mauro* marca como TS a segunda acepção, que consiste em fornecer uma porção de forragem a animais que são empregados no exército. O mesmo ocorre com a obra *Garzanti*, porém na terceira acepção e não na segunda. A UL *croccantino* é lematizada somente na obra *Garzanti* e apresenta, na segunda acepção, a definição “*mangime secco per animali*,

¹²⁵ No original: “*Toda definición de diccionario es una reconstrucción del conocimiento histórico y social de la lengua, non un registro descriptivo de uno o varios de los significados que tiene el vocablo en una población y en un momento dado*”. (Trad. nossa)

¹²⁶ Alimento balanceado. (Trad. nossa)

¹²⁷ Alimento para animais domésticos/de estimação ou de criação. (Trad. nossa)

¹²⁸ Alimentação humana e animal. (Trad. nossa)

specialmente cane e gatto”¹²⁹, o que nos mostra seu uso condizente com o que vimos no *corpus*. Mais uma vez, vemos o predomínio da definição explicativa.

As ULs *bocconcino* e *boccone* fecham a parte em que tratamos sobre a comida dos animais. Na primeira UL, vimos que não há menção aos animais de estimação, mas especificamente a um prêmio dado a eles quando realizam uma tarefa que nos agrada, porém há certa relação de sentido com o nosso tema. As três obras se referem à UL como um alimento saboroso e apetitoso, que faz sentido em nosso *corpus*. No caso de *boccone*, as três obras incluem em suas definições, não dentre as primeiras acepções, o significado de uma isca, contendo veneno, utilizada para matar pequenos animais. Apesar de esse conceito não constar em nosso *corpus*, em pesquisa via web pudemos constatar o uso dessa UL para nomear esse tipo de alimento. É certo que o sentido trazido por nosso *corpus* mantém uma relação semântica com o encontrado nos dicionários, pois trata-se de algo apetitoso para os animais, entretanto a forma envenenada não constou em nossa pesquisa.

As próximas descrições tratarão das ULs que são utilizadas, especificamente, por felinos. Na UL *tiragraffi*, percebemos, na primeira acepção, uma definição que consiste na explicação detalhada do objeto e de sua finalidade: “*che ha lo scopo di invogliare il gatto a sfregarvi sopra le unghie, per dissuaderlo dal farlo su divani, mobili*”¹³⁰. Lembramos que tal UL só é lematizada, mais uma vez, na obra *Garzanti*. Já a UL *lettiera* é lematizada nas três obras e apresenta uma definição referente aos animais de estimação (gatos) em todas elas. No dicionário *Lo Zingarelli*, a definição que faz menção aos bichanos segue marcada por uma extensão da primeira acepção, explicando trata-se de uma areia utilizada para absorver excrementos de gatos. Na obra *De Mauro*, há uma definição muito parecida na segunda acepção. As duas obras citam que a areia é de uso próprio para gatos domésticos, o que não ocorre na obra *Garzanti*, que, apesar de explicar sua utilidade na primeira acepção, cita o material como “*destinato ad assorbire gli escrementi degli animali d'allevamento o di quelli domestici*”¹³¹. Em nosso *corpus*, é clara a ideia de que tal material é de uso quase exclusivo de gatos de estimação.

A UL *erba gattaia* é definida na primeira acepção, no dicionário *De Mauro*, como uma planta que, por conta de seu odor, atrai os gatos. Na obra *Garzanti*, a definição se dá de maneira incompleta, pois são explicadas as características da planta (forma e tamanho) sem especificar o que ela provoca nos felinos, principal razão de seu nome ter como radical a palavra *gatto*.

¹²⁹ Alimento seco para animais, especialmente cães e gatos. (Trad. nossa)

¹³⁰ Que tem o objetivo de atrair o gato para esfregar suas unhas, e dissuadi-lo de esfregá-las em sofás, móveis. (Trad. nossa)

¹³¹ Destinado a absorver os excrementos de animais de criação ou de animais domésticos. (Trad. nossa)

Após a acepção, há uma flecha como símbolo, designando a origem da palavra¹³², e são citados, de maneira sucinta, os efeitos excitantes que a erva produz nos gatos. No dicionário *Lo Zingarelli*, ocorre o mesmo que na obra anterior, a planta é descrita em seu formato e taxonomia vegetal. A palavra *gatto* é citada somente na etimologia, antes da acepção.

A definição da UL *gattaiola* dentro de nosso contexto está na primeira acepção nos três exemplares. De forma explicativa, a UL é descrita de maneira clara e sucinta e todas as obras delimitam seu uso para gatos de estimação. Vejamos, como exemplo, o dicionário *Garzanti*: “*buco fatto nella parte bassa della porta, perché vi possa passare un gatto*”¹³³. No dicionário *De Mauro*, tal UL é marcada como CO, mostrando-nos que seu uso é de relevante recorrência na Língua Italiana. A UL fusa também está atrelada aos felinos e é definida na primeira acepção dos três dicionários, de modo explicativo. *Lo zingarelli* caracteriza mais a ação do ronronar, “*fare le fusa, detto del gatto che emette un caratteristico suono sordo e vibrante in segno di soddisfazione*”¹³⁴, e é o único a mostrar a locução “*fare le fusa*” já na definição. O dicionário *De Mauro* parece focar mais no estado do bichano ao ronronar: “*suono caratteristico prodotto dal gatto per manifestare il suo benessere e la sua soddisfazione*”¹³⁵. A definição do *Garzanti* se assemelha mais à da primeira obra: “*caratteristico suono continuo, somnesso e vibrante, emesso dai gatti in segno di soddisfazione*”¹³⁶. Todas as obras admitem uma definição positiva e agradável para caracterizar a UL.

O mesmo ocorre na UL *micio*, definida nas três obras; somente *De Mauro* traz duas acepções para tratar as definições, as demais contêm apenas a definição que nos é mais apropriada. *Lo Zingarelli* e *Garzanti* mostram uma definição quase sinonímica com a UL *gatto domestico*, mostrando-se desta maneira: *gatto domestico*¹³⁷. Somente a obra *De Mauro* explica, na definição, que se trata de uma linguagem infantil e familiar para se referir ao bichano: “*nel linguaggio infantile e fam., gatto*”.

As duas ULs a serem exemplificadas detalharão os tratamentos voltados a caninos. Começando pela UL *cuccia*, vemos que o dicionário *Lo Zingarelli*, assim como visto na UL *collare*, utiliza como primeira acepção uma definição de cunho específico (lett.) que não coincide com seu uso dentro do campo estudado e, em forma de homonímia (outra entrada), inclui a definição que se refere à casinha em que o cachorro dorme, na mesma primeira

¹³² Vale ressaltar que na introdução do dicionário não há uma explicação para os símbolos inseridos no verbete, deduzimos, por meio do uso, que o símbolo da flecha significava etimologia e origem.

¹³³ Buraco feito na parte baixa da porta, para que um gato possa passar. (Trad. nossa)

¹³⁴ Ronronar, dito do gato que emite um característico som surdo e vibrante em sinal de satisfação. (Trad. nossa)

¹³⁵ Som característico produzido pelo gato para manifestar o seu bem-estar e a sua satisfação. (Trad. nossa)

¹³⁶ Característico som contínuo, suave e vibrante, emitido pelos gatos em sinal de satisfação. (Trad. nossa)

¹³⁷ Gato de estimação. (Trad. nossa)

acepção. *De Mauro* insere, como primeira acepção, a definição “*giaciglio del cane, anche costituito da un'apposita casetta*”¹³⁸. O mesmo ocorre com o dicionário *Garzanti*, que especifica ser o utensílio para uso de animais de estimação: “*giaciglio del cane o di altri animali da compagnia*”¹³⁹. Ambas as obras trazem, como segunda entrada (homônimo), a definição de uso literário que *Lo Zingarelli* apresenta como primeira entrada na primeira acepção do verbete. *De Mauro*, inclusive, marca a definição como de baixo uso BU (vocabulário raro). As obras *De Mauro* e *Garzanti* enfocam a expressão *a cuccia*¹⁴⁰ como sendo uma locução de comando, ordenando ao cachorro para entrar em sua casinha. Vemos, mais uma vez, que nem sempre há concordância entre as obras na escolha da definição que aparecerá como principal para o consulente. Podemos analisar, ainda, que tal definição difere das outras quanto à explicação de forma e utilidade; mesmo sendo de caráter explicativo, não há tantas informações e descrições do objeto lematizado.

Apesar de lematizada, a UL *brandina* não tem a definição que esperávamos dentro do campo de estudo proposto, ao passo que a UL *museruola* é definida nas três obras dentro de nossa área. Notamos que as três obras concordam quanto à definição do objeto, usado para amordaçar cachorros, enfocada na primeira acepção. As definições são feitas por meio da descrição do utensílio e de sua finalidade. As ULs *toeletatura*, *toilette*, *toietta* e *toietta* são as palavras que possuem mais variações de forma dentro de nosso *corpus*. No primeiro caso, o dicionário *De Mauro* não apresenta uma definição que sane as dúvidas de quem busca pelo significado: “*il toiettarsi, il toiettarsi e il loro risultato*”¹⁴¹. Nesse caso, percebemos que, caso a UL fosse procurada por um aprendiz de Língua Italiana, ele deveria buscar o significado da palavra *toiettarsi* e perceber qual sentido o dicionário estava propondo. No caso da obra *Lo Zingarelli*, a definição se dá por meio da variação da UL *toeletatura* da seguinte maneira, com a marca (zool. Veter.): “*il toiettare, il toiettarsi*”. Também percebemos que um aprendiz teria dificuldades para definir tal conceito. O dicionário *Garzanti* é o que melhor define a UL, a nosso ver, pois explica a ação do verbo e especifica quem a faz: “*lavaggio, acconciatura e cosmesi di cani e gatti*”¹⁴². No caso de *toilette*, não vemos as definições referentes aos hábitos de limpeza dos animais, as três obras fazem menção a esses hábitos, porém, por parte das mulheres. A UL *toietta* se encontra em forma remissiva nas três obras e *toietta* surge na definição somente da obra *Lo Zingarelli*, sem explicação quanto ao seu uso: “*adattamento di*

¹³⁸ Leito do cão, também constituído por uma simples casinha. (Trad. nossa)

¹³⁹ Leito do cão ou de outro animal de estimação. (Trad. nossa)

¹⁴⁰ Dentro da casinha. (Trad. nossa)

¹⁴¹ O cuidar-se, os cuidados e seus resultados. (Trad. nossa)

¹⁴² Lavagem, penteado e cosméticos de cães e gatos. (Trad. nossa)

*toilette*¹⁴³. No caso da UL *tosatura*, o dicionário *Lo Zingarelli* traz praticamente a mesma definição que *De Mauro* para a UL *toielettatura*, pois não explica a definição “*operazione del tosare*”¹⁴⁴, ou seja, se o consulente desconhecer a palavra *tosare*, não consegue decifrar o significado de tal UL. A obra *Garzanti*, dessa vez, faz como *Lo Zingarelli*, exibindo a UL da seguinte maneira: “*Il tosare, l’essere tosato*”¹⁴⁵. O dicionário *De Mauro* é o que apresenta uma definição mais explicativa a respeito da UL: “*operazione con cui viene tagliato il vello di pecore o altri animali a pelo lungo*”¹⁴⁶.

O dicionário *Lo Zingarelli* nos surpreendeu com a lematização da expressão *pet therapy*. Além de ser a única obra a lematizar a UL, a definição de acepção única relata exatamente o que encontramos no *corpus*: “*tecnica adottata nel trattamento psicoterapeutico, che si avvale degli effetti positivi esercitati sul paziente dalla vicinanza di animali domestici come cani e gatti*”¹⁴⁷. Em todo o material que usamos para desenvolver essa pesquisa, foi vista a grande recorrência da UL *pet*. Contudo, não encontramos a definição que se referia aos animais de estimação em nenhuma das três obras; mesmo lematizadas, não há relação nenhuma com o assunto de que tratamos. *Cane da guardia* é lematizada somente em *De Mauro*, que explica de forma clara para seu leitor, na primeira acepção: “*canine addestrato a fare la guardia e difendere abitazioni, proprietà*”¹⁴⁸. Vemos uma particularidade na obra *Garzanti* em relação à definição da UL *cucciolo*. Ela é a única que define, na primeira acepção, não somente o filhote de cachorro, mas também “*il piccolo di qualsiasi altro quadrupede*”¹⁴⁹. *Lo Zingarelli* e *De Mauro* restringem a definição da UL para “*canine piccolo*” e “*canine non ancora cresciuto*”¹⁵⁰, respectivamente, apesar de *De Mauro*, em uma marca de extensão, retomar o fato de poder ser um pequeno de algum outro animal. Tal definição, principalmente em *Lo Zingarelli*, se mostra incompleta, pois sabemos que filhote não significa somente a cria do cachorro, mas de qualquer outro animal que procrie.

Não encontramos lematizada a expressão *canine/gatto randagio*, porém, dentro da UL *randagio*, vimos que as obras fazem referência a cães e gatos abandonados. *Garzanti* é o único que aborda esse significado na primeira acepção, de maneira explicativa: “*Si dice di animale*

¹⁴³ Adaptação de *toilette*. (Trad. nossa)

¹⁴⁴ Operação de *tosar*. (Trad. nossa)

¹⁴⁵ O *tosar*, ser *tosado*. (Trad. nossa)

¹⁴⁶ Operação na qual se corta o vello de ovelhas e outros animais de pelo longo. (Trad. nossa)

¹⁴⁷ Técnica usada no tratamento psicoterapêutico, que faz uso dos efeitos positivos sobre o paciente, aproximando-os dos animais de estimação tais como cães e gatos. (Trad. nossa)

¹⁴⁸ Cão adestrado para fazer a guarda e defender a habitação, propriedade. (Trad. nossa)

¹⁴⁹ O pequeno de qualquer outro quadrúpede. (Trad. nossa)

¹⁵⁰ Cão pequeno, cão que ainda não cresceu. (Trad. nossa)

senza padrone o fuori dal branco”¹⁵¹. Nas outras duas obras, a definição que nos cabe se encontra na segunda acepção. Em *Lo Zingarelli*, a definição é quase idêntica à de *Garzanti*, entretanto é usada a expressão *animale domestico* no lugar na UL animal. *De Mauro*, além de utilizar a expressão *animale domestico*, especifica que o uso se estende mais a cães e gatos: “*di animale domestico, spec. Cane o gatto, che è senza padrone o che è stato abbandonato o si è smarrito*”¹⁵². Para a expressão *cane/gatto vagante*, encontramos um conceito parecido e optamos por inserir a UL *vagante* ao considerarmos que, dentro de sua definição, existe referência a nossa área de estudo. As três obras trazem a expressão *animali vaganti*¹⁵³ em forma de exemplos de uso, em suas definições.

A expressão *animale da compagnia*, ao contrário da anterior, é lematizada dessa forma no dicionário *De Mauro*, que a define em uma relação de sinonímia com “*animale domestico, adatto alla compagnia dell'uomo*”¹⁵⁴. Ao procurar pela UL *animale* separadamente, percebemos que, dentro da obra *Garzanti*, há uma nota ao final do verbete, com a lematização da expressão *animale d'affezione*, contendo a seguinte definição: “*animale tenuto dall'uomo per compagnia o per motivi non legati a un possibile guadagno*”¹⁵⁵. A UL *meticcio* assume aspecto relevante a nós dentro nas três obras. *De Mauro* apresenta, na segunda acepção e com marca de (zoot.), a definição correspondente a “um híbrido gerado por meio do cruzamento entre animais de raças diversas” (tradução nossa). *Garzanti*, também na segunda acepção e citando a zootecnia, exemplifica a definição da seguinte maneira: “*si dice di animale nato dall'incrocio di due individui di razza diversa e che costituisce un ibrido fecondo*”¹⁵⁶. O dicionário *Lo Zingarelli* é o único a oferecer definição referente aos animais na primeira acepção e com marca de (biol.) no lugar da zootecnia, também de maneira explicativa e condizente com o que vimos no *corpus*: “*organismo prodotto dall'incrocio di genitori della stessa specie ma di razza diversa, fecondo*”¹⁵⁷. Percebemos que a definição dessa última obra é mais ampla e menos específica. No dicionário *Garzanti*, temos como *meticcio* um animal gerado pelo cruzamento de raças diversas; já em *Lo Zingarelli*, temos um organismo produzido por meio do cruzamento de diversas raças, esse “organismo” pode ser animal, vegetal ou

¹⁵¹ Diz-se do animal sem dono ou fora do bando. (Trad. nossa)

¹⁵² De animal de estimação, especialmente cão ou gato, que está sem dono ou que foi abandonado ou está perdido. (Trad. nossa)

¹⁵³ Animal perdido. (Trad. nossa)

¹⁵⁴ Animal de estimação adaptado para a companhia do homem. (Trad. nossa)

¹⁵⁵ Animal mantido ligado ao ser humano para servir de companhia ou por outro motivo que não seja um possível lucro. (Trad. nossa)

¹⁵⁶ Diz-se de animal nascido do cruzamento de dois indivíduos de raça diferente e que constitui um híbrido fértil. (Trad. nossa)

¹⁵⁷ Organismo produzido pelo cruzamento de pais da mesma espécie, mas de raças diferentes, fecundo. (Trad. nossa)

mesmo humano, dependendo do que o leitor espera para esse significado. Sabemos que a UL *meticcio* é conhecida por tratar de grupos étnicos diversos, é muito significativo vermos que as obras lexicográficas também abordam a questão da mistura de linhagens dentro do âmbito dos animais, mesmo não havendo especificação de que se trata dos animais de estimação.

A UL *trovatello*, vista em nosso *corpus*, não foi definida como *meticcio* e não encontramos equivalência de sentido para tal UL dentro dos dicionários. *Sterilizzazione* também foi uma UL de alta recorrência dentro do material que usamos, o dicionário *De Mauro* mostra na primeira acepção, marcado por CO TS (med., vet.), que se trata de um procedimento aplicável tanto em animais quanto em humanos, apesar de pouco se ouvir dizer que uma pessoa foi esterilizada: “*procedimento di vario tipo mediante cui si rende un individuo o un animale incapace di procreare*”¹⁵⁸. A obra *Garzanti* usa essa definição como segunda acepção, a primeira se refere à esterilização de objetos, a marca (med.) nos mostra que o procedimento é mais comum em seres humanos e que, para os animais, usamos a forma *castrazione*: “*procedimento di legatura delle tube nella femmina, dei dotti deferenti nel maschio, che li rende sterili / riferito ad animali, castrazione*”¹⁵⁹. O dicionário *Lo Zingarelli* não aborda a explicação do procedimento e reduz a definição na forma: “*rendere sterile*”¹⁶⁰. Na UL *castrazione*, deparamo-nos com definições nominais e pouco esclarecedoras, as obras *Lo Zingarelli*, *De Mauro* e *Garzanti* trazem, respectivamente, as seguintes definições na primeira acepção: “*operazione del castrare, il castrare e il suo risultato, il castrare, l’essere castrato*”¹⁶¹. Como nos exemplos das ULs *micio* e *toelettatura*, a definição por meio de um sinônimo, sem explicação ou paráfrase, pode acarretar em um círculo vicioso por parte do consultante. Nesse caso, provavelmente, se o leitor não sabe o que significa *castrazione*, ele também não saberá o que significa o substantivo *castrare* e, dessa forma, deverá procurar outro meio de sanar suas dúvidas.

A próxima UL é lematizada em sua forma original, *in calore*, somente na obra *De Mauro*, como já visto no item lematização. Esse dicionário traz, na primeira acepção e com marca CO, uma definição de acordo com o que vimos ressaltado no *corpus*: “*femmina, spec. di mammifero, che è nel periodo dell’accoppiamento: gatta, cagna in calore*”¹⁶². Percebemos que, dentro da UL *calore*, o dicionário *Garzanti* mostra, na terceira acepção e com marca (zool.), uma definição que explica esse período de atividade sexual das fêmeas em várias espécies de

¹⁵⁸ Processo de tipos variados através do qual se faz uma pessoa ou um animal incapaz de procriar. (Trad. nossa)

¹⁵⁹ Procedimento de ligadura das trompas femininas, de canais deferentes no homem, que as torna estéreis | referente a animais, castração. (Trad. nossa)

¹⁶⁰ Tornar-se estéril. (Trad. nossa)

¹⁶¹ Operação de castrar, o castrar e o seu resultado, o castrar, ser castrado. (Trad. nossa)

¹⁶² Fêmea, especialmente de mamíferos, que está no período de copular: gata e cachorra no cio. (Trad. nossa)

animais. O dicionário *Lo Zingarelli* apenas apresenta a nota “*andare in calore*”, sem mencionar o que significa essa locução. Assim como já foi explicitado na Introdução, o presente trabalho não tem por finalidade criticar a ausência ou a presença de algumas ULs, pois cabe ao lexicógrafo a escolha das entradas contidas em sua obra, mas a inserção de uma nota como esta, sem menção alguma ao seu significado, se faz insignificante dentro do contexto.

A definição da UL *cucciolata* é vista na primeira acepção de todos os dicionários aqui analisados, todas as definições apresentam uma frase em comum: “*insieme dei cuccioli nati nello stesso parto*”¹⁶³. Verificamos que a definição condiz com nosso estudo, porém vemos que, caso o consulente não saiba o significado da palavra *cucciolo*, não conseguirá entender o que diz o verbete, assim, seria válido inserir nessa definição uma paráfrase um tanto mais explicativa para que se alcance todos os tipos de consulentes. A leitura dos materiais nos trouxe à tona a UL *gravidanza*. Tal palavra adota, em nosso *corpus*, o mesmo sentido que vimos quando usamos a UL dentro da linguagem comum. A definição dos dicionários *Garzanti* e *De Mauro* foi além do que esperávamos e incluiu em seus verbetes a gravidez tanto de mulheres como de fêmeas de outro mamífero. A última obra citada foi ainda mais longe e lematizou, em forma de poliremática, a locução *gravidanza isterica*, definindo-a como um fenômeno específico das fêmeas de cães, gatos e coelhos; o uso dessa locução e desse sentido consta em nosso *corpus* e consideramos a definição para essa UL totalmente adequada, tendo em vista seu emprego em nossos exemplos. A obra *Lo Zingarelli* não afirma ser um processo inerente nem às mulheres, nem às fêmeas de mamíferos, somente explica que é um período necessário para o desenvolvimento do feto.

No caso da UL *muta*, também encontramos as definições dentro das três obras. Nos dicionários *Lo Zingarelli* e *De Mauro*, nosso contexto aparece na segunda acepção e retrata a troca periódica, não só de pelos, mas de todo o revestimento cutâneo dos animais em geral, tanto mamíferos quanto invertebrados. Na obra *Garzanti*, essa definição aparece na terceira acepção e todas as três obras apresentam a definição com a marcação da marca (zool.). A UL *accoppiamento* é definida na segunda acepção das obras, todas elas incluem o ato sexual entre animais de sexos opostos como principal explicação dentro da definição; as ULs são claras em suas definições e especificam que se trata da fêmea e do macho, não de seres humanos. A definição da UL *incrocio* se mostra de maneira semelhante à anterior. As obras *Lo Zingarelli* e *Garzanti*, inclusive, usam a UL *accoppiamento* como sinônimo dentro da definição. O dicionário *De Mauro* opta por iniciar a definição com a UL *fecondazione*¹⁶⁴. O fator que

¹⁶³ Conjunto de filhotes nascidos no mesmo parto. (Trad. nossa)

¹⁶⁴ Fecundação. (Trad. nossa)

diferencia essa UL da anterior é o fato de poder haver um *incrocio* nos meios tanto vegetal quanto animal, tal discriminação é bem marcada nas definições que citam esse cruzamento como resultado do processo de *accoppiamento*. *Monta* também é uma UL que se refere à reprodução animal; localizada por meio de uma ocorrência no *corpus*, achamos importante inseri-la, pois seu contexto estava dentro de um assunto relacionado à cópula de cães. Os três dicionários não mencionam animais de estimação, como cães e gatos, nesse processo, as obras definem a UL como “*accoppiamento di animali di allevamento*”¹⁶⁵.

Assim como a UL *gravidanza*, a UL *gestazione* admite, para nós, o mesmo sentido quando tratada entre humanos. A peculiaridade dessa definição se dá na obra *Lo Zingarelli*, que não deixa seu uso evidenciado ao leitor e insere, como definição, uma palavra marcada como arcaica e outra marcada como (fig.), sem explicar ou mencionar o período de gravidez das mulheres. A obra *De Mauro* coloca na primeira acepção a seguinte definição, marcada como CO TS (biol.): “*periodo in cui l’embrione si sviluppa nel corpo della madre; gravidanza*”¹⁶⁶. *Garzanti* utiliza a sinonímia para registrar sua definição: (biol.) *gravidanza*. Na UL *allevamento*, não encontramos definições que alcançassem o uso que vimos no *corpus*, as revistas trazem a UL como equivalente de criação, dentro do universo dos animais de estimação, criação de diversas raças. Porém, o que vemos nos dicionários é a criação relacionada a animais utilizados para alimentação (bovinos e suínos). O dicionário *Lo Zingarelli* chega a citar a expressão animais domésticos e percebemos que, nesse caso, os animais domésticos não correspondem aos animais de estimação, mas sim, àqueles que vivem em fazendas¹⁶⁷: “*allevamento in batteria, per animali domestici in ambiente confinato*”¹⁶⁸.

A mesma situação, citada acima, acontece com a UL *cattività*; vimos que, dentro de nosso material, tal UL pode ser usada para animais de estimação que vivem em cativeiro; ao contrário de *allevamento*, o contexto dessa UL sugere uma designação negativa. Dentro das três obras, tal acepção foi vista, no entanto, quando se tratava de animais selvagens e não de estimação. Ainda no campo semântico relacionado a abrigos, a UL *canile* é definida na primeira acepção como local para alojar cães. Dentro da obra *Lo Zingarelli*, verificamos a descrição do local na primeira acepção e sua finalidade na segunda: “*1. casotto con cuccia per cani. 2. luogo dove si custodiscono o allevano cani*”¹⁶⁹. A obra *De Mauro* faz de sua primeira acepção uma explicação mais genérica e, na segunda, uma mais específica: “*1a. luogo dove*

¹⁶⁵ Cruzamento de animais de criação. (Trad. nossa)

¹⁶⁶ Período no qual o embrião se desenvolve no corpo da mulher; gravidez. (Trad. nossa)

¹⁶⁷ Trataremos da problemática da expressão animais domésticos quando discorrermos sobre o papel social do lexicográfico.

¹⁶⁸ Criação em larga escala, para animais domésticos em ambiente confinado. (Trad. nossa)

¹⁶⁹ Construção com casinha para o cães. Lugar onde se abrigam ou se criam cães. (Trad. nossa)

vengono custoditi temporaneamente i cani. Ib. allevamento di cani”¹⁷⁰. Em *Garzanti*, temos: “luogo in cui si allevano o si custodiscono temporaneamente cani”¹⁷¹. Nas três obras, o local também pode ser usado para criação de cães (*allevare*), porém, como já abordado, na UL *allevamento* não há menção sobre a criação desse tipo de animal. *De Mauro* e *Garzanti* trazem, como segunda acepção, o conceito dado por *Lo Zingarelli* na primeira definição, isto é, um local que também pode ser destinado para abrigar os cães, fazendo com que seja sua moradia, inclusive com a *cuccia* para que o cão seja protegido.

As duas obras que lematizam a UL *gattile* se diferenciam quanto a sua definição. *Lo Zingarelli* a apresenta da seguinte maneira: “luogo dove si custodiscono o allevano gatti. Já *Garzanti*: struttura nella quale vengono raccolti e assistiti gatti randagi o abbandonati”¹⁷². É nitidamente perceptível que, nessa última acepção, há um juízo de valor do lexicógrafo, que transmite ao consulente a ideia de que o local é destinado somente para recolher gatos que não têm donos e não serve para abrigá-los ou criá-los em outra situação. A obra *Lo Zingarelli* se mostra mais imparcial e define a UL da mesma maneira que a UL *canile*, mudando somente o animal a que o local é destinado.

Nas próximas ULs, examinaremos o campo semântico intitulado partes do corpo e será possível observar que a grande maioria delas se encontra definida nos dicionários em questão. A obra *Garzanti* se diferencia das outras por definir a UL *mantello*, na terceira acepção, como o pelo que recobre o corpo dos mamíferos, sobretudo do ponto de vista da cor. *De Mauro* e *Lo Zingarelli* definem tal conceito na quinta acepção, sendo que o último não destaca a relação da UL com a cor do pelo do animal. *Artiglio* é definida na primeira acepção de todas as obras. *De Mauro* e *Garzanti* parafraseiam para exemplificar a unha curvada e retrátil de pássaros e felinos, não há especificação de que se trate de gatos de estimação, porém a inserção de felinos na definição, assim como as características dessa parte de seu corpo, já mostra ao consulente que se trata das garras de alguns animais. O dicionário *Lo Zingarelli* apresenta uma definição mais breve, no lugar de mencionar animais como pássaros e felinos, usa os substantivos “animali rapaci, volatili o terrestre”¹⁷³, ampliando mais a definição e causando, talvez, mais dificuldade de compreensão. A UL *pelliccia* é definida nas três obras dentro da primeira acepção e todas elas a definem como sinônimo de *mantello*, com inclusão de características como: “pelo folto, lungo e fitto”¹⁷⁴.

¹⁷⁰ Lugar onde se abriga temporariamente os cães. Criação de cães. (Trad. nossa)

¹⁷¹ Lugar onde se criam ou se abrigam temporariamente cães. (Trad. nossa)

¹⁷² Estrutura na qual se recolhe e se assiste gatos sem dono e abandonados. (Trad. nossa)

¹⁷³ Animais de rapina, voadores e terrestres. (Trad. nossa)

¹⁷⁴ Grosso, longo e denso. (Trad. nossa)

Para a UL *zanne*, lematizada como *zanna*, as três obras propõem a definição na primeira e na segunda acepção. Na primeira definição, há características de dentes longos e grossos presentes na boca de alguns mamíferos; a segunda acepção especifica que se trata dos caninos de carnívoros. Na UL *muso*, também vemos a definição na primeira acepção. As obras descrevem a parte do corpo referente ao focinho como “*parte anteriore della testa degli animali*”¹⁷⁵, sem delimitar os traços do animal; somente no exemplo de uso, explicado no próximo item, é possível ver a relação com os cães. Não encontramos problemas de falta de definição na UL *vibrisse*, marcada na primeira acepção das três obras com a marca (zool.). Os dicionários a definem como cada um dos pelos de mamíferos que apresentam função sensorial e tátil. No caso das obras *De Mauro* e *Garzanti*, ainda na definição, vemos a adição da locução no plural “*i baffi dei gatti*”¹⁷⁶ – tal inserção é de grande serventia para o leitor, pois a UL *baffi* é mais comum que *vibrisse* e, talvez, seja mais fácil a compreensão.

Um pouco menos conhecida que a UL *muso*, *tartufo* foi definida somente em duas das três obras analisadas, *Lo Zingarelli* e *De Mauro*. No primeiro caso, a definição está na quarta e última acepção, “*punta del naso del cane*”¹⁷⁷; *De Mauro* a mostra na terceira acepção, exatamente da mesma forma, além de incluir uma poliremática com a locução *cane da tartufo*¹⁷⁸. A UL *manto* também não consta como umas das primeiras acepções dos dicionários, aparecendo em oitavo lugar em *Lo Zingarelli*, apenas por meio de uma marca (zool.) e uma sinonímia: *mantello*. A diferença desta para as outras duas obras é a ordem da acepção, tanto em *De Mauro* como em *Garzanti* vemos a escolha pela definição na quinta acepção e a inclusão da frase: *mantello di animali*. Nos dicionários *Lo Zingarelli* e *De Mauro*, a opção pela definição da UL *arto* é evidenciada na primeira acepção. A primeira obra traz a marca (anat.), como “*parte del corpo umano o animale congiunta ao tronco per mezzo di articolazione che ne permettono il movimento*”¹⁷⁹. *De Mauro* também utiliza esse tipo de definição, mas insere a seguinte informação na segunda acepção, tornando-a facilmente compreensível: “*nell’uomo, braccio o gamba; negli animali, zampa*”¹⁸⁰. Ainda na obra, por meio de poliremáticas, são trazidas as locuções “*arto inferiore e atro superiore*”, referindo-se aos membros inferiores e superiores dos homens, não constando as patas dos animais. A obra *Garzanti* opta por lematizar duas entradas homônimas; as outras duas obras também o fazem, porém a primeira é a que

¹⁷⁵ Parte anterior da cabeça dos animais. (Trad. nossa)

¹⁷⁶ Os bigodes do gato. (Trad. nossa)

¹⁷⁷ Ponta do nariz do cão. (Trad. nossa)

¹⁷⁸ Cão farejador. (Trad. nossa)

¹⁷⁹ Parte do corpo humano ou animal ligada ao tronco por meio de articulações que lhe permite o movimento. (Trad. nossa)

¹⁸⁰ No homem, braços e pernas, nos animais, pata. (Trad. nossa)

descrevemos. Neste dicionário, a primeira entrada é uma definição de sentido regional e literário e, somente na segunda entrada, há a explicação que citamos acima, da seguinte maneira: “*membro del corpo umano che si articola al tronco (braccio e gamba); negli animali, membro di simile struttura*”¹⁸¹.

A última UL pertencente a este grupo é *pelo*, definida na primeira acepção dos três dicionários. *Lo Zingarelli* e *Garzanti* a explicam como *formazione cornea di origine epidermica presente sulla pelle dell'uomo e dei mammiferi*”¹⁸². *De Mauro* difere das outras duas obras, com “*struttura sottile e filamentosa presente sulla pelle dell'uomo e dei mammiferi*”¹⁸³, e a ausência de termos técnicos aqui pode privilegiar o entendimento do leitor.

A parte final é dedicada às ULs referentes a profissionais e especialistas em nossa área de estudos. A UL *animalista* se encontra lematizada e definida na primeira acepção das obras *De Mauro* e *Garzanti* e na segunda de *Lo Zingarelli*. Os dois primeiros dicionários citados definem a UL respectivamente como “*ecologista impegnato nella difesa e protezione degli animali*” e “*che, chi aderisce al movimento ecologista dell'animalismo*”¹⁸⁴. Dentro do *corpus*, vimos essas definições como as mais coerentes dentro de nosso contexto. No entanto, a obra *Lo Zingarelli*, na primeira acepção, mostra-nos uma pessoa que esculpe e pinta figuras de animais; tal definição também aparece nas outras duas obras, porém na segunda acepção. Para Guerra (2003, p. 107), a ordem das acepções presentes nos dicionários pode seguir um padrão diacrônico e manter a relação de primazia pelo sentido mais próximo do sentido etimológico. Todavia, quando o dicionário parte do ponto de vista sincrônico e não histórico, o mais conveniente é que o critério de ordem das acepções seja a frequência de uso.

Esperávamos que a palavra *gattaro/a* não fosse lematizada e ficamos surpresos ao ver sua lematização e sua única definição, conveniente a nossa pesquisa:

*Persona che si prende cura di gatti randagi*¹⁸⁵. (LO ZINGARELLI)
*Chi dà da mangiare ai gatti randagi*¹⁸⁶. (DE MAURO)
*Persona che nutre e accudisce i gatti randagi, soprattutto nelle grandi città*¹⁸⁷.
 (GARZANTI)

¹⁸¹ Membro do corpo humano que se articula ao tronco (braços e pernas), nos animais, membro de estrutura parecida. (Trad. nossa)

¹⁸² Formação córnea de origem epidérmica presente sobre a pele do homem e dos mamíferos. (Trad. nossa)

¹⁸³ Estrutura sutil e filamentosa presente sobre a pele do homem e dos mamíferos. (Trad. nossa)

¹⁸⁴ Ecologista empenhado na defesa e proteção dos animais / que, quem adere ao movimento ecologista animalismo. (Trad. nossa)

¹⁸⁵ Pessoa que cuida de gatos abandonados. (Trad. nossa)

¹⁸⁶ Quem dá o que comer para gatos abandonados. (Trad. nossa)

¹⁸⁷ Pessoa que alimenta e socorre os gatos abandonados, sobretudo nas grandes cidades. (Trad. nossa)

As obras concordam entre si quanto à definição dada. *De Mauro* usa um termo menos genérico que as demais, pois o verbo cuidar (*prendere cura*) já engloba toda a dedicação voltada aos bichanos e não necessariamente o fato de alimentá-los, simplesmente. Destacamos que o uso dessa UL corresponde somente aos felinos e não há um equivalente para quem cuida também de cães abandonados. A UL *gattofilo* é definida nas três obras como “*che, chi ama i gatti*”¹⁸⁸ e há uma concordância também quanto à marca de uso dos dicionários, todos apresentam a marca (scherz.), *De Mauro* a considera CO. Um correspondente para essa UL, dentro do aspecto canino, é a UL *cinófilo*, cujas duas primeiras acepções encontram-se definidas em nosso ramo de estudo. A obra *Lo Zingarelli* define a UL como quem ama, cuida e protege os animais. Em *De Mauro*, também encontramos a definição de alguém que, além de amar os cães, é “*conoscitore o allevatore di razze canine*”¹⁸⁹. O dicionário *Garzanti* define a UL de maneira mais geral e técnica, “*di cinofilia, che riguarda la cinofilia*”¹⁹⁰, e mostra, após as duas acepções, uma nota contendo a mesma informação do *De Mauro*, já presente em seu primeiro significado. Na segunda acepção de todas as três obras, há o significado ligado às pessoas que utilizam os cães para algum fim específico, como combate ao uso de drogas, por exemplo. A UL *cinofilia* é definida de maneira muito parecida na primeira acepção das obras *De Mauro* e *Garzanti*, ambas trazem a definição, de sentido amplo e genérico, como amor pelos cães e interesse na criação e melhoramento das raças.

Dessa forma, finalizamos como se dão as definições das ULs deste trabalho e retomaremos tal assunto na conclusão de nossos estudos.

4.2.4 Sistema de remissivas

Dentro do contexto que usamos para desenvolver o presente trabalho, por meio de dicionários eletrônicos, podemos contar com o recurso de remissivas e tal sistema permite que o leitor seja conduzido a outra entrada equivalente àquela buscada. Em dicionários impressos, também contamos com esse tipo de recurso, porém, nos de formato digital, é possível que o consulente se volte à nota remissiva com apenas um clique.

¹⁸⁸ Que e quem ama gatos. (Trad. nossa)

¹⁸⁹ Conhecedor e criador de raças caninas. (Trad. nossa)

¹⁹⁰ De cinofilia, que se relaciona à cinofilia. (Trad. nossa)

As remissivas aqui relatadas serão relacionadas à macroestrutura das obras lexicográficas e são vistas já nas entradas dos verbetes, não no meio deles, como ocorre em alguns casos. As variações entre as palavras são um dos principais casos que remetem o leitor a outra UL, de mesmo sentido ou de sentido diferente. Vejamos alguns exemplos nos próximos parágrafos.

Dentro da obra *De Mauro*, a UL *erba gatta* é a primeira a possuir remissiva. O lexicógrafo não chega a defini-la e já envia o consulente para a equivalente *gattaia*, a indicação é feita por meio de uma flecha e em azul (diferente da cor preta empregada nas demais ULs). Ao posicionar o *mouse* sobre a UL, deparamo-nos com a seguinte definição: “**I. TS bot.com.** *erba rizomatosa, detta così per il suo odore che attira i gatti, del genere Nepeta (Nepeta cataria), con foglie cuoriformi e piccoli fiori azzurri a spiga*”¹⁹¹. Dessa forma, a UL *erba gattaia* é lematizada, mas não é definida, levando o consulente a buscar outro correspondente.

As ULs que mais apresentam sistemas de remissivas, por conta de suas variações, são *toelettatura*, *toletta* e *toeletta*. O dicionário *Lo Zingarelli* lematiza a UL *toelettatura*, porém, com uma flecha, remete o leitor à UL *toelettatura* e a define como “(zool., veter.) *Il tolettare, il tolettarsi*”. O mesmo ocorre com a UL *toletta*, que passa a ser definida como *toeletta*:

toeletta /toe'letta/ o *toletta*, *toelette*, *teletta* (1) [1717] s.f.
● *Adattamento di toilette* (V.).

Com esses exemplos, podemos ver que a mesma palavra admite variações e cabe ao lexicógrafo escolher qual será definida e lematizada.

No dicionário *De Mauro*, ocorre o mesmo sistema de remissivas; no entanto, há preferência em incluir a remissiva já dentro do verbete e não na entrada, como ocorre em *Lo Zingarelli*. Dessa forma, *De Mauro* coloca sua remissiva da seguinte forma: “**Toletta** to|lét|ta s.f., var. => *toeletta*”.

A obra *Garzanti* não faz uso desse sistema de remissivas que vemos nas outras duas obras. No lugar da remissiva, o dicionário apresenta para a UL *toelettatura*, por exemplo, como “*deriv. di toeletta*” já dentro do verbete e, no caso da UL *toletta*, há uma definição por meio de sinonímia: “**toletta** ® *toilette*”.

O dicionário *Lo Zingarelli*, pelo que constatamos até então, insere suas remissivas já na entrada e não no corpo do verbete, isso também acontece com a UL *gattino* que, apesar de ser lematizada, é definida a nota remissiva *gatto*. A última remissiva que vemos está na obra *De*

¹⁹¹ Erva rizomatosa, nomeada assim por conta de seu odor que atrai os gatos, do gênero *Nepeta* (*Nepeta cataria*), com folhas em forma de coração e pequenas flores azuis na ponta. (Trad. nossa)

Mauro, com a UL *gattara* em sua forma feminina: “**Gattara** gat/tà/ra s.f.=> *gattaro*”. A obra chega a lematizar a forma feminina, porém já remete o leitor para forma masculina da UL *gattaro*, “*chi dà da mangiare ai gatti randagi*”.

4.2.5 Tratamento de polissemias e homônímias

Neste item, trabalharemos com o conceito de polissemia e homonímia visto no capítulo 1. Seguindo a teoria de Escribano (2003, p.108), podemos dizer que duas palavras consideradas homônimas são lematizadas em entradas distintas e que, quando o lexicógrafo considera a polissemia, os significados são inseridos dentro do mesmo verbete. Para ser considerada uma palavra homônima, segundo Haensch (1982, p. 299), é preciso haver uma igualdade de significantes com significados distintos, enquanto a polissemia admite a reunião de vários significados em uma só palavra. Dentre esses significados, deve haver um sema em comum, isto é, uma relação semântica, de aproximação de sentidos.

Trataremos das homônímias e polissemias dentro das ULs selecionadas e do sentido que buscamos para a elaboração desse trabalho, ou seja, dentro do conteúdo pertencente ao campo semântico “animais de estimação”. Veremos que, na maioria dos casos, assim como discorre (Welker, 2004, p. 28), as ULs serão de caráter polissêmico e exemplificaremos como se dá essa polissemia, dentro das acepções que fazem parte do sentido de nosso trabalho. Destacamos que, obviamente, nem todas as ULs selecionadas para a pesquisa serão reportadas para este estudo, pois mencionaremos somente aquelas que possuem o que buscamos: polissemia e homonímia. As ULs que não forem aqui relatadas não apontam o que procuramos em nosso campo específico.

A primeira UL a apresentar um valor polissêmico dentro do verbete é *collare*. O dicionário *Lo Zingarelli* aponta dois conceitos referentes aos animais. O primeiro deles é marcado por (zool.) e indica uma cor diferenciada na parte do pescoço de alguns animais; em seguida há a acepção que define a UL como uma correia de couro que se coloca em torno de alguns animais, especificamente de cães. O mesmo ocorre com o dicionário *De Mauro*, porém há uma inversão na ordem das acepções, a obra traz a primeira acepção como correia de couro e a segunda, polissêmica, como a cor diferenciada na parte do pescoço dos animais, a marca (zool.) também é utilizada. Na obra *Garzanti*, temos o mesmo tipo de polissemia do *De Mauro*, a primeira acepção retrata o objeto colocado no pescoço, em geral, de cães, mas somente a quinta acepção consta como polissêmica da primeira e também é marcada por (zool.).

Na UL *guinzaglio*, existe polissemia nas obras *De Mauro* e *Garzanti*. Esta última explica a primeira acepção como corrente colocada na coleira do cachorro para delimitar seu movimento, sentido que procuramos nessa pesquisa, e há uma segunda acepção polissêmica com a inserção de uma locução adverbial, “*al guinzaglio*”¹⁹², significando ter um animal preso por uma corrente. Já na obra *De Mauro*, a polissemia é vista dentro da mesma acepção, segundo Introdução do dicionário, quando um número é repetido e diferenciado por meio de uma letra, expressando que há uma relação semântica entre as definições. É o que acontece com a UL *guinzaglio*, que possui sentidos 1a e 1b. O primeiro é o mesmo do *Garzanti*, refere-se ao objeto atrelado à correia do animal para que ele seja conduzido; já o sentido 1b se refere a um tipo de cinto que serve para segurar bebês quando começam a caminhar. É notável a relação semântica dentre os dois significados, por isso, são inseridos em um mesmo número.

Há uma peculiaridade nos verbetes de *Lo Zingarelli*: a inserção do “*sfumature di significato*”, já mencionado e explicado na Introdução dessa obra. Trata-se de trechos curtos, inseridos após a definição, que examinam palavras análogas, definindo o significado, o uso e o contexto mais apropriado para cada uma delas. É por meio desse recurso que vemos a polissemia da UL *cibo* no dicionário, pois temos um significado esperado já na primeira acepção e, em seguida, em forma de nota, outro esclarecimento para a palavra, comparando-a com os vocábulos *mangiare* e *vivanda*. As três palavras mantêm uma relação semântica que é elucidada para o leitor após a definição do verbo.

Podemos dizer que também há um indício de polissemia ao observarmos a UL *cuccia* nas três obras analisadas. Nos três dicionários, existem duas entradas para a mesma palavra, porém somente o significado pertencente aos animais de estimação é pertinente a nós, por isso não podemos analisá-la como homonímia. Na obra *Lo Zingarelli*, percebemos a aproximação de sentido nas definições um e dois. A primeira acepção deixa claro que o espaço é destinado aos cães, isto é, trata-se de uma casinha para acomodar o cachorro. A segunda acepção se refere a um leito no sentido mais amplo, mas ainda mantendo a mesma relação semântica da primeira acepção. No dicionário *De Mauro*, polissemia entre a primeira acepção e uma poliremática, lematizada como advérbio, “*a cuccia*”¹⁹³; dentro do sentido dessa expressão, há duas acepções que se assemelham: uma referente ao cachorro dentro da casinha e a outra, marcada como (scherz. e fig.), mencionando o leito, usado também para pessoas, no sentido figurativo. Na obra *Garzanti*, há indicação de polissemia entre duas acepções: a primeira restringe o sentido de um posto para abrigar cães, como nos demais dicionários; a segunda traz sentido pejorativo

¹⁹² Na coleira. (Trad. nossa)

¹⁹³ Dentro da casinha. (Trad. nossa)

e jocoso, referindo-se a um leito desconfortável e pequeno. Há ainda a inserção da mesma locução adverbial encontrada em *De Mauro*, “*a cuccia*”, a partir da qual vemos duas acepções polissêmicas: a ordem para que o cachorro entre em sua casinha; e, em sentido figurativo, a expressão “*mettersi in cuccia*”, definida como lugar tranquilo e silencioso para se dormir, sem que seja necessariamente um animal.

Tendo em vista a existência de polissemia quando há relações semânticas entre as definições dadas pelos dicionários, podemos dizer que a UL *micio* também é polissêmica dentro da obra *De Mauro*. A acepção número um possui exatamente o sentido que nós vimos no *corpus* coletado: linguagem infantil e familiar para chamar o gato de estimação. Já a acepção número dois se refere a um adjetivo carinhoso que a mulher usa para chamar o homem amado. Ambas mantêm relação de sentido, com sujeitos diferentes. Sobre a UL *calore*, de sentido mais restrito a nossa linha de pesquisa quando na forma da locução *in calore*, acontece polissemia no dicionário *Garzanti*, pois, na acepção de número três, encontramos a definição condizente ao período de cio das fêmeas de várias espécies de animais. Tal definição é retomada em nota, no final do verbete, com a locução adverbial “*in calore*”, e definida de maneira que deixa evidente a especificidade para o período de atração sexual entre os animais. Com a UL *gravidanza*, a polissemia é vista no exemplar *De Mauro*, que traz a primeira acepção referente ao uso que vimos na seleção das ULs e ainda inclui uma nota poliremática com a locução “*gravidanza isterica*”¹⁹⁴, fenômeno comum desenvolvido entre as fêmeas de animais domésticos que não engravidam após o cruzamento.

A próxima UL referente a abrigos, assim como *cuccia*, é *allevamento*. Duas obras demonstram polissemia ao definir a palavra, *De Mauro* e *Garzanti*. No primeiro caso, o mesmo conceito relatado na UL *guinzaglio*, a acepção é dividida em letras minúsculas devido à grande proximidade semântica entre elas. A obra define como 2a o conjunto de atividades que cria e trata de animais; como 2b, marcada como TS (zool.), um conjunto específico de cavalos criados em determinado país. Além disso, há inserção de uma locução adjetiva na seção poliremática, “*di allevamento*”¹⁹⁵, especificando a criação intensiva de animais para o consumo. Na obra *Garzanti*, também há inclusão dessa locução adjetiva, sendo definida como animal nascido e criado em confinamento; dessa forma, ocorre polissemia com a primeira acepção do verbete que define a UL como conjunto de práticas para se criar espécies animais, bem semelhante à definição do dicionário *De Mauro*.

¹⁹⁴ Gravidez psicológica. (Trad. nossa)

¹⁹⁵ De criação/confinamento. (Trad. nossa)

A polissemia é muito bem demarcada na UL *canile* nas três obras analisadas, dentro do campo semântico de abrigos. Em *Lo Zingarelli*, há relação de sentido entre as acepções um e dois. A primeira define a UL como abrigo com casinha para cachorros e a segunda como um lugar onde nós cuidamos e criamos os animais. No dicionário *De Mauro*, a relação de sentido é tão próxima que o número da acepção é o mesmo para os dois sentidos, como já visto antes: a definição 1a define o local *canile* como um lugar para abrigar, temporariamente, os cães; e a definição 1b é o local onde os animais recebem cuidados. O dicionário *Garzanti* atribui um sentido muito próximo do *De Mauro* em sua primeira acepção; já na segunda, define *canile* como uma espécie de casinha onde é feito o leito para cães repousarem. É importante ressaltar que, somente na obra *De Mauro*, a polissemia se mostra clara com a utilização do mesmo número das acepções para demonstrar o quanto se assemelham. Apesar de as outras duas obras não apresentarem tal recurso, no exemplo dessa UL fica evidente que os três dicionários trazem acepções similares e, portanto, polissêmicas.

Examinando agora o campo semântico referente à parte do corpo dos animais, temos a UL *mantello* apresentando polissemia na quinta e na sexta acepções do dicionário *De Mauro*, ambas com inserção da marca TS (zool.). A definição contida na acepção cinco nos remete aos pelos que cobrem a pele dos animais mamíferos; a acepção seis nos mostra o conceito de revestimento dorsal encontrado em moluscos e utilizado como concha. As duas definições nos evidenciam o caráter de proteção dessa parte do corpo do animal, tanto nos moluscos quanto nos mamíferos, a finalidade é a mesma ainda que sejam materiais distintos. Na UL *zanne*, lematizada como *zanna*, encontramos polissemia entre as acepções um e dois da obra *Lo Zingarelli*, muito parecidas. Na definição número um, deparamo-nos com o significado de dentes grandes e robustos presentes em alguns mamíferos. A número dois acaba completando a primeira, pois define a UL como cada um dos dentes bem desenvolvidos dos animais, em especial, os carnívoros. Ainda dentro dessa relação semântica, a acepção três, marcada como (spreg. scherz.), cita como definição dentes longos e grandes de seres humanos. Obviamente, a marca de uso está muito bem empregada, pois humanos não adquirem caninos tão longos como os dos mamíferos. No dicionário *De Mauro*, o processo é semelhante. As duas primeiras acepções retratam a UL como cada um dos dentes grossos e longos de alguns animais, em especial, os carnívoros; a definição três, também com a marca de (scherz.), como *Lo Zingarelli*, porém com sentido figurativo, não mais depreciativo, para definir os dentes do homem (no sentido mais amplo de ser humano). O dicionário *Garzanti* conta com o mesmo efeito de definição, dessa vez, a acepção voltada aos seres humanos aparece somente com a marca (scherz.), sem a menção de sentido figurado ou depreciativo.

A UL *vibrisse*, lematizada como *vibrissa*, apresenta quase o mesmo tipo de polissemia expressa no parágrafo anterior. As três obras mostram já na primeira acepção o significado presente no *corpus*: cada um dos pelos longos e sensoriais dos animais mamíferos. Como segunda acepção, mostram que a definição pode ser aplicada também aos pelos encontrados em humanos, que admitem a mesma função dentro das fossas nasais. Neste caso, a marca muda de (fig. scherz.) para (anat.) nos três casos. Na UL *tartufo*, podemos dizer que praticamente todas as acepções se diferenciam quanto ao significado, visto que há várias características para a mesma palavra. Porém, na obra *De Mauro*, a inclusão de uma poliremática demonstra ligação com a acepção de número três, que define a UL dentro de nosso campo: ponta do nariz do cachorro. A expressão *cane da tartufo*¹⁹⁶ é bem oportuna para definir um cão farejador e, além disso, a obra traz uma marca (fig.) para o significado de tal locução dentro do domínio humano: “*persona dotata di buon intuito per scoprire notizie riservate*”¹⁹⁷. Podemos dizer que há uma relação de sentido entre o cão farejador e a pessoa que usa de sua intuição para descobrir algo secreto.

O dicionário *Garzanti* apresenta polissemia dentro da acepção cinco e da nota após o verbete, referente à UL *manto*. Nessa acepção, a UL é definida como “*mantello di animali*”¹⁹⁸ e, em seguida, há inclusão de uma definição marcada por (zool.) que se remete à palavra como “*la pelliccia degli animali*”¹⁹⁹. Ambas adotam o mesmo valor semântico e podem ser consideradas notas polissêmicas. O dicionário *De Mauro* é o único que separa as definições da UL *arti*, lematizada como *arto*, com marcas de uso. A primeira acepção é marcada com TS (anat.), referente aos membros de humanos ou animais, e a segunda tem a marca CO, somente com o significado de membros humanos. Nas poliremáticas, há menção aos membros superiores e posteriores, somente citando os humanos.

A última UL relacionada a partes do corpo de animais é *pelo*. Nela, encontramos polissemia nas três obras. *Lo Zingarelli* mostra na primeira acepção o sentido de formação epidérmica presente em mamíferos e seres humanos e, na terceira, define a UL como fibra têxtil extraída do pelo de diversos animais; as duas acepções têm o propósito de proteger a pele de agressões externas. Na obra *De Mauro*, ocorre polissemia entre as acepções um e dois. O sentido da primeira é similar à definição vista em *Lo Zingarelli*; já a segunda, marcada como CO, é especificamente ligada aos animais e definida como a pele que os encobre. O dicionário *Garzanti* apresenta uma definição parecida na terceira acepção, porém no sentido de que a pele

¹⁹⁶ Cão farejador. (Trad. nossa)

¹⁹⁷ Pessoa que possui bom faro para descobrir notícias sigilosas. (Trad. nossa)

¹⁹⁸ Pelagem dos animais. (Trad. nossa)

¹⁹⁹ Pele dos animais. (Trad. nossa)

nos serviria de vestimenta, “*pellicia di animale conciata e lavorata*”²⁰⁰; na primeira acepção, traz o significado como as outras duas obras, uma parte da epiderme composta por raiz e bulbo.

Para finalizarmos este item, destacamos a polissemia da UL *cinofilo*, referente a profissionais que cuidam ou trabalham com animais de estimação. Dentro da obra *Lo Zingarelli*, há relação de sentidos entre a primeira definição e a terceira: uma define a palavra como pessoa que ama e protege os cães e a última, como quem utiliza os cães para fazer patrulha, por exemplo. Na obra *De Mauro*, o mesmo fenômeno entre a acepção um e dois com, respectivamente, o mesmo conceito de *Lo Zingarelli*: a definição de quem ama cães e de quem os utiliza para vários propósitos, dentre eles, auxílio na descoberta de drogas. O dicionário *Garzanti* utiliza três acepções para a UL e podemos dizer que as três são de caráter polissêmico. A primeira delas se distingue das demais obras, pois define a UL como aquele que pertence à cinofilia; a segunda traz a definição vista na primeira explicação das demais obras, quem utiliza os cães para algo; e a última, como pessoa que ama os cães e cria raças caninas.

Dessa maneira, pudemos ver que, na grande maioria dos casos, há um tratamento polissêmico entre as ULs aqui retratadas e analisadas. Apesar de algumas delas constarem com entradas distintas, revelando um caráter homônimo, não achamos relevante inseri-las, já que as definições não condiziam com a nossa área.

4.2.6 Exemplos de uso

Neste item, trataremos dos exemplos de usos inseridos nos verbetes das obras analisadas. De princípio, salientamos que tais considerações lexicográficas são inseridas sempre após a definição e que nem sempre eles constarão na microestrutura das obras, sendo assim, nem todas as ULs serão aqui mencionadas, somente as que mostrarem os exemplos. Sabemos que o exemplo de uso insere o vocábulo em uma situação condizente ao seu emprego e facilita a compreensão do consulente, porém Zavaglia (2012, p. 261) discorre que: “Todos os dicionários monolíngues de língua geral ainda são falhos quanto à inclusão de exemplos em seus verbetes e, quando o incluem, é de forma assistemática, quer dizer, ora se inclui exemplo para um verbete, ora não se inclui para outro”.

²⁰⁰ Pele de animal curtida e trabalhada. (Trad. nossa)

Essa constatação será discutida após descrevermos o uso desses exemplos, dentro de nosso ramo de estudos, e verificarmos se, de fato, as obras sanam as dúvidas dos consulentes que buscam a informação. Para tal item, utilizaremos dos conceitos da autora citada a respeito das diferenças entre exemplo autêntico, abonação, exemplo forjado e exemplo adaptado.

Para Zavaglia (2012), a diferença entre exemplo e abonação consiste no fato de que, no primeiro caso, temos “aquela frase escrita por um grande escritor, podendo ser retirada de um livro ou de uma coleção de textos literários”; no segundo caso, temos “aquela frase extraída de um *corpus* cuja origem não necessariamente é a literária, ao contrário, pode ser jornalística, por exemplo, que reflete o uso real daquela unidade lexical”. A diferença entre exemplo forjado e exemplo adaptado está nos próprios adjetivos da frase. O exemplo inventado é elaborado pelo próprio autor da obra, em contrapartida, o exemplo adaptado é baseado em *corpus*, ou seja, “uma frase é extraída de um banco de dados e é reescrita pelo lexicógrafo, fazendo com que o uso seja real, mas o exemplo deixa de ser autêntico”.

Assim como os demais tópicos, iniciaremos a descrição dos exemplos de uso com o campo semântico “objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais”. A UL *ciotola* mostra exemplos de uso dentro das três obras, porém somente no dicionário *De Mauro* esse exemplo está vinculado à nossa área: “*versa la zuppa nella ciotola, la ciotola del cane*”²⁰¹. Com o exemplo dado pelo lexicógrafo, podemos constatar que *ciotola* é um recipiente que faz parte da língua geral, conhecida pela maioria da população, e também da linguagem voltada aos animais de estimação, sendo o recipiente usado para alimentá-los. Apesar de a UL *collare* não apresentar exemplo de uso, a UL *guinzaglio* o contém nos três dicionários. Em *Lo Zingarelli*, da seguinte maneira: “*tenere il cane al guinzaglio*”, “*tenere al guinzaglio qlcu*”²⁰². *De Mauro* mostra um exemplo parecido, na segunda frase, com o sentido do verbo segurar (*tenere*) modificado para (*mettere*): “*tenere il cane al guinzaglio, mettere il guinzaglio al cane*”. Na segunda acepção, *Garzanti* insere o exemplo “*tenere, portare il cane al guinzaglio*”, com a inserção do verbo levar (*portare*).

Na UL *mangime*, encontramos exemplos de uso somente no dicionário *De Mauro*: “*il mangime dei canarini, per le galline, per i pesci*”²⁰³. Vemos que não se pode concluir, por meio do exemplo, que a UL é destinada somente aos animais de estimação, mas também aos animais que vivem em local menos urbano. Em relação à UL *cibo*, percebemos que seu uso é mais semelhante aos animais de ambiente doméstico do que *mangime*. *De Mauro* inclui o exemplo

²⁰¹ Despeja a sopa na tigela, a tigela do cachorro. (Trad. nossa)

²⁰² Segurar o cão pela guia| manter alguém preso. (Trad. nossa)

²⁰³ A ração dos canarinhos, para as galinhas, para o peixe. (Trad. nossa)

“la leonessa ha procurato il cibo ai suoi cuccioli; cibo per gatti, cibi surgelati, cibo nutriente”²⁰⁴. O mesmo ocorre na obra *Garzanti*: “cibo sano, nutriente; cibo per cani; non toccare cibo, non mangiare nulla”²⁰⁵.

No dicionário *De Mauro*, *cuccia* possui exemplos tanto na definição, “è rientrato mogio mogio nella sua cuccia”²⁰⁶, quanto na lematização da poliremática “a cuccia”: “Fido, a cuccia! sta a cuccia!”²⁰⁷. A UL *museruola* é exemplificada nas obras *Lo Zingarelli* e *De Mauro* de modo simples e adaptado, respectivamente: “è pericoloso far circolare i cani senza museruola”²⁰⁸ e “cane con guinzaglio e museruola”²⁰⁹. A UL *tosatura* tem exemplo de uso apenas em *De Mauro*, que insere animais tanto de criação quanto de estimação: “è il periodo della tosatura delle pecore, fare la tosatura a un cane”²¹⁰.

Como já vimos anteriormente, a UL *boccone* apresenta um significado nas obras que não aparece em nosso *corpus*; entretanto, com breve busca na *web*, vemos que é verídico o conceito isca envenenada para cães e gatos, trazido nos dicionários. Na obra *De Mauro*, seguindo essa linha semântica, vemos o seguinte exemplo de uso: “dare il boccone al cane”²¹¹. *Micio* também é uma UL com exemplo somente na obra *De Mauro*: “il micio di casa, un micio bianco e rosso”²¹². Mais uma vez, apenas *De Mauro* mostra exemplo dentro da UL *cucciolo*, “un cucciolo di pastore tedesco, un cucciolo vacillante e goffo”²¹³; ao inserir uma extensão de significado, como “pequeno de qualquer outro animal”, *De Mauro* inclui o seguinte: “due cuccioli di tigre siberiana”²¹⁴. Fica evidente, nos exemplos, que os filhotes podem ser de animais domésticos ou de quaisquer outros que tenham cria.

Quando tratamos da UL *randagio*, vemos exemplos de uso nas três obras. *Lo Zingarelli* usa a locução que buscávamos lematizada: “cane randagio”. *De Mauro* amplia o exemplo e o constrói exatamente dentro de nosso contexto: “cani, gatti randagi”. Na obra *Garzanti*, o exemplo se diferencia dos demais por mencionar também os animais de fazenda dentro dessa concepção de “abandonado”: “cane randagio, pecora randagia”. Ao procurarmos a expressão *cane/gatto vagante*, percebemos que, apesar de não se encontrar lematizada, havia uma

²⁰⁴ A leoa procurou a comida para seus filhotes, comida para gatos, comida congelada, comida nutritiva. (Trad. nossa)

²⁰⁵ Comida para cachorros; não tocar na comida, não comer nada. (Trad. nossa)

²⁰⁶ Entrou novamente na sua casinha, deprimido, deprimido. (Trad. nossa)

²⁰⁷ Fido, dentro da casinha! Fique na casinha! (Trad. nossa)

²⁰⁸ É perigoso que os cães circulem sem a focinheira. (Trad. nossa)

²⁰⁹ Cão com guia e focinheira. (Trad. nossa)

²¹⁰ É o período de tosa das ovelhas, fazer a tosa em um cão. (Trad. nossa)

²¹¹ Dar a isca aos cães. (Trad. nossa)

²¹² O gatinho da casa, um gatinho branco e vermelho. (Trad. nossa)

²¹³ Um filhote de pastor alemão, um filhote tropeção e desajeitado. (Trad. nossa)

²¹⁴ Dois filhotes de tigre siberiano. (Trad. nossa)

correspondência sobre o assunto dentro dos exemplos de uso das três obras, todas inserem no verbete a expressão “*animali vaganti*”²¹⁵, dentro da UL *vagante*. Sobre a UL *in calore*, lematizada como expressão somente na obra *De Mauro*, reconhecemos seu uso dentro do exemplo “*gatta, cagna in calore*”. A obra *Garzanti* também cria um exemplo que facilita a compreensão do leitor, dentro do verbete: “*la mia gatta è andata in calore; una cagna in calore*”²¹⁶.

As ULs *cucciolata* e *gravidanza* são exemplificadas em seu uso somente na obra *De Mauro* e são respectivamente vistas como “*una cucciolata affamata e mugolante*”²¹⁷ e “*essere in gravidanza, al terzo mese di gravidanza, al termine della gravidanza*”²¹⁸. Dentro da UL *accoppiamento*, percebemos um exemplo, dessa vez, apenas em *Lo Zingarelli*: “*la vedova nera divorza il maschio dopo accoppiamento*”²¹⁹. Apesar de este exemplo não ser relacionado aos animais de estimação, o consulente pode ter uma ideia do que se trata a UL dentro do contexto na qual é inserida. No caso da UL *incrocio*, o exemplo de uso é trazido por *De Mauro*, “*il mulo è l'incrocio fra un asino e una cavalla*”²²⁰, e, assim como o exemplo da aranha viúva negra, este não nos reporta aos animais de estimação, mas mantém a mesma relação que estudamos, como o cruzamento entre animais. Diferentemente do que vimos até então, para a UL *monta* o único dicionário que não apresenta exemplo de uso é *De Mauro*. Em *Lo Zingarelli*, temos com o exemplo “*stazione di monta; monta equina, monta equina, taurina*”²²¹ e, em *Garzanti*, “*portare un animale alla monta*”²²².

A UL *fusa* é exemplificada nas obras *De Mauro* e *Garzanti*: “*il gatto fa le fusa sulla poltrona*”²²³; “*fare le fusa*”²²⁴. O exemplo de uso é muito relevante neste caso, pois, provavelmente, o consulente se depara com a expressão “*fare le fusa*” ao buscar o significado da UL, essa locução inserida dentro do exemplo auxilia o entendimento do leitor, assim como a inserção, em *De Mauro*, do animal que emite o som mencionado. O exemplo de uso da UL *allevamento* é relacionado aos animais de fazenda, sem mencionar a criação de animais domésticos. No dicionário *De Mauro*, encontra-se da seguinte forma: “*allevamento del bestiame; un allevamento di cavallo*”²²⁵. Em *Garzanti*: “*allevamento dei bovino, dei suini*”²²⁶.

²¹⁵ Animal perdido. (Trad. nossa)

²¹⁶ A minha gata estava no cio, uma cadela no cio. (Trad. nossa)

²¹⁷ Uma ninhada faminta e choramingona. (Trad. nossa)

²¹⁸ Estar com gravidez, no terceiro mês de gravidez, no término da gravidez. (Trad. nossa)

²¹⁹ A viúva negra devora o macho depois do acasalamento. (Trad. nossa)

²²⁰ A mula é o cruzamento entre um asno e uma égua. (Trad. nossa)

²²¹ Estação de reprodução: reprodução equina e taurina. (Trad. nossa)

²²² Levar um animal para reproduzir. (Trad. nossa)

²²³ O gato ronrona sobre a poltrona. (Trad. nossa)

²²⁴ Ronronar. (Trad. nossa)

²²⁵ Criação de gados; uma criação de cavalos. (Trad. nossa)

De Mauro é a única obra a mostrar um exemplo adaptado para a UL *cattività*: “*nascere, vivere in cattività, adattarsi alla cattività*”²²⁷. Nas obras *De Mauro* e *Garzanti*, encontramos o mesmo tipo de exemplo na UL *canile*, por meio da frase “*canile municipale*”; por outro lado, *gattile* não possui exemplos de uso.

O dicionário *De Mauro* emprega um exemplo de uso no sentido figurado da UL *artiglio*, e não dentro da definição em que consta o conceito de garras: “*tieni quegli artigli lontani da me*”²²⁸. A UL *pelliccia* traz como exemplo animais de grande porte e selvagens, como ursos, não cães e gatos; no *De Mauro*, “*la pelliccia dell’orso, animali da pelliccia*”²²⁹; no *Garzanti*, “*la pelliccia dell’orso*”²³⁰. Uma das poucas ULs que mostram exemplos de uso nas três obras é a UL *zanna*. No dicionário *Lo Zingarelli*, vemos o exemplo “*le zanne dell’elefante, del cinghiale*”²³¹; exatamente o mesmo é mostrado pelo *Garzanti*; *De Mauro* se diferencia sutilmente dos demais com “*le zanne dell’elefante, del cinghiale, ferire, colpire con le zanne*”²³². Não sabemos porque os animais elefante e javali foram escolhidos para compor esses exemplos, mas pensamos que talvez o leitor tenha a ideia de que se trata de uma parte do corpo somente de animais de grande porte, o que não é verdadeiro, pois gatos domésticos, sendo felinos e carnívoros, também possuem caninos grandes em relação ao restante de sua arcada dentária.

Os exemplos da UL *muso* usam o animal cachorro para explicar seu uso nas três obras. Em *Lo Zingarelli*, temos “*muso di cane, muso di pecora, di asino*”²³³; em *De Mauro*, “*cani dal muso lungo o schiacciato*”²³⁴; e em *Garzanti*, “*il muso del cavallo, del cane*”²³⁵. Evidenciar o uso com animais de diferentes portes enriquece a definição e ilustra melhor o conceito da UL. O dicionário *De Mauro* é o único que apresenta exemplo da UL *tartufo*, “*il tuo cane ha il tartufo úmido*”²³⁶, e a adjetivação da UL com a palavra úmido esclarece ao consulente o significado dessa parte do corpo do animal. Apesar da ponta do nariz de outros mamíferos, tal UL é mais recorrente para se referir à dos cães. Ainda dentro do campo “parte do corpo”, constatamos que há exemplo de uso na UL *manto* em *De Mauro*, “*quel cavallo ha un*

²²⁶ Criação de bois e suínos. (Trad. nossa)

²²⁷ Cativo: nascer, viver em cativo, adaptar-se em cativo. (Trad. nossa)

²²⁸ Mantenha essas garras longe de mim! (Trad. nossa)

²²⁹ A pelagem do urso, animal de pelúcia. (Trad. nossa)

²³⁰ A pelagem do urso. (Trad. nossa)

²³¹ Os dentes do elefante, do javali. (Trad. nossa)

²³² Os dentes do elefante, do javali; ferir, golpear com as dentes. (Trad. nossa)

²³³ Focinho de cachorro, de ovelha, de burro. (Trad. nossa)

²³⁴ Cachorro de focinho longo e achatado. (Trad. nossa)

²³⁵ O focinho do cavalo, do cachorro. (Trad. nossa)

²³⁶ O teu cachorro tem o focinho gelado. (Trad. nossa)

bellissimo manto grigio”²³⁷ – cavalos também têm essa característica, além de cães e gatos aqui estudados. Para finalizar o campo em que tratamos das partes do corpo dos animais, percebemos que a UL *pelo* é marcada com exemplos de uso nas três obras. O dicionário *Garzanti* é o único a apontar essa parte do corpo também como pertencente aos mamíferos, especificamente cães: “*i peli della barba, delle gambe, un cane dal pelo fulvo*”²³⁸. Nos dicionários *Lo Zingarelli* e *De Mauro*, respectivamente, os exemplos de referem mais aos humanos do que aos animais: “*i peli della barba, delle ascelle, del naso, radersi i peli superflui*”²³⁹; “*avere il petto ricoperto di peli, avere un pelo sul naso*”²⁴⁰.

Mudando o campo semântico de partes do corpo para profissionais da área, vemos que a UL *animalista* apresenta exemplo de uso somente na obra *De Mauro*, “*propoganda animalista*”²⁴¹, e que a UL *cinofilo* contém exemplo de uso apenas na segunda acepção da UL. Dentro de *Lo Zingarelli*, “*pattuglie cinofile*”²⁴²; em *De Mauro*, “*unità cinofile antidroga*”²⁴³; e em *Garzanti*, “*unità cinofile della polizia*”²⁴⁴. Notamos que os exemplos de uso são empregados somente na utilização dos cães, não na definição que nos mostra uma pessoa amante e cuidadora de animais.

²³⁷ Aquele cavalo tem um belíssimo manto cinza. (Trad. nossa)

²³⁸ Os pelos da barba, das pernas, um cachorro de pelo denso. (Trad. nossa)

²³⁹ Os pelos da barba, das axilas, do nariz, raspar os pelos indesejáveis. (Trad. nossa)

²⁴⁰ Ter o peito recoberto de pelos, ter um pelo no nariz. (Trad. nossa)

²⁴¹ Propaganda animalista. (Trad. nossa)

²⁴² Patrulha cinófila. (Trad. nossa)

²⁴³ Cães antidrogas. (Trad. nossa)

²⁴⁴ Cães antidrogas da polícia. (Trad. nossa)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito de nosso trabalho foi fazer o levantamento de ULs relativas ao campo semântico “animais de estimação” e constatar, a partir de exemplos de uso autênticos, como as 70 ULs selecionadas são lematizadas dentro das obras monolíngues de Língua Italiana *Lo Zingarelli*, *Garzanti* e *De Mauro*. Não é nossa pretensão criticar a não inserção de algumas dessas ULs nos dicionários averiguados, mas sim, levantar como se dão as definições e como o lexicógrafo se posiciona quanto a sua inserção ou ausência na lista de verbetes de cada obra. Além disso, também procuramos ressaltar como o emprego das definições corresponde com a realidade vista em nosso *corpus* assim como as principais semelhanças e diferenças entre as três obras. Para que pudéssemos fazer esse levantamento lemos e analisamos as introduções dos três dicionários utilizados durante a pesquisa.

Nos dicionários *Lo Zingarelli* e *De Mauro* nos deparamos com uma Introdução que atende ao consulente de maneira clara e bem explicativa, o mesmo não ocorre na obra *Garzanti* que apresenta uma Introdução aquém do que esperávamos para entender todas as regras e as normas contidas no interior da obra, além disso, é o único dicionário que não inclui a etimologia das entradas. Para nós, é primordial a inserção da data de surgimento das ULs pesquisadas, pois, somente dessa maneira, pudemos ver que não se trata de um vocabulário novo, mas sim de uma forma usada antes mesmo de termos tantos acessórios e produtos dentro deste mercado. Tomemos por exemplo as ULs *museruola* e *gattaiola* que, conforme etimologia dada pelo dicionário *Lo zingarelli*, já existe desde o século XV. Este último exemplar traz em todas as suas entradas a etimologia, o que ocorre esporadicamente na obra *De Mauro* e não é vista na obra *Garzanti*, dentro de nosso objeto de estudo.

O levantamento das ULs indicadas para o desenvolvimento do trabalho foi feito em material impresso por meio de uma leitura minuciosa e atenciosa. Após a seleção, as ULs foram divididas em 6 campos semânticos diversos: I. modos afetivos e/ou específicos de nos referirmos a um animal de estimação; II. partes do corpo; III. procedimentos veterinários e comportamento animal; IV. profissionais e especialistas; V. abrigos e instituições; VI. Objetos e adereços relacionados aos cuidados e ao bem-estar dos animais, a fim de facilitar o entendimento do leitor e nosso processo de investigação. A escolha do material se deu depois de uma viagem para a Itália que foi de suma importância para a definição da metodologia. Optamos por lermos o material impresso depois de identificados alguns contratempos quanto ao uso da Linguística de *corpus*, como por exemplo, o formato dos textos em txt e a falta de

compatibilidade entre os sites buscados que apresentavam falta de informações no idioma italiano.

A fundamentação teórica utilizada foi baseada nos preceitos da Lexicografia, Metalexicografia e Terminologia. Utilizamos os conceitos desta última, pois percebemos que algumas das ULs observadas eram de cunho específico e particular, sendo assim mais voltadas às técnicas e à linguagem de especialidade. Chegamos a essa conclusão por meio das marcas de uso utilizadas pelas três obras que delimitavam o uso de algumas ULs. No dicionário *Lo Zingarelli* as ULs *Toelettatura*, *muta*, *mantello*, *vibrisse* e *manto* têm a marca de uso (zool.). *De Mauro* totaliza 8 ULs com a marcação (zool.) e (med.vet.), são elas: *erba gattaia*, *toelettatura*, *metticio*, *sterilizzazione*, *muta*, *mantello*, *vibrisse* e *animalista*. O dicionário que menos aponta a especificidade dos termos é o *Garzanti* que inclui a marca (zool.) em 3 ULs: *calore*, *muta* e *vibrisse*.

Na fundamentação teórica vimos que nenhuma obra é isenta de ideologia e, por isso, a escolha de lematizar e como lematizar as ULs aqui abordadas é opção do lexicógrafo. Percebemos isso mais claramente quando verificamos que muitas ULs lematizadas em determinada obra não são lematizadas nas demais e não há uma regra unívoca para que pensemos o porquê da escolha do dicionarista. O papel do lexicógrafo fica mais evidente nas definições e nos exemplos de uso. A obra *De Mauro*, por exemplo, define a UL *cane* por meio da esfera cultural na teoria de Lara (2006) tal representação é herdada por um significado construído dentro de uma cultura verbal. *De Mauro* opta por essa percepção diferentemente das outras três obras que definem o animal quanto às suas características físicas e não sociais. Já na UL *gatto* a definição por esfera cultural não ocorre em nenhuma das três obras. Com isso, percebemos que o cachorro ainda é considerado o animal mais próximo da amizade humana e que essa concepção está bem demarcada inclusive nas obras lexicográficas.

Notamos que as ULs mais específicas como *guinzaglio* e *collare* já apresentam uma definição relacionada aos animais de estimação na primeira acepção e que dentro das 70 ULs averiguadas nos dicionários, somente seis delas não são lematizadas em nenhuma das três obras: *catofilo*, *gattofilia*, *cassetina igienica*, *iscrizione anagrafe canina*, *cane salvataggio* e *tappetino igienico*. Entretanto, destacamos que, apesar da grande maioria de ULs serem lematizadas, algumas não apresentam uma definição, ou algum exemplo de uso relacionado ao assunto aqui abordado. É o caso das ULs *pettorina*, *brandina*, *toilette*, *bocconcino*, *PET* e *trovatello*. Essas seis ULs, apesar de lematizadas, não incluem em seus verbetes indícios que se relacionam aos animais de estimação. Chamamos a atenção para a obra *Lo Zingarelli* que, apesar de ser a única a lematizar a expressão de origem inglesa *pet therapy*, não inclui na

definição da sigla *PET* nenhuma nota a respeito dos animais de estimação, sendo que nos deparamos com este uso em muitos textos de Língua Italiana. Podemos abranger essa ausência de definição para a UL *PET* em todos os três dicionários, que trazem como primeira acepção o plástico *polietilentereftalato*, fato que nos causa certa estranheza tendo em vista que, como já dito, é uma sigla bastante utilizada para nomear animais de estimação, presente tanto nas revistas especializadas quanto nos livros e dicionários que abordam o tema.

Dentre as três obras analisadas a que mais atendeu a nós, quanto à inserção de ULs em sua lista de verbetes, foi o dicionário *De Mauro* que lematizou 60 ULs das 70 que procuramos. Constatamos que a peculiaridade do exemplar é lematizar um número significativo de fraseologias, sendo essas constatadas nas entradas e não como subitem das definições principais, as chamadas *polirematiche*. Compõem a lista de verbetes as locuções: *erba gatta; cane da guardia; in calore* e *animale da compagnia*. Esse critério de lematização, que salienta a forma cristalizada da expressão, ocorre somente nessa obra e percebemos que, por escolher lematizar a expressão *animale da compagnia*, há uma preferência do lexicógrafo quanto ao uso dessa expressão para se direcionar aos animais de estimação dentre as traduções possíveis que mencionamos no início do trabalho: *animale domestico, animale d'affezione* e *animale da compagnia*.

O dicionário *Garzanti* lematiza 59 ULs, dentre as obras, é a única a lematizar a UL *tiragraffi* que faz parte do cotidiano de pessoas que possuem um gato como animal de estimação. Subentende-se que, para o lexicógrafo, a UL já faz parte do uso comum da língua geral. A obra *Lo Zingarelli* é a que menos apresenta ULs lematizadas contando com 58 no total. Porém, é a única a lematizar a expressão *pet therapy*, relativamente nova dentre os usuários do idioma, segundo etimologia trazida no dicionário, a expressão tem sua primeira ocorrência no ano de 1992. Não sabemos o motivo que impulsionou o lexicógrafo a optar pela lematização de uma expressão de origem estrangeira e não mencionar expressões relevantes da Língua Italiana. Assim como afirma Andrade (1998) toda a nomenclatura da obra e inserção de informações fica a critério do lexicógrafo. Apesar de a autora sustentar que o verbete deve ser enriquecido com informações sobre registros linguísticos e remissões a outras ULs associadas ao lema, vimos que esse recurso não se aplica nas obras analisadas, pois as remissivas são pouco utilizadas, em especial na obra *Garzanti* que aponta menos quantidade desse percurso de informações.

Dentre as definições que ressaltamos que a última obra citada destoa das demais quanto à ordem das acepções. A UL *cuccia*, por exemplo, tem o primeiro significado literário e obsoleto e o segundo condizente ao uso mais cotidiano da língua. Geralmente, como diz Guerra

(2003), o lexicógrafo decide quais acepções são mais frequentes. Neste caso chegamos a pensar em uma escolha etimológica para inserir o uso obsoleto antes do usual, porém percebemos que ambas as ocorrências datavam do século XIV. O mesmo ocorre com a UL *collare*, *Lo Zingarelli* mostra como primeira acepção a forma mais específica da UL e como segunda acepção a mais genérica. De qualquer forma é importante que o lexicógrafo deixe claro, na Introdução do dicionário, qual critério de escolha das acepções usará, fato que não ocorre na obra mencionada.

Quando nos reportamos às marcas de uso, é notável o destaque da obra *De Mauro*, pois é o dicionário que mais as apresenta incluindo-as em todos os verbetes. Quando as marcas são consideradas de uso técnico-científico, o lexicógrafo evidencia a qual área do conhecimento aquela UL pertence, não basta incluí-la como parte da linguagem especializada, mas também citar a qual especialidade ela se relaciona. Percebemos também que as marcas de uso são detalhadamente explicitadas na sua Introdução. Em contrapartida é o dicionário *Garzanti* que menos utiliza esse recurso que é de extrema importância para situar o leitor quanto ao modo cotidiano ou arcaico das ULs.

As oficinas pedagógicas ministradas e descritas neste trabalho foram de grande importância, pois colocamos em prática atividades que usavam as ULs levantadas durante o trabalho. Os professores, público alvo das formações, interagiram de maneira satisfatória quando mencionamos nosso tema. Segundo eles, as atividades se mostraram aplicáveis e condizentes à realidade dos alunos aprendizes da Língua Italiana. Com o emprego das oficinas pudemos perceber que há uma grande gama de palavras e expressões a serem exploradas e que podem acrescentar no ensino do idioma. Além disso, percebemos que podemos nos equivocar com falsos cognatos, é o caso da palavra *razione* que, pela semelhança de escrita, pode ser confundida com o alimento dados aos animais de estimação. Foi constatado nos dicionários que essa definição não é vista, sendo definida como algo fracionado tanto para os animais quanto para os humanos. Para os alimentos destinados aos animais domésticos podemos usar as ULs *cibo* e *croccantino*.

Nesta dissertação verificamos que o campo semântico escolhido para desenvolvermos os estudos é muito produtivo e as obras lexicográficas já incorporam em sua escolha lexical a grande parte do repertório linguístico aqui analisado. Percebemos isso quando ratificamos a presença da grande maioria delas na lista de verbetes dos três grandes dicionários de Língua Italiana. Podemos concluir que a grande maioria das ULs já faz parte da língua comum por serem inseridas em dicionários de língua geral. Algumas delas, que ainda não são consideradas

como cotidianas (9 no total), são lematizadas com marcas de uso pertencentes a sua área de especialidade.

Percebemos também que faltam informações na Introdução do dicionário *Lo Zingarelli* quanto ao critério utilizado para a ordenação das acepções e o dicionário *Garzanti* apresenta uma Introdução de forma muito sucinta e com falta de elementos que guiem a consulta do usuário. Como bem salienta Andrade (2008) nem sempre os lexicógrafos esclarecem, na Introdução, os procedimentos adotados na obra.

Dessa maneira, esperamos que, assim como discurremos na Introdução, este trabalho possa trazer contribuições para o ensino da Língua Italiana e para estudos relacionados à Lexicografia. A descrição das ULs relacionadas ao tema, dentro dos dicionários italianos, nos fez perceber a grande relevância desse léxico tão próximo de nossa realidade e que se faz presente também no idioma italiano e nos dicionários de língua geral. Podemos afirmar tal hipótese já que, citando Zavaglia (2012, p. 252) um dos critérios da seleção das entradas que fazem parte da nomenclatura do dicionário, segundo princípios linguísticos, é a sua frequência de uso. Este trabalho afirma a necessidade de uma obra lexicográfica acompanhar seu tempo e adequar a escolha das entradas com a sociedade vigente, visto que, o dicionário é uma obra que reúne em seu repertório léxico a percepção da cultura de um povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEGRI, R. **1001 cose da sapere e da fare con il tuo gatto**. Roma: Newton Compton, 2011.

ALVES, F; TAGNIN, S. E. O. Corpora e ensino de tradução: o papel do automonitoramento e da conscientização cognitivo-discursiva no processo de aprendizagem de tradutores novatos. In: **Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: HUB Editorial, 2010. p. 189-202.

ANDRADE, E. A. de. **De Bluteau a Houaiss: um cotejo lexicográfico**. 1. ed. Cuiabá: UFMT, 2008.

_____. Cotejo de manuscritos do século XIX. In: **Caligrama: revista de estudos românicos**, Belo Horizonte: FALE/UFMG, n. 19, p. 1-23, 2011.

ANDRADE, M. M. Organização da macroestrutura: problemas metodológicos. **Encontro Nacional do GT de Lexicologia e Terminologia da ANPOLL**, v. 1, n. 1997, p. 61-79, 1998.

ARGOS: LO STILE DI VITA DI CHI AMA GLI ANIMALI. Cernusco sul Naviglio: Sprea Editori S.p.A., ago. 2014. n. 20.

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas, 1996a.

BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 2, p. 38-41, 2006.

BALDINGER, K. Semasiologia e onomasiologia. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 9, 1966.

BARBOSA, M. A. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINOAMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2, 1990, Brasília. **Anais...** Brasília: União Latina/CNPq, 1990. p. 182-189.

_____. Contribuição ao Estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista de linguística Brasileira**, São Paulo: Plêiade, v. 8, n. 1, 1995.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. **Cadernos de Terminologia**, v. 1, p. 23-45, 1996.

_____. Relações de significação nas unidades lexicais. In: 1º ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, abr. 1997. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. et al. Conceitos e denominações: relações em lexicologia, lexicografia e terminologia. In: ESTUDOS LINGÜÍSTICOS XXVIII, 1999, Bauru. **Anais do GEL**. Bauru, 1999, p. 118-225.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia**. São Paulo: Edusp, 2004.

BATTAGLIA, M. et al. (Org.). **Grande enciclopedia del cane**: Conoscerli meglio per amarli di più. Novara: Istituto Geografico De Agostini, 1994. 3 v.

BERTACCINI, F. et al. Tra lessico naturale e lessici di specialità: la sinonimia. In: BOMBI, T. et al. (Org.). **Studi linguistici in onore di Roberto Gusmani**. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2006, p. 171-192.

BIDERMAN, M. T. C A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, v. 28, p. 1-26, 1984a.

_____. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, 1984b.

_____. A definição lexicográfica. **Cadernos do IL**, n. 10, p. 23-44, 1993.

_____. O dicionário como norma na sociedade. In: 1º ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA, 1998, Rio de Janeiro. **Anais...** Recife: Editora Universitária UFPE, v. 1, 1997. p. 161-180.

_____. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 2, n. 1, p. 81-118, 1998.

_____. Conceito linguístico de palavra. **Revista Palavra**, n. 5, p. 81-97, 1999.

_____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As Ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, 2. ed., Campo Grande: UFMS, 2001. p. 131-144.

BRANGEL, L. M. Dicionários escolares e ensino de Língua Portuguesa. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 19, 2013.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

_____. Léxico e Herança Social. In: MARCHEZAN, R. C.; CORTINA, A. (Org.). **Os Fatos da Linguagem, esse conjunto heteróclito**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, p. 81-96, 2006.

BORTOLONI, U.; TAGLIAVINI, C.; ZAMPOLLI, A. **Lessico di frequenza della lingua italiana**. Milano: Garzanti, 1972.

BOULANGER, J. C.; HOMME, M. C. Les technolètes dans la pratique dictionnaire générale. Quelques fragments d'une culture. **Meta**, Montréal, v. 36, n. 1, p. 22-39, mars 1991.

CABRÉ, M. T. **La Terminologia: la teoria, els mètodes, les aplicacions**. Barcelona: Editorial Empúries, 1992.

CAMACHO BARREIRO, A. Huellas ideológicas en la lexicografía cubana. **Revista de Lexicografía**, v. 10, p. 21-38, 2003-2004.

CANO, W. M. **Teoria e prática de um Dicionário Escolar de Ciências**. 2001, 271 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2001.

COSTA, M. R. V. **Terminologia da economia monetária: relações conceituais e semânticas numa sistemática terminológica e lexicográfica**. 1993. Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1993.

DAMIN, C.; PERUZZO, M. S. Uma descrição dos dicionários escolares no Brasil. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis, n.18, p.93-113, UFSC, 2006.

DAPENA, J.A. P. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arcos/Libros, S.L., 2002.

DE MAURO, T. **Grande dizionario italiano dell'uso**. UTET, 1999. Disponível em: <<http://dizionario.internazionale.it/>>

_____. et al. **Il dizionario della lingua italiana**. Milano: Paravia, 2000.

_____.; MANCINI, F.; VEDOVELLI, M.; VOGHERA, M. **Lessico di frequenza dell'italiano parlato**. Milano: ETAS Libri, 1993.

_____.; RIDOLFI, P. **Vocabolario elettronico della lingua italiana**. Milano: IBM Italia, 1989.

DURAN, M. S.; XATARA, C. M. A metalexicografia pedagógica. **Cadernos de Tradução**, v. 2, n. 18, p. 41-66, 2008.

ENGELBERG, S.; LEMNITZER, L. **Einführung in die Lexikographie und Wörterbuchbenutzung**. Tübingen: Stauffenberg, 2001 apud WELKER, H. A. Breve histórico da metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. **Matraga**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 19, p. 69-84, 2006.

ESCRIBANO, C. G. **La microestructua del diccionario: las informaciones lexicográficas**. Madrid: Ariel, 2003.

ESTEVES, L. M. R. **Atos de tradução: Éticas, intervenções, mediações**. 2012. Dissertação (Livre Docência), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

FARIAS, V. S. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <www.revel.inf.br>.

FERNÁNDEZ, D. A. Lexicografia, metalexicografia, diccionarística. In: GUERRA, A. M.M. (Coord.). **Lexicografia española**. Barcelona: Ariel, 2003, p. 38-47.

FINATTO, M. J. B.; NUNES, P. A. Dicionários monolíngues para aprendizes de inglês como língua estrangeira: alguns elementos para o professor. **Horizontes de linguística aplicada: o uso de dicionários**, UnB, ano 6, n. 2, p. 33-54, 2007.

GALISSON, R.; COSTE, D. (Ed.). **Dictionnaire de didactique des langues**. Paris: Hachette, 1976.

GARZANTI. **I grandi dizionari di italiano**. Novara: Garzanti Linguística, 2011. CD-ROM.

GUERRA, A. M. M. (Coord.) **Lexicografía española**. Barcelona: Editorial Ariel S.A., 2003.

HAENSCH, G. et al. **La lexicografía**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HENRIQUES, C. C. **Léxico e Semântica**: estudos produtivos sobre palavra e significação. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

HERNÁNDEZ, C. P. Explotación de los corpórea textuales informatizados para la creación de bases de datos terminológicas basadas en el conocimiento. **Estudios de lingüística del español**, n. 18, 2002.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 apud KASAMA, D. Y. **Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2015.

HOFFMAN, L. Conceitos básicos da linguística das linguagens especializadas. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 17, p. 79-90, out. 2004.

HWANG, D. A. Lexicografia: dos primórdios à Nova Lexicografia. In: ____; NADIN, O. L. **Linguagens em interação III**: estudos do léxico. Maringá: Clichetec, 2010. p. 33-44.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.

IRIARTE SANROMÁN, Á. **A Unidade Lexicográfica**. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas. Braga: Centro de Estudos Humanísticos - Universidade do Minho, 2001.

KASAMA, D. Y. **Etnofaulismos e os dicionários monolíngues brasileiros**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São José do Rio Preto, 2015.

KRIEGER, M da G. Terminologia: uma entrevista com Maria da Graça Krieger. **ReVEL**, v. 9, n. 17, 2011. Disponível em: <www.revel.inf.br>.

_____. et al. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 50, n. 2, 2009.

_____. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. **As ciências do léxico**, Editora UFRGS, v. 4, 2010.

_____.; BEVILACQUA, C. R. A pesquisa terminológica no Brasil: uma contribuição para a consolidação da área. **Revista debate terminológico**. Paris, n. 1, 2005.

_____.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, L. F. **Teoría del Dicionario monolíngue**. México: El Colegio de México, 1996.

_____. **De la definición lexicográfica**. México: El Colegio De México, 2004.

_____. **Curso de Lexicología**. México: El Colegio de México, 2006.

LERAT, P. **Las lenguas especializadas**. Barcelona: Ariel, 1997.

MACHADO FILHO, A. V. L. Lexicografia histórica e questões de método. In: LOBO, T. et al. **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. 1 ed. Salvador: EDUFBA/FAPESB, 2012. v. 1, p. 381-389.

MACIEL, A. M. B. Linguagens especializadas e Terminologia: o passado projetando o futuro. In: PERNA, C. L.; DELGADO, H. K.; FINATTO, M. J. (Org.) **Linguagens especializadas em corpora**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

MARCHESINI, R. **Dizionario bilingue: italiano/cane, cane/italiano**. Casale Monferrato: Sonda, 2011a.

_____. **Dizionario bilingue : italiano/gatto, gatto/italiano**. Casale Monferrato: Sonda, 2011b.

MARELLO, C. The Thesaurus. In: HAUSMANN, F. J. et al. **Ein internationales Handbuch zur Lexikographie**. Berlin, New York: De Gruyter, 1990.

_____. **Le parole dell'italiano: Lessico e Dizionari**. Bologna: Zanichelli, 1996.

MEL'CUK, I. A.; CLAS, A.; POLGUÉRE, A. **Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire**. Louvain-la-Neuve: Doculot, 1995 apud WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus Editora, 2004.

MERZAGORA, G. M. **La lessicografia**. Bologna: Zanichelli, 1983. p. 9-31.

MOLINA GARCÍA, D. La lexicografía pedagógica In: _____. **Fraseología bilingüe: un enfoque lexicográfico-pedagógico**. Granada: Editorial Comares, 2006. p. 09-35.

MURAKAWA, C. de A. A. Conhecendo o dicionário histórico do português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII: sua história e metodologia. **As ciências do léxico**, UFMS, v. 7, 2014.

NUNES, J. H. Dicionário, sociedade e língua nacional: o surgimento dos dicionários monolíngues no Brasil. In: LIMA, I. S.; CARMO, L. (Org.). **História social da língua nacional**. 1 ed. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 353-374.

ORLANDI, E. P. Lexicografia discursiva. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 97-114, 2000.

PARREIRA DA SILVA, M. C. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: ISQUERDO, A. N., ALVES, I. M. (Org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, v. 3, p. 283-293, 2007.

PONTES, A. L. Exemplos de uso em dicionários escolares brasileiros para a leitura e a produção textual. **Revista de Letras**, n. 31, vol. (1/2) jan./dez., p. 93-100, 2012.

POTTIER, B. **Linguística Geral - Teoria e Descrição**. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

QUATTRO ZAMPE. Roma: ELI - Edizioni Living International Srl, ano 25, n. 60, set. 2012.

_____. Roma: ELI - Edizioni Living International Srl, ano 27, n. 92, jul. 2012.

QUEMADA, B. Notes sur lexicographie et dictionnairique. **Cahiers de Lexicologie**, Paris, v. 51, n. 2, p. 229-242, 1987.

_____. La nouvelle lexicographie. In: CABRÉ, M.T. (Ed.). **La linguística aplicada avui: Noves perspectives, noves professions, noves orientacions**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1990.

REY, A. **La terminologie: noms et notions**. Paris: PUF, 1979. (Collection Que sais-je? n. 1780).

REY-DEBOVE. J. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. La Haye, Paris: Mouton, 1971.

SCHIERHOLZ, S. Lexicografia de especialidade e terminografia. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. (Org.). **As Ciências do Léxico**. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2012. v. 6.

SCHIMTZ, J. R. A problemática dos dicionários bilíngues. In: OLIVEIRA, A. M. P., ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, p. 159-168, 1998.

SPERANDEO, C. (Coord.). **Cani: razze, cura, convivenza**. Milano: Arcobaleno, 2010a.

_____. **Gatti: razze, cura, convivenza**. Milano: Arcobaleno, 2010b.

STREHLER, R. G. Marcas de uso nos dicionários. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 2, p. 171-180, 2001.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**. São Paulo: Disal, 2005.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus Editora, 2004.

_____. Breve histórico da metalexicografia no Brasil e dos dicionários gerais brasileiros. **Matraga**, Rio de Janeiro, ano 13, n. 19, p. 69-84, 2006.

_____. Lexicografia pedagógica: definições, história, peculiaridades. **Lexicografia Pedagógica: pesquisas e perspectivas**. Florianópolis: UFSC/NUT, p. 9-45, 2008.

WIEGAND, H. E. On the Structure and Contents of a General Theory of Lexicography. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.). **LEX'eter, 83 Proceedings**. Papers from the International Conference on Lexicography, Exeter, set. 1983. Tübingen: Niemeyer, 1984, p. 13-30.

XATARA, C.; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (Org.). **Dicionário na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

ZAVAGLIA, C.; ZAVAGLIA, A. A elaboração de um dicionário trilingue temático de cromônimos italiano-português-francês/francês-português-italiano: reflexões e considerações. **Linguística**, v. 12, 2002.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. de S. (Org.). **Ciências da linguagem: O fazer científico**. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2012. v.1, p. 231- 264.

ZINGARELLI, N. **Lo Zingarelli**. Vocabolario della lingua italiana. Bologna: Zanichelli, 2011. CD-ROM.

ZGUSTA, L. Lexicography Today: An Annotated Bibliography on the Theory of Lexicography. **Lexicographica Series Maior**, 18. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1988.

ZUCCHI, A. M. T. **O dicionário nos estudos de línguas estrangeiras: os efeitos de seu uso na compreensão escrita em italiano**. 2010. Tese (Doutorado). Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

APÊNDICE - Realização das oficinas pedagógicas

Durante o desenvolvimento da pesquisa, houve a oportunidade de ministrar alguns conceitos da lexicografia pedagógica em forma de orientações técnicas (OTs) para professores de italiano da rede pública estadual. Em parceria com a professora e pesquisadora Michele Romão Datore, discutimos o tema e analisamos como esses professores fazem uso dos dicionários bilíngues e/ou monolíngues.

A primeira oficina, intitulada “Uso dos dicionários no ensino de aprendizagem de Língua Italiana: reflexões e proposta didática”, ocorreu na Universidade de São Paulo e foi realizada em novembro de 2013, promovida pela secretaria de educação do governo do Estado de São Paulo. O trabalho se baseou em atividades para serem exploradas em sala de aula com o uso dos dicionários bilíngues e/ou monolíngues a fim de incentivar seu uso, por parte tanto de professores quanto de alunos, e quebrar a barreira criada ao redor dessa ferramenta de pesquisa tão pouco explorada e culturalmente desvalorizada no Brasil.

O ramo da lexicografia que se ocupa do uso de dicionários voltados à aprendizagem é chamado Lexicografia Pedagógica (LP). Seguindo os preceitos de tal vertente, um dos intuitos das oficinas foi perceber a preferência dos professores quanto ao uso de dicionários bilíngues e monolíngues. Segundo Welker (2008, p. 16), o conceito de LP inclui dicionários para aprendizes de línguas estrangeiras e de língua materna; no nosso caso, os dicionários abordados foram os de Língua Italiana.

As atividades elaboradas pela professora Datore foram baseadas no livro “Dicionários em sala de aula²⁴⁵” e adaptadas em Língua Italiana. Essa publicação acompanha um acervo de dicionários monolíngues de Língua Portuguesa entregue nas escolas estaduais do Estado de São Paulo, em 2012, e tem como objetivo apresentar aos professores da rede pública o universo dos dicionários e suas características gerais. Espera-se, assim, que seu uso possa ser otimizado como apoio significativo para as atividades em sala de aula. O trabalho é coordenado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Junto a essas atividades adaptadas, que faziam parte da oficina ministrada, houve mais duas com o objetivo de destacar o léxico do mundo dos PETs para aumentar o conhecimento e o repertório lexical dos professores ouvintes por meio da demonstração de alguns equivalentes

²⁴⁵ Essa obra faz parte do programa estadual e é avaliada pelo programa nacional do livro didático (PNLD).

de traduções referentes aos animais de estimação. Buscou-se, além disso, evidenciar algumas diferenças culturais entre os dois idiomas quanto a esta linguagem de especialidade.

Uma das atividades se inicia com o videoclipe da música “La gatta”, de Gino Paoli, e com o levantamento do conhecimento prévio dos alunos (no nosso caso, os professores de Língua Italiana presentes na sala de aula) sobre o tema, instigando-os a falarem sobre seus próprios animais e perguntando como acreditam que a cultura italiana veja e trate os animais de estimação. Depois de estimular os ouvintes a pensarem sobre o assunto, explicamos a procedência e o emprego da expressão “*animali domestici*”.

Após essa Introdução, pedimos aos alunos que grifassem as palavras ou as expressões que acreditassem ser exclusivamente voltadas aos animais domésticos. Por fim, foi distribuída uma tabela que continha dezesseis ULs separadas de suas respectivas imagens. Com o auxílio de um dicionário bilíngue ou monolíngue (cabe ao professor reconhecer o estágio em que a turma se encontra), as ULs deveriam ser ligadas às imagens correspondentes. Em sala de aula, a ajuda do docente seria provavelmente necessária já que algumas ULs fazem parte de uma linguagem específica.

Sabemos que há certa resistência dos professores quanto ao emprego de dicionários bilíngues em sala de aula. “Essa resistência ao dicionário bilíngue se deve aos próprios problemas dos mesmos na apresentação das ‘equivalências’ entre uma língua e outra” (SCHMITZ, 1998, p. 60). Entretanto, é importante que o professor saiba até onde o dicionário monolíngue auxilia seu aluno, pois o uso adiantado da obra, com estudantes em níveis iniciais de aquisição da LE, pode causar ainda mais dúvidas para o aprendiz.

Carter e McCarthy (1988) e Schmitz (1998, p. 160) sustentam a ideia de que os dicionários bilíngues são de fato os mais utilizados dentro dos níveis iniciais da aprendizagem de uma língua estrangeira e, conforme o desenvolvimento da proficiência do aluno, este passa a fazer uso do dicionário monolíngue naturalmente. Segue a imagem da atividade 1:

Metti ad ogni immagine il numero che corrisponde al suo lessico in italiano:

1- Ciotola	2- Lettieria
3- Collare	4- Fare le fusa
5- Muso	6- Tiragraffi
7- Mangime/Cibo per i cani, per i gatti	8- Cucciolo
9- Fiocchetto	10- Trasportino
11- Guinzaglio	12- Zanne
13- Pettorina	14- Vibrisse
15- Toelettatura	16- Zampe

Figura 5. Atividade 1 da oficina “Uso dos dicionários no ensino de aprendizagem de Língua Italiana: reflexões e proposta didática”

Ao término dessa atividade acima, constatamos a aplicabilidade didática de cada uma das atividades propostas e o uso do dicionário como subsídio para o andamento da segunda delas. Evidentemente, as figuras ajudam o aluno a chegar até a resposta, porém a UL *zanne*, por exemplo, talvez fosse desconhecida pela maioria deles. Por isso, a importância dos dicionários

para aprendizes, os quais, segundo Zucchi (2010, p. 60), são destinados a ser instrumentos na aprendizagem da língua (neste caso, da língua estrangeira), levando em consideração o consulente e suas necessidades.

Em outubro de 2014, dando continuidade ao projeto, oferecemos mais uma OT aos professores de Língua Italiana da rede pública estadual. Novamente com a parceria e colaboração da professora Michele Datore, foi aplicado o minicurso intitulado: *Lessicografia pedagógica: proposte pratiche di uso col dizionario*.

Neste minicuro, pudemos aplicar outra atividade relativa ao mesmo tipo de léxico específico, porém com intuito diferente. A atividade do tipo *cloze* foi desenvolvida a partir de um texto retirado via internet. Os alunos (professores ouvintes) precisaram completar espaços em branco com as palavras retiradas do texto e colocadas, desordenadamente, na lousa. Com isso, pôde-se perceber a relevância de cada termo para dar entendimento ao contexto geral do excerto.

Normalmente feita em forma de músicas, a atividade *cloze* tende a ser bem recebida pelos alunos de língua estrangeira. No nosso caso, o texto abrangia um assunto que faz parte do mundo real dos estudantes, tornando-se mais interessante, afinal, a maioria deles tem um animal em casa.

A aula poderia também ter sido iniciada com o conhecimento prévio dos alunos sobre os animais de estimação, fazendo-se uma sondagem a respeito das ULs ali encontradas. No momento da descoberta das ULs que preenchiam os espaços em branco, várias questões foram levantadas sobre palavras e profissões que surgiram com o desenvolvimento desta área comercial, que abarca o mercado econômico mundial, e sobre a comunicação entre as pessoas nela envolvidas. Uma das palavras a serem encontradas, “*cat-sitter*”, causou curiosidade aos participantes da atividade por se associar ao termo empregado também aos cuidados tidos com bebês. Tal constatação serve para reiterar a proximidade do assunto estudado ao nosso cotidiano. Segue abaixo a imagem correspondente à atividade acima descrita:

Attività 1: Completate il testo con le parole o le espressioni mancanti che, secondo voi, fanno parte del lessico al rispetto della tematica proposta.

Quando una persona ha in casa un animale _____, viene considerata come qualcuno che "ama gli animali". Spesso, però, non è così, a volte per semplice non conoscenza dei problemi che stanno dietro l'_____ e la cura degli animali, altre volte per scelta. Vediamo come fare per amare davvero e rispettare il "nostro" animale _____, e tutti gli altri.

Non comprare animali, adottali dai rifugi! Si può riassumere così l'aspetto più importante dell'"amare gli animali" _____: infatti, sebbene la vendita di animali d'affezione sia del tutto legale, costituisce un grave abuso nei loro confronti, perché ci sono moltissimi animali nei _____ che attendono di essere adottati: è a loro che bisogna dare una casa, anziché far nascere nuovi animali negli _____. **Ogni animale in più fatto nascere appositamente è un animale abbandonato in meno che trova casa.** Scarica il volantino "Non comprare animali, adottali dai rifugi!" per conoscere tutti i motivi per cui gli animali vanno sempre _____ e mai comprati!

Nutri i tuoi animali con _____ non testati: la maggior parte dei produttori di _____ per animali effettuano test invasivi su cani e gatti per provare l'efficacia e la non-pericolosità dei _____ che producono. I test consistono nell'indurre malattie in animali sani e provare a curarli coi _____ medicati. Gli animali vengono in questi casi tenuti sempre in _____ in stabulari appositi.

Sterilizza i tuoi animali: non è vero che una femmina deve per forza fare una _____ prima di essere _____, e non è vero che far subire un intervento chirurgico ai propri animali sia segno di poco amore verso di loro. Al contrario, è segno di amore verso gli animali più sfortunati evitare di metterne al mondo altri, con tutti quelli che ci sono che soffrono e muoiono nei _____/_____ e per strada.

Porta il cane in vacanza con te... e cerca un _____ affidabile per il tuo gatto, quando vai in vacanza. È ovvio che gli animali non vanno mai abbandonati, per strada o in un _____ che sia, non c'è nemmeno bisogno di dirlo... se conosci persone che le vacanze non sanno come fare per il proprio animale, dà loro questo consiglio.

Aiuta il _____ più vicino: i _____ per cani, gatti, conigli o altri animali hanno sempre bisogno di aiuto, sia come lavoro volontario, che come offerte di cibo o denaro. Visita il _____ più vicino a te e fai qualcosa per aiutare gli animali meno fortunati. Non dare una donazione a distanza: vai a vedere il posto, conosci le persone, gli animali, dai una mano, e solo se ti sembrano degni di fiducia aiutali, se puoi, anche economicamente.

Domestico, adozione, domestico, domestici, rifugi, allevamenti, adottati, cibi, cibi, cibi, cibi, gabbia, cucciolata, sterilizzata, canili/gattili, cat-sitter, rifugio, rifugio, rifugio, rifugio.

Figura 6. Atividade desenvolvida no minicurso “*Lessicografia pedagógica: propostas práticas de uso col dicionário*”.